



ARENA UM

TRAFICANTES DE ESCRAVOS

Livro I Da Trilogia Da Sobrevivência

MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ARENA UM

TRAFICANTES DE ESCRAVOS

(LIVRO I DA TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA)

MORGAN RICE

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Elogios selecionados para Morgan Rice

"Eu vou admitir, antes de ARENA UM, eu nunca havia lido alguma coisa pós-apocalíptica antes. Eu nunca imaginei que seria algo que fosse me agradar... Porém, fiquei positivamente surpresa de como este livro é viciante. ARENA UM é um desses livros que você lê noite adentro até seus olhos ficarem cansados porque você não quer parar... Não é nenhum segredo que eu adoro heroínas fortes nos livros que leio... Brooke é valente, destemida, implacável e, apesar de haver romance no livro, Brooke não se deixa levar por isso... Eu recomendo muito ARENA UM."

--Dallas Examiner

"Rice faz um ótimo trabalho de trazer o leitor para dentro da história desde o início, usando uma incrível qualidade descritiva que transcende a mera pintura do cenário... Bem escrito e extremamente rápido de ler."

--Black Lagoon Reviews (sobre *Transformada*)

"Um história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um ótimo trabalho tramando uma inesperada reviravolta... Inovador e único. A série acontece em torno de uma garota... uma incrível garota!... Fácil de ler mas de ritmo extremamente acelerado. Adequado para maiores de 12 anos."

--The Romance Reviews (sobre *Transformada*)

"Prendeu minha atenção desde o início e não deixou mais escapar... Esta história é uma aventura incrível, de ritmo intenso e cheia de ação desde o início. Não há um momento entediante sequer."

--Paranormal Romance Guild (sobre *Transformada*)

"Cheio de ação, romance, aventura e suspense. Ponha as suas mãos nesse e se apaixone mais uma vez."

--vampirebooksite.com (sobre *Transformada*)

"Uma trama incrível e é especialmente o tipo de livro difícil de parar de ler à noite. O suspense do final é tão espetacular que imediatamente você vai querer comprar o livro seguinte, só para ver o que acontece."

--The Dallas Examiner {sobre Loved}

"TRANSFORMADA é um livro que pode competir com CREPÚSCULO e DIÁRIOS DO VAMPIRO, e fará com que você queira continuar lendo até a última página! Se você gosta de aventura, amor e vampiros, este é o livro para você!"

--Vampirebooksite.com (sobre *Transformada*)

"Morgan Rice prova mais uma vez que é uma talentosa contadora de histórias... Agradará uma grande variedade de público, incluindo jovens fãs do gênero vampiro/fantasia. Termina em um surpreendente suspense que o deixará impressionado."

--The Romance Reviews (sobre *Amada*)

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Baixe agora livros de Morgan Rice books na Kobo !

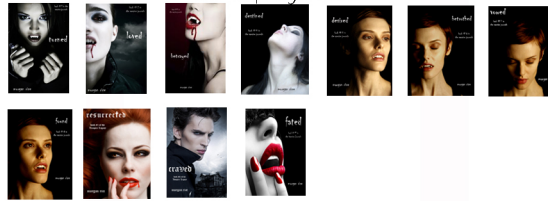
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





Ouça a TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA no formato de audio book!

Disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Direitos reservados© 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

ÍNDICE

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

“Se eu tivesse morrido uma hora, apenas, antes de isso se dar,
Teria tido uma vida abençoada; Doravante,
Nada mais há de sério no universo.”

--Shakespeare, *Macbeth*

U M

Hoje o clima está menos tolerante que nos outros dias. O vento açoita impiedosamente, derrubando a neve acumulada no pesado pinheiro diretamente em meu rosto, enquanto caminho montanha acima. Meus pés, enfiados em botas para alpinismo muito pequenas para mim, desaparecem nos quinze centímetros de neve. Eu escorrego e deslizo, lutando para manter meu equilíbrio. O vento vem em rajadas tão gélidas, que me tiram o fôlego. Sinto-me como se estivesse andando em um globo de neve real.

Bree me diz que é dezembro. Ela gosta de contar os dias que faltam para o Natal, riscando-os um por um em um calendário velho que encontrou. Ela o faz com tamanho entusiasmo que não me atrevo a contá-la que estamos bem longe de dezembro. Não vou contar que este calendário é de três anos atrás nem que não teremos um novo, já que não fabricam mais desde o dia em que o mundo acabou. Não vou acabar com sua fantasia. É para isso que servem as irmãs mais velhas.

De qualquer maneira, Bree se apegava muito às suas crenças, e ela sempre acreditou que neve significa dezembro então, mesmo se eu dissesse, duvido que ela mude de ideia. É como se fosse uma criança de dez anos.

O que Bree se recusa a aceitar é que o inverno chega rápido aqui em cima. Estamos no alto das montanhas Catskills e, aqui, o tempo passa diferente, a passagem das estações é diferente. Aqui, a três horas ao norte de onde um dia fora a cidade de Nova Iorque, as folhas caem no fim de agosto, espalhando-se pelas cadeias montanhosas que se estendem até onde a vista pode alcançar.

Nosso calendário esteve atualizado uma vez. Quando tínhamos acabado de chegar, três anos atrás, eu me lembro de ver a primeira neve cair e verificar o mês, incrédula. Eu não entendia porque na página estava escrito outubro. Supus que a neve havia caído mais cedo que o usual. Mas logo entendi que não era isso. Estas

montanhas são altas o suficiente, frias o suficiente, para que o inverno tome o lugar do outono.

Se Bree virasse o calendário para trás, ela veria bem ali, o ano que já passou, em letras grandes e feias: 2117. Obviamente, três anos atrás. Penso que ela está absorva demais em seu entusiasmo para prestar atenção a isso. É o que eu espero. Mas, ultimamente, uma parte de mim tem começado a suspeitar que, na verdade, ela sabe, mas que prefere apenas se perder em sua fantasia. Eu não a culpo.

É claro, nós não temos um calendário utilizável há anos. Nem celular, computador, TV, rádio, internet, nenhuma tecnologia de qualquer tipo – sem mencionar eletricidade, ou água corrente. Mesmo assim, de alguma forma, nós temos conseguido sobreviver, apenas nós duas, por três anos, dessa maneira. Os verões sempre foram suportáveis, com poucos dias de fome. Pelo menos podemos pescar e os riachos da montanha parecem sempre carregar salmões. Há também frutinhas e ainda alguns pomares de maçãs e peras selvagens que ainda, depois desse tempo todo, dão frutos. De vez em quando, nós até conseguimos pegar um coelho.

Mas os invernos são intoleráveis. Tudo está congelado ou morto e todo ano eu tenho certeza de que não aguentaremos. E este tem sido o pior inverno de todos. Eu continuo dizendo a mim mesma que as coisas irão melhorar; mas estamos há dias sem uma refeição decente e o inverno apenas começou. Nós duas estamos fracas pela fome e Bree, ainda por cima, está doente. Não é um bom presságio para o futuro.

Enquanto eu subo penosamente a montanha, refazendo os mesmos passos desafortunados de ontem, procurando por nossa próxima refeição, começo a sentir que nossa sorte se esgotou. Apenas o pensamento de que Bree está deitada, me esperando em casa, é que me faz seguir em frente. Paro de sentir pena de mim mesma e, ao invés disso, mantenho rosto dela em minha mente. Sei que não posso encontrar medicamentos, mas espero que seja apenas uma febre passageira e que uma boa comida e um pouco de calor sejam tudo que ela precisa.

Eu sei que o que ela realmente precisa é fogo. Mas eu não acendo mais a nossa lareira; não posso arriscar que a fumaça e o cheiro denunciem nossa localização a um comerciante de escravos. Porém, hoje eu irei surpreendê-la, por pouco tempo, vou correr esse risco. Bree adora fogueiras, e isso vai levantar seu ânimo. E, se pelo menos eu pudesse encontrar algum alimento para complementar – mesmo algo pequeno como um coelho – isso completaria sua recuperação. Não apenas fisicamente. Eu notei que ela começou a perder as esperanças nesses últimos dias – posso ver em seus olhos – e eu preciso que ela seja forte. Recuso-me a ficar parada e vê-la partir, como aconteceu com mamãe.

Uma nova rajada de vento bate em meu rosto, de uma forma tão longa e cruel que eu preciso abaixar minha cabeça até que ela passe. O vento ruge em meus ouvidos e eu faria qualquer coisa por um bom casaco de inverno. Visto apenas um agasalho gasto, encontrado há muitos anos ao lado da estrada. Acho que pertencia a um menino, o que é bom, porque as mangas são longas o suficiente para cobrir minhas mãos e são quase o dobro do tamanho de luvas. Meço 1,70m , não sou exatamente baixa, então, quem utilizou isso deve ter sido alto. Às vezes me pergunto se ele se importaria de eu estar utilizando sua roupa. Mas então me dou conta que provavelmente ele está morto. Assim como todos os outros.

Minhas calças não são muito melhores: ainda uso os mesmos jeans, me dá vergonha quando percebo que continuo utilizando os mesmos desde que escapamos da cidade, anos atrás. Se há uma coisa que me arrependo é ter saído tão apressadamente. Suponho que eu tenha achado que encontraria algumas roupas por aqui, que talvez alguma loja ainda estivesse aberta em algum lugar ou quem sabe até o Exército da Salvação. Isso foi idiotice minha: afinal, todas as lojas de roupas foram saqueadas há muito tempo. Foi como se o mundo, da noite para o dia, tivesse ido da abundância à escassez. Eu consegui pegar algumas peças de roupa espalhadas nas gavetas da casa de papai. Essas, eu as dei para Bree. Estava feliz que pelo menos algumas de suas roupas, como suas vestimentas térmicas e meias, iriam mantê-la aquecida.

O vento finalmente para, então eu levanto minha cabeça e me apresso a subir antes que ele retorne, me forço a dobrar minha velocidade até alcançar o platô.

Eu chego ao topo, respiração ofegante, as pernas queimando, e olho ao redor, devagar. As árvores são mais escassas aqui em cima e, ao longe, há um pequeno lago montanhês. Está congelado, como todos os outros; e o sol brilha tão intensamente que meus olhos ficam semicerrados.

Olho imediatamente para a minha vara de pescar, a que eu deixei encaixada entre duas pedras no dia anterior. Ela se projeta sobre o lago, uma longa linha liga a ponta da vara até um pequeno buraco no gelo. Se a vara encurvar, significa que eu e Bree teremos janta hoje à noite. Se não, eu saberei que não funcionou – novamente. Eu me aproximo com pressa, passando entre algumas árvores, através da neve, e dou uma boa olhada.

Está reta. É claro.

Meu coração aperta. Penso em caminhar sobre o gelo e usar minha machadinha para abrir mais um buraco. Mas eu já sei que isso não fará diferença alguma. O problema não é a posição – o problema é o lago. O chão está congelado demais para que eu possa cavar e procurar minhocas e eu nem sei onde encontrá-las. Não sou caçadora por natureza nem sei fazer armadilhas. Se eu soubesse que eu acabaria aqui, eu teria dedicado minha infância inteira à Educação ao Ar Livre e a aprender técnicas de sobrevivência. Mas agora me sinto inútil em quase tudo. Não sei montar armadilhas e raramente minhas linhas de pesca pegam algo.

Sendo a filha de meu pai, filha de um fuzileiro da Marinha, a única coisa em que eu sou boa – lutar – não serve para nada aqui. Se sou inútil no reino animal, pelo menos posso me defender daqueles seres de duas pernas. Desde cedo, querendo ou não, meu pai insistiu que eu fosse sua filha – a filha de fuzileiro da Marinha e eu fosse orgulhosa disso. Ele queria que eu fosse o filho que ele nunca teve. Inscreveu-me em aulas de boxe, de luta livre, artes marciais mistas... Tive infinitas lições de como usar uma faca, como atirar uma arma, como achar pontos fracos, como lutar sujo. E, mais

que tudo, ele insistiu que eu fosse valente, que nunca mostrasse medo, nem chorasse.

Ironicamente, nunca tive a chance de usar nenhuma das coisas que ele me ensinou, e isso não podia ser mais inútil aqui; não há ninguém à vista. O que eu realmente preciso saber é como achar comida – não como chutar alguém. E, se por ventura, encontrasse outra pessoa, eu não iria lhe dar um chute, eu pediria ajuda.

Eu penso com esforço e me lembro de que há outro lago por aqui, em algum lugar, um menor; eu o vi uma vez, em um verão quando eu me aventurei e subi ainda mais a montanha. Fica a uns 400 metros de subida íngreme, eu não tentei mais ir lá desde então.

Eu olho para cima e suspiro. O sol já está se pondo, um pôr-do-sol sombrio de inverno aparece em tonalidades avermelhadas; eu já me sinto fraca, cansada e congelada. Preciso de mais energia do que tenho só para descer a montanha. A última coisa que eu quero é subir ainda mais. Mas uma voz baixinha dentro de mim apela para que eu continue escalando. Quanto mais tempo eu passo sozinha esses dias, mais forte é a voz de papai em minha cabeça. Ela me deixa ressentida e tento bloqueá-la, mas, não sei por que, não consigo.

Pare de reclamar e continue em frente, Moore!

Papai sempre gostou de me chamar pelo meu sobrenome. Moore. Isso me irritava, mas ele nunca se importou.

Se eu voltar agora, Bree não terá nada para comer à noite. O lago lá em cima é a minha melhor chance, nossa única fonte de comida. Eu também quero que Bree tenha uma fogueira, e toda a lenha aqui embaixo está encharcada. Lá no alto, onde os ventos são mais fortes, eu posso encontrar lenha seca o suficiente para acendê-la. Dou mais uma olhada montanha acima e decido seguir em frente. Abaixo minha cabeça e começo a escalar, levando minha vara comigo.

Cada passo é doloroso, sinto milhões de agulhas pulsando em minhas coxas, o ar gelado perfura meus pulmões. O vento me golpeia e a neve me castiga, como se houvesse uma lixa em meu rosto. Um pássaro grasna bem lá no alto, como se zombasse de

mim. Bem quando eu sinto que não consigo dar mais nenhum outro passo, eu alcanço o platô seguinte.

Este aqui, tão alto, é diferente de todos os outros: é densamente carregado com pinheiros, dificultando visualizar mais de 3 metros à frente. O céu se oculta sob sua enorme copa e a neve está coberta de agulhas verdes. Os troncos gigantescos conseguem impedir a passagem do vento também. Sinto como se tivesse entrado em um pequeno reino privado, oculto ao resto do mundo.

Eu paro e me viro, apreciando a vista: é incrível. Eu sempre achei que tínhamos uma excelente vista da casa meu pai, no meio da montanha, mas aqui, no topo, é espetacular. Picos de montanha aparecem em todas as direções e, além deles, à distância, posso ver o rio Hudson, cintilando. Vejo também as estradas sinuosas que cortam a montanha, incrivelmente intacta. Provavelmente devido ao pequeno número de pessoas que vem até aqui. Eu, na verdade, nunca vi carros nem nenhum outro veículo. Apesar da neve, as ruas estão livres; as estradas íngremes e angulares se aquecem ao sol, sendo perfeitamente drenadas e, para minha surpresa, muito da neve já derreteu.

Sou então atingida por uma pontada de preocupação. Preferia quando as estradas estavam cobertas de gelo e neve, quando eram intransitáveis aos veículos, pois as únicas pessoas que hoje em dia tem carros e combustíveis são os comerciantes de escravos – caçadores de recompensas impiedosos que trabalham para abastecer a Arena Um. Eles patrulham todos os lugares, à procura de sobreviventes, para sequestrá-los e levá-los à arena, como escravos. E lá, me falaram, são obrigados a lutar até a morte para entretenimento da plateia.

Bree e eu temos tido sorte. Não vimos nenhum comerciante de escravos desde que chegamos aqui em cima – mas eu acho que é somente porque moramos no alto, em uma área remota. Apenas uma vez eu ouvi o gemido estridente do motor de um comerciante de escravos, ao longe, do outro lado do rio. Sei que eles estão lá embaixo, em algum lugar, patrulhando. E eu não quero correr nenhum risco – me asseguro de mantermos discrição: raramente queimamos lenha, a menos que seja necessário, e fico de olho em

Bree o tempo todo. Na maior parte das vezes, eu a levo para caçar comigo – a teria levado hoje comigo, se não estivesse tão doente.

Eu me viro para o platô e fixo meus olhos no pequeno lago. Completamente congelado, brilhando sob a luz da tarde, parece uma joia perdida, escondida atrás de um bosque de árvores. Aproximo-me, dando alguns passos vacilantes no gelo para me certificar de que este não se quebrará. Quando percebo que é bem sólido, ando um pouco mais. Escolho um ponto, tiro a machadinha do meu cinto e atinjo o gelo, repetidas vezes. Uma rachadura aparece. Retiro minha faca, me ajoelho e golpeio com força bem no meio da rachadura. Enfio a ponta da faca ali e faço um pequeno buraco, de tamanho suficiente para retirar um peixe.

Corro de volta para a borda, escorregando e deslizando e então fixo a vara de pescar entre dois galhos, desenrolo a linha e corro de volta para mergulhá-la no buraco. Eu a tiro da água algumas vezes, com a esperança de que o brilho do metal do anzol atraia alguma criatura viva debaixo do gelo. Mas não consigo deixar de sentir que isso não passa de um esforço inútil, não consigo deixar de suspeitar que tudo que um dia já viveu nessas montanhas morreu há muito tempo.

É ainda mais frio aqui em cima e eu não consigo ficar parada, olhando a linha de pesca. Eu preciso continuar me mexendo. Viro-me e me afasto do lago, meu lado supersticioso me falando que talvez eu pegue um peixe se eu não ficar aqui, em pé, olhando. Ando em pequenos círculos em volta das árvores, esfregando minhas mãos para mantê-las aquecidas. Quase não faz efeito.

Então me lembro da madeira seca. Olho para o chão à procura de lenha, mas é uma tarefa inútil. O chão está coberto de neve. Olho para as árvores e vejo que os troncos e galhos também estão cobertos de neve. Mas, ali, ao fundo, detecto algumas árvores atingidas pelos ventos, sem neve. Dirijo-me em direção a elas e inspeciono a casca, deslizando meu dedo. Fico aliviada ao ver que alguns galhos estão secos. Tiro minha machadinha e corto um ramo dos grandes. Tudo que preciso é uma braçada de lenha, e esse galho é perfeito.

Eu o seguro quando ele cai, sem deixar que toque a neve, e então o apoio contra o tronco e o corto novamente na metade. Eu repito isso de novo e de novo até ter um pequeno estoque de lenha, o bastante para carregar em meus braços. Eu deixo essa pilha encostada em um galho, a salvo e sem ser molhada pela neve que está abaixo.

Eu olho em volta, inspecionando outros troncos e, quando olho mais de perto, algo atrai minha atenção. Aproximo-me de uma das árvores, observando-a atentamente e percebo que sua casca é diferente das outras. Eu olho para cima e percebo que não se trata de um pinheiro e sim de um bordo. Estou surpresa por ver um, aqui no alto, e ainda mais surpresa por reconhecê-lo. Na verdade, um bordo é provavelmente a única coisa na natureza que eu *reconheceria*. Sem eu querer, uma memória vem à tona.

Uma vez, quando eu era mais nova, meu pai colocou na cabeça que me levaria a uma excursão na natureza. Deus sabe o porquê, mas ele me levou para extrair a seiva dos bordos. Dirigimos por horas em direção a algum lugar desolado no interior, eu, carregando um balde de metal e meu pai, um bocal, e então passamos mais algumas horas andando pela floresta com um guia, em busca dos bordos perfeitos. Eu me lembro do seu olhar de decepção quando extraímos seiva da primeira árvore e um líquido claro escorreu para dentro do nosso balde. Ele estava esperando que saísse xarope.

Nosso guia riu, dizendo a meu pai que árvores de bordo não produziam xarope – elas produziam seiva. A seiva precisava ser fervida para virar xarope. Em um processo que demorava horas, ele falou. E era necessário cerca de 80 galões de seiva para fazer um quarto de galão de xarope.

Papai olhou para o balde que transbordava seiva e ficou vermelho, como se alguém lhe tivesse vendido gato por lebre. Ele era o homem mais orgulhoso que eu já conheci e, se havia algo que ele odiava mais do que se sentir bobo, era alguém zombando dele. Quando o guia riu, papai arremessou o balde nele, errando por pouco e então pegou minha mão e fomos embora.

Depois dessa, ele nunca mais me levou para passear na natureza de novo.

Mas eu não me importei – na verdade, eu tinha gostado do passeio, mesmo com meu pai enfurecido na viagem inteira de volta. Eu havia conseguido pegar um pequeno copo de seiva antes de ele me levar embora e lembro-me de ter bebido um pouco no carro, na volta para casa, quando ele não estava olhando. Eu adorei. Tinha gosto de água com açúcar.

Estando aqui, parada, na frente desta árvore, eu a reconheço como se fosse uma irmã. Essa aqui é tão alta, fina e magricela que me deixaria surpresa se tivesse seiva. Mas eu não tenho nada a perder. Tiro minha faca e atinjo a árvore, de novo e de novo, no mesmo local. Então, enfio a faca no buraco, empurrando-a cada vez mais fundo, torcendo-a e girando-a. Eu realmente não espero que nada aconteça.

Fico surpresa quando uma gota de seiva sai. E ainda mais surpresa quando, momentos depois, a gota vira um pequeno fluxo. Estendo meu dedo, encosto no líquido e levo a minha boca. Sinto o açúcar e reconheço o gosto imediatamente. Exatamente como eu me lembrava. Nem consigo acreditar.

A seiva está saindo mais rápido agora e estou perdendo grande parte dela, que escorre pelo tronco. Procuo em volta desesperadamente por algo para armazená-la, algum tipo de balde – mas é claro que não há nenhum. E então me lembro de minha garrafa térmica. Tirei minha garrafa da minha cintura e a esvaziei, derramando toda a água. Posso conseguir água em qualquer lugar, especialmente com essa neve toda – mas esta seiva é preciosa. Seguro a garrafa vazia rente à árvore, desejando que eu pudesse ter um bocal de verdade. Deixo-a o mais perto possível do tronco e consigo colher uma boa parte da seiva. Ela escorre mais devagar do que eu gostaria, mas em poucos minutos, consigo encher metade da garrafa.

O fluxo da seiva parou. Espero por alguns segundos, me perguntando se ele recomeçaria, mas isso não acontece.

Olho a minha volta e reparo em outro bordo, a uns três metros de distância. Eu vou correndo até ele, levanto ansiosamente minha faca e o atinjo com força, dessa vez, me imagino enchendo a garrafa

térmica com seiva, imagino a cara de surpresa de Bree quando ela provar. Pode não ser nutritivo, mas isso com certeza a deixará feliz.

Mas, desta vez, quando minha faca fere o tronco, há um ruído agudo pelo qual eu não esperava, seguido por um estalo da madeira. Eu olho para cima, vejo a árvore se envergando e percebo, tarde demais, que esta árvore, congelada e envolvida em neve, já está morta. O golpe de minha faca era tudo que ela precisava para inclinar em direção à borda do lago.

Um segundo depois, a árvore inteira, de pelo menos seis metros, cai, espatifando-se no chão. Isto provocou uma enorme nuvem de neve e agulhas de pinheiros. Abaixei-me, aflita que talvez tivesse alertado alguém sobre minha presença. Estou furiosa comigo mesma. Foi um descuido. Uma besteira. Eu deveria ter examinado a árvore antes.

Contudo, depois de alguns minutos, meu pulso volta ao normal, quando me dou conta de que não há ninguém aqui em cima. Volto a ser sensata, lembro-me que árvores caem sozinhas na floresta o tempo todo e essa queda não necessariamente denunciaria minha presença humana. E, quando passo o olhar sobre onde estava a árvore, algo atrai minha atenção. E me encontro observando, incrédula.

Ali, ao longe, escondendo-se por trás de um bosque de árvores, ao lado da montanha, há uma pequena casa de pedra. É uma estrutura pequena, um perfeito quadrado, com 4,5m de largura e profundidade e 3,5m de altura, com paredes feitas de antigos blocos de pedras. Uma pequena chaminé se levanta do telhado e há pequenas janelas nas paredes. A porta principal, de madeira e em forma de arco, está entreaberta.

Esta pequena casa está muito bem camuflada, se mistura perfeitamente com os arredores, tanto que eu, mesmo olhando para ela, mal consigo distingui-la. Seu telhado e paredes estão cobertos de neve e as pedras expostas se integram precisamente com a paisagem. A casa parece antiga, como se tivesse sido construída centenas de anos atrás. Não entendo o que ela está fazendo aqui, nem quem a teria construído ou por qual motivo. Talvez tenha sido

feita para algum vigia de um parque estadual. Talvez tenha sido lar de algum eremita. Ou de um sobrevivente louco.

Parece que não tem sido habitada há anos. Analiso cuidadosamente o chão da floresta, à procura de pegadas ou rastros de animais, saindo ou entrando pela porta. Mas não há nada. Penso em quando a neve começou a cair, vários dias atrás e faço as contas em minha mente. Ninguém saiu ou entrou nessa casa há pelo menos três dias.

Meu coração acelera com a ideia do que pode haver dentro. Comida, roupas, medicamentos, armas, materiais – *qualquer coisa* seria um presente divino.

Movimento-me com cautela através da clareira, olhando por cima de meu ombro para ter certeza de que não há ninguém me observando. Movo-me rapidamente, deixando grandes pegadas visíveis na neve. Quando alcanço a porta da frente, olho para trás uma vez mais e fico parada por vários segundos, apenas ouvindo. Não há nenhum som a não ser o do vento e o de um rio próximo, que corre ao lado da casa. Alcanço minha machadinha e, com sua parte de trás, bato com força na porta. Um barulho alto ressoa, para dar a qualquer animal que possa estar escondido na casa, um aviso final.

Não há resposta.

Abro rapidamente a porta, empurrando a neve para trás e então entro na casa.

O interior é escuro, iluminado apenas pela última luz do dia, entrando através das pequenas janelas, preciso de um momento para que meus olhos se ajustem à penumbra. Eu aguardo, de pé, com as costas contra a porta, alerta caso algum animal esteja utilizando esse espaço como abrigo. Mas, após vários segundos, minha visão se ajusta à fraca luz e está claro que estou sozinha.

A primeira coisa que noto nessa pequena casa é o seu calor. Talvez por ser tão diminuta, com um teto baixo e construída com as pedras da montanha ou talvez por estar protegida do vento. Mesmo com as janelas completamente abertas à natureza e com a porta entreaberta, deve estar uns quinze graus mais quente aqui – muito mais quente do que a casa de meu pai, mesmo com a lareira acesa.

Sua casa fora construída com poucos gastos, as paredes são finas e o revestimento é vinílico e fica no canto de uma colina onde parece estar na rota de todas as ventanias.

Mas este lugar é diferente. As paredes de pedras são grossas e bem construídas. Sinto-me cômoda e segura aqui. Só consigo pensar em como este lugar ficaria ainda mais quente se eu fechasse a porta, pregasse tábuas nas janelas e acendesse a lareira – que parece estar em boas condições.

O interior é formado por uma grande sala, aperto meus olhos na escuridão para analisar o chão, procurando por qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, que eu possa resgatar. Incrivelmente, parece que, desde a guerra, ninguém mais entrou nesse lugar. Todas as outras casas em que entrei tinham as janelas quebradas, escombros espalhados por todos os cantos e certamente haviam saqueado qualquer objeto útil, até as fiações. Mas esta não. Está impecável, limpa e arrumada, como se seu proprietário tivesse acordado um dia e simplesmente ido embora. Pergunto-me se foi antes de a guerra começar. Ao julgar pelas teias de aranha no teto, e sua ótima localização, tão bem escondida entre as árvores, eu acredito que sim. Ninguém entra aqui há décadas.

Vejo o contorno de um objeto na parede do fundo e me dirijo a ele, mãos à frente, tateando no escuro. Quando encosto, percebo que é uma cômoda. Passo meus dedos pela sua superfície lisa de madeira, posso sentir o pó que a cobre. Deslizo meus dedos sobre pequenas maçanetas – as alças das gavetas. Eu as puxo delicadamente, abrindo uma de cada vez. Está muito escuro para enxergar, então toco cada gaveta com minhas mãos, explorando a superfície. Não há nada na primeira gaveta. Nem na segunda. Por fim, abro todas rapidamente, minhas esperanças desaparecendo – quando, de repente, na quinta gaveta, eu paro. Ali, no fundo, sinto alguma coisa. Devagar, eu a tiro aos poucos.

Seguro o objeto contra a luz e, a princípio, não sei dizer o que é; mas logo sinto a folha de alumínio delatora e percebo: é uma barra de chocolate. Há algumas mordidas nele, mas ainda encontra-se em sua embalagem original e bem preservado. Eu desembrulho um pouco e o aproximo de minhas narinas para sentir seu cheiro. Não

consigo acreditar: é chocolate de verdade. Não comemos chocolate desde a guerra.

O cheiro me causa uma pontada de fome, preciso de toda minha força de vontade para não abri-lo e devorá-lo. Eu me obrigo a permanecer forte, cuidadosamente o reembrulho e o guardo no meu bolso. Vou esperar até estar com Bree para desfrutá-lo. Eu sorrio ao imaginar a expressão dela quando comer sua primeira mordida. Será impagável.

Reviso rapidamente as gavetas restantes com a esperança de encontrar qualquer tipo de tesouro. Mas todas as demais se encontram vazias. Regresso à sala e a percorro em sua largura e extensão ao longo das paredes, por todos os cantos, procurando qualquer coisa. Mas o lugar está deserto.

De repente, piso em algo macio. Ajoelho-me para pegá-lo e o seguro o contra a luz. Estou impressionada: um ursinho de pelúcia. Está gasto e lhe falta um olho, mas, mesmo assim, Bree adora ursinhos de pelúcia e sente falta do que ela deixou para trás. Ficará eufórica quando vir este aqui. Parece que é seu dia de sorte.

Eu o coloco em meu cinto e, quando me levanto, minha mão esbarra em algo fofo no chão. Eu o agarro e o levanto e fico encantada ao me dar conta que é um cachecol. É preto e está coberto de poeira, por isso que não o vi no escuro, e, ao colocá-lo em meu pescoço e sobre meu peito, já consigo sentir seu calor. Eu o seguro para fora da janela e o chacoalho com força, removendo todo o pó; olho para ele sob a luz, é longo e grosso – não tem nenhum buraco. É como ouro puro. Eu imediatamente o coloco ao redor de meu pescoço e debaixo de minha blusa e já me sinto mais aquecida. Acabo até espirrando.

O sol está se pondo e como parece que eu já encontrei tudo o que podia, começo a sair. Ao me dirigir para a porta, de repente, bato meu pé em algo duro, de metal. Eu paro e me ajoelho, analisando se é uma arma. Mas não é. É uma alça de ferro, redonda, grudada ao chão de madeira. Parece um batente. Ou uma maçaneta.

Eu o puxo para a esquerda e para a direita. Nada acontece. Experimento girá-lo. Nada. Então fico ao lado e tento puxá-lo para

cima, com força.

Um alçapão se abre, levantando uma nuvem de poeira.

Olho para baixo e descubro um forro, com um pouco mais de um metro de altura e um chão de terra. Meu coração acelera de alegria diante das possibilidades. Se morássemos aqui, e se acontecesse algum problema, eu poderia esconder Bree aqui embaixo. Essa pequena casa fica cada vez mais valiosa aos meus olhos.

E não é só isso. Ao olhar para baixo, percebo algo brilhante. Empurro a porta de madeira por completo e rapidamente desço a escada. Está escuro aqui embaixo e eu mantenho minhas mãos à frente, tateando o caminho. Assim que dou um passo à frente, sinto algo. Vidro. Há estantes na parede, e enfileirados nelas, há frascos de vidros. Frascos de conservas.

Eu pego um deles e o seguro na luz. Seu conteúdo é vermelho e mole. Parece geleia. Eu rapidamente retiro a tampa, levo o frasco ao meu nariz e sinto seu cheiro. O cheiro acre de framboesas me atinge como uma onda. Meto o dedo, tiro um pouco do conteúdo e levo a minha boca. Não consigo acreditar: geleia de framboesas. Seu sabor é tão fresco que parece que foi feita ontem.

Aperto a tampa rapidamente, coloco o frasco no meu bolso e volto às estantes. Estendo minhas mãos e sinto mais dezenas de frascos na escuridão. Pego o mais próximo e retorno à luz, segurando-o. Parecem pickles.

Estou deslumbrada. Esse lugar inteiro é uma mina de ouro.

Gostaria de levar tudo, mas minhas mãos estão congelando, não tenho nada para carregá-los e está ficando escuro lá fora. Então devolvo o vidro de pickles aonde eu o encontrei, subo a escada e, ao regressar para o piso principal, fecho o alçapão atrás de mim. Gostaria de poder trancá-lo. Sinto-me insegura de deixar tudo aqui embaixo, desprotegido. Mas então me lembro de que esse lugar não é tocado há anos – e que eu provavelmente jamais o notaria se aquela árvore não tivesse caído.

Quando saio da casa, fecho a porta por completo, sentindo que devo protegê-la, sentindo como se essa casa fosse nosso lar.

De bolsos cheios, eu me apresso para chegar ao lago – quando, de repente, me amedronto ao perceber movimentos e ouvir

barulhos. A princípio, tenho medo que alguém tenha me seguido; e, então, ao me virar lentamente, vejo algo a mais. Um cervo está parado, a três metros de distância, olhando para mim. É o primeiro que eu vejo em anos. É grande, seus olhos pretos fixos em mim então, de repente, ele se vira e sai correndo.

Estou sem palavras. Passei meses procurando por um cervo, na esperança de chegar perto o suficiente de um e lançar minha faca nele. Mas eu nunca consegui encontrar, em lugar nenhum. Talvez eu não estivesse caçando no local certo. Vai ver eles sempre viveram aqui em cima.

Eu decidi voltar aqui, assim que amanhecer, e esperar o dia todo, se necessário. Se ele já esteve aqui uma vez, talvez retorne. Na próxima vez que eu achar um, vou matá-lo. Um cervo nos alimentaria por semanas.

Estou cheia de novas esperanças enquanto me dirijo ao lago. Assim que me aproximo, olho para minha vara de pescar e meu coração dispara quando vejo que ela está curvada quase na metade. Tremendo de emoção, corro através do gelo, escorregando, deslizando, e pego a linha, que sacode violentamente, e rezo para que ela aguente.

Estendo minha mão e a seguro firmemente. Eu consigo sentir a força de um peixe grande se distanciando e, silenciosamente, afrouxo a linha para que ela não se rompa. Dou um puxão final e o peixe sai voando pelo buraco. É um salmão enorme, do tamanho do meu braço. Ele aterrissa no gelo e dá pulos em todas as direções, deslizando. Corro e me agacho para alcançá-lo, mas ele resvala entre minhas mãos e volta a cair no gelo. Minhas mãos estão muito escorregadias para segurá-lo, então eu desenrolo minhas mangas e dessa vez o agarro com firmeza. Ele se debate e retorce em minhas mãos por uns trinta segundos até, finalmente, ficar parado, morto.

Estou maravilhada. É a minha primeira pesca em meses.

Sinto-me eufórica enquanto atravesso o gelo, em seguida, deixo o peixe na borda do lado, colocando neve por cima dele com medo de que de algum jeito ele ressuscite e volte para o lago. Tiro a vara de pescar e a linha e as seguro com uma mão e o peixe, com a outra. Posso sentir a compota de geleia em um bolso, a garrafa

térmica com seiva no outro, junto com a barra de chocolate e o urso de pelúcia na minha cintura. Bree terá muita fartura hoje à noite.

Só falta uma coisa para levar agora. Vou até minha pilha de lenha seca, equilíbrio a vara em meu braço e, com minha mão livre, eu pego o máximo possível de lenha que consigo carregar. Eu derrubo algumas e não posso pegar tantas como eu gostaria, mas não reclamo. Posso voltar aqui no resto da manhã.

Com mãos, braços e bolsos cheios, eu desço deslizando pela íngreme montanha sob a última luz do dia, tomando cuidado para não deixar cair nenhum tesouro meu. Ao mesmo tempo, não paro de pensar sobre a casa. É perfeita e meu coração bate mais rápido diante de tais possibilidades. É exatamente o que precisamos. A casa de nosso pai é muito visível, construída em uma estrada principal. Tenho me preocupado há meses porque, assim, ficamos muito vulneráveis. Tudo que precisamos é que um comerciante de escravos inesperado passe por ali e então estaríamos em apuros. Estou querendo nos mudar faz muito tempo, mas não sabia para onde. Não há nenhuma outra casa aqui em cima.

Esta pequena casa, no alto, distante de qualquer estrada – e, literalmente construída na montanha – é tão bem camuflada que é quase como se tivesse sido construída apenas para nós. Ninguém conseguiria nos encontrar aqui. E, mesmo que nos encontrassem, não conseguiriam se aproximar com um veículo. Eles teriam que escalar a pé e, sob este ponto de vista, eu os detectaria a quilômetros de distância,

A casa também conta com uma fonte de água doce, um córrego que passa bem na frente de sua porta; eu não teria que deixar Bree sozinha toda vez que eu fosse sair para tomar banho ou lavar nossas roupas. E eu não precisaria carregar baldes de água, um de cada vez, do lago para nossa casa toda vez que preparasse uma refeição. Sem mencionar que, com aquela enorme folhagem das árvores, nós estaríamos escondidas o suficiente para poder acender a lareira toda noite. Estaríamos mais seguras, mais quentes, em um lugar cheio de peixes e caça – e equipadas com um sótão cheio de comida. Já me decidi – vamos nos mudar para lá amanhã mesmo.

É como se tivessem tirado um peso de meus ombros. Sinto-me como se tivesse renascido. Pela primeira vez, desde que me lembro, não sinto a fome me dilacerando, o frio perfurando meus dedos. Até mesmo o vento, enquanto desço, parece estar em minhas costas, me ajudando a descer e eu sei que as coisas finalmente mudaram. Pela primeira vez, desde que me lembro, sei que conseguiremos seguir em frente.

Agora, podemos sobreviver

D O I S

Quando cheguei à casa de meu pai, o sol estava se pondo, a temperatura caía e a neve começava a endurecer, quebrando sob meus pés. Sai da floresta e avistei nossa casa ali, visivelmente situada ao lado da estrada e me senti aliviada, pois ela parecia tranquila, exatamente como a deixei. Eu imediatamente procuro por pegadas na neve – ou sinais de animais- saindo ou entrando e não encontro nada.

Não há nenhuma luz no interior da casa, mas isto é o normal. Eu ficaria preocupada se houvesse. Não temos eletricidade, então luzes significariam apenas que Bree acendeu velas – e ela não o deveria fazer sem mim. Eu paro e escuto por vários minutos, está tudo quieto. Não há ruídos de lutas, pedidos por socorro nem gemidos por doenças. Dou um suspiro de alívio.

Uma parte de mim sempre teme que, ao retornar, eu encontre a porta aberta, as janelas quebradas, pegadas entrando na casa e Bree desaparecida. Já tive esse pesadelo inúmeras vezes e sempre acordo suando, então ando para o outro quarto e me certifico de

que ela ainda está lá. E ela sempre está, segura e a salvo, e eu me repreendo por isso. Sei que eu deveria parar de me preocupar tanto, após todos esses anos. Mas, por algum motivo, não consigo evitar: toda vez que preciso deixar Bree sozinha, é como se apunhalassem uma faca em meu coração.

Ainda atenta, analisando tudo o que me rodeia, examino nossa casa sob a luz do dia, que vai enfraquecendo. Honestamente, essa casa nunca foi boa pra começo de conversa. Um típico rancho de montanha, uma caixa retangular sem nenhum detalhe, enfeitada com revestimento de vinil de piscina, que parecia velho desde o primeiro dia e agora parece simplesmente deteriorado. As janelas são pequenas e escassas e feitas de plástico barato. Parecem aquelas de trailers. Talvez tenha uns 4,5m de largura por uns 9m de profundidade, ela deveria ter apenas um quarto, mas, quem quer que a tenha construído, com sua mente brilhante, a fez com dois quartos pequenos e uma sala de estar menor ainda.

Lembro-me de visitá-la quando criança, antes da guerra, quando o mundo ainda era normal. Papai, quando estava em casa, nos trazia aqui para passar o final de semana, para fugir da cidade. Eu não queria parecer mal agradecida, então sempre colocava um sorriso no rosto, mas, no fundo, eu nunca gostei daqui; sempre me pareceu uma casa escura e apertada e havia um cheiro desagradável de umidade. Quando pequena, recordo que mal podia esperar para o final de semana acabar, para me livrar logo deste lugar. Eu me lembro de secretamente me prometer que eu jamais voltaria para cá.

Agora, ironicamente, agradeço a este lugar. Esta casa salvou minha vida — e a de Bree. Quando a guerra estourou e tivemos que fugir da cidade, não tínhamos opções. Se não fosse por este lugar, não sei para onde teríamos ido. E, se este lugar não fosse tão alto e remoto como é, então, provavelmente, nós teríamos sido capturadas por comerciantes de escravos há muito tempo. É engraçado como você odeia tanto algumas coisas quando criança e acaba apreciando as mesmas quando adulta. Bom, quase adulta. Tenho 17 anos, e me considero uma pessoa adulta, de qualquer forma. Eu provavelmente envelheci mais do que a maioria nos últimos anos.

Se esta casa não tivesse sido construída bem na estrada, tão exposta – se ela fosse um pouco menor, mais protegida, mais dentro do bosque, eu acho que não me preocuparia tanto. Claro, ainda teríamos que aguentar as paredes finas, as goteiras no teto, as janelas que deixam vento passar. Jamais seria uma casa quente e confortável. Mas pelo menos, seria segura. Agora, toda vez que olho para ela e depois para a enorme vastidão que vai além, não consigo deixar de pensar que é um alvo fácil.

Meus pés trituram a neve à medida que me aproximo de nossa porta de vinil e latidos surgem de dentro da casa. É Sasha, fazendo o que eu a ensinei a fazer: proteger Bree. Eu sou tão grata a ela. Ela cuida de Bree com tanto esmero, late ao mínimo barulho; isso me permite um pouco de tranquilidade, o suficiente para deixá-la em casa quando vou caçar. Porém, ao mesmo tempo, me preocupa também que seus ladros acabem por nos denunciar: afinal, um cachorro latindo, em geral, significa que há humanos por perto. E é exatamente o que um comerciante de escravo procura escutar.

Eu me apresso para entrar em casa e rapidamente silenciá-la. Fecho a porta atrás de mim, fazendo malabares com os pedaços de lenhas em minhas mãos e entro na sala escura. Sasha fica quieta, balançando seu rabo e pulando em cima de mim. Um labrador cor chocolate, de seis anos de idade, Sasha é o cão mais leal que eu poderia imaginar – e é a melhor companhia. Se não fosse por ela, eu acho que Bree teria entrado em depressão há muito tempo. E eu também.

Sasha lambe meu rosto choramingando e parece ainda mais contente que o normal; ela fareja minha cintura e meus bolsos, já sentindo que eu trouxe alguma coisa especial. Eu deixo a lenha de lado para acariciá-la e, ao fazê-lo, sinto suas costelas. Ela está tão magra. Sinto-me culpada. Por outro lado, eu e Bree também estamos assim. Nós sempre compartilhamos com ela o que encontramos para comer, desse jeito, as três tem condições iguais. Mesmo assim, eu gostaria de poder lhe dar muito mais.

Ela encosta seu nariz no peixe e, ao fazê-lo, o peixe cai da minha mão diretamente no chão. Sasha imediatamente se lança sobre ele, suas unhas o fazem deslizar. Ela salta sobre o peixe novamente e,

desta vez, o morde. Mas não deve ter gostado muito do sabor de peixe cru, pois, em seguida, o larga. Agora ela está brincando com o peixe, pulando sobre ele de novo e de novo enquanto o mesmo desliza pelo chão.

“Sasha, pare!” eu digo baixinho pois não quero acordar Bree. Também temo que se ela brincar demais com o peixe, ele acabe se abrindo e desperdiçando carne valiosa. Obedientemente, Sasha para. Posso ver como ela está animada e quero lhe dar alguma coisa. Coloco minha mão em meu bolso, giro a tampa do frasco de conservas, tiro um pouco de geleia de framboesa com meu dedo e ofereço a ela.

Sem perder tempo, ela lambe meu dedo e, em três grandes lambidas ela já comeu tudo o que servi. Ela lambe seus lábios e me encara, os olhos bem abertos, pedindo mais.

Eu acaricio sua cabeça, lhe dou um beijo e fico de pé novamente. Agora me pergunto se foi bondoso lhe dar algo ou cruel lhe dar tão pouco.

A casa está escura, como sempre está à noite e vou tropeçando pela sala. Eu raramente acenderia a lareira. Por mais que necessitemos do calor, não quero correr o risco de chamar atenção. Mas, hoje à noite é diferente: Bree precisa melhorar, física e emocionalmente, e eu sei que o fogo vai ajudá-la. Também me sinto mais corajosa hoje, uma vez que iremos nos mudar daqui amanhã.

Cruzo a sala até chegar ao armário e dele tiro uma vela e um isqueiro. Uma das melhores coisas dessa casa é seu enorme estoque de velas, uma das poucas boas consequências de meu pai ter sido um fuzileiro da Marinha e um fanático por sobrevivência. Quando éramos crianças e visitávamos aqui, a eletricidade caía em toda tempestade e, por isso, ele estocava tantas velas, determinado a vencer a natureza. Eu me lembro de que costumava tirar sarro dele por isso; o chamava de “acumulador” quando descobri seu armário lotado de velas. Agora que temos só algumas, gostaria que ele tivesse guardado mais.

Tenho conservado nosso isqueiro utilizando-o com moderação e lhe passando um pouquinho de gasolina da motocicleta a cada algumas semanas. Eu agradeço a Deus todos os dias pela moto de

meu pai e sou muito grata que ele tenha enchido seu tanque uma última vez: é a única coisa que possuímos e que me faz crer que ainda temos uma vantagem, que ainda temos algo valioso, um jeito de sobreviver se tudo for para o inferno. Papai sempre manteve a moto na pequena garagem anexada a casa, porém, quando chegamos, após a guerra, a primeira coisa que fiz foi removê-la dali e levá-la até o topo da colina, dentro da floresta, escondendo-a entre os arbustos e galhos e espinhos tão espessos para que ninguém a encontrasse. Eu pensei que, se nossa casa um dia fosse descoberta, a primeira coisa que fariam seria revistar a garagem.

Eu sou extremamente grata que meu pai tenha me ensinado como pilotá-la quando eu era mais nova apesar dos protestos de mamãe. Foi mais difícil de aprender do que a maioria das outras motos devido ao sidecar que ela tem. Eu me lembro de que, aos doze anos eu, aterrorizada, aprendi a conduzi-la com meu pai, que se sentava no sidecar e me dava ordens toda vez que eu deixava o motor morrer. Aprendi nessas estradas íngremes e implacáveis, lembro-me de pensar que iríamos morrer. Recordo-me de olhar para a beira da estrada, vendo a queda e, chorando, insistir que meu pai pilotasse. Mas ele se recusou. Ficou sentado, teimoso, por mais de uma hora até que eu parasse de chorar e tentasse mais uma vez. E, de algum jeito, eu acabei aprendendo. Em resumo, essa foi minha infância.

Eu não me aproximei da moto desde o dia em que eu a escondi, sequer me arrisco a vê-la, a não ser quando eu preciso pegar combustível – e, mesmo assim, só o faço à noite. Imagino que, se um dia a gente estiver em apuros e precisarmos dar o fora daqui o quanto antes, eu colocarei Bree e Sasha no sidecar e levarei todo mundo para longe em segurança. Mas, na realidade, eu não tenho ideia para onde iríamos. De acordo com tudo que já vi e ouvi, o resto do mundo é uma terra devastada, cheia de criminosos violentos, gangues e poucos sobreviventes. Os poucos violentos que sobreviveram se concentraram nas cidades, sequestrando e escravizando quem eles encontram, ou para servirem a eles mesmos ou para participarem dos jogos mortais nas arenas. Acredito que eu e Bree somos uns dos poucos sobreviventes que ainda vivem

livremente, por conta própria, fora das cidades. E uns dos poucos que ainda não morreram de fome.

Acendo a vela, Sasha me seguindo enquanto eu caminho lentamente pela casa escura. Suponho que Bree esteja dormindo e isso me preocupa: ela geralmente não dorme tanto assim. Eu paro na frente de sua porta, indecisa se devo acordá-la. Ao parar ali, olho para cima e me assusto com meu próprio reflexo no pequeno espelho. Vejo como estou muito mais velha, como toda vez que me olho no espelho. Meu rosto, magro e anguloso, está corado pelo frio, meu cabelo castanho claro cai sobre meus ombros, emoldurando minha face e meus olhos acinzentados me encaram, como se pertencessem à outra pessoa que eu não reconheço. São severos e penetrantes. Papai sempre me dizia que eu tinha olhos de lobo. Mamãe sempre dizia que eram lindos. Não sabia em quem acreditar.

Eu rapidamente desvio o olhar, não querendo me ver. Estendo minha mão e viro o espelho para que isso não se repita.

Lentamente, eu abro a porta do quarto de Bree. E, no segundo que o faço, Sasha entra e corre para o lado dela, deitando-se e apoiando seu queixo no peito de minha irmã, enquanto lhe lambe o rosto. Nunca deixo de me impressionar o quanto essas suas são unidas; às vezes sinto que são mais unidas do que nós.

Bree abre os olhos devagar e os mantém semicerrados enquanto olha para a escuridão.

“Brooke?” ela pergunta.

“Sou eu,” eu digo, em voz baixa. “Estou em casa.”

Ela se senta e abre um sorriso, seus olhos se iluminam ao me reconhecer. Ela está em um colchão barato no chão, então retira sua fina manta e começa a se levantar, ainda de pijama. Está se movendo mais devagar que o normal.

Eu me abaixo e lhe dou um abraço.

“Tenho uma surpresa para você,” eu falo, mal conseguindo esconder minha ansiedade.

Bree arregala os olhos, então os fecha e estende as mãos abertas, aguardando. Ela é tão confiante, tão otimista, que me impressiona. Estou indecisa sobre o que devo lhe dar primeiro e então me decido pelo chocolate. Coloco a mão em meu bolso, tiro a

barra e calmamente a ponho em suas mãos. Ela abre os olhos e olha para baixo, seus olhos semicerrados sob a luz, incerta. Aproximo a vela.

“O que é isso?” ela pergunta.

“Chocolate,” lhe respondo.

Ela me olha como se esperasse por uma pegadinha.

“É sério,” eu falo.

“Mas aonde você conseguiu isso?” ela pergunta, sem entender. Ela olha para baixo como se um asteroide tivesse acabado de aterrissar em suas mãos. Eu não a culpo: não existem mais lojas, nem pessoas por ai, nem nenhum lugar em um raio de cento e sessenta quilômetros aonde eu pudesse encontrar algo assim.

Eu lhe dou um sorriso. “Papai Noel me deu, é para você. É um presente de natal adiantado.”

Ela franze o cenho. “Não, *sério*,” ela insiste.

Respiro profundamente ao me dar conta de que é hora de lhe contar sobre nossa nova casa, sobre sair daqui amanhã. Eu tento encontrar a melhor forma lhe de dar as novidades. Espero que ela fique tão animada quanto eu – mas, com crianças, nunca se sabe. Uma parte de mim se preocupa que talvez ela sintasse-se apegada a este lugar e não queira ir embora.

“Bree, eu tenho grandes notícias para te dar,” eu falo ao me inclinar para baixo e segurar seus ombros. “Eu encontrei um lugar incrível hoje, lá no alto da montanha. É uma casinha de pedra, perfeita para nós. Aconchegante, quente e segura; e tem uma lareira linda, na qual podemos acendê-la todas as noites. E o melhor de tudo, tem todo o tipo de alimento lá. Como este chocolate.”

Bree olha para o chocolate, estudando-o, e seus olhos se arregalam ainda mais quando ela percebe que é real. Ela cuidadosamente tira a embalagem e sente seu cheiro. Ela fecha seus olhos e sorri e então se aproxima para dar uma mordida – mas, de repente, se detém. Ela olha para mim, preocupada.

“Mas e você?” ela pergunta. “Tem só uma barra?”

Esta é Bree, sempre pensando nos outros, mesmo quando passa fome. “Sua vez primeiro,” eu falo. “Não tem problema”.

Ela empurra a embalagem para trás e dá uma grande mordida. Seu rosto, desamparado de fome, se enche de euforia.

“Mastigue devagar,” eu aviso. “Você não vai querer ter dor de estômago.”

Ela desacelera, apreciando cada mordida. Quebra um pedaço grande e coloca na minha mão. “É sua vez,” ela diz.

Eu lentamente provo o chocolate, pegando uma pequena mordida, deixando-o na ponta de minha língua. Eu lambo e mastigo, saboreando cada momento. O gosto e o cheiro invadem meus sentidos. É provavelmente a melhor coisa que eu já comi.

Sasha protesta, aproximando seu nariz do chocolate e, em seguida, Bree arranca mais um pedaço e dá para ela. Sasha o tira de seus dedos e engole tudo de uma só vez. Bree ri, encantada com ela, como sempre. Então, em uma surpreendente demonstração de autocontrole, Bree embrulha a metade que sobrou da barra, estende as mãos e sabiamente a põe no alto da cômoda, longe do alcance de Sasha. Bree parece fraca, mas posso ver que está mais animada.

“O que é isso?” ela pergunta, apontando para minha cintura.

Por um momento, eu não sei do que ela está falando, mas aí olho para baixo e vejo o ursinho de pelúcia. Com toda essa euforia, eu havia quase esquecido. Eu o alcanço e entrego para ela.

“Encontrei em nossa nova casa,” eu falo. “É para você.”

Os olhos dela se arregalam de emoção quando ela pega o ursinho, e então o abraça em seu peito e o balança para frente e para trás.

“Eu adorei!” Bree exclama, seus olhos brilhando. “Quando vamos nos mudar? Mal posso esperar!”

Que alívio. Antes que eu possa responder, Sasha mete o nariz no novo urso de pelúcia de Bree, farejando; Bree o esfrega em seu rosto, brincando, e Sasha o pega e sai correndo pela casa.

“Ei!” Bree grita, começando um ataque de risadas enquanto corre atrás dela.

As duas correm pela sala de estar, ambas imersas na luta pelo ursinho. Não sei quem está se divertindo mais.

Eu as sigo, transportando a vela com cuidado para que não se apague e me dirijo diretamente para a pilha de lenha. Coloco alguns

dos galhos menores na lareira e então boto um punhado de folhas secas que estavam em um cesto próximo à lareira. Estou satisfeita de ter juntado bastante dessas folhas no último outono para acendermos o fogo. Elas funcionam como um feitiço. É só colocar folhas secas embaixo da lenha, acender o isqueiro nelas e logo aparece uma chama que começa a tocar na madeira. Eu continuo alimentando a lareira com folhas até que a lenha finalmente pegue fogo. E logo apago a vela, guardando-a para outra ocasião.

“Vamos fazer uma fogueira?” Bree grita, animada.

“Sim,” eu digo. “Hoje vamos comemorar. É nossa última noite aqui.”

“Viva!” Bree exclama, dando saltos, e Sasha late junto com ela, tomada pela alegria. Bree se aproxima e pega um pouco da lenha, me ajudando com o fogo. Nós alimentamos as chamas com cuidado, dando espaço para o ar, Bree assopra, avivando as chamas. Quando a lenha enfim pega fogo, ponho uma madeira grossa em cima. E sigo empilhando troncos grossos, até termos uma fogueira.

Em pouco tempo, a sala está iluminada e eu já posso sentir o calor. Ficamos na frente da lareira, estendo minhas mãos, esfregando-as, deixando que o calor penetre meus dedos. Lentamente, sinto a sensibilidade voltando. Aos poucos, me descongelo do longo dia passado ao ar livre e começo a me sentir eu mesma de novo.

“O que é isto?” Bree pergunta, apontando para o chão. “Parece um peixe!”

Ela vai até ele, o agarra e, ao levantá-lo, o peixe escapa de suas mãos. Bree ri, e Sasha, não querendo perder o momento, avança sobre ele com suas patas, o mandando para longe no chão. “Onde você conseguiu um?” Bree grita.

Eu o pego antes que Sasha possa danificá-lo mais, abro a porta e o jogo lá fora, na neve, onde ele será mais bem preservado, longe do calor e fecho a porta atrás de mim.

“Essa é minha surpresa,” eu falo. “Nós teremos janta hoje!”

Bree corre e me dá um grande abraço. Sasha late, como se entendesse. Eu a abraço de volta.

“Eu tenho mais duas surpresas para você”, anuncio com um sorriso. “Elas são para sobremesa. Você quer esperar o jantar? O que agora?”

“Agora!” ela grita, eufórica.

Eu também sorrio, animada. Pelo menos isso a deixará controlada na janta.

Coloco a mão em meu bolso e tiro o frasco de geleia. Bree o olha com curiosidade, duvidando, e então eu retiro a tampa e a coloco debaixo de seu nariz. “Feche os olhos,” eu falo.

Ela fecha. “Agora, sinta o cheiro”.

Ela respira profundamente e um sorriso se abre em seu rosto. Ela abre os olhos.

“Tem cheiro de framboesas!” ela exclama.

“É geleia. Vá em frente. Prove.”

Bree mete dois dedos, pega bastante geleia e come. Seus olhos se iluminam.

“Uau,” ela fala, enquanto pega mais um pouco e dá para Sasha, que avança sem hesitar para comer. Bree ri histericamente e eu fecho o frasco e deixo o vidro na estante, fora do alcance de Sasha.

“Isso também é da nossa nova casa?” ela pergunta.

Eu concordo com a cabeça, feliz em ver que ela já considera aquela casa como nosso lar.

“E ainda tem uma última surpresa,” eu falo “mas esta aqui eu vou deixar para depois do jantar.”

Tiro a garrafa térmica do meu cinto e a coloco no alto da estante, fora de vista, para que ela não saiba o que é. Posso vê-la alongando o pescoço, mas eu escondi bem.

“Confie em mim,” eu falo. “Vai ser muito bom.”

*

Como eu não quero que a casa cheire a peixe, decido encarar o frio e cozinhar o salmão do lado de fora. Levo minha faca e começo a prepará-lo, apoiando-o em um toco de árvore enquanto me ajoelho sobre ele na neve. Eu não sei realmente o que estou fazendo, mas sei que não comemos a cabeça nem a cauda então começo a cortar essas partes.

Também suponho que não iremos comer as nadadeiras, por isso as retiro – nem as escamas, que tento removê-las o melhor que posso. Logo percebo que devemos abri-lo para comê-lo, então fatio o que sobrou na metade. O peixe tem entranhas rosas, grossas e um monte de ossinhos. Não sei mais o que fazer então acredito que esteja pronto para assar.

Antes de voltar para casa, sinto a necessidade de lavar minhas mãos. Me abaixo, pego um punhado de neve e enxáguo minhas mãos com isso, grata pela neve – porque normalmente eu teria que andar até o córrego mais próximo, já que não temos água corrente. Levanto-me e, antes de entrar, paro por um segundo e examino os arredores. A princípio, procuro ouvir, como sempre, por qualquer sinal de barulho, de perigo. Após alguns segundos, percebo que o mundo está tranquilo como deveria estar. Finalmente, aos pouco, eu relaxo, respiro profundamente, sentindo os flocos de neve em minhas bochechas e disfruto desta incrível tranquilidade, me dou conta de como esta paisagem é absolutamente linda. Os pinheiros altíssimos estão cobertos de branco, a neve cai sem parar do céu púrpuro e o mundo parece perfeito, como um conto de fadas. A lareira resplandece através da janela e, daqui, nossa casa parece o lugar mais acolhedor do mundo.

Regresso a casa com o peixe, fechando a porta atrás de mim, e tenho a ótima sensação de entrar em um lugar tão quente, com a suave luz do fogo refletindo em tudo. Bree está cuidando bem do fogo, como sempre, adicionando lenha sabiamente, as chamas agora chegam a uma altura maior ainda. Ela está colocando os talheres no chão, próximos à lareira, com facas e garfos da cozinha. Sasha está sentada ao seu lado, atenta, observando cada movimento.

Eu levo o peixe até o fogo. Não sei realmente como se cozinha isso, acredito que eu deva colocá-lo no fogo por um tempo, deixá-lo assando e virá-lo algumas vezes, espero que isso funcione. Bree lê minha mente: ela vai até a cozinha e volta com uma faca afiada e dois espetos grandes. Ela espeta cada pedaço de peixe, pega sua parte e coloca sobre as chamas. Eu a imito. Os instintos domésticos de Bree são melhores que os meus, eu sou grata por sua ajuda. Nós sempre formamos uma boa equipe.

Nós duas ficamos ali, olhando as chamas, paralisadas, segurando nossos peixes no fogo até nossos braços começarem a cansar. O cheiro do peixe encheu a casa e, depois de uns dez minutos, sinto um incômodo em meu estômago e fico impaciente de fome. Decido que meu peixe já está assado, afinal, lembrei que as pessoas, às vezes, comem peixe cru, então não tem como me fazer mal. Bree parece concordar e, assim, nós duas colocamos nossos pedaços nos pratos e nos sentamos no chão, uma ao lado da outra, de costas para o sofá e nossos pés voltados para o fogo.

“Cuidado,” eu aviso. “Ainda tem muitos ossos dentro.”

Tiro algumas espinhas e Bree também o faz. Quando termino de triá-las, eu pego um pedaço da carne rosada, quente ao toque, e levo à boca, me preparando.

Na verdade, o sabor é bom. Podia ter um pouco de sal ou algum tempero, mas pelo menos parece cozido e tem o sabor mais fresco possível. Eu posso sentir a necessidade de proteínas de meu organismo. Bree devora seu peixe e posso notar o alívio em seu rosto. Sasha senta-se ao seu lado, observando, lambendo seus beijos até que Bree escolha um belo pedaço desossado para alimentá-la. Sasha o mastiga e engole, lambe seus lábios e volta a nos olhar, querendo mais.

“Sasha, aqui,” eu falo.

Ela vem correndo, pego um pouco do meu peixe, tiro os ossos e dou para ela. Ela engole tudo em segundos. Antes que eu perceba, meu peixe já acabou – assim como o de Bree – e fico surpresa de ver meu estômago roncando novamente. Eu gostaria de ter pescado mais. Mesmo assim, foi o maior jantar que tivemos em semanas, e eu tento me contentar com o que temos.

E então me lembro da seiva. Levanto-me em um pulo, tiro a garrafa térmica de onde ela estava escondida e a dou para Bree.

“Vá em frente,” eu sorrio, “o primeiro gole é seu.”

“O que é?” ela pergunta, desenroscando a tampa e aproximando a garrafa de seu nariz. “Não tem cheiro de nada.”

“É seiva de bordo,” eu falo. “É como água com açúcar. Mas melhor.”

Ela toma um gole, hesitante, e então olha para mim, seus olhos abertos de alegria. "É uma delícia!" ela diz. Ela toma vários goles, e então para e me entrega a garrafa. Eu não resisto e também tomo grandes goles. Sinto o açúcar em meu sangue. Eu me inclino e coloco um pouco na vasilha de Sasha; ela bebe tudo e parece ter gostado também.

Mas eu ainda estou faminta. Em um raro momento de fraqueza, eu penso no pote de geleia e me pergunto por que não? Depois de tudo, eu acredito que há muito mais na casa no topo da montanha – e se esta noite não é motivo de celebração, quando seria então?

Eu pego o vidro de geleia, tiro a tampa e, com meu dedo, tiro uma boa quantia. Coloco na minha língua e fico saboreando o máximo possível antes de engolir. Tem um sabor celestial. Eu dou o resto do pote, ainda na metade, para Bree. "Vá em frente," eu falo, "acabe com ele. Há mais na nossa nova casa."

Bree arregala os olhos quando pega o vidro. "Você tem certeza?" ela pergunta. "Não deveríamos guardar?"

Eu balanço minha cabeça. "Está na hora de aproveitarmos."

Não preciso de muito para convencer Bree. Em momentos, ela come tudo, deixando um pouco para Sasha.

Ficamos ali, deitadas, apoiadas no sofá, nossos pés em direção ao fogo quando, finalmente, sinto que meu corpo começar a relaxar. Com o peixe, a seiva e a geleia, sinto, finalmente, minhas forças voltarem. Eu olho para Bree, que já está quase dormindo, Sasha com a cabeça em seu colo e, apesar de ainda parecer doente, pela primeira vez em muito tempo, percebo esperança em seus olhos.

"Eu amo você, Brooke," ela diz baixinho.

"Eu também amo você," eu respondo.

Mas, quando olho para ela, percebo que já está adormecida.

*

Bree está deitada no sofá, em frente ao fogo, enquanto eu sento na cadeira ao seu lado; é um hábito que desenvolvemos com o passar dos meses. Toda noite, antes de dormir, ela se aconchega no sofá, com medo demais para dormir sozinha em seu próprio quarto. Eu lhe faço companhia, esperando que ela adormeça, depois, eu a

carrego para sua cama. Na maior parte das noites, nós não temos fogueira, mas sentamos aqui do mesmo jeito.

Bree sempre tem pesadelos. Ela não os tinha antes: lembro-me de antes da guerra, quando ela dormia facilmente. Tão facilmente que eu costumava brincar com ela, chamando-a de Bree "dorminhoca", já que ela dormia no carro, no sofá, lendo um livro na cadeira – em qualquer lugar. Mas agora, tudo mudou; hoje, ela fica acordada por horas e, quando dorme, tem o sono agitado. Na maioria das noites eu a ouço gemendo e gritando através das paredes finas. Mas quem a culparia? Com todos os horrores que já vimos, é incrível que ela ainda não tenha enlouquecido. Há várias noites que eu mal consigo dormir.

Uma coisa que a ajuda a dormir é quando eu leio para ela. Por sorte, quando fugimos, Bree teve a ideia de levar seu livro favorito. *A Árvore Generosa*. Toda noite, eu o leio para ela. Eu já sei o livro de cor e, quando estou cansada, às vezes, eu fecho meus olhos e o recito de memória. Por sorte, é curtinho.

Encosto-me à cadeira, me sentindo sonolenta, eu viro a capa gasta e começo a ler. Sasha está deitada no sofá, ao lado de Bree, as orelhas atentas, de vez em quando, me pergunto se ela também está me escutando.

"Era uma vez uma árvore que amava um menino. E todos os dias, o menino vinha e juntava suas folhas. E com elas, fazia coroas de rei."

Eu dou uma olhada no sofá e vejo que Bree já está adormecida. Fico aliviada. Talvez tenha sido o fogo, ou a janta. Dormir é o que ela mais precisa agora para se recuperar. Eu tiro meu cachecol que estava bem enrolado em meu pescoço e o coloco, gentilmente, sobre seu peito. Finalmente, seu pequeno corpo para de tremer.

Eu coloco uma última lenha no fogo, sento de volta na cadeira e giro, encarando as chamas. Eu a vejo ser consumida e gostaria de ter trazido mais lenha para baixo. Mas é melhor assim. Será mais seguro dessa maneira.

Um tronco estala enquanto eu me acomodo, me sentindo mais relaxada do que não sinto em anos. Às vezes, depois que Bree adormece, eu pego o meu livro e o leio para mim. Eu o vejo ali, no

chão: *O Senhor das Moscas*. É o único livro que me sobrou e está tão surrado pelo uso que parece ter uns cem anos. É uma sensação esquisita, ter apenas um livro restante no mundo. Faz-me perceber como eu subestimei tudo, me faz sentir saudades das bibliotecas.

Hoje, me sinto muito agitada para ler. Minha mente está acelerada, cheia de pensamentos para amanhã, sobre nossa nova vida, no alto da montanha. Eu continuo pensando em todas as coisas que vou precisar transportar daqui para lá e como eu farei isso. Há nossas coisas básicas: utensílios, fósforos, o que sobraram das velas, lençóis e colchões. Fora isso, nenhuma de nós tem muitas roupas e, tirando nossos livros, não temos pertences. Esta casa estava bem vazia quando chegamos, por isso não há nenhum enfeite. Eu gostaria de poder levar este sofá e esta cadeira, mas sei que precisarei da ajuda de Bree para isso e terei que esperar até que ela esteja se sentindo melhor. Teremos que fazer tudo por etapas, levando o essencial primeiro e deixando a mobília por último. Mas isto é o de menos: desde que estejamos lá em cima, seguras e a salvo. É isso que realmente importa.

Eu começo a pensar em todas as coisas que posso fazer para aquela casinha se tornar ainda mais segura. Certamente irei encontrar uma maneira de criar persianas para aquelas janelas escancaradas, para que eu possa fechá-las quando necessário. Olho a minha volta, buscando por algo em nossa casa que possa ser utilizado. Precitaria de dobradiças para que as persianas funcionassem, então olho para as dobradiças da porta da sala de estar. Talvez eu consiga removê-las. E já que terei que fazê-lo, talvez eu possa utilizar esta porta e serrá-la em pedaços.

Quanto mais eu olho a minha volta, mais eu percebo quantas coisas posso resgatar aqui. Eu lembro que papai deixou uma caixa de ferramentas na garagem, com um serrote, martelo, chave de fenda até uma caixa de pregos. É um de nossos bens mais preciosos então farei uma nota mental para não esquecer de levá-la.

Depois, é claro, da motocicleta. Isso que não sai da minha cabeça: quando transportá-la e como. Eu não consigo suportar a ideia de deixá-la para trás, nem por um minuto. Então, em nossa primeira viagem para cima, eu a levarei. Não posso ligá-la e, assim,

chamar atenção – além disso, a montanha é muito íngreme para que eu consiga pilotá-la para lá. Eu terei que andar com ela, montanha acima. Já consigo imaginar como isso será cansativo, especialmente com a neve. Mas não vejo outro jeito. Se Bree não estivesse doente, ela me poderia me ajudar, mas no atual estado em que ela se encontra, não poderá levar nada – suspeito até que eu terei que carregá-la. Percebo que não temos alternativa a não ser esperar amanhã à noite, para que a escuridão nos acoberte antes de nos mudarmos. Talvez eu esteja sendo paranoica – as chances de alguém nos ver são remotas, mas, ainda assim, é melhor ter cuidado. Especialmente porque eu sei que há outros sobreviventes por aqui. Tenho certeza.

Lembro-me do primeiro dia em que chegamos. Estávamos as duas assustadas, desamparadas e exaustas. Naquela primeira noite, fomos dormir de barriga vazia, eu me perguntava como iríamos sobreviver. Teria sido um erro deixar Manhattan, abandonar nossa mãe, deixar tudo que conhecíamos para trás?

E então, em nossa primeira manhã, eu acordei, abri a porta e me assustei ao ver, bem na minha frente, uma carcaça de um cervo. A princípio, tive medo. Encarei aquilo como uma ameaça, um aviso, supus que alguém estivesse nos mandando embora, que não éramos bem-vindas aqui. Mas, depois do susto inicial, entendi que não era nada disso, aquilo se tratava, na verdade, de um presente. Alguém, algum outro sobrevivente, esteve nos observando. Ele deve ter percebido como parecíamos desesperadas e, em um ato de extrema generosidade, decidiu nos dar essa caça, nossa primeira refeição, carne suficiente para durar por semanas. Não consigo imaginar o quão valioso isso devia ser para ele.

Recordo-me de andar lá fora, olhando em todas as partes, para cima e para baixo da montanha, procurando em todas as árvores, esperando que alguém aparecesse e me saudasse. Mas ninguém apareceu. Tudo que eu vi foram árvores e, mesmo esperando por alguns minutos, tudo que eu ouvi foi silêncio. Mas, eu sabia, eu simplesmente sabia, que eu estava sendo observada. Sabia que havia mais gente aqui em cima, sobrevivendo, exatamente como nós.

Desde então, senti um tipo de orgulho, senti que éramos parte de uma comunidade silenciosa de sobreviventes isolados que vivem por estas montanhas, sendo reclusos, nunca falando uns com os outros, com medo de sermos vistos, com medo de ficarmos visíveis a algum comerciante de escravos. Acredito que é assim que os outros sobreviveram até agora: não correndo nenhum risco. No começo, eu não entendia isso. Mas agora, eu agradeço. E, desde então, mesmo sem ver ninguém, nunca me senti sozinha.

Mas isso também me fez mais vigilante; esses outros sobreviventes, se ainda estiverem vivos, devem, com certeza, estar com tanta fome e se sentindo tão desesperados como nós. Especialmente nos meses de inverno. Quem sabe se a fome, se a necessidade de defender suas famílias, os levou ao extremo do desespero, se seu jeito caridoso foi substituído por um instinto de sobrevivência? Eu sei que, pensar em Bree, Sasha e em mim mesma, morrendo de fome, às vezes, me levou a ter uns pensamentos bem desesperados. Por isso eu não quero correr nenhum risco. Vamos nos mudar à noite.

O que funcionará perfeitamente, de qualquer forma. Eu preciso aproveitar a manhã para subir até lá, sozinha, explorar primeiro e me certificar uma vez mais que ninguém entrou nem saiu de lá. Também preciso voltar para o local aonde encontrei o cervo e esperar por ele. Eu sei que é um tiro no escuro, mas se eu puder encontrá-lo de novo e matá-lo, poderemos comer por semanas. Eu desperdicei o primeiro cervo que recebemos, anos atrás porque eu não sabia como retirar sua pele, nem como cortá-lo, nem como preservá-lo. Fiz uma sujeira com ele e consegui apenas aproveitar uma refeição antes de a carcaça inteira apodrecer. Foi um terrível desperdício de comida e estou determinada a nunca mais fazer isso. Desta vez, especialmente com a neve, vou achar um jeito de conservá-lo.

Coloco a mão no meu bolso e tiro a faca que papai me deu antes de partir. Passo a mão pela empunhadura gasta, sentindo suas iniciais gravadas e o logo da Marinha estampado, tenho feito isso todos os dias desde que chegamos. Digo para mim mesma que ele ainda está vivo. Mesmo após todos estes anos, mesmo sabendo que

as chances de vê-lo novamente sejam quase zero, eu não consigo deixar de pensar nessa possibilidade.

Desejo toda as noites que meu pai não tivesse partido, que ele nunca tivesse se voluntariado para a guerra. Para começo de conversa, foi uma guerra idiota. Nunca realmente compreendi como iniciou e ainda não sei. Papai me explicou, várias vezes, e eu ainda não entendo. Talvez fosse por causa de minha idade. Talvez eu não tivesse idade suficiente para entender as coisas sem sentido que os adultos podem fazer um com os outros.

Do jeito que papai explicou, foi a Segunda Guerra Civil – desta vez, não foi entre o Norte e o Sul, mas entre partidos políticos. Entre os Democratas e o Republicanos. Ele disse que era uma guerra que estava por vir fazia tempo. Durante os últimos cem anos, ele disse, os Estados Unidos esteve à deriva em uma terra de duas nações: aqueles de extrema direita e aqueles de extrema esquerda. Com o passar do tempo, as posições se firmaram tão fortemente que o país se tornou uma nação de ideologias opostas.

Papai falou que o pessoal de esquerda, os Democratas, queriam uma nação dirigida por um governo cada vez maior, que aumentaria os impostos para 70% e estaria envolvido em todos os aspectos das vidas das pessoas. Ele disse que o pessoal de direita, os Republicanos, queriam um governo cada vez menor, que iria abolir todos os impostos, não perturbaria o povo e o deixaria a sua própria sorte. Ele disse que, com o tempo, essas duas ideologias diferentes, ao invés de se comprometerem, se distanciavam cada vez mais, ficando mais radicais – até que atingiram um ponto onde não concordavam com mais nada.

Para piorar a situação, ele disse, os Estados Unidos estava populoso demais, se tornou difícil para qualquer político conseguir atenção nacional e os políticos das suas partes começaram a perceber que, para conseguir atenção, era necessário tomar posições extremas – que era o que precisavam para sua ambição pessoal.

Como resultado, as pessoas mais importantes de ambas as partes eram os mais extremistas, cada um tentando superar o outro, tomando posições que eles sequer acreditavam, mas que se viam

obrigados a tomar. Naturalmente, quando as duas partes debatiam, só podiam discutir um com o outro – e eles o faziam com palavras grossas e duras. No início, eram apenas insultos e ataques pessoais. Mas, com o passar do tempo, a guerra verbal foi se intensificando. E, então, um dia, chegaram a um ponto sem volta.

Um dia, há uns dez anos atrás, um momento crítico chegou quando um líder político ameaçou outro com uma palavra profética: “secessão”. Se os Democratas tentassem elevar um centavo que fosse nos impostos, seu partido se separaria do sindicato e cada povoado, cada cidade e cada estado se dividiriam em dois. Não por terra, mas por ideologia.

Não poderia ter sido em momento pior: nessa época, a nação passava por uma depressão econômica e havia descontentamento suficiente, o povo estava farto de perder o emprego à custa deste político ganhar popularidade. As mídias adoravam os níveis de audiência que estavam atingindo e lhe deram mais tempo no ar. Pronto, sua popularidade cresceu. Com o tempo, sem nada para detê-lo, com os democratas não dispostos a se comprometerem e, aproveitando o impulso que levava, sua ideia se fortaleceu. Seu partido propôs sua própria bandeira nacional e até mesmo sua própria moeda.

Foi o primeiro momento crítico. Se alguém tivesse se levantado e o impedido, tudo poderia ter sido evitado. Mas ninguém o fez. E então ele foi ainda mais longe.

Fortalecido, este político propôs que a nova união também tivesse sua própria força policial, seus próprios tribunais, suas próprias tropas estaduais – até mesmo seu próprio exército. Este foi o segundo momento crítico.

Se o Presidente Democrata tivesse sido um bom líder nessa época, talvez ele pudesse ter detido as coisas antes. Mas ele agravou a situação ao tomar decisão ruim atrás de decisão ruim. Ao invés de acalmar as coisas, de atender às necessidades básicas que conduziram ao descontentamento, ele decidiu que o único jeito de anular o que ele chamou de “a Rebelião” era com uma atitude dura: ele acusou toda a liderança Republicana de sedição. Ele declarou a lei marcial e, no meio da noite, prendeu todos.

Isso intensificou as coisas e juntou todo o seu partido. Também reuniu metade dos militares. Pessoas estavam divididas em cada casa, cada cidade, cada quartel militar; aos poucos, a tensão se acumulou nas ruas e vizinhos odiavam uns aos outros. Até famílias se dividiram.

Uma noite, aqueles da cúpula militar leal aos Republicanos seguiram ordens secretas e organizaram um golpe, tirando-os da prisão. Houve confronto. E, nos degraus do prédio do Capitólio, o primeiro tiro fatídico foi disparado. Um jovem soldado achou que havia visto um oficial sacar uma arma e disparar primeiro. Assim que o primeiro soldado caiu, não havia mais volta. A linha final havia sido cruzada. Um estado-unidense havia matado outro estado-unidense. Um tiroteio se seguiu, com dezenas de mortos. Os líderes republicanos foram levados para um local secreto. E, a partir deste momento, o exército se dividiu em dois. O governo se dividiu em dois. Cidades, vilas, condados e estados, todos se dividiram em dois. Isto se tornou conhecido como a Primeira Onda.

Durante os primeiros dias, gestores de crise e facções governamentais tentaram reestabelecer a paz. Mas era um pouco tarde demais. Nada poderia deter a tempestade que estava por vir. Uma facção de militares de linha dura tomou o assunto para si mesmos, almejando glória, querendo ser os primeiros na guerra, querendo a vantagem de velocidade e surpresa. Pensaram que esmagar a oposição imediatamente era a melhor maneira de dar um fim a tudo aquilo.

A guerra começou. Batalhas tomaram conta do solo americano. Pittsburgh virou a nova Gettysburg, com duzentos mortos em uma semana. Tanques iam contra tanques. Aviões contra aviões. Todo dia, toda semana, a violência aumentava. Limites eram colocados nas terras, militares e a polícia se dividiram e batalhas se espalharam por todos os estados da nação. Em todos os lugares, pessoas lutavam umas contra as outras, amigo contra amigo, irmão contra irmão. Chegou a um ponto em que ninguém mais sabia pelo que estavam lutando. Foi derramado sangue pelo país inteiro, ninguém parecia ser capaz de parar essa situação. Essa época ficou conhecida como a Segunda Onda.

Até este momento, sangrenta como era, ainda era uma guerra convencional. Então veio a Terceira Onda, a pior de todas. O Presidente, em desespero, operando de um refúgio subterrâneo secreto, decidiu que havia apenas um jeito de acabar com o que ele ainda chamava insistentemente de “a Rebelião”. Reunindo seus melhores oficiais militares, eles o aconselharam a usar os recursos mais fortes para sufocar a rebelião de uma vez por todas: mísseis nucleares dirigidos. Ele concordou.

No dia seguinte, as bombas nucleares foram lançadas em estratégicas fortificações Republicanas por todos os Estados Unidos. Milhares morreram nesse dia, em lugares como Nevada, Texas, Mississippi. Milhões morreram no segundo.

Os Republicanos responderam. Eles arranjaram seus próprios recursos, emboscaram a NORAD (Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte) e lançaram suas próprias bombas nucleares nas fortalezas dos Democratas. Estados como Maine e New Hampshire foram os mais afetados. Dentro dos próximos dez dias, quase todo Estados Unidos foi destruído, uma cidade atrás da outra. Era onda atrás de onda de pura destruição, aqueles que não morreram por ataques diretos morreram depois devido ao ar e água tóxicos. Dentro de um mês, não sobrou mais ninguém para lutar. Ruas e prédios se esvaziaram um por um já que as pessoas saíam para lutar contra ex-vizinhos.

Mas papai sequer esperou pelo recrutamento – e é por isso que eu ainda o odeio. Ele foi embora muito antes. Ele havia sido um oficial da Infantaria da Marinha muito anos antes disso tudo acontecer, e ele sabia que essa guerra iria estourar antes que a maioria. Toda vez que ele assistia ao noticiário, toda vez que via políticos gritando uns com os outros de maneira desrespeitosa, sempre aumentando a aposta, papai balançava a cabeça e dizia: “isso vai virar guerra. Acreditem em mim”.

E ele estava certo. Ironicamente, papai já havia cumprido seu serviço militar e estava aposentado da Infantaria há anos quando tudo isso começou a acontecer; mas, quando o primeiro tiro foi disparado, neste dia, ele se alistou de novo. Antes mesmo de haver se falado em uma guerra completa. Ele provavelmente foi a primeira

pessoa a se voluntariar por uma guerra que ainda nem havia começado.

E é por isto que eu ainda estou brava com ele. Por que ele teve que fazer isso? Por que ele não podia simplesmente deixar que os outros se matassem? Por que ele não ficou em casa, nos protegendo? Por que ele se importava mais com este país do que com sua família?

Ainda me lembro, nitidamente, o dia em que ele nos deixou. Naquele dia, eu havia voltado para casa depois da escola e, antes mesmo de abrir a porta, eu ouvi gritos vindo de dentro. Eu me preparei. Odiava quando papai e mamãe brigavam, o que parecia o tempo inteiro, e eu achei que aquilo fosse apenas mais uma de suas discussões.

Eu abri a porta e sabia, de cara, que algo estava diferente. Alguma coisa estava muito, muito errada. Papai estava em pé, completamente uniformizado. Não fazia sentido. Ele não vestia seu uniforme há anos. Por que ele o estaria vestindo agora?

“Você não é homem!” mamãe ralhou com ele. “Você é um covarde! Abandonando sua família. Para que? Partir e matar inocentes?”

O rosto de papai ficou vermelho, como sempre acontecia quando ele se zangava.

“Você não sabe do que está falando!” ele gritou de volta. “Estou cumprindo o meu dever para com meu país. É a coisa certa a fazer.”

“A coisa certa a fazer por *quem*?” ela retruca. “Você sequer sabe por que está lutando. Por um grupo de políticos idiotas?”

“Eu sei exatamente pelo que estou lutando: para manter nossa nação unida.”

“Oh, puxa, desculpe-me, Senhor América!” ela grita com ele. “Você pode justificar isto do jeito que quiser na sua cabeça, mas a verdade é que você está partindo porque não consegue me suportar. Porque você nunca soube lidar com a vida doméstica. Porque você é muito idiota e não consegue fazer mais nada da sua vida depois da Marinha. E por isso você pega a primeira oportunidade para se livrar —”.

Papai a interrompeu dando-lhe um tapa na cara. Eu ainda consigo ouvir o barulho em minha cabeça.

Fiquei chocada, nunca havia visto meu pai bater em minha mãe antes. Fiquei sem respiração, como se eu tivesse recebido aquele tapa. Fiquei olhando para ele, mal o reconhecendo. Aquele era realmente meu pai? Fiquei tão atordoada que derrubei meu livro e este caiu com um baque.

Os dois olharam para mim. Assustada, sai correndo pelo corredor para o meu quarto e bati a porta atrás de mim. Não sabia como reagir, eu simplesmente tinha que ficar longe deles.

Um pouco depois, ouvi uma leve batida na minha porta.

“Brooke, sou eu,” papai me chamou com uma voz baixa e arrependida. “Sinto muito por você ter visto aquilo. Por favor, deixe-me entrar.”

“Vá embora!” eu gritei de volta.

Um longo silêncio se seguiu. Mas ele não se retirou.

“Brooke, eu preciso ir. Eu quero te ver uma última vez antes de partir. Por favor, saia e me diga tchau.”

Eu comecei a chorar.

“Vá embora!” eu retruquei de novo. Eu estava tão arrasada, tão furiosa por ele ter batido em mamãe e ainda mais furiosa por ele estar nos deixando. E, no fundo, eu estava com medo de que ele nunca mais voltasse.

“Eu estou indo embora agora, Brooke,” ele disse. “Você não precisa abrir a porta para mim. Mas eu quero que saiba o quanto eu amo vocês. E que eu sempre estarei com vocês. Lembre-se, Brooke, você é a mais forte. Cuide desta família. Estou contando com você. Tome conta de todos.”

E então eu ouvi os passos de meu pai, se afastando. Ficando cada vez mais e mais distantes. Momentos depois eu ouço a porta da frente se abrir e então se fechar.

E depois, mais nada.

Minutos – que pareciam dias – depois, eu lentamente abri a porta. Eu já sentia. Ele se fora. E eu já estava arrependida; gostaria de ter falado adeus. Pois eu já estava pressentindo, no fundo, que ele nunca mais voltaria.

Mamãe sentou-se à mesa da cozinha, com o rosto entre as mãos, chorando baixinho. Eu sabia que as coisas haviam mudado para sempre nesse dia, que nada mais seria o mesmo de novo – que *ela* nunca mais seria a mesma. Nem eu.

E eu estava certa. Enquanto sento aqui, olhando as chamas do fogo fraco, com os olhos pesados, eu percebo que, desde esse dia, nada voltou a ser o mesmo de antes.

*

Estou em nosso antigo apartamento, em Manhattan. Não sei o que estou fazendo nem como vim parar aqui. Nada parece fazer sentido, o apartamento não se parece em nada com o que eu me lembro. Não há nenhuma mobília, como se ninguém nunca tivesse morado aqui. Estou sozinha.

Há uma repentina batida na porta e meu pai entra, todo uniformizado, segurando uma maleta. Há um vazio em seu olhar, como se ele tivesse ido ao inferno e voltado.

"Papai!" eu tento berrar. Mas as palavras não saem. Eu olho para baixo e percebo que estou grudada ao chão, escondida atrás de uma parede e que ele não pode me ver. Por mais que eu lute para me libertar, para correr até ele, para gritar seu nome, não consigo. Sou forçada a assistir, impotente, meu pai entrar no apartamento vazio e olhar tudo em volta.

"Brooke?" ele grita. "Você está aqui? Tem alguém em casa?"

Tento responder de novo, mas minha voz não funciona. Ele procura de cômodo em cômodo. "Eu disse que eu voltaria," ele fala. "Por que ninguém esperou por mim?"

Então, ele começa a chorar.

Meu coração se parte e eu tento, com todas as minhas forças, chamá-lo. Mas não importa o quanto eu me esforce, nenhum som sai.

Ele finalmente se vira e vai embora, fechando gentilmente a porta atrás dele. O som da maçaneta reverbera neste vazio.

"PAPAI!" eu grito, finalmente encontrando minha voz.

Mas é tarde demais. Eu sei que ele se foi para sempre e, de alguma forma, é tudo culpa minha.

Eu pisco e a próxima coisa que sei é que estou de volta às montanhas, na casa de papai, sentada em sua poltrona favorita, ao lado da lareira. Papai está inclinado para frente, de cabeça baixa, brincando com sua faca da Infantaria da Marinha. Fico horrorizada quando noto que metade de seu rosto está derretida até o osso; eu posso até ver metade de seu crânio.

Ele olha para mim e eu sinto medo.

"Você não pode esconder Bree aqui para sempre," ele diz, em tom comedido. "Você acha que está segura aqui, mas eles virão atrás de você. Leve Bree e se escondam."

Ele se levanta, vem até mim, me segura pelos ombros e me sacode, seus olhos queimando com tamanha intensidade. "VOCÊ ME OUVIU, SOLDADO?" ele berra.

Papai desaparece e, ao mesmo tempo, todas as portas e janelas abrem de uma vez só, em uma cacofonia de vidros quebrados.

Em nossa casa, uma dúzia de comerciantes de escravos invade, armas em punho. Eles estão vestidos com seus conhecidos uniformes inteiramente pretos, da cabeça aos pés, com máscaras negras e correm para todos os cantos da casa. Um deles agarra Bree no sofá e a leva embora, berrando, enquanto outro vem em minha direção, crava seus dedos em meu braço e mira sua pistola diretamente em meu rosto.

E ele atira.

Acordo gritando, desorientada.

Sinto dedos cravados em meu braço e estou confusa sobre o que é sonho e o que é realidade, estou pronto para atacar. Eu olho para meu lado e me dou conta que é Bree, ali parada, sacudindo meu braço.

Eu ainda estou sentada na cadeira de meu pai e agora a sala está inundada com luz do sol. E Bree está chorando, histérica.

Eu pisco repetidas vezes enquanto me sento, tentando me orientar. Foi tudo um sonho? Parecia tão real.

"Tive um pesadelo terrível!" Bree chora, sem soltar meu braço.

Olho ao meu redor e vejo que o fogo se extinguiu há um bom tempo. Vejo a luz do sol e percebo que a manhã já deve estar no fim. Não acredito que dormi na cadeira – eu nunca fiz isso antes.

Eu mexo minha cabeça, tentando me livrar das teias de aranhas. O sonho me pareceu tão concreto que ainda é difícil acreditar que ele não aconteceu. Eu já havia sonhado com papai antes, muitas vezes, mas nada assim, tão próximo da realidade. Acho difícil aceitar que ele não está mais na sala comigo, neste momento, eu ainda dou uma olhada a minha volta só para ter certeza.

Bree segura meu braço, inconsolável. Eu nunca a vi desse jeito.

Ajoelho-me ao seu lado e lhe dou um abraço. Ela se agarra a mim.

“Eu sonhei que esses homens vieram e me levaram embora! E que você não estava aqui para me salvar” Bree chora, por cima de meu ombro. “Não vá!” ela suplica, histérica. “Por favor, não vá. Não me deixe!”

“Eu não vou a lugar nenhum,” eu digo, apertando-a bem forte. “Shhh... Está tudo bem... Não há nada para se preocupar. Está tudo bem.”

Mas, no fundo, eu não consigo deixar de sentir que não está *nada* bem. Ao contrário. Meu sonho me abalou profundamente e o fato de Bree ter tido um sonho tão perturbador assim – e ainda mais sobre o mesmo assunto – não me traz tranquilidade. Não acredito muito em presságios, mas não consigo de pensar que é tudo um sinal. Não ouvi nenhum barulho nem nenhuma agitação e, se houvesse alguém a um quilômetro daqui, eu certamente saberia.

Eu levanto o queixo de Bree, secando suas lágrimas. “Respire fundo,” eu falo.

Bree me ouve, lentamente recuperando o fôlego. Eu me obrigo a sorrir. “Veja,” eu digo. “eu estou bem aqui. Não há nada de errado. Foi apenas um pesadelo. Viu?”

Devagar, Bree concorda.

“Você só estava cansada demais,” eu continuo. “E você teve febre. Por isso teve pesadelos. Vai ficar tudo bem.”

Enquanto estou ajoelhada, abraçando Bree, me dou conta que preciso ir, escalar a montanha, explorar nossa nova casa e encontrar comida. Sinto um nó em meu estômago quando penso em falar isso para Bree e em como ela reagirá. Obviamente, o momento não poderia ser pior. Como contarei a ela que preciso deixá-la sozinha

agora? Mesmo que por apenas uma ou duas horas? Uma parte de mim quer permanecer aqui, tomar conta dela o dia todo; e, ao mesmo tempo, sei que preciso ir e, quanto mais cedo eu terminar as tarefas, mais seguras estaremos. Eu não posso ficar aqui sentada, sem fazer nada, esperando o anoitecer. Nem posso arriscar mudar o plano e nos mudarmos durante o dia apenas por causa desses sonhos tolos.

Eu solto Bree de meus braços, afastando seu cabelo de seu rosto, sorrio o mais gentilmente possível. E reúno a voz mais forte e mais adulta que posso.

“Bree, eu preciso que você ouça,” eu comecei. “Eu preciso sair agora, só por um tempinho—”

“NÃO!” ela protesta. “EU SABIA! É igualzinho ao meu sonho! Você vai me deixar! E nunca mais vai voltar!”

Eu seguro seus ombros com paciência, tentando consolá-la.

“Não é nada disso,” eu digo firmemente. “Eu só preciso sair por uma ou duas horas. Preciso me certificar que nossa nova casa está segura para a gente se mudar hoje à noite. E eu tenho que procurar alimento. Por favor, Bree, entenda. Eu a levaria comigo, mas você está muito doente agora e precisa repousar. Estarei de volta em algumas horas. Eu prometo. E então, à noite, nós vamos lá juntas. E sabe qual a melhor parte disso?”

Ela olha para mim, lentamente, ainda chorando e, eventualmente, sacode a cabeça.

“A partir de hoje à noite, nós estaremos lá em cima, juntas, seguras e a salvos, e teremos fogueira todas as noites e toda a comida que você quiser. E eu posso caçar e pescar e fazer tudo o que precisamos lá, na frente da casa. Eu nunca mais a deixarei de novo.”

“E Sasha pode ir junto também?” ela pergunta, entre lágrimas.

“E Sasha também” eu falo. “Eu prometo. Por favor, confie em mim. Eu voltarei para você. Eu jamais a deixarei.”

“Você promete?” ela pergunta.

Eu reúno toda a seriedade que consigo e a olho diretamente nos olhos.

“Eu prometo,” eu respondo.

O choro de Bree diminui e ela acaba concordando, parecendo acreditar.

Meu coração se parte, mas eu rapidamente me inclino, lhe dou um beijo em sua testa e me levanto, atravesso a sala e saio pela porta. Eu sei que se eu ficar um segundo a mais aqui, eu nunca conseguirei deixá-la.

A porta se fecha atrás de mim e eu não consigo afastar a terrível sensação de que nunca mais verei minha irmã de novo.

TRÊS

Subo a montanha sob a luz brilhante da manhã, uma intensa luz que cintila a neve. É um universo branco. O sol está tão forte que eu mal enxergo com esse clarão. Faria qualquer coisa por um par de óculos escuros ou um boné de beisebol.

Hoje, felizmente, não há vento e o dia está mais quente do que ontem; enquanto caminho, ouço a neve derretendo a minha volta, gotejando em pequenos córregos que descem montanha abaixo e caindo em grandes quantidades dos galhos dos pinheiros. A neve está mais fofa e está mais fácil andar por ela.

Olho por cima de meu ombro, inspeciono o vale que se estende abaixo e vejo que as estradas estão parcialmente visíveis de novo, sob o sol da manhã. Isto me preocupa, mas logo me censuro, aborrecida por me deixar levar pelos presságios. Deveria ser mais forte. Mais racional, como papai.

Estou usando meu capuz, mas preciso abaixar minha cabeça devido ao vento que se torna cada vez mais forte à medida que eu subo a montanha, eu gostaria de ter trazido meu novo cachecol. Eu junto minhas mãos e as esfrego, desejando ter luvas também; em seguida, dobro minha velocidade. Estou decidida a chegar lá rápido, inspecionar a casa, procurar pelo cervo e regressar rapidamente para Bree. Talvez eu pegue mais algumas compotas de geleia; isso animará minha irmã.

Eu sigo os meus rastros de ontem, ainda visíveis na neve derretida e, dessa vez, a subida está mais fácil. Em vinte minutos, estou de volta onde eu estive ontem, caminhando sobre o platô mais alto.

Estou certa de que estou no mesmo lugar de ontem, mas eu procuro pela casinha e não a encontro. Ela é tão bem escondida que, apesar de eu saber sua localização, eu não a vejo. Começo a

me perguntar se estou no local correto. Eu continuo andando, seguindo minhas pegadas, até ficar exatamente no mesmo ponto do dia anterior. Eu estico meu pescoço e, finalmente, a encontro. Fico impressionada ao ver como ela é quase invisível isso me deixa ainda mais animada para morar aqui.

Fico parada, ouvindo. Tudo está silencioso, com exceção das gotas pingando. Eu examino a neve cuidadosamente, procurando por qualquer sinal de pegadas saindo ou entrando da casa (foras as minhas). Não encontro nenhuma.

Eu me dirijo até a porta, paro diante da casa e viro 360°, inspecionando a floresta em todas as direções, analisando as árvores, à procura de qualquer sinal de inquietação, qualquer evidência que alguém esteve aqui. Fico assim por pelo menos um minuto, ouvindo. Nada acontece. Nada.

Finalmente me convenço, aliviada de que este lugar é realmente nosso, só nosso.

Eu empurro a pesada porta, emperrada pela neve e uma luz brilhante inunda o interior. Abaixo minha cabeça e entro, sinto como se a visse pela primeira vez, à luz. É pequena e aconchegante, como me lembro. Vejo que o piso é feito de grandes tábuas de madeiras de verdade, que parecem ter, no mínimo, uns cem anos. Aqui dentro é silencioso. As pequenas janelas abertas, de todos os lados, também deixam passar muita luminosidade.

Analiso a habitação sob a luz, procurando por qualquer coisa que eu possa ter deixado passar— mas nada encontro. Olho para baixo e encontro a alça da porta do alçapão, me ajoelho e o abro com um puxão. Sobe uma nuvem de poeira, que dança na luz do sol.

Desço pela escada, dessa vez, com toda luz refletindo, tenho uma visão muito melhor do depósito aqui embaixo. Deve haver centenas de vidros. Vejo vários frascos de geleia de framboesas e pego dois deles, enfiando um em casa bolso. Bree vai amar isso. E Sasha também.

Eu faço uma análise superficial dos outros frascos e vejo todo tipo de comida: picles, tomates, azeitonas, chucrutes. Também encontro diferentes sabores de geleias, com pelo menos uma dezena de frascos de cada um. Há mais ainda no fundo, mas eu não tenho

tempo de olhar com atenção. Não consigo parar de pensar e me preocupar com Bree.

Subo a escada, fechando o alçapão e correndo para fora da casa, fechando bem a porta atrás de mim. Fico parada e olho atentamente a minha volta mais uma vez, me preparando caso alguém esteja me observado. Eu ainda temo que tudo isso seja bom demais para ser verdadeiro. Mas, uma vez mais, nada acontece. Talvez eu só esteja muito apreensiva.

Vou em direção aonde vi o cervo, a uns trinta metros de distância. Assim que chego lá, tiro a faca de caça de meu pai e a seguro do meu lado. Sei que é um tiro no escuro encontrá-lo novamente, mas talvez este animal seja uma criatura de hábitos, como eu. Não sou veloz o suficiente para persegui-lo, nem rápida o bastante para atacá-lo – também não possuo uma pistola nem nenhuma arma para caça. Mas eu tenho uma chance, minha faca. Sempre me orgulhei de acertar o alvo a trinta metros de distância. Lançamento de facas era uma das minhas habilidades que sempre impressionou meu pai – ou pelo menos o impressionava o suficiente para ele nunca me criticar nem me corrigir. Ao contrário, ele sempre se deu o crédito, dizendo que eu havia herdado seu talento. A verdade, porém, é que ele não tinha metade da minha capacidade para lançar facas.

Fico de joelhos onde eu estava antes, me escondendo atrás de uma árvore, de olho no platô, segurando a faca em minha mão, esperando. Rezando. Só consigo ouvir o vento.

Imagino o que eu irei fazer caso veja o cervo: colocar-me-ei de pé lentamente, apontarei e lançarei a faca. Primeiro penso em mirar em seus olhos, mas então decido apontar para sua garganta: mesmo que eu erre o alvo por alguns centímetros, ainda há chance de acertá-lo em alguma outra parte. Se minhas mãos não estiverem muito congeladas, e se eu for cuidadosa, acredito que talvez, quem sabe, eu consiga feri-lo. Mas então me dou conta que há muitos “ses” e “talvez” nesse pensamento.

Os minutos passam. Parecem dez, vinte, trinta... O vento para e reaparece em rajadas; e, com elas, sinto os finos flocos de neve serem soprados das árvores para meu rosto. À medida que o tempo

passa, eu tenho mais frio, fico mais congelada e começo a ponderar se isto foi uma péssima ideia. Sinto outra terrível pontada de fome e então decido tentar. Vou precisar de toda proteína que eu possa obter para que tudo dê certo – especialmente se eu for empurrar aquela moto montanha acima.

Depois de quase uma hora esperando, eu estou completamente congelada. Pergunto-me se eu deveria desistir e descer a montanha. Talvez eu devesse pegar outro peixe.

Eu decido me levantar e dar uma volta, para circular minhas extremidades e manter minhas mãos em movimento; se eu as tivesse que usar agora, elas provavelmente seriam inúteis. Assim que eu me levanto, sinto meus joelhos e costas doerem pela rigidez. Começo a andar pela neve, começando com pequenos passos. Eu levanto e dobro meus joelhos, torço minhas costas para esquerda e para a direita. Coloco minha faca em meu cinto e esfrego minhas mãos, umas nas outras, soprando nelas de novo e de novo, tentando recuperar a sensação.

De repente, eu fico paralisada. Ao longe, um galho se quebra e eu sinto esta movimentação.

Eu me viro devagar. Ali, no topo da colina, um cervo aparece. Dá passos lentamente, hesitantes, na neve, gentilmente levantando e abaixando seus cascos. Ele abaixa sua cabeça, mastiga uma folha e, cuidadosamente, dá outro passo para frente.

Meu coração dispara de entusiasmo. Eu raramente sinto que meu pai está comigo, mas hoje eu sinto. Posso ouvir sua voz em minha cabeça agora: *Calma. Respire devagar. Não o deixe saber que você está aqui. Concentre-se.* Se eu puder abater este animal, terei comida – comida de verdade – para Bree, Sasha e para mim por semanas. Nós *precisamos* disso.

Ele dá mais alguns passos na clareira e eu posso vê-lo melhor: é um cervo grande, a cerca de trinta metros. Eu me sentiria bem mais confiante se ele estivesse a dez metros de distância, até mesmo vinte. Não sei se consigo acertá-lo a esta distância. Se estivesse mais quente e se ele não estivesse se movendo, sim. Mas minhas mãos estão dormentes, o cervo está se mexendo e há muitas

árvores no caminho. Simplesmente não sei. Só sei que, se eu perdê-lo, ele nunca mais virá aqui de novo.

Eu espero, analisando-o, com medo de assustá-lo. Queria que ele chegasse mais perto. Mas não parece que ele quer.

Pergunto-me o que devo fazer. Posso atacá-lo, aproximando-me o máximo possível e lançar a faca. Mas isso também seria idiotice: depois de um metro, com certeza ele sairia correndo. Pergunto-me se deveria me aproximar aos poucos. Mas também acho que isso não funcionaria. Ao menor barulho, ele partiria.

Então fico aqui, pensando. Dou um passo à frente, me posicionando para lançar a faca, caso eu precise. E este pequeno passo que foi meu erro.

Um galho se parte sobre meu pé e o cervo imediatamente levanta sua cabeça em minha direção. Trocamos olhares. Sei que ele me vê e que está prestes a disparar. Meu coração acelera, sei que esta é minha única chance. Minha mente fica petrificada.

Então entro em ação. Abaixo-me, pego a faca, dou um grande passo e, valendo-me de todas as minhas habilidades, dou um impulso e a lanço, mirando sua garganta.

A faca da Infantaria da Marinha de meu pai dá voltas no ar e eu rezo para que ela não atinja uma árvore primeiro. Eu a vejo girar, refletindo luz, é uma coisa linda. Ao mesmo tempo, vejo o cervo sair em disparada.

Está muito longe para eu enxergar exatamente o que aconteceu, mas um momento depois, eu juro ouvir o som da faca rasgando carne. O cervo já fugiu então não sei dizer se ele está ferido.

Saio atrás dele. Chego ao lugar onde ele estava e fico surpresa o ver sangue vermelho e brilhante na neve. Meu coração palpita, animado.

Sigo o rastro de sangue, corro, pulo sobre pedras e, após cerca de cinquenta metros, eu o encontro: ali está ele, derrubado na neve, caído de lado, com as pernas se contorcendo. Vejo a faca alojada em sua garganta. Exatamente no ponto em que mirei.

O cervo ainda está vivo e eu não sei como dar fim a sua agonia. Posso sentir seu sofrimento e me sinto terrível. Quero dar-lhe uma morte rápida e sem dor, mas não sei como.

Ajoelho-me e retiro a faca, inclino-me e, com um rápido movimento, corto sua garganta profundamente, esperando que isto funcione. Momentos depois, sangue começa a escorrer e, mais dez minutos depois, finalmente, as pernas do cervo param de mexer. Seus olhos param também e, finalmente, sei que está morto.

Levanto-me, olho para baixo, segurando a faca em minha mão e me sinto oprimida pela culpa. Sinto-me cruel, matando um animal tão lindo, uma criatura tão indefesa. Neste momento, é difícil pensar no quanto precisamos desse alimento, como tive sorte de pegá-lo. Tudo que consigo pensar é que, alguns minutos atrás ele estava respirando, vivo, assim como eu. E agora está morto. Olho para ele, deitado, perfeitamente imóvel na neve e não consigo deixar de me sentir envergonhada.

Esse foi o momento em que eu o ouvi pela primeira vez. A princípio, o ignorei, imaginei estar ouvindo coisas porque aquilo era simplesmente impossível. Porém, após alguns momentos, o som me pareceu mais alto, mais nítido e eu soube que ele era real. Meu coração disparou loucamente quando o reconheci. Um som que havia escutado uma vez apenas. O ronco de um motor. Um motor de carro.

Eu fiquei parada, em desespero, paralisada demais para me mover. O motor se fez ainda mais alto, inconfundível e eu sabia que isso só podia significar uma única coisa. Comerciantes de escravos. Ninguém mais se atreveria a dirigir aqui em cima, nem teria motivo para isso.

Comecei a correr a toda velocidade, deixando o cervo para trás, sai voando pelos bosques, passei a pequena casa de pedra, desci montanha abaixo. Eu não consigo correr rápido o suficiente. Penso em Bree, sentada ali, sozinha em casa, enquanto os motores roncavam cada vez mais altos. Tento aumentar minha velocidade, correndo pela encosta de neve, tropeçando, meu coração palpitando em minha garganta.

Corro tão rápido que eu caio, de cara, ralando meu joelho e cotovelo e com o vento esgotando meu fôlego. Luto para me levantar, notando o sangue em minha perna e braço, mas sem me importar. Obrigo-me a voltar à corrida, me esforçar ao máximo.

Escorregando e deslizando, eu finalmente chego ao platô e, daqui, eu consigo ver todo o caminho da montanha até nossa casa. Meu coração salta em minha garganta: há sinais claros de carros na neve, levando diretamente à nossa casa. Nossa porta da frente está aberta. E o que é mais angustiante de tudo, eu não ouço Sasha latir.

Eu me apresso, descendo cada vez mais, posso ver dois veículos estacionados fora de nossa casa: carros de comerciantes de escravos. Completamente negros, rebaixados, parecem carros musculosos por esteroides, com pneus enormes e barras em todas as janelas. Estampado no capô, está o símbolo da Arena Um, nítido mesmo daqui – um diamante com um chacal no centro. Eles estão aqui para alimentar a arena.

Eu corro mais rápido, descendo a colina. Preciso ficar mais leve, tiro os vidros de geleia de meus bolsos e os jogo no chão. Ouço o vidro se quebrar atrás de mim, mas não me importo. Nada mais importa agora.

Estou a cerca de cem metros da casa quando vejo os carros ligarem e começarem a sair de casa. Eles vão em direção à estrada rural. Quero chorar quando eu percebo o que acabou de acontecer.

Trinta segundos depois, eu chego a casa, passo por ela, vou direto em direção à estrada, com esperança de pegá-los. Eu já sei que a casa está vazia.

Tarde demais. Os rastros dos pneus falam por si só. Quando olho montanha abaixo, os vejo, quinhentos metros a minha frente e cada vez mais rápidos. Não há como alcançá-los, muito menos a pé.

Corro de volta para a casa, quem sabe, com alguma remota chance, Bree tenha conseguido se esconder ou foi deixada para trás. Atravesso a porta da frente, que se encontrava aberta, e fico horrorizada com o que vejo: há sangue por todos os lados. No chão, um comerciante de escravos morto, vestido de uniforme preto, sangue escorrendo de sua garganta. Ao lado dele, está Sasha, sem vida. Há sangue em seu flanco, aparentemente, um ferimento à bala. Seus dentes ainda estão na garganta do cadáver. Está claro o que aconteceu: Sasha tentou proteger Bree atacando o homem que havia entrado em casa, mordendo-lhe o pescoço. Os outros devem ter atirado nela. Mas, mesmo assim, ela não o soltou.

Eu corro pela casa, de quarto em quarto, gritando o nome de Bree, ouvindo o desespero em minhas palavras. Nem reconheço mais a minha voz: parece a voz de uma pessoa louca.

Mas todas as portas estão escancaradas, está tudo vazio.
Os comerciantes de escravos haviam levado minha irmã.

Q U A T R O

Fico estática na sala de estar da casa de papai, chocada. De um lado, eu sempre temi que este dia viesse; de outro, agora que veio, eu simplesmente não consigo acreditar. Estou dominada pela culpa. Foi o fogo de ontem à noite nos denunciou? Será que viram a fumaça? Por que eu não fui mais cuidadosa?

Eu também me condeno por ter deixado Bree sozinha esta manhã – especialmente depois de ambas terem tido pesadelos tão terríveis. Consigo ver seu rosto, choroso, implorando para eu não sair. Por que eu não lhe dei ouvidos? Por que não acreditei em meus próprios instintos? Olhando para trás, não posso deixar de sentir que papai tentou me avisar. Como eu não prestei atenção?

Nada mais disso importa agora, preciso parar e pensar por um instante. Eu tenho que agir, não estou nem um pouco pronta para desistir e deixar que Bree se vá. Começo a correr pela casa, não posso perder nenhum segundo precioso, quero partir logo e perseguir os comerciantes de escravos, quero resgatar Bree.

Vou até o cadáver do comerciante de escravos e o examino rapidamente: ele está vestido com seu famoso uniforme militar, completamente negro: botas de combate pretas, calças militares pretas e uma camiseta de manga longa preta coberta por um colete de aviador bem justo, também preto. Ele ainda usa a máscara com o símbolo da Arena Um – a marca dos comerciantes de escravos – e também utiliza um capacete preto. Este último, de nada lhe serviu: Sasha conseguiu mordê-lo na garganta do mesmo jeito. Eu desvio meu olhar para ela e me sensibilizo. Sou tão grata por ela ter entrado em uma briga dessas. Sinto-me culpada por deixá-la aqui sozinha também. Vejo seu corpo e prometo a mim mesma que, após recuperar Bree, voltarei e lhe darei o funeral que ela merece.

Eu começo a tirar as roupas do cadáver rapidamente, em busca de objetos de valor. Começo pegando seu cinturão de armas e o coloco em minha própria cintura, bem preso. Nele, há um coldre e uma pistola, a qual eu tiro e verifico: está carregada de balas, parece funcionar perfeitamente. É como se fosse ouro – e agora é todo meu. Presas ao cinto estão várias balas reserva.

Retiro seu capacete para ver seu rosto: fico surpresa de ver que ele é bem mais jovem do que eu imaginara. Não deve ter mais que dezoito anos. Nem todos os comerciantes de escravos são caçadores de recompensas impiedosos; alguns são obrigados a fazerem esse serviço, estão à mercê dos donos da Arena, os verdadeiros reis do poder. Ainda assim, não sinto pena nenhuma dele. Afinal, obrigado ou não, ele viria aqui e tiraria a vida de minha irmã – e a minha também.

Só penso em sair em disparada, perseguindo-os, mas me obrigo a ficar aqui e salvar o que eu puder primeiro. Eu sei o que precisarei lá fora e um ou dois minutos aqui podem fazer toda a diferença. Pego seu capacete e o coloco em mim, e me sinto aliviada de ver que serve. Seu visor escuro será útil para bloquear a ofuscante luz refletida na neve. Vou tirando suas roupas, as quais eu preciso desesperadamente. Pego suas luvas, feitas de material ultraleve e acolchoadas, e fico feliz de ver que elas também servem perfeitamente em mim. Meus amigos sempre zombaram do tamanho enorme de minhas mãos e pés e eu sempre tive vergonha disso – mas agora, pela primeira vez, estou contente. Em seguida, tiro sua jaqueta, ela também veste bem em mim, apesar de um pouco maior. Olho para baixo e noto que ele era pequeno e então me dou conta que tenho muita sorte. Usamos quase o mesmo tamanho! A jaqueta é grossa e estofada, acolchoada com algum tipo de plumagem. Nunca vesti nada tão quente e luxuoso em minha vida, me sinto abençoada. Agora, sei que posso enfrentar o frio.

Comparo os meus pés com os dele e fico animada ao ver que usamos o mesmo número. Não perco tempo: tiro minhas velhas botas gastas, pequenas demais para mim e logo calço as dele. Fico em pé. Elas encaixam perfeitamente em meus pés e são muito aconchegantes. São botas pretas de combate com pontas de ferro,

seu interior é forrado de pele, e o cano chega até minha canela. Elas são mil vezes mais quentes – e mais confortáveis – que as botas que eu usava.

Com minhas novas botas, jaqueta, luvas e com este cinturão de armas, pistola e munição, me sinto uma nova pessoa, pronta para a batalha. Olho para o cadáver de Sasha e então para o ursinho de pelúcia de Bree, no chão, coberto de sangue. Luto para segurar as lágrimas. Uma parte de mim quer cuspir na cara deste comerciante de escravos antes de eu partir, mas eu simplesmente dou-lhe as costas e saio correndo.

Fui rápida, consegui despi-lo e me vestir em menos de um minuto e agora disparo para fora de casa a uma velocidade alucinante, tentando compensar o tempo perdido. Quando passo pela porta da frente, ainda posso ouvir o ronco distante dos motores. Eles não devem estar mais de um quilômetro e meio a minha frente e estou determinada a diminuir essa distância. Tudo que preciso é de um pouco de sorte – que eles fiquem presos em um banco de neve, que façam uma viagem ruim – e talvez, quem sabe, eu possa alcançá-los. E, com esta pistola e balas, eu posso até feri-los. Se não, morrerei tentando. Não voltarei para casa sem Bree de maneira nenhuma.

Eu subo a colina correndo, o mais rápido que consigo, em direção à floresta, em direção à moto de papai. Olho para trás e vejo as portas da garagem escancaradas. Os comerciantes de escravos devem ter procurado por algum veículo. Que bom que eu tomei a precaução de esconder a motocicleta muito tempo antes.

Eu escalo a colina, a neve está derretendo. Apresso-me em direção aos arbustos que cobrem a moto. As novas luvas, acolchoadas e grossas, são úteis: agarro galhos espinhosos, retirando-os do caminho. Em questão de minutos, abro passagem para chegar até a moto. Fico aliviada de saber que ela ainda está lá, oculta pela natureza. Sem perder um segundo, ajusto meu capacete, pego a chave do esconderijo e, em pouco tempo, subo na moto. Ligo a ignição e estou pronta para partir.

O motor faz barulho, mas não funciona. Meu ânimo desaba. Eu não ando nela há anos. Será que está sem bateria? Tento

novamente, testando a embreagem e acelerando, de novo e de novo. Ela faz barulho, cada vez mais alto, mas ainda nada. Sinto-me cada vez mais angustiada. Se o motor não ligar, eu não terei chance de alcançá-los. Terei perdido Bree para sempre.

“Vamos lá, FUNCIONE!” eu imploro, meu corpo trêmulo.

Eu acelero e acelero, e cada vez a moto faz mais e mais barulho, sinto que estou quase conseguindo. Levanto minha cabeça para o céu.

“PAPAI!” eu grito. “POR FAVOR!”

Vou de novo ao acelerador e, dessa vez, a mota funciona. Sou invadida pelo alívio. Eu dou a partida várias e várias vezes, pequenas nuvens negras saem pelo filtro.

Agora, pelo menos, tenho a chance de lutar.

*

Eu movimento o guidão e empurro a motocicleta alguns metros para trás; quase não suporto seu peso. Giro o acelerador para pegar um pouco mais de velocidade e a moto começa a descer a montanha, ainda coberta de neve e galhos.

A estrada pavimentada está a cerca de cinquenta metros de mim e descer a montanha por essa floresta é muito perigoso. A moto escorrega e resvala e, mesmo quando eu aciono os freios, não consigo realmente controlar a moto, só consigo escorregá-la controladamente. Eu atravesso entre árvores, por pouco não chocando com elas, balanço quando passo sobre grandes buracos na terra ou bato em pedras no caminho. Eu rezo para não furar um pneu.

Após cerca de trinta segundos do caminho mais cheio de obstáculos que se pode imaginar, a moto finalmente deixa a terra para trás e começa a andar em estradas pavimentadas em alta velocidade. Eu acelero mais e ela responde bem: voa pela íngreme estrada da colina. Agora estou prosseguindo.

Alcanço uma alta velocidade, o motor ronca, o vento corre sobre meu capacete. Está gelado, mais frio que nunca e eu agradeço por ter conseguido as luvas e a jaqueta. Não sei o que teria sido de mim sem elas.

Mesmo assim, não posso ir rápido demais. Estas estradas da montanha são muito sinuosas e não têm nenhum acostamento: uma curva fechada demais e eu despenco do penhasco, caindo por centenas de metros. Vou o mais rápido que posso, mas diminuo a velocidade nas curvas.

É ótimo pilotar essa moto de novo: eu havia esquecido como era a sensação de liberdade. Minha nova jaqueta se agita loucamente com o vento. Eu abaixo o visor escuro e o branco brilhante na paisagem de neve muda para um tom de cinza.

Eu tenho uma vantagem sobre os comerciantes de escravos: eu conheço essas rodovias melhor que ninguém. Venho aqui em cima desde que eu era criança, eu sei onde estão as curvas, as inclinações, os atalhos que eles jamais imaginariam. Eles estão no *meu* território agora. E mesmo que eu esteja a um quilômetro ou mais atrás deles, estou otimista de que posso encontrar um caminho para alcançá-los. Essa moto, mesmo velha, deve ser tão rápida quanto seus carros.

Também me sinto confiante de que sei para onde eles estão indo. Se você quer voltar para a autoestrada – e eles com certeza querem – então há apenas uma saída dessas montanhas, a Rota 23, na direção Leste. E se eles estiverem indo para a cidade, não há outra maneira senão atravessar o rio Hudson pela Ponte Rip Van Winkle. É o único caminho. E eu estou determinada a alcançá-los.

Vou me acostumando à moto e pegando cada vez mais velocidade, tanto é que o ronco dos motores deles está ficando mais alto. Animada, acelero a motocicleta mais do que eu deveria: eu olho para o velocímetro e vejo que estou a quase 100 km/hr. Sei que é imprudente já que estas curvas fechadas me obrigam reduzir minha velocidade em quase 20 km/hr, se eu não quiser sair patinando pela neve. Então eu acelero e desacelero, curva após curva. Finalmente percorro o bastante para avistar, a cerca de um quilômetro e meio a minha frente, o para-choque de um dos carros, que desaparece em uma das curvas. Estou confiante. Vou pegar esses homens – ou morrerei tentando.

Faço mais uma curva, diminuindo a velocidade e me apronto para acelerar novamente quando, de repente, eu quase atropelo uma

pessoa parada no meio da estrada, bem na minha frente. Ele apareceu do nada e é tarde demais para eu reagir.

Estou quase batendo nele, não tenho escolha a não ser frear com tudo. Por sorte, não estava indo rápido, mas, ainda assim, minha moto escorrega pela neve, incapaz de ganhar tração. Eu faço um giro de 360° duas vezes e finalmente paro enquanto minha moto bate contra o granito da lateral da montanha.

Que sorte. Se eu tivesse girado para o outro lado, eu teria caído do precipício.

Foi tudo tão rápido que estou em estado de choque. Sento-me na moto, segurando o guidão, me viro e olho a estrada. Meu primeiro instinto me diz que o homem é um comerciante de escravos, que fora colocado no meio da pista para me atraparlar. Em um rápido movimento, desligo o motor e pego a arma, aponto para o homem, que ainda está lá, a uns 8 metros de mim. Desativo a trava de segurança e empurro o pino para trás, como papai me mostrou tantas vezes no campo de tiro. Eu miro exatamente em seu coração ao invés da cabeça; caso eu erre, ainda o acertarei em algum lugar.

Minhas mãos tremem, mesmo usando luvas, e eu percebo como estou apreensiva em apertar o gatilho. Eu nunca matei ninguém antes.

O homem, de repente, levanta as mãos para o alto, e dá um grande passo em minha direção. "Não atire!" ele grita.

"Fique onde você está!" eu grito de volta, ainda não pronta para matá-lo.

Ele para de avançar, obediente.

"Eu não sou um deles" ele berra. "Sou um sobrevivente. Como você. Eles levaram meu irmão!"

Pergunto-me se isto é uma armadilha. Mas então levanto meu visor e o examino da cabeça aos pés; vejo seus jeans surrados, cheio de furos, exatamente como os meus; vejo que ele tem só uma meia; olho mais de perto e vejo que não usa luvas e que suas mãos estão azuis; ele não tem casaco e usa apenas uma blusa térmica cinza e gasta. E, acima de tudo, vejo seu rosto franzino, mais ossudo que o meu e noto círculos escuros em volta de seus olhos. Ele não

faz a barba há muito tempo. Também não deixo de perceber que ele é surpreendentemente belo, apesar disso tudo. Aparenta ter minha idade, talvez 17, com um enorme cabelo castanho claro e grandes olhos azuis claros.

Ele com certeza está falando a verdade. Não é um comerciante de escravos. É um sobrevivente. Como eu.

“Meu nome é Ben!” ele grita.

Pouco a pouco, vou abaixando a pistola, um pouco mais calma, mas ainda irritada por ele ter me parado e sentindo uma urgência em seguir em diante. Ben me fez perder tempo valioso e quase me fez cair.

“Você quase me matou!” eu gritei de volta. “O que você estava fazendo parado aí no meio da estrada?”

Eu giro a ignição e acelero a moto, pronta para ir.

Mas ele dá vários passos em minha direção, agitando suas mãos freneticamente.

“Espere!” ele berra. “Não vá! Por favor! Leve-me junto! Eles estão com meu irmão. Eu preciso resgatá-lo. Eu ouvi seu motor e achei que você fosse um deles, por isso bloqueei a rua. Não sabia que você era uma sobrevivente. Por favor! Deixe-me ir com você!”

Por um segundo, sinto pena por ele, mas meus instintos de sobrevivência aparecem e eu não sei o que fazer. Por um lado, tê-lo comigo pode ser útil, afinal, a união faz a força; por outro, eu não o conheço, eu não sei como ele é. Será que ele se renderia em uma luta? Será que ele sabe lutar? E se eu o levá-lo no sidecar, vou gastar mais combustível e vai me deixar mais lenta. Faço uma pausa para refletir sobre o assunto e decido que não.

“Desculpe-me,” eu digo, abaixando meu visor e me preparando para me retirar. “Você só vai me atrasar.” Começo a acelerar a moto, quando ele grita mais uma vez.

“Você está me devendo!”

Eu paro por um segundo, estou confusa com suas palavras. *Devendo?* O quê?

“Naquele dia, quando você chegou,” ele continua. “Com sua irmã mais nova. Eu deixei um cervo para vocês. Era comida para uma semana. Eu dei para vocês. E nunca pedi nada em troca.”

Suas palavras me golpeiam fortemente. Lembro-me daquele dia como se fosse ontem, e o quanto ele significou para nós. Jamais pensei que encontraria a pessoa que o deixou lá. Ele esteve aqui o tempo todo, tão perto – escondido nas montanhas, assim como nós. Sobrevivendo. Sozinho. Com seu irmão mais novo.

Eu realmente me sinto em dívida com ele. Reconsidero o assunto. Eu não gosto de ficar devendo a ninguém. Talvez, afinal de contas, a união faça a força. E eu sei como ele se sente: seu irmão foi levado, assim como minha irmã. Talvez ele esteja motivado. Talvez, juntos, poderemos causar ainda mais danos.

“*Por favor,*” ele suplica. “Preciso salvar meu irmão.”

“Suba,” eu falo, apontando para o sidecar.

Ele pula sem hesitar.

“Tem um capacete extra, ai dentro.”

Um segundo depois, ele já está sentado tentando colocar meu velho capacete. Eu não espero nenhum momento a mais. Saio dali o mais rápido que consigo.

A moto está mais pesada que antes, mas parece mais equilibrada. Em pouco tempo, estou de volta aos 100 km/hr, descendo a íngreme estrada da montanha. Desta vez, não irei parar por nada.

*

Desço pelas pistas sinuosas, serpenteando e, ao chegar a uma curva fechada, uma vista panorâmica do vale se abre para mim. Posso ver todas as estradas daqui, e vejo dois carros de comerciantes de escravos ao longe. Estão a menos três quilômetros à frente. Eles já devem ter chegado à Rota 23 para estarem a essa velocidade, o que significa que eles já deixaram as montanhas e estão em uma pista reta. Saber que Bree está na parte de trás de um desses carros me dá agonia. Penso em como ela deve estar apavorada. Pergunto-me se estão maltratando-a, se ela está sentindo dor. A coitadinha deve estar muito perturbada. Espero que ela não tenha visto Sasha morrer.

Eu acelero com uma energia recém-descoberta, ziguezagueando bruscamente, me dou conta de que Ben está agarrado à beira do sidecar, parece aterrorizado, se segurando pela sua vida. Após várias

curvas fechadas, saímos da estrada rural e entramos voando na Rota 23. Finalmente estamos em uma autoestrada normal, plana. Agora eu vou com velocidade total.

E eu vou mesmo. Faço a troca de marcha, giro a manopla, acelerando o máximo que dá. Nunca pilotei esta moto – ou qualquer outra coisa – tão rápido assim em minha vida. Eu a vejo passar dos 160, então 180 e, logo, 190 km/hr. Ainda há neve na estrada e ela vem voando em meu rosto, batendo no visor, eu sinto flocos de neve roçando na pele do meu pescoço. Eu sei que deveria ir mais devagar, mas não vou. Eu tenho que pegar esses homens.

210... 230... Eu mal consigo respirar de tão rápido que estamos indo e eu sei que se precisarmos frear por algum motivo, eu não conseguirei. Giraríamos e daríamos tantas voltas e tão rapidamente que não iríamos sobreviver. Mas eu não tenho outra escolha. 240... 260...

“MAIS DEVAGAR!” Ben grita. “NÓS VAMOS MORRER!”

Tenho exatamente a mesma impressão: nós *vamos* morrer. Realmente, eu estou certa disso. Mas nada mais importa. Todos esses anos sendo cautelosa, escondendo-nos de todos, finalmente me afetaram. Esconder não é minha natureza; eu prefiro confrontar as coisas de frente. Acredito que sou que nem meu pai nesse aspecto: eu prefiro ficar e lutar. Agora, finalmente, após todos esses anos, eu tenho a chance de lutar. E saber que Bree está ali em cima, a nossa frente, tão perto, fez alguma coisa comigo: fiquei louca. Eu simplesmente não consigo mais desacelerar. Consigo ver os carros agora e isso me instiga. Eu definitivamente estou ganhando terreno. Eles estão a menos de um quilômetro e meio e, pela primeira vez, eu realmente sinto que vou pegá-los.

A estrada faz uma curva e então eu os perco de vista. Depois da curva, eles não estão mais na estrada, parecem ter desaparecido. Fico confusa, até olhar em frente e ver o que aconteceu. E isso me faz acionar os freios com toda a força.

Ao longe, uma enorme árvore caiu e se encontra atravessando a rodovia, bloqueando a passagem. Por sorte, ainda dava tempo de frear. Eu vejo os rastros dos comerciantes de escravos, desviando da estrada e contornando a árvore. Ao nos aproximarmos, saindo da

pista, seguindo as marcas dos comerciantes de escravos, noto que a árvore foi recém-cortada. E percebo o que aconteceu: alguém acabou de derrubá-la. Um sobrevivente, eu acredito, um de nós. Ele deve ter visto o que aconteceu, viu os comerciantes de escravos e cortou uma árvore para detê-los. Para nos ajudar.

Este gesto me surpreende e aquece meu coração. Eu sempre suspeitei que houvesse uma rede silenciosa de sobreviventes escondidos aqui nas montanhas, protegendo uns aos outros. Agora eu tenho certeza. Ninguém gosta de comerciantes de escravos. E ninguém quer que isso lhe aconteça.

Os rastros dos comerciantes são diferentes e eu os sigo à medida que passam pelo acostamento e fazem uma acentuada curva para voltar à estrada. Logo, estou de volta na Rota 23, e posso vê-los claramente agora, cerca de oitocentos metros à minha frente. Eu ganhei um pouco de distância. Volto a acelerar o mais rápido que a moto pode aguentar, mas eles também estão aumentando a velocidade. Devem ter me visto. Uma velha placa enferrujada diz: "Cairo: 2." Estamos perto da ponte. Faltam apenas alguns quilômetros.

Aqui é mais urbanizado, enquanto passamos voando, posso ver as construções em ruínas ao longo da estrada. Fábricas abandonadas. Armazéns. Centros comerciais. Até mesmo casas. Tudo está igual: queimado, saqueado, destruído. Há ainda carros abandonados, sobraram apenas as carcaças. É como se nada mais funcionasse no mundo.

No horizonte, eu vejo o destino deles: a ponte Rip Van Winkle. A pequena ponte, com apenas duas faixas de largura, recoberta por vigas de aço, se estende pelo rio Hudson, conectando a pequena cidade de Catskill no oeste com a grande cidade Hudson no leste. Uma ponte pouco conhecida, que era utilizada por habitantes locais e agora é apenas dos comerciantes de escravos. É perfeita para seus objetivos, os leva diretamente à Rota 9 que, por sua vez, os conecta diretamente à Autoestrada Taconic e, após cerca de 150 quilômetros, os leva diretamente ao centro da cidade. É uma artéria.

Mas eu já perdi muito tempo, e não importa o quanto eu acelere, simplesmente não consigo alcançá-los. Eu não conseguirei pegá-los

antes da ponte. Estou me aproximando e, se eu aumentar a velocidade o suficiente, talvez consiga alcançá-los antes de cruzar o Hudson.

Há uma antiga cabine de pedágio na base da ponte, que forçava os veículos a ficarem em fila única para passarem por ela. Antes, também havia uma barricada que impedia que os carros passassem, mas esta foi derrubada há muito tempo. Os comerciantes de escravos passam velozmente pela estreita passagem, uma placa pendurada acima deles, enferrujada e capenga, indica: "Sem Parar".

Eu os sigo e atravesso correndo a ponte, cheia de postes enferrujados que não funcionam há anos, com os metais todos retorcidos e dobrados. Ao ganhar velocidade, noto que um dos veículos, ao longe, freou repentinamente cantando os pneus. Isso me deixa perplexa – não entendo o que eles estão fazendo. De repente, vejo que um dos comerciantes de escravos sai do carro, põe algo na estrada e, então, volta para o carro e vai embora. Isso me dá uma preciosa vantagem. Estou cada vez mais perto de seu veículo, a quatrocentos metros, sinto que vou alcançá-los. Eu ainda não entendi porque eles pararam – ou o que eles colocaram.

De repente, eu entendo – e aciono os freios com tudo.

"O que você está fazendo?" Ben grita. "Por que está parando!?"

Mas eu o ignoro enquanto breco com mais força ainda. Freio muito forte, muito rápido. Nossa moto não consegue pegar tração com a neve e começamos a girar e escorregar, dando voltas e mais voltas em círculos. Por sorte, há grades de metal, e nós batemos com força sobre elas ao invés de cairmos no rio congelante abaixo de nós.

Damos giros voltando para o meio da ponte. Aos pouco, estamos freando, nossa velocidade diminui e eu só espero que possamos parar a tempo. Porque agora eu sei – tarde demais, o que eles deixaram na estrada.

Há uma enorme explosão. Fogo atinge o céu quando a bomba detona.

Uma onda de calor vem em nossa direção, estilhaços voam. A explosão é intensa, há chamas por todos os lados, e uma força nos golpeia como um tornado, nos levando para trás. Posso sentir o

calor abrasando minha pele, envolvendo-nos, mesmo com as roupas. Centenas de fragmentos de estilhaços batem em meu capacete, o barulho alto ecoando em minha cabeça.

A bomba fez um estrago tão grande que destruiu a ponte em dois, criando um buraco de nove metros entre os dois lados. É impossível cruzá-la agora. E, o pior de tudo, estamos caindo direto em um buraco que nos fará despencar centenas de metros. Foi uma sorte ter brecado naquele instante, quando a explosão estava ainda a uns quinze metros de nós. Mas nossa moto não para de escorregar, levando-nos até o buraco.

Finalmente, nossa velocidade cai para cinquenta km/hr, então trinta, depois vinte... Mas a moto não irá parar completamente neste gelo, e eu não consigo parar de deslizar em direção ao centro da ponte – agora apenas um enorme abismo.

Eu empurro os freios o mais forte que consigo, tentando de tudo. Mas percebo que nada disso adiantará agora, que continuaremos escorregando descontroladamente para nossas mortes.

E a última coisa que eu penso, antes de cairmos, é que eu espero que Bree tenha uma morte melhor que a minha.

PARTE II

CINCO

Cinco metros... três... dois... A moto vai desacelerando, mas não o suficiente, nós estamos a poucos metros de distância da beira. Eu me preparo para a queda, meio sem entender que é assim que irei morrer.

Então, a coisa mais impossível acontece: eu ouço um estrondo e sou lançada para frente, quando a moto bate em alguma coisa e, assim, para por completo. Um pedaço de metal, arrancado durante a explosão, projetou-se da ponte e se alojou no raio de nossa roda dianteira.

Fico em estado de choque enquanto estou sentada na motocicleta. Aos poucos, olho para baixo e meu coração para quando percebo que estou pendurada no ar, na borda do abismo. Não há absolutamente nada abaixo de mim. Cem metros abaixo, eu posso ver o gelo esbranquiçado do Hudson. Fico confusa por não entender como não estou caindo.

Eu olho para o lado e vejo que a outra parte da minha moto – o sidecar – ainda está na ponte. Ben, que parece ainda mais perplexo do que eu, continua sentado nele. Ele perdeu seu capacete em algum lugar pelo caminho, suas bochechas estão cobertas de fuligem, carbonizadas pela explosão. Ele olha para mim e depois para o abismo, e então de volta para mim, sem acreditar, surpreso que eu ainda esteja viva.

Percebo que é seu peso, no sidecar, que está me equilibrando, me impedindo de cair. Se eu não o tivesse trazido comigo, eu estaria morta agora.

Preciso fazer alguma coisa antes que a moto inteira acabe caindo. Lentamente, delicadamente, eu tiro meu corpo dolorido do assento e subo no sidecar, em cima de Ben. Então subo nele, coloco meus pés no pavimento e, aos poucos, vou puxando a moto.

Ben entende o que eu estou fazendo e sai do sidecar para me ajudar. Juntos, nós afastamos a moto da beira e a deixamos novamente em terra firme.

Ben olha para mim com seus grandes olhos azuis, parece que ele havia acabado de sair de uma guerra.

“Como você sabia que era uma bomba?” ele pergunta.

Dou de ombros. De alguma forma, eu simplesmente sabia.

“Se você não tivesse freado aquela hora, estaríamos mortos,” ele diz, agradecido.

“Se você não estivesse sentado no sidecar. Eu estaria morta,” eu respondo.

Touché. Agora estamos em dívida um com o outro.

Nós dois olhamos para o abismo. Eu desvio o olhar para cima e vejo os carros dos comerciantes de escravos distantes, chegando ao outro lado do rio.

“E agora?” ele pergunta.

Eu olho para todos os lados, frenética, pensando em nossas opções. Eu encaro o rio de novo. Ele está completamente branco, congelado com gelo e neve. Olho para cima e para baixo, por a extensão do rio, procurando por outras pontes, outras maneiras de cruzá-lo. Não vejo nenhuma.

Neste momento, eu percebo o que devo fazer. É arriscado. Realmente, é provável que nos leve à morte. Mas eu tenho que tentar. Eu me prometi. Não vou desistir. Não importa o que aconteça.

Eu pulo de novo na moto. Ben me segue, entrando no sidecar. Coloco meu capacete de volta e aciono o acelerador, indo na direção de onde viemos.

“Onde você está indo?” ele diz em voz alta. “Estamos indo para o lado errado!”

Eu o ignoro, acelerando pela ponte, voltando para o nosso lado do Hudson. Assim que passo a ponte, vou para a esquerda, em direção a Rua Spring, voltando para a cidade de Catskill.

Recordo de ter vindo aqui quando criança, com papai, e a estrada levava direto à beira do rio. Nós costumávamos pescar, parávamos lá mesmo e nem precisávamos sair do caminhão.

Lembro-me de ficar surpresa que podíamos dirigir sobre a água. E, agora, um plano se forma em minha mente. Um plano muito, muito arriscado.

Passamos por uma pequena igreja abandonada e por um cemitério a nossa direita, as lápides sobressaindo na neve, típico de um povoado de Nova Inglaterra. Espanta-me que, com o mundo inteiro saqueado e destruído, os cemitérios continuam, aparentemente, intactos. É como se os mortos dominassem a terra.

A estrada chega a uma bifurcação; pego a direita na Rua da Ponte e desço a íngreme colina. Após algumas quadras, chego às ruínas de um grande prédio de mármore, o "Palácio da Justiça do Condado de Greene", ainda enfeitando seu pórtico; viro à esquerda na Rua Principal e desacelero, por onde uma vez foi a cidade do rio tranquilo de Catskill. Há lojas alinhadas nos dois lados, construções queimadas, prédios derrubados, janelas estilhaçadas e veículos abandonados. Não há nenhuma alma à vista. Eu corro pelo centro da Rua Principal, não há eletricidade e passo por semáforos que não estão mais funcionando. Não que eu fosse parar caso eles estivessem.

Passo pelas ruínas do posto do correio a minha esquerda, e desvio de uma pilha de escombros na rua, ruínas de uma casa que deve ter desmoronado em algum momento. A rua continua descendo, serpenteando e o caminho vai se estreitando. Passo por barcos enferrujados, agora encalhados, suas carcaças destruídas. Atrás deles, estão imensas estruturas corroídas, que um dia foram depósitos de combustíveis redondos, alcançando uns 30 metros de altura.

Viro à esquerda, em direção ao parque junto ao mar, agora coberto de ervas daninhas. Tudo o que sobrou foi uma placa onde se lê "Desembarque do Holandês". O parque se projeta para dentro do rio e a única coisa que separa a rua da água são algumas pedras com espaços entre elas. Meu objetivo é passar entre um desses espaços, abaixo meu visor e acelero a moto com tudo. É agora ou nunca. Já sinto meu coração disparando.

Ben deve ter entendido o que eu estou fazendo. Ele se senta ereto, agarrando as laterais da moto aterrorizado.

“PARE!” ele berra. “O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?”

Mas não há como parar agora. Ele quem quis vir junto nesta viagem e não há como voltar. Eu até perguntaria se ele quer sair, mas não há tempo a perder; além disso, se eu parar, talvez nunca mais recupere a coragem de fazer o que estou prestes a fazer.

Eu verifico o velocímetro: 90... 100... 125...

“VOCÊ ESTÁ NOS LEVANDO PARA O RIO!” ele grita.

“ESTÁ COBERTO DE GELO!” eu respondo, também gritando.

“O GELO NÃO VAI AGUENTAR!” ele grita de volta.

145... 160... 175...

“NÓS VAMOS DESCOBRIR!” eu respondo.

Ele está certo. O gelo talvez não aguente. Mas não vejo outra saída. Preciso cruzar esse rio e não tenho outra ideia.

190... 210... 225...

O rio está vindo muito rápido em nossa direção.

“DEIXE-ME SAIR!” ele grita, desesperado.

Mas não há mais tempo. Ele devia saber no que estava se metendo.

Eu acelero uma última vez.

E então nosso mundo fica branco.

S E I S

Conduzo a moto pelo estreito espaço entre as pedras e, depois disso, só sei que saímos voando. Por um segundo, estamos no ar, me pergunto se o gelo irá nos sustentar quando colidirmos – ou se irá rachar e cairemos diretamente na água gelada, indo para uma morte certa e brutal.

Um segundo depois, meu corpo inteiro se sacode, como se tivéssemos batido em concreto.

Gelo.

Nós colidimos a 225 km/h, mais rápido do que eu esperava e, ao aterrissar, perco o controle. Os pneus não conseguem tração e a minha condução mais parece um escorregão sob controle; faço o melhor que posso para direcionar o guidão, que balança loucamente. Mas, para minha surpresa e alívio, ao menos o gelo está nos segurando. Continuamos voando pela sólida camada de gelo que é o Rio Hudson, virando para a esquerda e para a direita, mas pelo menos, indo na direção correta. Ao mesmo tempo, peço a Deus para que o gelo nos aguarde.

De repente, ouço o horrível som de gelo se quebrando às minhas costas, ainda mais alto que o barulho do motor. Olho por cima de meu ombro e vejo uma enorme rachadura se formando, seguindo o rastro de nossa moto. O rio se abre atrás de nós. O que nos salva é que estamos indo tão rápido que a quebra não irá nos alcançar, está sempre trinta centímetros atrás. Se nosso motor e pneus aguentarem mais alguns segundos, talvez, apenas talvez, nós conseguiremos deixá-la completamente para trás.

“DEPRESSA!” berra Ben, os olhos arregalados de medo enquanto olha por cima de seu ombro.

Vou o mais rápido que consigo, chegando a 240 km/h. Estamos a 30 metros de distância da margem oposta e chegando mais perto.

Vamos, vamos! Eu penso. Só mais alguns metros.

De repente, há uma tremenda colisão e meu corpo é empurrado para frente e para trás. Ben geme de dor. Meu mundo treme e gira, é quando percebo que chegamos ao outro lado. Atravessamos a 240 km/h, nos chocamos com força contra um barranco, chicoteando bruscamente nossas cabeças para trás. Mas, após alguns solavancos, nós conseguimos sair da margem.

Nós conseguimos. Chegamos a terra.

Atrás de nós, o rio agora está completamente dividido, partido em dois, a água invadindo o gelo. Não acho que conseguiríamos fazer isso de novo.

Mas não há tempo para pensar nisso agora. Trato de recuperar o controle da moto novamente e diminuir sua velocidade, já que estamos indo rápido demais para o meu gosto. Porém, a moto está lutando contra mim, seus pneus ainda tentando conseguir tração – e, de repente, passamos por cima de algo incrivelmente duro e desnivelado, o que faz minha mandíbula bater em meus dentes.

Eu olho para baixo: trilhos de trem. Eu havia me esquecido. Ainda há trilhos antigos aqui, ao longo do rio, da época em que os trens ainda funcionavam. Batemos com força neles quando atravessamos o rio e, enquanto passamos por cima, a moto balança tão violentamente que eu quase solto o guidão. Incrivelmente, os pneus ainda estão aguentando e nós cruzamos os trilhos e chegamos a uma estrada que corre paralela ao rio. Eu finalmente consigo desacelerar a moto para 110 km/h. Passamos por uma carcaça enferrujada de um velho e enorme trem, tombado de lado e queimado e eu viro bruscamente à esquerda, em uma estrada com uma antiga placa escrita “Greendale”. É uma estrada rural estreita, com uma íngreme subida, longe do rio.

Perdemos velocidade enquanto subimos o aclive. Eu rezo para que a moto consiga andar pela neve sem escorregar para baixo. Acelero mais ainda quando a velocidade cai. Estamos a 30 km/h quando, finalmente, terminamos de subir a colina. Nivelamos em terreno plano e vou ganhando mais velocidade de novo, voando por essa estreita estrada, que nos leva alternativamente através de bosques, depois fazendas, bosques novamente e então por um

quartel de bombeiros antigo e abandonado. E continua, subindo e descendo, serpenteando, levando-nos a casas de campo abandonadas, passando por rebanhos de cervos e bandos de gansos, até uma pequena ponte do condado que atravessa um riacho.

Finalmente ela emerge em outro caminho, a rua da Igreja, bem nomeada, já que passamos pelos destroços de uma enorme igreja Metodista a nossa esquerda e seu cemitério anexo – claro, ainda intacto.

Há apenas um caminho que os comerciantes de escravos podem pegar. Se eles quiserem a Taconic, o que eles provavelmente devem querer, então não há outro jeito a não ser ir pela Rota 9. Eles estão indo de Norte a Sul – e nós, de Oeste a Leste. Meu plano é enfrentá-los. E, agora, finalmente, *eu* tenho a vantagem. Eu cruzei o rio um quilômetro e meio mais ao sul do que eles. Se eu for rápida o suficiente, eu posso até sair à frente deles. Finalmente estou me sentindo otimista. Eu posso alcançá-los – e eles nunca esperariam por isso. Vou colidir com eles perpendicularmente e talvez eu possa até acabar com eles.

Acelero a moto de novo, chegando a 225 km/h.

“ONDE VOCÊ ESTÁ INDO?” Ben grita.

Ele parece chocado, mas eu não tenho tempo para me explicar: ao longe, eu, repentinamente, avisto o carro deles. Estão exatamente aonde eu achei que estariam. E não estão me vendo. Não veem que estou em linha reta, pronta para bater neles.

Seus carros andam em fila única, com uns vinte metros entre um e outro e eu percebo que não posso pegar os dois juntos. Preciso escolher um deles. Decido mirar no que está à frente: se eu conseguir tirá-lo da estrada, pode ser que o de trás tente breicar, derrape e também se choque. É um plano arriscado: o impacto certamente pode nos matar. Mas não vejo alternativa. Eu não posso pedir a eles que parem. Eu só rezo para que, se eu conseguir, Bree sobreviva.

Eu aumento minha velocidade, me aproximando deles. Estou a noventa metros de distância... 50... 30...

Finalmente, Ben percebe o que estou prestes a fazer.

“O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO!?” ele grita, eu posso ouvir o medo em sua voz. “VOCÊ VAI BATER NELES!”

Ele finalmente entende. É exatamente isso que eu pretendo fazer.

Eu acelero uma última vez, chegando a 240, mal consigo respirar enquanto vamos correndo a toda velocidade na estrada. Segundos depois, vamos voando pela Rota 9 – e batemos diretamente no primeiro veículo. Uma colisão perfeita.

O impacto é tremendo. Eu sinto o impacto de metal com metal, sinto meu corpo sendo empurrado violentamente, e então sou lançada da moto para o ar. Vejo um mundo de estrelas ao voar. Percebo que é isso que se sente ao morrer.

SETE

Eu voo pelo ar, de cabeça, e finalmente sinto que caio na neve, o impacto esmaga minhas costelas e me deixa sem ar. Vou dando voltas e mais voltas, rolando sem conseguir parar, batendo em todas as direções e me machucando por todas as partes. O capacete ainda em minha cabeça, e eu agradeço por isso, pois sinto minha cabeça ir de encontro a várias pedras no chão. Atrás de mim está o alto som de metal amassando.

Fico ali, parada, pensando no que eu acabei de fazer. Por um momento, sou incapaz de me mover. Mas então penso em Bree e me obrigo a fazê-lo. Aos poucos, movimento uma perna, levanto um braço, testando-os. E, quando o faço, sinto uma dor torturante nas minhas costelas do lado direito, suficiente para me deixar sem fôlego. Eu quebrei uma delas. Com extrema força, consigo me virar de lado. Levanto meu visor, olho em volta e observo a cena.

Eu bati no primeiro carro com tanta força que ele tombou de lado; e está ali, com os pneus rodando. O outro veículo derrapou, mas ainda está de pé; em uma vala, ao lado da estrada, a uns cinquenta metros a minha frente. Ben ainda está no sidecar; não sei dizer se vivo ou morto. Parece que sou a primeira a recuperar consciência. Não parece haver mais nenhum sinal de vida aqui.

Eu não perco tempo. Sinto mais dores do que nunca – como se eu tivesse acabado de ser atropelada por um caminhão – mas penso de novo em Bree, e de algum jeito, reúno energia para continuar me mexendo. Eu tenho a vantagem agora, enquanto todos ainda estão se recuperando.

Coxeando, sentindo uma dor latejante em minhas costelas, eu vou mancando até o carro que tombou. Eu rezo para que Bree esteja nele, ilesa, e que eu possa tirá-la daqui de alguma forma. Eu

me abaixo, pego minha arma e vou me aproximando, segurando-a com cautela a minha frente.

Eu olho dentro e vejo que os dois comerciantes de escravos estão caídos em seus assentos, cobertos de sangue. Os olhos de um estão abertos, claramente está morto. O outro também parece estar. Rapidamente olho para o banco de trás, esperando ver Bree.

Mas ela não está lá. Ao invés dela, eu vejo dois outros adolescentes – um menino e uma menina. Eles estão sentados ali, paralisados de medo. Não consigo acreditar. Bati no carro errado.

Procuro imediatamente pelo outro carro no horizonte, o que está em uma vala e, quando o encontro, ele de repente acelera o motor e suas rodas giram. Está tentando fugir. Eu começo a correr em sua direção, quero alcançá-lo antes que ele consiga sair. Meu coração palpita em minha garganta, sabendo que Bree está ali, a apenas cinquenta metros de distância.

Justo quando eu estou a ponto de entrar em ação, eu ouço uma voz.

“AJUDE-ME!”

Olho em volta e vejo Ben, ele está sentado no sidecar, tentando sair. Chamas estão se espalhando pela moto, atrás do tanque de combustível. Minha moto está pegando fogo. E Ben está preso. Fico ali parada, indecisa, olhando para frente e para trás entre Ben e o carro onde está minha irmã. Eu preciso resgatá-la. Mas, ao mesmo tempo, não posso deixá-lo morrer. Não desse jeito.

Desesperadamente, corro até ele. Eu o agarro, sentindo o calor das chamas nas suas costas e o puxo, tentando tirá-lo de lá. Mas o metal do sidecar se dobrou sobre suas pernas, prendendo-o. Ele tenta ajudar também, e eu o puxo de novo e de novo, as chamas crescendo. Estou suando, grunhindo, enquanto tento retirá-lo com toda a minha força. Finalmente, consigo libertá-lo.

E assim que o faço, a motocicleta explode.

O I T O

A explosão nos faz voar pelos ares e eu aterrisso batendo minhas costas com força contra a neve. Pela terceira vez esta manhã, estou sem ar.

Eu olho para o céu, vejo estrelas, tento acalmar minha mente. Eu ainda consigo sentir o calor em meu rosto devido à intensidade das chamas e meus ouvidos estão zunindo.

Enquanto tento ficar de joelhos, sinto uma dor latejante no meu braço direito. Eu dou uma olhada e percebo que um pequeno pedaço de estilhaço está saindo da ponta do meu bíceps, deve ter uns cinco centímetros de comprimento, é uma peça de metal retorcida. Dói para diabos.

Eu o seguro e, sem pensar, em um rápido movimento, pego sua extremidade, aperto meus dentes e o empurro. Por um momento, sinto a maior dor da minha vida quando o metal atravessa meu braço inteiro e sai pelo outro lado. Sangue escorre pelo meu braço e cai na neve, manchando minha jaqueta.

Rapidamente, tiro uma das mangas e vejo sangue em minha blusa. Rasgo um pedaço da manga com meus dentes, pego esse pedaço e o amarro sobre a ferida, então visto a jaqueta novamente. Eu espero que isso estanque o sangue. Consigo me sentar e, ao olhar em volta, vejo o que sobrou da moto de meu pai: um monte de pedaços de metais inúteis, queimando. Agora estamos presos.

Olho para Ben. Ele parece atordoado também, está apoiado sobre suas mãos e joelhos, respirando com dificuldade, suas bochechas escuras pela fuligem. Pelo menos ele está vivo.

Eu ouço o som de motor e vejo, à distância, que o outro carro conseguiu tração. Já está partindo em direção à estrada, ganhando velocidade, com minha irmã dentro. Estou furiosa com Ben por tê-la perdido. Preciso alcançá-los,

Olho para o carro do comerciante de escravo a minha frente, ainda tombado, e me pergunto se ele ainda funciona. Vou até ele, determinada a tentar.

Eu o empurro com toda a força que tenho, tentando deixá-lo em pé novamente. Mas é muito pesado, mal se movimenta.

“Ajude-me!” eu grito para Ben.

Ele levanta e vem correndo para meu lado, mancando. Ao meu lado, juntos, nós empurramos com toda a força que temos. O carro é mais pesado do que eu imaginava, sobrecarregado com todas as suas barras de aço. Ele balança cada vez mais e, finalmente, após um grande empurrão, ele volta a ficar sobre os quatro pneus, parando na neve com um barulho.

Eu não perco tempo. Abro a porta do motorista, agarro o cadáver pela camiseta com minhas duas mãos e o arranco do assento. Seu torso está coberto de sangue e minhas mãos ficam vermelhas quando o jogo na neve.

Inclino-me e examino o comerciante de escravo que está no banco de passageiros. Seu rosto está coberto de sangue também, mas eu não tenho certeza se ele está morto. Na verdade, olho mais de perto e detecto alguns sinais de movimento. Ele se mexe em seu assento. Está vivo.

Inclino-me no carro e o pego pela camiseta, com os punhos apertados. Seguro minha arma contra sua cabeça e o balanço com força. Finalmente, seus olhos se abrem. Ele pisca, desorientado.

Suponho que os outros comerciantes de escravos estejam indo para a Arena Um. Mas eles se encontram tão a nossa frente que eu preciso garantir. Chego mais perto dele.

Ele vira e olha para mim e, por um momento, fico impressionada: metade de seu rosto está derretido. É uma ferida antiga, anterior ao acidente, o que significa que ele é uma Biovítima. Ouvi rumores sobre essas pessoas, mas jamais havia visto uma. Quando lançaram as bombas nucleares nas cidades, os poucos que sobreviveram ao ataque direto têm cicatrizes e dizem por aí que são mais sádicos e agressivos que os outros. Nós os chamamos de “os Loucos”.

Preciso tomar ainda mais cuidado com este aqui. Aperto minha arma com mais força.

“Para onde eles a estão levando?” eu exijo, com meus dentes apertados.

Ele olha de volta perdido, como se tentasse entender. Porém, tenho certeza de que ele sabe do que estou falando.

Coloco o canhão na sua bochecha, para ele saber que estou falando sério. E estou mesmo. Cada segundo que passa é precioso, eu posso sentir Bree cada vez mais longe, se afastando de mim.

“Eu disse, para onde eles a estão levando?”

Finalmente, seus olhos se abrem, parece estar com medo. Acho que ele entendeu a mensagem.

“Para a Arena,” ele finalmente fala, rouco.

Meu coração palpita, meus piores medos confirmados.

“Qual delas?” pergunto.

Eu rezo para que ele não diga *Arena Um*.

Ele pausa, e eu posso ver que ele está em dúvida em contar ou não. Aperto a pistola mais forte contra seu rosto.

“Ou você me fala agora ou está morto!” eu grito, surpresa com a ira em minha voz.

Finalmente, após uma longa pausa, ele responde: “Arena Um.”

Meu coração aperta, meus piores medos confirmados. Arena Um. Manhattan. Dizem que é a pior de todas. Isso só pode significar uma coisa: morte certa para Bree.

Eu sinto uma nova onda de raiva contra este homem, este desgraçado, este comerciante de escravos, a parte mais nojenta da sociedade, que veio até aqui em cima para raptar minha irmã e Deus sabe mais quem, para alimentar a máquina, só para que outros possam assistir pessoas indefesas mantendo umas as outras. Todas essas mortes sem sentido, apenas para puro entretenimento. É o suficiente para que eu queira matá-lo agora mesmo.

Mas eu tiro a arma de sua bochecha e afrouxo meu punho. Sei que deveria matá-lo, mas não posso fazer isso. Ele respondeu minhas perguntas e, de alguma forma, sinto que executá-lo não seria justo. Então, ao invés disso, vou abandoná-lo. Vou chutá-lo do carro e deixá-lo aqui, o que significa uma morte lenta de fome. Não há como um comerciante de escravos sobreviver sozinho na natureza. São habitantes das cidades e não sobreviventes como nós.

Quando vou me inclinar para pedir a Ben que tire este comerciante de escravos do car quando, de repente, eu percebo um movimento com o canto dos meus olhos. O comerciante de escravos mexe em seu cinto, mais rápido do que eu imaginava que conseguia. Ele me enganou: na verdade, encontra-se em bom estado.

Ele tira uma arma mais rápido do que eu achava que era possível. Antes que eu possa entender tudo o que está acontecendo, ele a levanta em minha direção. Idiotice minha tê-lo subestimado.

Algum instinto toma conta de mim, talvez alguma coisa herdada de meu pai e, sem pensar direito, eu levanto minha pistola e, antes que ele possa atirar, eu disparo.

N O V E

O disparo da arma de fogo é ensurdecedor e, um momento depois, o carro está salpicado de sangue. E eu estou tão cheia de adrenalina que não faço ideia de quem disparou primeiro.

Fico chocada quando olho para baixo e percebo que eu atirei em sua cabeça.

Um grito ecoa. Olho para o banco traseiro e vejo a garota sentada atrás do banco do motorista tremendo. Ela, de repente, inclina-se, se impulsiona para sair pela parte da frente, pula e sai correndo pela neve.

Por um momento, penso se devo ir atrás dela ou não – ela claramente está em choque e, no seu estado, eu duvido que ela saiba onde está indo. Nesse tempo e neste local remoto, duvido que ela possa sobreviver por muito tempo.

Mas eu penso em Bree e preciso me manter focada agora. Ela é tudo que importa. Não posso perder tempo indo atrás desta menina. Eu a vejo correr e me parece estranho pensar que seja bem mais nova do que eu. Na verdade, ela provavelmente tem quase a mesma idade que eu.

Eu vejo a reação do menino capturado no banco de trás, deve ter uns doze anos. Mas ele só está sentado, paralisado, em estado catatônico. Não está nem piscando. Penso se talvez ele não esteja em algum transe psicótico. Eu paro e olho para Ben, que ainda está lá, olhando para o cadáver. Não diz uma palavra sequer.

De repente, me dou conta da gravidade do que eu acabei de fazer: eu acabei de matar um homem. Nunca, na minha vida, eu achei que faria isso. Eu sempre me senti mal de matar animais, percebo que eu devia estar me sentindo péssima.

Mas eu estou insensível demais. Neste momento, tudo que eu sinto é que eu fiz o que tinha que fazer para me defender. Afinal de

contas, ele era um comerciante de escravos e veio até aqui para nos fazer mal. Percebo que eu deveria sentir remorso – mas não sinto. Isso me assusta. Não consigo deixar de me perguntar se pareço mais com papai do que eu gostaria de admitir.

Ben não faz nada, ainda está parado, olhando, então eu corro para o lado do carro dele, abro a porta de passageiro e começo a retirar o corpo. É pesado.

“Ajude aqui!” eu falo rispidamente. Estou incomodada pela sua falta de ação – especialmente enquanto os outros comerciantes de escravos estão fugindo.

Finalmente, Ben se apressa e vem me ajudar. Nós arrastamos o comerciante de escravo morto, o sangue manchando nossas roupas, andamos alguns metros e então o jogamos na neve, que vai se tornando vermelha. Eu me abaixo e, rapidamente, começo a tirar a pistola e a munição do cadáver, percebo que Ben está passivo demais ou não está pensando direito.

“Pegue as roupas dele,” eu falo. “Você vai precisar delas.”

Eu não tenho tempo a perder. Corro de volta para o carro, abro a porta do lado do motorista e entro. Estou prestes a girar as chaves quando, de repente, eu olho para baixo para ver a ignição. Não estão lá.

Meu ânimo afunda. Procuro pelo chão do carro, desesperadamente, e então pelos bancos, pelo painel do carro. Nada. As chaves devem ter caído durante a batida.

Olho para fora e noto algumas marcas estranhas na neve que podem indicar o rastro das chaves. Eu me ajoelho e inspeciono freneticamente o local, procurando. Estou cada vez mais desesperada. É como procurar agulha em um palheiro.

Mas, de repente, um milagre acontece: minha mão encosta-se a algo pequeno. Eu mexo na neve com mais cuidado e sou invadida de alívio quando vejo que são as chaves.

Pulo de volta no carro, giro a ignição e o carro ruge ao tomar vida. Este veículo é algum tipo de carro potente modificado, alguma coisa como um velho Camaro, o motor ronca muito alto; já posso dizer que será uma viagem bem rápida. Só espero que seja rápido o suficiente para alcançar o outro veículo.

Estou prestes a dar partida no carro e ir embora quando vejo Bem, ainda parado, olhando para o cadáver. Ele ainda não tirou as roupas do corpo, está lá parado, apesar do frio. Suponho que ver uma morte o afetou mais do que a mim. Já perdi toda a minha paciência e considero simplesmente ir embora sem ele; mas não seria justo deixá-lo sozinho aqui, especialmente depois que ele – ou o peso de seu corpo, pelo menos – me salvaram de cair da ponte.

“EU ESTOU INDO EMBORA!” grito para ele. “ENTRE NO CARRO!”

Isto o faz voltar a si. Ele vem correndo, entra e fecha a porta. E, quando estou a ponto de acelerar, ele olha vira para trás e olha para os bancos traseiros.

“E quanto a ele?” pergunta.

Eu sigo seu olhar e vejo, no banco de trás, o garoto catatônico, ainda sentado e olhando.

“Você quer sair?” eu pergunto ao garoto. “Agora é sua chance.”

Mas ele não responde. Eu não tenho o luxo do tempo para resolver seus problemas; já aconteceram atrasos demais. Se ele não se decide, eu decido por ele. Vir conosco pode matá-lo – mas deixá-lo por aqui também. Ele virá com a gente.

Saio cantando os pneus, voltando à estrada com um barulhão. Estou grata que este carro ainda esteja funcionando e que é ainda mais rápido do que eu havia imaginado. Também estou contente de ver que ele se dá bem com a pista com neve. Piso na embreagem e no acelerador para mudar para segunda marcha, terceira, quarta... Que bom que papai me ensinou a dirigir com velocidade – outra coisa masculina que eu provavelmente não deveria ter aprendido quando adolescente e outra coisa que na época eu não havia gostado, mas que hoje eu agradeço. Vejo o velocímetro subindo: 130... 145... 160... 170... Não tenho certeza até onde posso forçá-lo. Tenho medo de que, se formos rápido demais, eu perca o controle na neve, especialmente porque esta estrada não tem manutenção há anos e, coberta de neve, não consigo ver os buracos. Se a gente cair em um buraco ou acertar um pedaço de gelo, podemos sair da pista. Acelero só um pouco mais, até 210 e decido seguir com esta velocidade.

Olho para Ben, que acabara de afivelar seu cinto de segurança e agora está agarrando o painel de controle, seus nós dos dedos brancos, olhando diretamente para a estrada, com medo.

“Você o matou,” ele fala.

Eu mal consigo escutá-lo com o ruído do motor e penso se eu apenas não imaginei isso, ou se foi minha consciência falando. Mas Ben se dirige a mim e repete:

“Você matou aquele homem,” ele diz mais alto, como se estivesse surpreso que tal coisa pudesse acontecer.

Não sei muito bem o que responder.

“Sim, eu matei,” falo, finalmente, aborrecida. Não preciso que ninguém fique me lembrando disso. “Você tem algum problema com isso?”

Lentamente, ele sacode sua cabeça. “Eu nunca havia visto um homem ser morto.”

“Eu fiz o que tinha que fazer,” respondo bruscamente, na defensiva. “Ele ia pegar a arma dele.”

Acelero até alcançar 220 e, ao fazermos a curva, fico aliviada de avistar o outro carro no horizonte. Estou alcançando-os, acelerando mais rápido do que eles se atrevem. Nesse ritmo, em alguns minutos, eu posso pegá-los. Estou motivada.

Tenho certeza que eles nos viram – eu só espero que eles não percebam que somos nós. Talvez eles achem que os outros comerciantes de escravos conseguiram voltar com o carro na estrada. Não acho que eles viram nosso encontro.

Pego ainda mais velocidade, chegando a 225, a distância começa a diminuir.

“O que você vai fazer quando alcançá-los?” Ben grita, há pânico em sua voz.

É exatamente isso que eu estava pensando. Eu ainda não sei. Só sei que tenho que pegá-los.

“Nós não podemos atirar no carro, se é isso o que você está pensando,” ele fala. “A bala pode matar meu irmão – ou sua irmã.”

“Eu sei,” respondo. “Não vamos atirar. Vamos tirá-los da estrada,” eu digo, me decidindo de repente.

“Isso é loucura!” ele berra, agarrando o painel de controle com mais força, à medida que nos aproximamos mais. A neve está batendo no nosso para-brisa sem parar, sinto-me como se estivesse em um vídeo game, perdendo o controle. A Taconic vai se estreitando à medida que avançamos.

“Isso pode matá-los!” ele grita. “De que serviria isso? Meu irmão vai morrer lá!”

“Minha irmã também está lá!” eu grito de volta. “Você acha que eu quero matá-la?”

“Então no que você está *pensando*?” ele berra.

“Você tem alguma outra ideia!?” eu retruco. “Você acha que eu deveria pedir que eles parassem?”

Ele fica em silêncio.

“Nós *temos* que pará-los,” eu continuo. “Se eles chegarem à cidade, nunca mais iremos recuperá-los. É morte certa. Ao menos, aqui, temos uma chance.”

Justo quando estou prestes a acelerar uma vez mais, os comerciantes de escravos me surpreendem ao desacelerarem repentinamente. Em momentos, eu estou ao lado deles. A princípio, não consigo entender por que eles estão fazendo isso, e então compreendo: eles acham que somos companheiros. Ainda não perceberam quem somos.

Nós paramos um pouco e, quando estou prestes a acelerar com força, para bater com tudo neles, a janela escura de passageiro se abre, revelando o rosto sorridente de um comerciante de escravos, sua máscara levantada; ele ainda acha que somos um deles.

Eu abaixo minha janela, encarando de volta: quero que ele dê uma boa olhada em mim antes de eu mandá-lo para o inferno.

Seu sorriso some na hora, sua expressão se torna uma de choque. Eu ainda tenho o elemento surpresa e, quando estou a ponto de acelerar com tudo, consigo ver Bree no banco de trás. Ela está viva. Ela olha para mim, há medo em seus olhos.

De repente, nós passamos em um buraco. O som é ensurdecedor, nosso carro chacoalha como se uma bomba tivesse explodido. É tão forte que minha cabeça bate no teto de metal, meus dentes batem uns nos outros. Sinto como se tivesse perdido

um preenchimento. Nosso carro vira descontroladamente, preciso de vários segundos para recuperar o controle e endireitá-lo. Estive perto. Foi besteira minha. Eu nunca deveria ter desviado os meus olhos da estrada. Perdemos velocidade e o outro carro acelera, está uns cinquenta metros a nossa frente. Pior ainda, agora eles sabem que não somos um deles.

Acelero novamente: 210... 225... Eu piso no acelerador até o pedal tocar no chão, mas ele não vai além. O velocímetro chega em 240. Suponho que o carro a minha frente tenha a capacidade de ir mais rápido, mas é óbvio que eles tem mais cuidado. As condições nesta estrada são arriscadas mesmo a 125 quilômetros por hora e eles não estão dispostos a tomar nenhum risco extra. Mas eu não tenho nada a perder. Se eu perder Bree, não tenho nenhum outro motivo para viver.

Estamos nos aproximando deles de novo. Eles estão a vinte e cinco metros... vinte.

De repente, a janela de passageiro deles abaixa e a luz reflete em alguma coisa brilhante. Percebo, tarde demais o que é: uma arma.

Eu piso nos freios enquanto eles disparam várias vezes. Abaixo-me e as balas atingem nosso capô e nosso para-brisa, o som metálico das balas ricocheteando ecoa em nossos ouvidos. A princípio, eu acho que estamos acabados, mas então percebo que as balas não penetraram: esse carro deve ser blindado.

“Você vai acabar nos matando!” Ben grita. “Pare com isso! Tem que haver outra saída!”

“Não há outra saída!” eu grito de volta, mais para me convencer a mim do que a ele.

Eu atravessei algum tipo de limite interior e me nego a recuar.

“Não há outra saída,” eu repito em voz baixa para mim, meus olhos presos na estrada.

Acelero uma vez mais, desviando para um lado, chegando perto deles. Com um forte movimento no volante, eu bato com força neles, ao mesmo tempo em que o comerciante de escravos pega a sua arma. Meu para-choque colide com a suas rodas traseiras. O carro deles desvia desesperadamente, assim como o meu. Por um

momento, nós dois ocupamos a estrada toda. Eles batem em uma grade de metal, voltam para a pista e batem em nosso carro, mandando-nos para a grade do nosso lado.

A estrada se abre e as grades laterais desaparecem, há terras planas de fazendas em ambos os lados. É perfeito. Sei que posso pegá-los agora. Acelero uma vez mais, preparando-me para desviar de novo. Eu os tenho perfeitamente em minha mira me preparo para girar o volante.

De repente, há um brilho de metal quando os comerciantes de escravos nos alcançam de novo, arma em punho.

“CUIDADO!” Ben grita.

Mas é tarde demais. Tiros são disparados e, antes que eu possa desviar, as balas atingem nossos pneus dianteiros. Perco completamente o controle do carro. Ben berra quando voamos pela rua. E eu também.

Meu universo está de ponta cabeça com os tombos do carro enquanto giramos de novo e de novo.

Minha cabeça bate novamente contra o teto de metal. Eu sinto o puxão do cinto de segurança cavando em meu peito, o mundo é apenas um borrão através do para-brisa. O som de metal sendo esmagado em meus ouvidos é tão alto que eu mal consigo pensar.

A última coisa que me lembro é de desejar que meu pai estivesse aqui agora, para que ele visse como cheguei longe. Pergunto-me se ele estaria orgulhoso.

E então, após uma última colisão, meu mundo se torna escuro.

D E Z

Não sei por quanto tempo eu estive inconsciente. Abro meus olhos e acordo com uma tremenda dor de cabeça. Algo está errado, mas eu ainda não sei o que é.

E então eu percebo: o mundo está de ponta cabeça.

Sinto sangue acumulando em meu rosto. Olho em volta, tentando entender o que aconteceu, onde estou, até se ainda estou viva. E, então, aos poucos, eu começo a assimilar tudo.

O carro está de virado ao contrário, o motor parou e eu ainda estou presa pelo cinto de segurança no banco do motorista. Está silencioso. Pergunto-me há quanto tempo estou sentada aqui, desse jeito. Eu tento me esticar, movendo lentamente meus braços, procurando ferimentos. Com isso, sinto uma dor aguda em meus braços e ombros. Não sei se estou ferida, nem onde e não conseguirei descobrir enquanto eu estiver pendurada de cabeça para baixo neste assento. Preciso me soltar.

Estico meus braços e, incapaz de ver a fivela, vou tateando o cinto até sentir algo frio e de plástico. Afundo meu polegar nele, mas não consigo abri-lo.

Empurro com mais força.

Vamos.

Há um clique repentino. O cinto se desprende e eu caio, aterrissando de cabeça, batendo contra o teto de metal; a queda deve ter tido uns trinta centímetros e deixa minha dor de cabeça pior ainda.

Preciso de alguns segundos para voltar a pensar claramente e, aos poucos, eu fico de joelhos. Olho a minha volta e vejo Ben ao meu lado, ele ainda está pendurado de cabeça para baixo. Seu rosto está coberto de sangue, que pinga lentamente do seu nariz, eu não sei dizer se ele está vivo ou morto. Mas seus olhos estão fechados e

eu tomo isso como um bom sinal – pelo menos eles não estão abertos e sem piscar.

Olho para o banco traseiro, buscando o garoto – e, assim que o faço, me arrependo. Ele está no canto do carro. Seu pescoço torcido em uma posição nada natural, olhos abertos e paralisados. Morto.

Eu me sinto responsável. Talvez eu devesse tê-lo forçado a sair do carro antes. Ironicamente, este menino talvez estivesse melhor com os comerciantes de escravos do que comigo. Mas não há nada que possa fazer sobre isso agora.

Ver o garoto morto reforça a gravidade do acidente; eu procuro por ferimentos em meu corpo de novo, sem sequer saber aonde procurar, já que tudo está dolorido. Quando viro meu corpo, sinto uma dor terrível em minhas costas, dói respirar fundo. Eu alcanço minhas costelas, elas estão sensíveis ao toque. Parece que eu quebrei mais uma.

Posso me mover, mas dói muito. Eu ainda sinto o ardor em meu braço do estilhaço do acidente anterior. Minha cabeça está pesada, como se fosse esmagada, meus ouvidos estão zunindo e tenho uma dor de cabeça latejante que simplesmente não me dá sossego. Eu provavelmente também tenho uma concussão.

Mas não há tempo para pensar nisso agora. Eu preciso ver se Ben está vivo. Estico meu braço o chacoalho. Ele não responde.

Penso qual é a melhor maneira de tirá-lo dali e percebo que não há nenhum jeito fácil de fazê-lo. Alcanço a fivela de seu cinto de segurança e pressionno com força. O cinto sai voando e Ben cai com força, de cabeça, no teto de metal. Ele dá um grunhido alto e eu me sinto completamente aliviada: ele está vivo.

Ele fica ali, encolhido, grunhindo. Chego perto dele e o empurro com força, de novo e de novo. Quero acordá-lo, ver o quão machucado ele está. Ele se contorce, mas ainda não parece consciente.

Eu preciso sair deste carro: sinto-me claustrofóbica aqui, especialmente estando tão perto do menino morto, que ainda está me encarando com seus olhos imóveis. Alcanço a porta, procurando pela maçaneta. Minha visão está borrada, dificultando encontrá-la, ainda mais com tudo de ponta cabeça. Utilizo minhas duas mãos,

tateando a porta e finalmente a encontro. Eu a puxo, mas nada acontece. Ótimo. A porta deve estar emperrada.

Eu puxo a maçaneta de novo e de novo, mas, novamente, nada acontece.

Então me inclino para trás, trazendo meus joelhos junto ao meu peito e chuto a porta o mais forte que consigo com os dois pés. Há um barulho de metal e uma lufada de ar frio penetra quando a porta de abre.

Saio em um mundo de branco. Está nevando novamente e mais pesado que nunca. Mas é bom estar fora do carro, me ponho de joelhos e, lentamente, me levanto. Sinto uma onda de sangue em minha cabeça e, por um momento, o mundo gira. Aos poucos, minha dor de cabeça diminui, é agradável estar em posição vertical, em pé, respirando ar fresco. Enquanto tento me manter parada, a dor em minhas costelas piora, assim como a dor no meu braço. Movimento meus ombros para trás e sinto uma rigidez, uma dor toda espalhada. Mas nada parece estar quebrado e eu não vejo nenhum sangue. Que sorte.

Corro até a porta do passageiro, me apoio em um joelho e trato de abri-la. Enfio minhas mãos no carro e agarro Ben pela camiseta, tento arrastá-lo para fora. Ele é mais pesado do que eu suspeitava e eu preciso movê-lo com força; Vou puxando-o devagar, mas com firmeza e finalmente o levo até a neve fresca. Ele cai de cara na neve e isso o acorda. Ele se vira para um lado, tirando a neve de seu rosto. Então fica apoiado sobre suas mãos e pés e abre seus olhos, ele permanece encarando o chão, respirando com dificuldade. Enquanto isso, sangue goteja de seu nariz e mancha de vermelho, o branco da neve.

Ele pisca várias vezes, desorientado, se vira e olha para mim, levantando uma mão para proteger seus olhos da neve que cai.

“O que aconteceu?” ele pergunta, com dificuldade para falar.

“Nós tivemos um acidente,” eu respondo. “Você está bem?”

“Eu não consigo respirar,” ele diz, em tom nasal, colocando as mãos sobre seu nariz para segurar o sangue. Quando ele inclina para trás, posso finalmente ver: ele quebrou o nariz.

“Seu nariz está quebrado,” eu falo.

Ele olha para mim, compreendendo aos poucos, seus olhos cheios de medo.

“Não se preocupe,” eu digo, indo em sua direção. Aproximo-me e coloco minhas duas mãos em seu nariz. Lembro-me de quando meu pai me ensinou como consertar um nariz quebrado. Era tarde da noite, depois que ele havia voltado para casa, vindo de uma briga de bar. Eu não conseguia acreditar. Ele me fez assistir, disse que seria bom para mim, que aprenderia algo útil. Ele ficou no banheiro, em pé, enquanto eu via tudo, inclinou-se sobre o espelho, segurou seu nariz e o fez. Eu ainda lembro o barulho de estalo que fez.

“Não se mova,” eu disse.

Com um movimento rápido, ponho minhas mãos e empurro com força os dois lados do seu nariz torcido, deixando-o reto. Ele urra de dor e eu me sinto péssima. Mas eu sei que é isso que precisava para colocá-lo em seu lugar e estancar o fluxo de sangue. Abaixo-me, coloco um punhado de neve nas mãos de Ben, e o instruo de modo a mantê-lo contra seu nariz.

“Isso vai parar o sangramento e reduzir o inchaço,” eu falo.

Ben segura o punhado de neve em seu nariz e, em alguns minutos, este se torna vermelho. Desvio meu olhar.

Dou um passo para trás e observo nosso carro: ele está lá, de cabeça para baixo, seu chassi visível para o céu. Seus três pneus intactos ainda giram, bem devagar. Eu me viro e olho de volta para a estrada. Estamos a uns trinta metros fora dela – realmente devemos ter tombado longe. Pergunto-me o quanto eles estão a nossa frente.

É incrível que ainda estejamos vivos, especialmente devido a nossa velocidade. Examinando este trecho da estrada, percebo como tivemos sorte: se tivéssemos batido mais atrás, teríamos caído de um precipício. E, se a neve pesada não tivesse nos protegido, tenho certeza que o impacto seria ainda pior.

Analiso nosso carro, pensando se há alguma chance de colocá-lo para funcionar de novo. Eu duvido. Isto significa que eu jamais encontrarei Bree, significa que ficaremos aqui, no meio do nada e que morreremos dentro de um dia. Não temos outra escolha: *temos* que achar um jeito de fazê-lo funcionar.

“Nós precisamos virá-lo,” eu digo, com uma repentina urgência. “Precisamos colocá-lo sobre os pneus e ver se ainda funciona. Preciso da sua ajuda.”

Ben lentamente entende o que estou falando e logo se apressa para vir ao meu lado, tropeçando um pouco. Nós dois ficamos lado a lado, em uma lateral do carro e começamos a empurrar.

Nós conseguimos balançá-lo e então, usando nosso impulso, empurramos mais e mais. Necessito de toda a minha força, posso sentir que estou escorregando na neve, posso sentir a dor rasgando meus bíceps através das costelas.

O carro balança em oscilações cada vez maiores e, bem quando eu me pergunto se poderíamos continuar com isso, damos um último empurrão final. Levanto meus braços acima de minha cabeça, empurrando mais e mais, andando pela neve ao mesmo tempo.

É o suficiente. O carro chega a certo ponto de inclinação que, de repente, vira e cai sobre suas quatro rodas. Uma grande nuvem de neve se levanta. Eu fico parada, recuperando meu fôlego, assim como Bem.

Examino os danos causados. São muitos. O capô, o teto e o porta-malas parecem que foram feitos a base de marteladas. Mas, incrivelmente, as estruturas do carro continuam em forma. Contudo, há um problema evidente. Um dos pneus – o que levou um tiro – está em um estado tão deplorável que não há como dirigir o veículo.

“Talvez tenha um estepe,” Ben diz, lendo minha mente. Olho para ele, que já está correndo para o porta-malas. Fico impressionada.

Também me apresso em segui-lo. Ben pressiona o botão várias vezes, mas o porta-malas não se abre.

“Cuidado,” eu falo, e ele se afasta para que eu possa levantar meu joelho e em seguida, chutar e acertar meu calcanhar com força. Ele se abre.

Olho para baixo e fico aliviada de ver que há um estepe ali. Ben o alcança e o agarra e eu puxo o forro, abaixo dele, há um macaco e uma chave de fenda. Eu os pego e sigo Ben, que carrega o pneu estepe a minha frente. Sem perder o ritmo, ele pega o macaco, o coloca debaixo do chassi e, então, pega a chave de fenda e começa a levantá-lo. Estou surpresa de como ele se dá bem com

ferramentas e como ele levanta o carro tão rápido. Ele retira os parafusos, tira o pneu que não serve mais para nada e o joga na neve.

Ben coloca o novo pneu e eu o seguro firmemente enquanto ele coloca os parafusos de volta, um por um. Ele os aperta e então abaixa o carro e, quando damos um passo para trás para ver o resultado, parece que temos um pneu novo em folha. Ben me surpreendeu com suas habilidades em mecânica; eu jamais esperaria isso dele.

Não perco tempo e vou abrindo a porta do motorista, entro no carro e viro as chaves. Mas meu coração para quando eu ouço silêncio. O carro morreu. Tento a ignição de novo e de novo. Mas nada. Nada acontece. Parece que o acidente destruiu o carro de algum jeito. Um sentimento de que não resta mais esperança aparece. Tudo isso para nada?

“Abra o capô,” Ben fala.

Eu puxo a alavanca. Ele vai rapidamente para a frente do carro, eu também saio para me juntar a ele. Fico ao seu lado, enquanto ele põe suas mãos e mexe nos inúmeros cabos e fios dali. Estou surpresa com sua destreza.

“Você é mecânico?” eu pergunto.

“Não realmente,” ele responde. “Meu pai é. Ele me ensinou muito quando ainda tínhamos carros.”

Ele segura dois fios juntos e então há uma faísca. “Tente agora,” ele diz.

Volto logo para o carro e ligo a ignição, torcendo, rezando. Desta vez, o carro ruge para a vida.

Ben fecha o capô e eu consigo notar um sorriso orgulhoso em seu rosto, que começa a inchar devido ao nariz quebrado. Ele volta com pressa e abre a porta do seu lado. Está prestes a entrar quando, de repente, congela e fica observando o banco de trás.

Eu sigo seu olhar e então me lembro. O menino no banco de trás.

“O que deveríamos fazer com ele?” Ben pergunta.

Não há mais tempo a perder. Eu saio, pego o menino e retiro seu corpo o mais gentilmente que consigo, tentando não olhar para ele.

Eu o arrasto vários metros pela neve, até uma árvore grande e o deito ali embaixo. Olho para ele por um momento e então volto correndo para o carro.

Ben continua ali parado.

“É só isso?” ele pergunta, parece desapontado.

“O que você esperava?” eu respondo rispidamente. “Serviço funerário?”

“É que parece... um pouco insensível,” ele fala. “Ele morreu por nossa causa.”

“Eu não tenho tempo para isso,” eu digo, perdendo a paciência. “Todos nós vamos morrer de qualquer forma!”

Entro de volta no carro com marcha engatada, meus pensamentos fixos em Bree, no quão longe os comerciantes de escravos estão. Ben ainda está fechando sua porta quando eu saio em disparada.

Nosso carro sai voando pelo campo de neve, subimos por um banco íngreme e voltamos à estrada com um estrondo. Derrapamos, e então conseguimos tração. Estamos dirigindo de novo.

Eu piso no acelerador e começamos a ganhar velocidade de verdade. Estou maravilhada: este carro é invencível. Parece novo.

Em pouquíssimo tempo, estamos acima de 160 km/h. Desta vez, estou mais cautelosa, ainda chocada com o acidente. Chego a 175 mas não passo disso. Não posso arriscar ser deixada para trás de novo.

Imagino que eles estão a uns dez minutos à nossa frente, e que talvez não consigamos alcançá-los. Mas tudo pode acontecer. Só preciso que eles caiam em um buraco, que algum imprevisto lhes aconteça... Se não, eu terei que me contentar e seguir seus rastros.

“Nós temos que encontrá-los antes que eles cheguem à cidade,” Ben fala, como se lesse minha mente. Noto que ele tem o irritante hábito de fazer isso. “Se eles chegarem antes que nós, nunca mais os veremos novamente.”

“Eu sei,” eu respondo.

“E, se nós entrássemos na cidade, nunca conseguiríamos sair. Você sabe disso, não sabe?”

Exatamente o mesmo pensamento passou pela minha mente. Ele está correto. Sobre tudo o que eu ouvi, a cidade é uma armadilha para a morte, cheia de predadores. Nós não temos equipamentos suficientes para sair de lá.

Eu piso mais, ganhando mais velocidade. O motor ronca e agora estamos a 190. A neve não deu trégua, ela continua batendo e caindo no para-brisa. Penso no garoto morto, vejo seu rosto, seus olhos sem pestanejar; lembro-me como estivemos perto da morte e uma parte de mim quer ir mais devagar. Mas não tenho escolha.

Enquanto dirigimos, parece que o tempo corre a passos de tartaruga. Corremos trinta, quarenta e cinco, sessenta quilômetros... Sem parar, na neve. Estou agarrada ao volante com as duas mãos, inclinada para frente, prestando atenção à estrada, com mais cuidado do que nunca. Viro para a direita e para a esquerda a fim de desviar de buracos, como se fosse um vídeo game. O que é difícil de fazer a essa velocidade e com este tempo. Ainda assim, consegui evitar quase todos. Porém, uma ou outra vez, não consegui e paguei um preço caro por isso, minha cabeça bateu no teto e meus dentes se chocaram. Mas nada importa, continuo em frente.

À medida que chegamos perto da curva, vejo alguma coisa ao longe que me preocupa: os rastros do carro dos comerciantes de escravos parecem sair da estrada, em direção ao campo. Não faz o menor sentido e eu me pergunto se estou vendo as coisas corretamente, ainda mais com esta tempestade.

Mas, à medida que nós nos aproximamos, mais certeza eu tenho. Eu desacelero dramaticamente.

“O que você está fazendo?” Ben pergunta.

Meu sexto sentido me diz que devo desacelerar e, à medida que nos aproximamos, agradeço por tê-lo feito.

Eu piso nos freios, tenho sorte de estar a 80 km/h quando o faço, pois ainda escorregamos cerca de vinte metros até conseguirmos parar.

Bem na hora. A estrada termina abruptamente em uma enorme cratera, mergulhando nas profundezas da terra. Se eu não tivesse brecado, estaríamos com certeza mortos a essa hora.

Olho para baixo, pela borda do precipício. É uma cratera muito grande, com uns noventa metros de diâmetro. Parece que uma bomba gigantesca foi derrubada nesta estrada em algum momento da guerra.

Eu giro o volante e sigo os rastros dos comerciantes de escravos que nos levam a um campo coberto de neve e, em seguida, para ruas locais sinuosas. Após vários minutos, estamos de volta à estrada. Acelero de novo, chegando a 210 km/h.

Eu dirijo, dirijo e dirijo, sinto como se estivesse indo em direção ao fim da terra. Após passar por mais de sessenta e cinco quilômetros, começo a pensar até onde estrada pode ir. O céu coberto de neve começa a escurecer e logo será noite. Sinto a necessidade de pisar mais e acelerar até 225 km/h. Sei que é arriscado, mas preciso alcançá-los.

À medida que avançamos, passamos por antigas placas das principais rodovias, ainda penduradas, enferrujadas: a autoestrada Sawmill; a Major Deegan; a 287; a Sprain... Chegamos às bifurcações da Taconic, entro na autoestrada Sprain, depois na Bronx River, seguindo os rastros dos comerciantes de escravos. Estamos nos aproximando da cidade agora, o céu agora vai sendo substituído por prédios altos e desmoronados. Estamos em Bronx.

Eu sinto a necessidade de alcançá-los e acelero o carro para 240. O barulho é tão alto que não dá para escutar nada mais.

Quando viramos outra curva, meu coração dispara: ali, ao longe, eu os vejo, um quilômetro e meio a nossa frente.

“São eles!” Ben grita.

Mas, à medida que tento encurtar a distância, eu vejo para onde eles estão indo. Uma placa torcida indica: “Ponte Avenida Willis”. É uma pequena ponte, revestida de vigas metálicas, largura suficiente para apenas dois carros. Na sua entrada, há vários veículos Humvees e comerciantes de escravos sentados nos capôs, com metralhadoras prontas e direcionadas para a estrada. Mais Humvees se encontram do outro lado da ponte.

Eu acelero, pisando no pedal até chegarmos a 240 km/h. O mundo voa em um borrão. Mas não estamos chegando mais perto: os comerciantes de escravos estão indo mais rápido também.

“Não podemos segui-los lá dentro!” Ben grita. “Nunca vamos conseguir!”

Mas não temos escolha. Eles estão pelo menos noventa metros a nossa frente. Não iremos ganhar deles aqui. Faço tudo o que eu posso, nosso carro treme com a velocidade. Não temos escapatória: teremos que entrar na cidade.

À medida que nos aproximamos da ponte, me pergunto se os guardas se deram conta que não somos um deles. Só espero que consigamos atravessar rápido o suficiente, antes que eles percebam e atirem.

O carro dos comerciantes de escravos voa entre os guardas e atravessa a ponte correndo. Nós o seguimos, uns quarenta e cinco metros atrás e, ao fazê-lo, nenhum dos guardas ainda desconfiou. Logo estamos a trinta metros de distância... depois vinte... depois dez...

Quando vamos nos aproximando da entrada, chegamos perto o suficiente para enxergar a expressão de horror no rosto dos guardas. Agora, eles sabem.

Eu olho para cima, os guardas levantam suas metralhadoras em nossa direção.

Um segundo depois, disparos ressoam.

Somos rodeados de disparos das metralhadoras automáticas, batendo no capô e no para-brisa, as balas voam por todas as partes. Eu me abaixo.

Pior ainda, alguma coisa começa a descer, o que me impede de avançar e vejo que é um portão com pontas de ferro. Está baixando na ponte, para bloquear nossa entrada em Manhattan.

Nós estamos indo muito rápido, eu não conseguirei parar a tempo. O portão está caindo muito depressa e eu percebo, tarde demais, que, em alguns segundos, nós iremos colidir, e isto deixará nosso carro em pedaços.

Eu me preparo para o impacto.

O N Z E

Eu me preparo enquanto dirigimos em direção ao portão que desce. É tarde demais para voltarmos e tarde demais para eu pisar no freio. Pela aparência dessas pesadas barras de ferro, com pontas afiadas nas extremidades, não há como passarmos. Suponho que nossa única chance é ir mais rápido do que o portão, rápido o suficiente para atravessarmos antes que ele baixe completamente. Assim, eu acelero e o carro ruga e se agita. Quando estamos a uns metros do portão, os guardas saem do caminho e eu me apronto para o impacto.

Ouçõ então o angustiante barulho de metal amassando metal, junto com o som de vidro quebrado. É ensurdecedor, como se uma bomba explodisse ao lado de meus ouvidos. Parece uma daquelas máquinas de demolição de automóveis, que amassam o carro até ele ficar plano.

Nosso carro se sacode violentamente com o impacto e, por um momento, eu sinto como se fosse morrer. Cacos de vidro destroçados voam por todos os lados e eu me esforço para manter o volante firme enquanto uma de minhas mãos protege minha vista. E, então, um segundo depois, tudo acaba. Para a minha surpresa, ainda estamos dirigindo, cruzando a ponte, chegando a Manhattan.

Tento entender o que aconteceu. Olho para nosso teto e olho para trás por cima de meu ombro, percebo que fomos mais rápido que as barras de metal – apesar de elas terem abaixado o suficiente para perfurarem o nosso teto, deixando-o em pedaços. Parece que passamos por um fatiador de pão. Levou também a parte superiora de nosso para-brisa, quebrando-o tanto que impede minha visão. Eu ainda posso dirigir, mas não está fácil.

Pedaços de vidro quebrado estão por todas as partes, assim como fragmentos de metal retorcidos. Ar congelante invade e flocos

de neve caem em minha cabeça.

Dou uma olhada para o lado e vejo que Ben está perturbado, mas ileso. Eu o vi abaixando-se no último segundo, assim como eu, e isso provavelmente salvou sua vida. Vejo por cima de meu ombro o grupo de guardas tentando-se reunir e vir atrás de nós; mas o portão de ferro está completamente abaixado e eles não parecem capazes de levantá-lo de novo. Estamos indo tão rápido que já temos uma boa vantagem sobre eles de qualquer forma. Espero que, quando eles se organizarem, já estaremos bem longe.

Eu volto de novo à estrada e, ao longe, talvez uns quatrocentos metros à minha frente, eu vejo os outros comerciantes de escravos, correndo por Manhattan. Agora, não há mais retorno. Mal consigo acreditar que estamos agora na ilha de Manhattan, de fato, atravessamos a ponta – provavelmente a única ponte que ainda está funcionando hoje. Não há mais como voltar.

Até agora, eu havia me imaginado resgatando Bree e levando-a para casa. Mas, agora, eu não estou tão certa disso. Ainda estou determinada a salvá-la – mas não sei como vamos sair daqui. Meu medo está se intensificando. Tenho um sentimento crescente de que esta missão não tem volta. É uma missão suicida. Mas Bree é tudo o que importa. E, se eu tiver que morrer tentando, eu o farei.

Eu acelero novamente, passando dos 225 km/h. Mas os comerciantes de escravos também aceleram, ainda tentando se livrar de nós. Eles têm uma boa vantagem à frente e, a não ser que algo dê errado, alcançá-los não será nada fácil. Queria saber para onde eles estão indo. Manhattan é enorme e eles podem estar indo para qualquer lugar. Sinto-me como João e Maria indo para a floresta.

Os comerciantes de escravos fazem uma curva fechada à direita, em uma grande avenida, olho para cima e vejo uma placa, onde está escrito: "Rua 125". Eu os sigo e percebo que eles estão indo para oeste, atravessando a cidade. À medida que avançamos, vejo que a Rua 125 é um cartão postal do apocalipse: tudo está abandonado; há carros queimados, mal estacionados no meio da rua. Tudo foi roubado e levado. Os prédios foram todos saqueados e os espaços comerciais, destruídos, deixando apenas pilhas de vidros nas calçadas. A maioria dos prédios são apenas carcaças, queimadas

pelas campanhas de explosão de bombas. Outros desmoronaram. Enquanto dirijo, preciso desviar de várias pilhas de escombros. Desnecessário dizer que não há sinais de vida.

Os comerciantes de escravos fazem uma curva fechada à esquerda e eu os sigo, há uma placa de ponta cabeça, onde se lê: "Avenida Malcom X". É outra rua larga, vamos na direção sul, em direção ao coração de Harlem. Centro da cidade. Pergunto-me para onde eles estão indo. Fazemos a curva tão rapidamente que os pneus cantam e soltam cheiro de borracha queimada, os barulhos agora são mais fortes que nunca já que não temos um teto completo. Ainda há neve nas ruas e nosso carro desliza uns 3 metros antes de ficar em linha reta novamente. Faço outra curva mais rápido que os comerciantes de escravos, ganhando mais alguns segundos.

A Malcolm X Boulevard é tão feia quanto a 125: há destruição por toda a parte. Porém, aqui há algo a mais: tanques militares e veículos abandonados. Eu avisto um Humvee, tombado de lado, apenas uma carcaça agora, imagino que batalhas aconteceram aqui. Uma enorme estátua de bronze está derrubada, no meio da rua. Desvio dela e depois de um tanque, dirigindo pela calçada, tiro uma caixa de correio com uma colisão. A caixa sai voando por cima de nós, Ben se abaixa para evitá-la.

Volto para a rua e acelero. Estou chegando perto. Agora eles estão apenas uns noventa metros à nossa frente. Eles também desviam de escombros, buracos, carros e tem que desacelerar toda vez que aparece um obstáculo. Eu, por outro lado, apenas sigo seus rastros, então posso manter velocidade, aproximando-me, estou começando a me sentir confiante de que posso pegá-los.

"Atinja os pneus deles!" eu grito para Ben, por cima do rugido do motor. Eu tiro a pistola extra da minha cintura, e cutuco as costelas de Ben, sem tirar meus olhos da rua.

Ben segura a arma e a examina, é óbvio que ele nunca usou uma antes. Posso sentir sua ansiedade.

"Aponte para baixo!" eu digo. "Certifique-se de que você não vai acertar o tanque!"

“Não sou bom em alvos!” Ben fala. “Eu posso atingir meu irmão. Ou sua irmã!” ele grita de volta.

“Só apontar para baixo!” eu grito. “Temos que tentar. Temos que pará-los!”

Ben engole em seco quando pega a arma e abre a janela. Um tremendo barulho e ar frio invadem o carro quando Ben se inclina pela janela e segura a pistola.

Estamos chegando mais perto e Ben começa a mirar – quando, de repente, batemos em um enorme buraco. Nós dois pulamos. Minha cabeça bate no teto do carro. Eu olho para o lado e vejo a arma voando das mãos de Ben, para fora da janela – e a ouça quicar no pavimento atrás de nós. Meu coração para. Não acredito que ele derrubou a arma. Estou furiosa.

“Você acabou de perder a nossa arma!” eu grito.

“Eu sinto muito” ele grita de volta. “Você bateu naquele buraco! Por que não prestou atenção na estrada?”

“Por que você não segurou com as duas mãos?” eu berro com ele. “Você acabou de perder nossa única chance!”

“Você pode parar e voltar se quiser,” ele diz.

“Não temos tempo para isso!” eu respondo rispidamente.

Meu rosto fica vermelho. Começo a sentir que Ben é completamente inútil e me arrependo de tê-lo trazido comigo. Eu me forço a pensar que ele consertou o carro e que ele me salvou com o seu peso, lá na ponte. Mas está difícil. Agora, estou simplesmente furiosa. Fico pensando se eu posso confiar qualquer tarefa a ele.

Alcanço meu coldre e tiro a minha pistola e, com ela, cutuco as costelas de Ben.

“Esta é minha,” eu falo. “Se você derrubá-la, eu vou *expulsá-lo* daqui.”

Ben a segura com firmeza, com as duas mãos e se inclina de novo na janela. Ele mira

Mas exatamente neste momento, um parque surge e os comerciantes de escravos desaparecem nele.

Não consigo acreditar. O Central Park está bem a nossa frente, marcado por uma enorme árvore caída, bloqueando o caminho. Os comerciantes de escravos a contornam e entram no parque e, no

último segundo, eu também o faço. Ben se inclina no carro – perdeu sua chance – mas, pelo menos, ainda está com a arma.

O Central Park não se parece nada com o que eu me lembro. Está coberto de um mato que chega até a cintura, emergindo da neve, foi abandonado e cresceu descontroladamente nestes últimos anos e, agora, parece uma floresta. Árvores caíram esporadicamente em diferentes locais. Os bancos estão vazios. As estátuas foram destruídas ou derrubadas, tombadas de lado. Há também sinais de batalha: tanques e Humvees, queimados, virados, espalhados pelo parque. Tudo está coberto pela neve, dando um visual de inverno surrealista do País das Maravilhas.

Eu tento parar de olhar para isso tudo e focar nos comerciantes de escravos a minha frente. Eles devem saber para onde estão indo, já que continuam dando voltas pelas ruas que cortam o parque. Eu sigo de perto o ziguezague deles. A nossa direita, perto da Rua 110, passamos pelos restos de uma enorme piscina vazia. Logo depois, passamos pelos restos de uma pista de patinação, agora apenas uma estrutura vazia, sua construção destruída e saqueada.

Eles fazem uma curva brusca e entram em uma rua estreita, parece apenas uma trilha. Continuo bem atrás deles, vamos adentrando o coração da densa floresta, passando muito perto das árvores, subindo e descendo as colinas. Nunca achei que o Central Park pudesse ser tão primitivo. Sem visão do horizonte, parece que estamos em uma floresta qualquer.

Nosso carro escorrega e patina nestes caminhos de terra cobertos de neve, mas eu consigo conduzir o carro. Logo, chegamos a uma grande colina e o parque se abre inteiro a nossa frente. Voamos sobre o topo de uma colina e permanecemos alguns segundos no ar até aterrissarmos com um baque. Eles descem colina abaixo e eu vou atrás, diminuindo a distância.

Corremos através de um lugar que um dia já foram vários campos de baseball. Um atrás do outro, nós dirigimos pelo centro dos campos. As bases não estão mais lá – ou se estão, encontram-se escondidas na neve, mas ainda sei onde estão as grades enferrujadas que uma vez marcaram o banco de reservas. O campo está branco e nosso carro escorrega enquanto os seguimos. Estamos

definitivamente nos aproximando, agora faltam menos de trinta metros. Penso se o motor deles foi afetado ou se eles estão indo mais devagar de propósito. De qualquer forma, agora é nossa chance.

“O que você está esperando!?” eu grito para Ben. “Atire!”

Ben abre sua janela e se inclina para fora, segurando a pistola com as duas mãos e aponta.

De repente, os comerciantes de escravos viram bruscamente para a esquerda, fazendo uma curva acentuada. E então eu percebo, tarde demais, porque eles desaceleraram: bem na minha frente há um lago, levemente congelado. A redução de velocidade deles era uma armadilha; eles esperavam que eu fosse cair diretamente na água.

Eu giro o volante com força e nós conseguimos, por pouco, desviar da água. Mas a manobra foi muito brusca e muito rápida e nosso carro sai girando no campo de neve, dando círculos e mais círculos. Fico tonta vendo o mundo ao meu redor girar em um borrão e rezo para que a gente não se choque contra nada.

Por sorte, isso não acontece. Não há estruturas em nenhum lugar a nossa volta – se houvesse, com certeza, teríamos batido. Depois de mais alguns giros completos, finalmente paramos de rodar. Fico ali sentada por um momento, o carro parado, respirando com dificuldade. Essa foi por um triz.

Estes comerciantes de escravos são mais espertos do que eu imaginava. Foi uma jogada ousada e eles conhecem este terreno muito bem. Sabem exatamente onde estão indo. Acredito que ninguém nunca conseguiu segui-los por tanto tempo como nós. Olho para Ben e vejo que, desta vez, ele conseguiu segurar a arma; outro golpe de sorte. É hora de voltarmos à ação, coloco de novo a marcha e acelero.

De repente, há um barulho de bipe, olho para baixo e vejo uma luz vermelha piscando no painel de controle: POUCO COMBUSTÍVEL.

Meu coração para. Agora não. Não após tudo que já passamos. Não quando estamos tão perto.

Por favor, Deus, nos dê apenas o necessário para pegá-los.

O barulho continua incessantemente, alto em meus ouvidos, como uma sentença de morte. Eu perdi os comerciantes de escravos de vista e tenho que voltar a seguir seus rastros. Subo uma montanha e chego a uma encruzilhada, há trilhas de veículos em todas as direções. Não sei qual caminho eles seguiram e isto também parece ser outra armadilha. Decido permanecer em linha reta, porém, assim que o faço, tenho a impressão de que estes rastros são antigos e que os sequestradores de Bree foram em outra direção.

Inesperadamente, o céu se abre e eu me encontro dirigindo em uma rua estreita, ao lado de onde um dia fora o Reservatório do Central Park, e hoje parece uma enorme cratera na terra, sem água e cheia de neve. Várias ervas daninhas crescem pela parte inferior. Esta rua é apertada e cabe apenas nosso carro, há uma íngreme inclinação à minha esquerda e, à direita, uma descida ainda mais íngreme ainda, que leva para a parte inferior do reservatório. Um movimento errado em qualquer uma das direções e estaremos fritos. Pergunto-me porque os comerciantes de escravos escolheriam um caminho tão perigoso, mas não há sinal deles.

Repentinamente, há uma colisão e minha cabeça é lançada para frente. No início, estou confusa e então percebo: algo bateu na nossa traseira.

Eu olho no retrovisor e vejo que eles estão bem atrás de nós, com sorrisos sádicos em seus rostos. Suas máscaras estão levantadas e eu posso ver que ambos são Biovítimas, com rostos grotescos, artificiais e dentes deformados e enormes. Eu consigo ver o sadismo, a alegria deles em acelerar e nos atingir por trás. Meu pescoço é lançado para frente com o impacto. Eles são bem mais inteligentes do que eu achava: de algum jeito, eles conseguiram ficar atrás de nós e agora têm a vantagem. Eu não esperava por isso. Não tenho espaço para manobrar e nem posso pisar nos freios.

Eles batem em nós de novo e, dessa vez, o carro deles chega a inclinar e o nosso escorrega para o lado. Colidimos contra a grade de aço do reservatório, escorregamos para o outro lado e quase caímos do precipício. Eles nos deixaram em uma má posição. Se baterem

em nós de novo desse jeito, vamos rolar ladeira abaixo e estaremos acabados.

Eu piso no acelerador; o único jeito de sobreviver é deixá-los para trás. Mas eles estão muito rápidos também e batem em nós de novo. Desta vez, colidimos com a divisória de metal e deslizamos ainda mais, quase caímos. Com sorte, batemos em uma árvore e ela nos salva, nos mantém na estrada.

Estou me sentindo cada vez mais desesperada. Olho para o lado e vejo Ben bastante atordoado também, parece mais pálido que antes. De repente, tenho uma ideia.

“Atire neles!” eu grito.

Ele imediatamente abre a janela e se inclina para fora com a pistola.

“Eu não consigo acertar os pneus deles daqui!” ele grita por cima do vento. “Eles estão muito perto! O ângulo é muito fechado!”

“Atire no para-brisa!” eu grito de volta. “Não mate o motorista. Atinja o passageiro!”

Posso ver no meu espelho retrovisor que eles copiaram nossa ideia: o passageiro também está abaixando sua janela e pegando sua arma. Só rezo para que Ben atire primeiro, que ele não tenha medo. De repente, vários disparos ressoam, são ensurdecedores, mais altos que qualquer barulho.

Eu me encolho meio que esperando uma bala acertar minha cabeça.

Estou surpresa de ver que foi Ben quem atirou. Olho no retrovisor e não consigo acreditar no que vejo: a mira dele foi perfeita. Ele atingiu o para-brisa do lado do passageiro várias vezes – tantas, no mesmo lugar, que parece que conseguiu ultrapassar o vidro a prova de balas. Eu vejo algo vermelho espalhado no interior no para-brisa e isso só pode significar uma coisa. Sangue.

Não consigo acreditar. Ben conseguiu matar o passageiro. Ben. O menino que, minutos atrás, estava traumatizado ao ver um cadáver. Não acredito que ele realmente acertou, a essa velocidade.

E funcionou. O carro deles desacelera dramaticamente e eu uso essa oportunidade para acelerar.

Um pouco depois, estamos fora do reservatório e de volta aos campos. Agora, o jogo mudou: eles têm um homem a menos e nós os alcançamos. Finalmente, nós temos a vantagem. Se ao menos o indicador de "pouco combustível" parasse de fazer barulho, eu estaria mais otimista.

O carro deles vem voando atrás de nós e eu diminuo a velocidade, fico lado a lado com eles e vejo uma expressão preocupada no rosto do motorista. É a confirmação que eu preciso: fico aliviada de ver que o passageiro foi atingido e Bree não. Eu a vejo de relance no banco de trás e meu coração aperta de esperança. Pela primeira vez, eu sinto que eu posso realmente conseguir fazer isso. Levá-la de volta.

Agora estamos correndo lado a lado no campo aberto e eu viro o volante com força para bater neles. O carro deles voa pelo campo, fazendo curvas descontroladamente. Mas ele não para. Sem perder o ritmo, o motorista vem em minha direção e colide em nós. E agora nós vamos girar loucamente. Esse homem simplesmente não desiste.

"Atire!" eu grito para Ben. "Acabe com o motorista!"

Eu percebo que o carro deles vai bater de novo, mas não temos escolha. E, se for para bater em algum lugar, este campo aberto, rodeado de árvores, seria o melhor lugar.

Ben imediatamente abaixa sua janela e começa a mirar, mais confiante desta vez. Estamos dirigindo bem ao lado dele, perfeitamente alinhados, temos o motorista exatamente na nossa linha de fogo. É a nossa chance.

"ATIRE!" eu grito de novo.

Ben aperta o gatilho e, de repente, ouço um barulho que faz meu estômago revirar.

O clique de uma arma sem munição. Ben aperta o gatilho várias vezes, mas não há nada a não ser estalos. Usamos todas as balas no reservatório.

Consigo captar um sorriso maldoso e vitorioso no rosto do comerciante de escravos quando ele vira em nossa direção. Ele bate com força em nosso carro e somos jogados pelo campo coberto de

neve, para uma colina de grama. De repente, vejo uma parede de vidro. Tarde demais.

Preparo-me para colidir contra a parede, o vidro se estilhaça como uma bomba ao nosso redor, fazendo chover cacos de vidro pelos buracos no teto. Levo um tempo para perceber onde estamos: no Museu Metropolitano de Arte. Na Ala Egípcia.

Olho ao meu redor e percebo que não há nada mais no museu, saqueado há muito tempo – nada exceto por uma enorme pirâmide, ainda na sala. Eu finalmente consigo desviar e parar de atravessar vidros. O comerciante de escravos conseguiu alguma distância e está uns quarenta e cinco metros a nossa frente, a minha direita, mais uma vez, eu acelero.

Eu o sigo correndo pelo parque, indo na direção sul, subindo e descendo colinas. Preocupada, verifico o medidor de combustível que não para de apitar. Passamos por remanescentes de um anfiteatro, ao lado de um lago, na sombra do Castelo Belvedere, que agora é apenas uma ruína no. O teatro está coberto de neve e mato e suas grades, enferrujadas.

Cruzamos o local onde um dia foi o Great Lawn, e eu imito seus passos na neve, ziguezagueando, evitando buracos. Sinto-me tão mal por Bree, quando penso tudo que ela deve estar passando. Apenas rezo para que ela não esteja tão traumatizada. Rezo para que alguma parte de nosso Pai esteja com ela, mantendo-a forte e corajosa nesse momento.

De repente, tenho um golpe de sorte: adiante, ele passa por um grande buraco. O carro dele chacoalha e faz uma curva violentamente, ele perde o controle, fazendo um giro de 360°. Eu me encolho junto com eles, torcendo para que Bree não se machuque.

O carro deles está em ordem. Após alguns giros, ele ganha tração de novo e eles começam a acelerar. Porém, eu diminuo a vantagem e estou chegando bem perto. Mais alguns segundos e estarei bem atrás dele.

Mas eu fiquei olhando para o veículo dele e estupidamente tirei meus olhos da rua. Volto a olhar bem na hora e congelo de medo: há um animal bem na nossa frente.

Eu desvio, mas é tarde demais. Ele nos atinge bem no para-brisa, quebrando-o e caindo sobre o teto. Há mancha de sangue sobre todo vidro. Eu ligo os limpadores de para-brisas, grata que eles ainda estejam funcionando. O sangue grosso se espalha e eu mal consigo ver.

Olho no retrovisor, imaginando o que era aquilo e vejo um enorme avestruz morto atrás de nós. Fico desconcertada. Mas não tenho nem tempo de processar isso direito, pois, imediatamente, fico surpresa de ver um leão a nossa frente.

Preciso virar bruscamente, por pouco não o acerto. Olho mais uma vez e fico admirada de ele ser real. Está magro e parece malnutrido. Fico ainda mais desconcertada. E, então, finalmente, tudo faz sentido: a minha esquerda, está o zoológico do Central Park, seu portão, portas e janelas completamente abertas. Há alguns animais ainda vivos por perto e, sobre a neve, estão as carcaças de vários outros, seus corpos consumidos há muito tempo.

Piso no acelerador, tentando não olhar, seguindo os rastros do comerciante de escravos. Eles sobem uma pequena colina, e depois descem uma íngreme ladeira, até uma cratera. Percebo que era uma pista de skate. Uma placa grande, torcida está pendurada, suas letras gastas dizem: "Trump".

Ao longe, o parque começa a acabar. Ele gira bruscamente para a esquerda e eu o sigo. Nós dois aceleramos para subir. Momentos depois, deixamos do Central Park – ao mesmo tempo, lado-a-lado – saindo pela Rua 59 e a Quinta Avenida. Saio voando pela colina, por um momento, meu carro fica suspenso no ar. Aterrissamos com um baque e eu, momentaneamente, perco o controle e acabamos batendo em uma estátua, derrubando-a.

Diante de nós, há uma fonte circular, saio do caminho no último segundo, e o persigo em volta do círculo. Ele invade a calçada, e eu estou sigo atrás dele, ele vai em direção a um enorme prédio. O Plaza Hotel. Sua antiga fachada, uma vez imaculada, hoje está coberta de sujeira e abandonada. Suas janelas estão quebradas, parece um cortiço.

Ele se choca contra as barra enferrujadas que sustentam o toldo que, com o impacto, cai, perdendo sua capa. Eu desvio do caminho

e continuo atrás dele quando ele faz uma curva a esquerda e corta pela Quinta Avenida, claramente tentando me deixar para trás. Ele sobe uma pequena escada de pedras e eu o sigo, nosso carro se sacode violentamente a cada degrau. Ele se dirige a uma grande caixa de vidro, que costumava ser a loja da Apple. Incrivelmente, sua fachada continua intacta, a única coisa intacta que vejo desde que a guerra começou.

Não mais. No último segundo, ele sai do caminho, mas é tarde demais para mim. Nosso carro bate bem no meio da fachada da caixa de vidro. Há uma tremenda explosão de vidro, cujos estilhaços vão caindo dentro dos buracos do nosso teto enquanto eu vou invadindo a loja. Sinto um pouco de culpa ao destruir a única coisa que restou em pé – mas, então, lembro-me de quanto paguei por um iPad naquela época e minha culpa diminui.

Eu retomo o controle quando o comerciante de escravos vira a esquerda na Quinta Avenida. Ele está uns trinta metros de distância, mas não vou desistir, sou como um cachorro atrás de um osso. Só espero que nosso combustível resista.

Estou impressionada com o que se tornou a Quinta Avenida. Esta famosa avenida, que uma vez fora modelo da prosperidade e do materialismo, agora é, como todo o resto, apenas um local abandonada, em ruínas, suas casas foram saqueadas, seus estabelecimentos foram destruídos. Enormes plantas crescem bem no meio dela, fazendo-a parecer um pântano. A Bergdorf passa rapidamente a minha direita, seus andares completamente vazios, sem janelas, uma casa fantasma. Desvio de carros abandonados e, quando chegamos à Rua 57, vejo o que sobrou da Tiffany's. Esse local, um dia o símbolo da beleza, agora é apenas mais uma mansão abandonada, como as demais. Nenhuma joia sequer permanece em suas vitrines vazias.

Eu piso no acelerador e cruzamos as Ruas 55, depois a 54, e depois a 53... Passo a catedral de São Patrício a minha esquerda, seu enorme portal arqueado foi arrancado há muito tempo e agora está largado em sua escadaria. Posso ver sua estrutura aberta, inclusive seu vitral ao fundo.

Tirei meus olhos da rua por tempo demais e, repentinamente, o comerciante faz uma curva fechada para a direita, entrando na Rua 48. Estou indo rápido demais e, quando tento virar, escorrego e acabo girando 360°. Por sorte, não bato em nada.

Retomo o caminho e continuo seguindo-o, mas seu movimento estratégico lhe deu alguma distância. Vou atrás dele na Rua 48, indo para o oeste, cruzando a cidade e passo na frente de onde ficava o Rockefeller Center. Lembro-me de vir aqui com meu pai na época de Natal, costumava achar tudo mágico. Nem acredito que agora só há escombros, prédios destruídos. O Rock Center virou uma área devastada.

Novamente, tirei meus olhos da rua por tempo demais e, quando olho de volta, preciso pisar nos freios, mas não há tempo. Bem a minha frente, tombada de lado, está a enorme Árvore de Natal do Rockefeller. Vamos colidir com ela. Pouco antes do impacto, consigo ver luzes e enfeites que restaram. A árvore está marrom, pergunto-me há quanto tempo ela está aqui.

Batemos de frente e fazemos um giro de 120°. Foi tão forte que a árvore inteira se desloca na neve, eu vou empurrando-a, arrastando-a junto. Milhares de agulhas de pinheiro caem pelos buracos no teto. Um monte deles grudam no sangue do nosso parabrisa. Nem consigo imaginar como nosso carro está do lado de fora.

Este comerciante de escravos conhece a cidade muito bem: suas espertas ações deram a ele outra vantagem e agora o perdi de vista. Mas ainda vejo seus rastros e, lá na frente, vejo que eles viraram a esquerda na Sexta Avenida. Continuo seguindo.

A Sexta Avenida é outra terra devastada, suas ruas estão cheias de tanques e Humvees abandonadas, a maioria de cabeça para baixo, despojadas de qualquer coisa que poderia ser útil, até os pneus. Desvio de todos estes, de olho no comerciante de escravos mais adiante. Pergunto-me pela milionésima vez para onde ele está indo. Será que está cruzando a cidade apenas para me despistar? Ele tem um destino em mente? Penso com esforço, tento me lembrar de onde fica a Arena Um. Mas não faço ideia. Até hoje, nem tinha certeza que ela existia.

Ele acelera descendo a Sexta Avenida e eu também, finalmente ganhando velocidade. Quando cruzamos a Rua 43, a minha esquerda, vejo de relance o Bryant Park, e a parte de trás de onde um dia foi a Biblioteca Pública de Nova Iorque. Meu coração aperta. Eu adorava ir a esse prédio magnífico. E agora são só escombros.

O comerciante de escravos faz uma curva fechada à direita, na Rua 42 e, dessa vez, estou bem atrás dele. Nós dois escorregamos e depois recuperamos o controle. Corremos pela rua na direção oeste, me pergunto se ele está indo para a Autoestrada do Lado Oeste.

A rua se abre e chegamos ao Times Square. Ele dispara em direção à praça e eu vou junto, invadindo a grande intersecção; lembro-me de vir aqui, quando criança, fiquei espantada com o tamanho e o espaço do local, com todas aquelas pessoas. Lembro-me de ficar encantada pelas luzes, pelos painéis piscantes. Agora, como todo o resto, tudo está em ruínas. Claro, nenhuma das luzes funciona mais e não há uma viva alma. Todos os painéis que antes eram orgulhosamente expostos, agora estão pendurados precariamente ao vento, ou caídos pela rua. Muitas ervas-daninhas cobrem a intersecção. No meio, onde havia um centro de recrutamento, agora, ironicamente, estão as carcaças de vários tanques, todos retorcidos e destruídos. Penso na batalha que se instalou aqui.

De repente, o comerciante de escravos entra para a esquerda, em direção à Broadway. Eu vou atrás e, ao fazê-lo, fico chocada com o que vejo a minha frente: uma enorme parede de cimento, como um muro de prisão, se levanta até o céu, coroada com arames farpados. A parede se estende até onde a vista alcança, separando Times Square do que quer que esteja ao sul. Como se estivessem tentando guardar algo. Há uma abertura no muro e os comerciantes de escravos passam por ela; e, à medida que passam, um enorme portão de ferro maciço repentinamente se fecha atrás deles, os separando de mim

Eu piso nos freios, parando ruidosamente bem a tempo de não batermos no portão. Atrás dele, os comerciantes de escravos estão saindo. Tarde demais. Eu os perdi.

Eu não consigo acreditar. Estou paralisada. Fico sentada, imóvel, no silêncio, nosso carro parou pela primeira vez em horas, e sinto meu corpo tremer. Eu não havia previsto isso. Pergunto-me porque esta parede está aqui, porque eles segregariam uma parte de Manhattan. Do que eles precisam se proteger.

E então, um momento depois, eu tenho minha resposta.

Um ruído misterioso aparece, é o som estridente de metal, os pelos da minha nuca se arrepiam. Pessoas saem da terra, aparecendo de bueiros em todas as direções. Biovítimas. Por toda a Times Square. Estão maltratados, vestem farrapos e parecem desesperados. Os Loucos.

Eles realmente existem.

E estão saindo da terra, de todos os lados, vindo em nossa direção.

D O Z E

Antes que eu possa reagir, eu sinto uma movimentação acima de minha cabeça e olho para o alto. De pé, no topo do muro, há vários comerciantes de escravos, usando suas máscaras negras, segurando armas. Eles estão apontando para nós.

“DIRIJA!” Ben grita, frenético.

Eu já estou pisando no acelerador, dando o fora daqui, quando ouço os primeiros disparos. Uma chuva de fogo cai sobre o carro, rebatendo no teto, no metal, no vidro à prova de balas. Eu apenas rezo para que nada se quebre em pedaços.

Ao mesmo tempo, os Loucos avançam em nossa direção, vindo de todos os lados. Um deles chega por trás e lança uma garrafa de vidro com um trapo pegando fogo dentro. Um coquetel Molotov cai bem na frente do nosso carro e explode, as chamas aparecem a nossa frente. Eu desvio a tempo, deixando o fogo ao lado do carro.

Outro vem correndo e pula no para-brisa. Ele se agarra e não solta, a cara dele grunhe para mim, através do vidro, poucos centímetros de distância. Eu desvio de novo, raspando em um poste e faço-o cair.

Vários outros pulam no capô e no porta-malas, fazendo peso. Eu acelero, tentando me desfazer deles enquanto continuamos na direção oeste pela Rua 42.

Mas três deles conseguem se segurar ao nosso carro. Um deles se arrasta pelo cimento e outro esta rastejando pelo capô. Ele segura uma barra de ferro, está pronto para acertá-la no para-brisa.

Faço uma curva fechada à esquerda na Oitava Avenida, é o suficiente. Os três saem voando do carro e aterrissam na neve.

Esta foi por pouco. Muito pouco.

Vou correndo pela Oitava Avenida e vejo outra abertura na parede. Há vários comerciantes de escravos a sua frente e percebo

que eles talvez não saibam que não sou um deles. Afinal, a entrada da Times Square está a uma avenida de distância. Se eu for por ali, confiante, talvez acreditem que eu sou um deles e mantenham o portão aberto.

Vou na direção do portão, cada vez vai rápido, diminuindo a distância. Noventa metros... Cinquenta... Trinta... Eu vou direto e, até agora, está ainda aberta. Não há como parar agora. Se eles fecharem, estamos mortos.

Eu me preparo, assim como Ben. Quase esperando pelo impacto. Mas, um momento depois, nós passamos. Conseguimos. Suspiro de alívio.

Estamos dentro. Estou a 160 km/h, descendo a Oitava Avenida, na contramão. Estou prestes a virar para a esquerda, tentando alcançá-los na Broadway quando, de repente, Ben se inclina para frente e aponta.

"Ali!" ele grita.

Forço meus olhos, tentando ver para onde ele está apontando. O para-brisa ainda está coberto de sangue e agulhas de pinheiros.

"ALI!" ele grita de novo.

Olho de novo e, dessa vez, vejo: ali, dez quadras para frente, um grupo de Humvees, estacionados fora da Estação Penn. Vejo o comerciante de escravos que eu estava seguindo, estacionada na frente, a exaustão ainda soltando fumaça. O motorista está fora do carro, correndo pelas escadas da Estação Penn, levando Bree e o irmão de Bem, ambos com algemas, acorrentados. Meu coração dispara ao vê-la

O sinalizador de combustível está zunindo mais forte que antes, e eu acelero. Tudo o que preciso são de mais alguns quarteirões.

Vamos. Vamos!

De alguma forma, nós conseguimos. Chego à entrada com os pneus cantando e estou a ponto de parar o carro e sair, quando percebo que perdemos tempo demais. Há apenas uma maneira de alcançá-los: continuar dirigindo na Estação Penn. É uma descida íngreme pelas estreitas escadas de pedra da entrada. Não foi feita para carros e me pergunto se isso vai dar certo. Vai ser doloroso. Eu me preparo.

“ESPEREM!” eu grito.

Viro à esquerda e acelero, ganhando mais velocidade. Eu já passo dos 225 km/h. Ben se segura no painel quando percebe o que eu estou fazendo. “MAIS DEVAGAR!” ele pede.

Mas agora é tarde demais. Saltamos no ar, voando pela escada de pedra. Meu corpo sacode demais, os pneus pulam com cada degrau e eu não consigo controlar o carro. Vamos cada vez mais rápido, levados por nosso próprio impulso e eu me preparo para colidir com os portões da Estação Penn. Ele perde suas dobradiças e, quando vejo, nós entramos.

Vamos ganhando tração e eu finalmente consigo controlar o carro de novo, agora que estamos em piso seco pela primeira vez. Passamos por outro lance de escadas, os pneus cantando. Atingimos o chão com um baque.

Estamos na enorme área da Amtrak, vou dirigindo por pela sala cavernosa, os pneus cantando enquanto tento equilibrar o carro. Mais adiante, há dúzias de comerciantes de escravos. Eles olham para mim chocados, claramente incapazes de entender como um carro chegou aqui. Não quero dar a eles tempo para se recomparam. Vou em direção a eles, como se fossem pinos de boliche.

Eles tentam fugir de mim, mas eu acelero e atropelo vários. Eles batem no carro com um estrondo e seus corpos se torcem, caindo sobre o capô.

Eu continuo dirigindo e, ao longe, vejo o comerciante de escravos que raptou minha irmã. Vejo o irmão de Ben sendo carregado para dentro do trem. Suponho que Bree já esteja dentro.

“Aquele é meu irmão!” Ben grita.

A porta do trem se fecha e eu piso no acelerador uma última vez, com tudo o que posso, em direção ao comerciante de escravos que a roubou de mim. Ele está parado, como um cervo diante dos faróis de um carro, acabou de empurrar o irmão de Ben no trem. Ele observa nossa aproximação.

Choco contra ele, prensando-o contra o trem e cortando-o ao meio. Nós batemos no trem a 125 km/h, minha cabeça golpeia o painel com força. Sinto meu pescoço ricochetear quando paramos.

Minha cabeça está girando, meus ouvidos, zunindo. Posso ouvir o barulho dos comerciantes de escravos correndo, vindo atrás de mim. O trem ainda está em movimento – nosso carro sequer o deixou mais devagar. Ben está ainda sentado, inconsciente. Pergunto-me se está morto.

É necessário um esforço sobre-humano, mas de algum jeito, eu consigo sair do carro.

O trem está ganhando mais velocidade, agora, eu preciso correr para acompanhá-lo. Corro junto ao trem e finalmente salto, conseguindo colocar um pé no piso e segurar uma barra de metal. Coloco minha cabeça em uma janela, procurando por Bree. Fico procurando-a ao longo do trem, olhando de janela em janela, em direção até chegar à porta do trem para poder entrar.

O trem está indo tão rápido que posso sentir vento em meu cabelo enquanto tento desesperadamente alcançar a porta. Olho a minha volta e meu coração aperta quando vejo que o trem vai entrar em um túnel. Não há espaço para correr. Se eu não entrar logo, vou me espatifar contra a parede.

Finalmente, eu alcanço e agarro a maçaneta. Quando estou prestes a abri-la, sinto que uma tremenda dor esmaga a lateral de minha cabeça;

Eu voou pelo ar, caio de costas no chão de cimento. Foi uma queda de três metros, fico sem ar enquanto estou ali, estirada, vendo o trem indo embora. Alguém deve ter me socado, me nocauteado para fora do trem.

Olho para cima e vejo o rosto de um comerciante de escravos maldoso de pé, junto a mim, franzindo o cenho. Muitos outros se juntam também. Estão se aproximando de mim. Estou acabada.

Mas isso já não importa: o trem está acelerando, com minha irmã a bordo.

Minha vida já está acabada.

PARTE III

T R E Z E

Eu acordo na escuridão. Tão desorientada e dolorida que, a princípio, tenho dúvida se estou viva ou morta. Estou deitada de bruços e em uma posição desconfortável, em um chão de metal frio. Eu me viro lentamente, estico minhas mãos, as apoio no chão e tento me levantar.

Todo momento é dolorido. Não parece haver nenhuma parte de mim que foi poupada da dor. Enquanto tento me sentar, minha cabeça está explodindo. Estou tonta, com náuseas, fraca e faminta, tudo ao mesmo tempo. Não como há mais de um dia. Minha garganta está seca. Sinto-me como se tivesse passado por um triturador.

Permaneço sentada, com a cabeça girando e finalmente entendo que não estou morta. De alguma maneira, ainda estou viva.

Olho a sala a minha volta, tentando me orientar, perguntando-me onde estou. Está escuro aqui e a única luz passa por uma estreita fresta debaixo da porta, em algum lugar do outro lado da sala. Não é suficiente para ver nada.

Gradualmente, levanto um joelho, segurando minha cabeça, tentando aliviar a dor. Só este pequeno movimento faz meu mundo girar. Penso que talvez eu tenha sido drogada, ou estou apenas tonta devido às infinitas lesões que sofri nas últimas 24 horas.

Com um esforço supremo, me forço a ficar de pé. Erro terrível. De uma vez só, sinto dores de pelo menos uma dúzia de lugares diferentes: o ferimento do meu braço, das minhas costelas quebradas e da minha testa, de quando a choquei contra o painel de controle e da lateral do meu rosto. Encosto nessa região e sinto um inchaço grande, deve ser onde o comerciante de escravos me deu um soco.

Eu tento me lembrar... Estação Penn... atropeliei alguns comerciantes de escravos... colidi contra o trem... corri atrás do trem... saltei nele... e fui atingida... Continuo relembrando e me dou conta que Ben não me acompanhou. Lembro-me de vê-lo sentado no carro, inconsciente. Pergunto-me se ele sobreviveu ao acidente.

"Ben?" eu chamo esperançosamente na escuridão.

Aguardo, com a esperança de ter alguma resposta, esperando que talvez ele esteja aqui, comigo. Forço os olhos na escuridão, mas não consigo enxergar nada. Não há nada a não ser silêncio. Minha sensação de temor se aprofunda.

Pergunto-me de novo se Bree estava nesse trem e para onde ele estava indo. Lembro-me de ter visto o irmão de Ben, mas não de ter realmente visto Bree. Estou surpresa que qualquer trem ainda esteja funcionando hoje em dia. Estariam transportando-os para a Arena Um?

Nada disso importa agora. Quem sabe quantas horas eu estive desmaiada, quanto tempo eu perdi. Quem sabe para o trem ia, ou quantos milhões de quilômetros ele já percorreu. Não há como alcançá-los – supondo que eu possa sair daqui. O que eu duvido. Sinto uma angústia e um desespero crescente quando percebo que foi tudo em vão. Agora, é apenas uma questão de tempo, esperar pela punição, certamente minha morte, meu castigo dos comerciantes de escravos. Eles provavelmente irão me torturar e, depois, me matar. Apenas espero que seja rápido.

Pergunto-me se há alguma possibilidade de eu escapar daqui. Dou alguns passos inseguros na escuridão, com minhas mãos a frente do meu corpo. Cada passo é uma agonia, meu corpo está tão cansado, pesado por tantas dores e ferimentos. Está frio aqui e estou tremendo; não consegui me manter aquecida há alguns dias e sinto que estou com febre. Mesmo que eu tenha uma chance de escapar, duvido que eu consiga ir muito longe.

Chego a uma parede e percorro minhas mãos por ela, me movendo pelo lugar, indo em direção à porta. De repente, ouço um som de fora. Em seguida, o barulho de passos, várias botas de combate marchando pelo chão de metal. Elas ecoam ameaçadoramente na escuridão à medida que se aproximam.

Há um barulho de chaves e a porta da minha cela é aberta. Luz invade o interior e levanto minhas mãos para proteger meus olhos, fico cega.

Meus olhos ainda não se acostumaram, mas eu consigo ver o suficiente para distinguir várias silhuetas na entrada. Todas altas e musculosas e parecem estar vestidas em uniformes de comerciantes de escravos, com as máscaras pretas.

Eu lentamente abaixo minhas mãos e meus olhos se ajustam. Há cinco deles, um está no centro, silenciosamente segurando um par de algemas. Ele não fala nem se move e, pelos seus gestos, é claro que eu devo ir até eles e deixar que me algemem. Parece que estão me esperando para ir para algum lugar.

Rapidamente, dou uma olhada na minha cela, agora que está iluminada: é uma simples sala, dez metros quadrados, com paredes e chão de aço, nada mais. Não há como escapar. Eu lentamente passo minhas mãos pela minha cintura e sinto que minha arma foi tirada de mim. Estou indefesa. Seria inútil tentar lutar contra esses soldados bem armados.

Eu não vejo o que tenho a perder se deixar que me algemem. Não é como se eu tivesse escolha. De qualquer forma, esta é minha passagem para dar o fora daqui. E, se também for a passagem para minha morte, pelo menos posso acabar com tudo isso de uma vez.

Ando lentamente até eles e me viro de costas. Eles prendem as frias algemas de metal em volta dos meus pulsos, bem apertado. Então me puxam por trás, por minha blusa, e me empurram para o corredor.

Tropeço no saguão, os comerciantes de escravos vão atrás de mim, suas botas ecoando como a Gestapo. O saguão é esporadicamente iluminado por luzes de emergência bem fracas, a cada seis metros mais ou menos, cada uma oferecendo apenas o mínimo de iluminação necessária para poder enxergar. É um longo corredor, completamente limpo, com chão e paredes de metal. Sou empurrada de novo e aumentam meu ritmo. Meu corpo protesta a cada passo, mas, quanto mais eu ando, mais a rigidez dos meus músculos diminui.

O corredor acaba e não tenho escolha a não ser virar à direita. Ele se abre ao longe. Sou empurrada de novo enquanto caminho por este novo corredor e, de repente, estou em pé em uma sala ampla e aberta, cheia de comerciantes de escravos. Eles estão alinhados em fileiras nas paredes, formando um semicírculo, vestidos com seus uniformes e máscaras pretas. Devemos estar em algum subsolo já que não vejo janelas nem luz natural, este local sombrio é iluminado apenas por tochas colocadas nas paredes, crepitando no silêncio.

No centro da sala, no outro extremo, está o que posso descrever como um trono – uma enorme cadeira construída sobre uma plataforma de madeira improvisada. Nesta cadeira, está sentado um homem, que claramente é o líder. Ele é jovem, trinta e poucos anos, mas tem uma estranha mecha de cabelo branco levantada que aponta em todas as direções, como um cientista louco. Ele usa um complexo uniforme elaborado com veludo verde e botões militares e um colarinho alto marca seu pescoço. Ele tem olhos grandes, cinzentos e sem vida, saltados, que estão me encarando. Parece um maníaco.

As fileiras de comerciantes de escravos se separam e eu sou empurrada por trás. Tropeço para frente, em direção ao centro da sala e sou guiada para ficar diante de seu líder.

Paro a uns nove metros de distância, olhando para ele, os comerciantes de escravos fazem guarda atrás de mim. Não consigo para de pensar que eles vão me executar aqui mesmo. Afinal, eu matei tantos deles. Examino a sala procurando por qualquer sinal de Bree, ou de Ben, ou de seu irmão. Não há ninguém. Estou sozinha.

Espero pacientemente neste tenso silêncio, o líder deles me analisando de cima a baixo. Não há nada que eu possa fazer a não ser esperar. Aparentemente, meu futuro está nas mãos deste homem.

Ele olha para mim como se eu fosse algum tipo de presa e, em seguida, depois do que pareceu ser uma eternidade, ele me surpreende ao abrir um sorriso. É mais um sorriso de escárnio marcado pela enorme cicatriz em sua bochecha. Ele começa a rir mais e mais. É o som mais frio que eu já escutei e ecoa pela sala mal iluminada. E então olha para mim com os olhos brilhando.

“Então, é você,” ele fala, finalmente. Sua voz é artificialmente grave e profunda, como se pertencesse a um homem de cem anos.

Eu olho de volta, sem saber o que responder.

“Você é aquela que causou tantos estragos entre meus homens. É aquela que conseguiu nos perseguir até a cidade. A MINHA cidade. Nova Iorque é minha agora. Você sabia disso?” ele pergunta, sua voz repentinamente se torna cortante, furiosa, seus olhos saltam. Seus braços tremem quando ele aperta os braços da cadeira. Parece que ele acabou de fugir de um hospital psiquiátrico.

Mais uma vez, eu não sei o que responder, então permaneço em silêncio.

Ele lentamente sacode a cabeça.

“Alguns outros tentaram – mas ninguém nunca conseguiu entrar na minha cidade antes. Nem chegar até minha casa. Você sabia que isto significaria morte certa e, mesmo assim, você veio.” Ele me olha de cima a baixo.

“Eu gosto de você,” ele conclui.

Enquanto ele me olha, me examinando, sinto-me cada vez menos confortável, preparando-me pelo que está por vir.

“E olhe para você,” ele continua. “Só uma menina. Uma menina estúpida e jovem. Nem mesmo grande ou forte. Quase sem armas. Como pode ser que você tenha matado tantos homens meus?”

Ele balança sua cabeça.

“É porque você tem coração. Isto que é valioso neste mundo. Sim, é isto que é valioso.” Ele, de repente, ri. “Claro que você não teve sucesso. Como poderia? Esta é MINHA cidade!” ele grita, seu corpo treme.

Ele fica sentado ali, tremendo, por um tempo que me pareceu uma eternidade. Meu sentimento de apreensão cresce; claramente, meu destino está nas mãos deste maníaco.

Finalmente, ele limpa sua garganta.

“Seu espírito é forte. Quase igual ao meu. Eu admiro isso. É o suficiente para que eu queira dar a você uma morte rápida ao invés de uma lenta.”

Eu engulo em seco, não gostando do que estou ouvindo.

“Sim,” ele continua, encarando-me. “Posso ver em seus olhos. Um espírito de guerreiro. Sim, você é exatamente como eu.”

Não sei o que enxerga em mim, mas rezo para que eu não me pareça em nada com este homem.

“É raro encontrar alguém como você. Poucos conseguiram sobreviver por aí, todos estes anos. Poucos têm este espírito... Então, ao invés de executá-la agora, como merece, vou recompensá-la. Vou oferecê-la um grande presente. O presente do livre arbítrio. Uma escolha.

“Você pode se juntar a nós. Tornar-se uma de nós. Uma comerciante de escravos. Você terá todo o luxo que pode imaginar – mais comida do que você pode sonhar. Irá liderar uma divisão de comerciantes de escravos. Conhece bem seu território. Estas montanhas. Posso usá-la, sim. Você irá liderar expedições, capturar os sobreviventes que sobraram. Irá ajudar a aumentar o nosso exército. E, em troca, você viverá. E viverá com luxo.”

Ele para e olha para mim, como se esperasse resposta.

Claro que pensar nesta possibilidade me dá náuseas. Uma comerciante de escravos. Não consigo imaginar nada que eu despreze mais. Abro minha boca para responder, mas minha língua está tão ressecada que não consigo emitir som nenhum. Limpo minha garganta.

“E se eu recusar?” eu pergunto, minhas palavras saindo mais baixas do que eu gostaria.

Seus olhos se arregalam de surpresa.

“Recusar?” ele ecoa. “Então você será levada para morrer na arena. Terá uma morte cruel para nossa diversão. Esta é sua outra opção.”

Penso com cuidado, forçando meu cérebro, tentando conseguir mais tempo. Não há como eu aceitar sua proposta – mas eu preciso tentar encontrar uma saída.

“E quanto a minha irmã?” pergunto.

Ele se inclina para trás e sorri.

“Se você se juntar a nós, vou libertá-la. Ela estará livre para voltar à natureza. Se você recusar, ela também será condenada à morte.”

Meu coração dispara ao pensar nisso. Bree ainda vive. Supondo que ele esteja falando a verdade.

Penso mais, Será que Bree ia querer que eu me tornasse uma comerciante de escravos se fosse para salvar sua vida? Não. Bree nunca iria querer ser a responsável por eu sequestrar meninas e meninos, arrancando-lhes suas vidas. Eu faria qualquer coisa para salvá-la. Mas tenho que impor um limite aqui.

“Você terá que me matar,” eu finalmente respondo. “Não há como eu ser uma comerciante de escravos.”

Há um murmúrio entre a multidão e o líder levanta sua mão e golpeia com sua palma o braço da cadeira. A sala instantaneamente fica quieta.

Ele se levanta, franzindo o cenho para mim.

“Você *irá* morrer,” ele rosna. “E eu assistirei tudo na primeira fileira.”

C A T O R Z E

Sou levada de volta ao corredor, ainda algemada. Enquanto ando, não consigo parar de pensar se tomei a decisão errada. Não sobre desistir de minha vida – mas da vida de Bree. Será que eu deveria ter aceitado por ela?

Ao recusar, eu efetivamente lhe dei uma sentença de morte. Estou destroçada pelo remorso. Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de pensar que Bree preferiria morrer também ao invés de ver pessoas inocentes serem feridas.

Sinto-me entorpecida quando me empurram por trás, pelo corredor de onde vim e imagino o que será de mim agora. Estarão me levando para a arena? Como será lá? E o que será de Bree? Irão realmente matá-la? Já a mataram? Será condenada à escravidão? Ou pior, será forçada a lutar na arena também?

E então um pensamento pior ainda me vem à cabeça: ela será forçada a lutar contra *mim*?

Viramos uma esquina e encontramos um grupo de comerciantes de escravos marchando em nossa direção, levando alguém. Não consigo acreditar. É Ben. Meu coração se enche de alívio. Ele está vivo.

Seu nariz quebrado está inchado, há hematomas debaixo de seus olhos, sangue pinga de seus lábios e parece que ele foi espancado. Parece tão fraco e exausto quanto eu. Na verdade, eu espero que eu não pareça tão mal quanto ele. Ele também tropeça pelo corredor e eu suponho que estejam levando-o para ver o seu líder. Suponho que lhe farão a mesma oferta. Pergunto-me o que ele decidirá.

Estamos caminhando um em direção ao outro, a poucos metros de distância, sua cabeça abaixada, ele sequer me vê chegando perto. Deve estar muito fraco, ou muito desmoralizado até mesmo para olhar para cima. Parece que ele já aceitou seu destino.

“Ben!” eu chamo.

Ele levanta sua cabeça assim que nos cruzamos e seus olhos se arregalam de esperança, de contentamento. Está claramente chocado ao me ver. Talvez esteja surpreso de eu ainda estar viva.

“Brooke!” ele responde. “Para onde eles a estão levando? Você viu meu irmão?”

Mas, antes que eu possa responder, nós dois somos empurrados com força. Um comerciante de escravos me alcança e cobre minha boca com sua palma da mão asquerosa e fétida, abafando minhas palavras enquanto tento falar.

Uma porta se abre e eu sou enfiada de volta em minha cela. Tropeço quando entro e a porta é fechada com um baque atrás de mim, o metal reverberando. Viro-me e bato na porta, mas é inútil.

“Deixe-me sair!” eu grito, batendo. “DEIXE-ME SAIR!”

Percebo que é em vão, mas, por alguma razão, não consigo parar de gritar. Grito para o mundo, para estes comerciantes de escravos, pela ausência de Bree, por minha vida – e eu não paro de gritar até não sei quanto tempo depois.

Em algum ponto, eu perco minha voz e me canso. Finalmente, encontro-me estatelada no chão, contra a porta, encolhida.

Meus gritos viram soluços e, eventualmente, choro até cair no sono.

*

Desperto a cada momento. Estou deitada, encolhida no chão de metal, repousando minha cabeça em minhas mãos, mas é tão desconfortável que eu me viro e reviro. Tenho tantos sonhos rápidos, turbulentos – de Bree sendo açoitada como escrava, de eu sendo torturada na arena – que, exausta como estou, eu prefiro ficar acordada.

Forço-me a ficar sentada, olhando para a escuridão. Segurando minha cabeça em minhas mãos. Vou me concentrar em qualquer coisa que possa me tirar deste lugar.

Me pego pensando na vida antes da guerra. Ainda tento juntar as peças para entender exatamente porque papai foi embora, quando o fez e a razão de nunca ter retornado. Por que eu e Bree partimos? Por que mamãe não foi conosco? Por que as coisas mudaram tanto

da noite para o dia? Se houve algo que eu pudesse ter feito de outra maneira... É como um quebra-cabeça que eu volto a jogar de novo e de novo.

Encontro-me relembrando de um dia em particular, antes da guerra. O dia em que tudo mudou – pela segunda vez.

Era um dia quente de Setembro, eu ainda estava vivendo em Manhattan com minha mãe e Bree. Papai tinha partido havia mais de um ano e todo dia nós esperávamos por algum sinal dele. Mas nada.

E, enquanto esperávamos, dia após dia, a guerra piorava. Um dia, anunciaram um bloqueio; semanas depois, declararam conservação de água; e então, racionamento de alimentos. As filas por alimentos se tornaram uma norma. A partir daí, as coisas pioravam e as pessoas ficaram desesperadas.

Ficou cada vez mais e mais perigoso andar pelas ruas de Manhattan. As pessoas começaram a fazer qualquer coisa para sobreviverem, para encontrarem comida e água, para conseguir medicamentos. Roubos se tornaram normais e a lei era quebrada cada dia mais. Eu não me sentia mais segura. E, mais importante, eu não sentia que Bree estava segura.

Mamãe se prendia a sua negação; como grande parte das pessoas, ela continuava insistindo que as coisas voltariam ao normal em breve.

Mas a situação só agravava. Batalhas se aproximavam de casa. Um dia, ouvi explosões ao longe. Corri para o telhado e vi, no horizonte, combates nos montes de Nova Jersey. Tanques contra tanques. Aviões de guerra. Helicópteros. Vizinhanças inteiras pegando fogo.

E então, um dia horrível, em um distante horizonte, eu vi uma enorme explosão, uma diferente das outras, uma que chacoalhou nosso prédio inteiro. Uma nuvem em forma de cogumelo se levantou. Foi o dia em que eu soube que as coisas não iriam melhorar. Que a guerra jamais acabaria. Um limite havia sido cruzado. Nós certamente iríamos morrer aqui, aos poucos, presas na ilha bloqueada de Manhattan. Papai estaria em batalhas para sempre. E jamais voltaria.

O tempo de esperar havia se esgotado. Eu sabia, pela primeira vez em minha vida, que papai *não* iria cumprir sua promessa e eu sabia o que tinha que fazer. Era hora de executar uma ação ousada pela sobrevivência do que sobrou de nossa família. Fazer o que ele queria que sua filha fizesse: tirar-nos desta ilha e nos levar para longe, para a segurança das montanhas.

Eu estive suplicando para mamãe por semanas para que ela aceitasse o fato de que Papai não voltaria para casa. Mas ela continuava insistindo que não poderia ir embora, que aquele era nosso lar, que a vida seria mais perigosa fora da cidade. E, acima de tudo, que não poderíamos abandonar nosso pai. E se ele voltasse para casa e tivéssemos partido?

Nós duas discutíamos sobre isso todos os dias até ficarmos com os rostos vermelhos, gritando uma com a outra. Chegamos a um beco sem saída. Acabamos nos odiando, mal falando uma com a outra.

E então veio a nuvem em forma de cogumelo. Minha mãe, inacreditavelmente, ainda se recusava a partir. Mas eu havia me decidido. Iríamos embora – com ou sem ela.

Eu descí as escadas para pegar Bree. Ela havia saído para procurar comida; eu a deixava fazer isso, desde que não fosse muito longe e sempre voltasse dentro de uma hora. Mas, desta vez, ela estava atrasada, estava fora há horas e isto era incomum. Tive um mau pressentimento em meu peito quando corri pelos andares, determinada a encontrá-la e dar o fora daqui. Em minha mão, eu segurava um coquetel Molotov caseiro. Era a única arma que eu tinha e eu a havia preparado para usar se fosse necessário.

Corri pelas ruas gritando seu nome, procurando por ela por todas as partes. Verifiquei em cada beco onde ela costumava brincar – mas ela não estava em lugar nenhum. Meu temor cresceu.

E então ouvi um grito abafado ao longe. Reconheci sua voz e sai em disparada em sua direção.

Após algumas quadras, os gritos se intensificaram. Finalmente, virei em uma estreita travessa e a vi.

Bree estava no fundo de um beco, cercada por um grupo de atacantes. Havia seis deles, meninos adolescentes. Um se aproximou

e rasgou-lhe a blusa, outro puxou seu rabo de cavalo. Ela balançava sua mochila, tentando afastá-los, mas não era muito eficiente. Podia ver que, em questão de minutos, iriam estuprá-la. Então fiz a única coisa que eu podia: acendi o coquetel Molotov e o atirei aos pés do maior menino que eu conseguia ver...

Eu sou tirada de minhas lembranças pelo repentino som de metal rangendo, uma porta se abre lentamente e luz invade a cela, então a porta se fecha. Eu ouço correntes e então passos e sinto outro corpo perto de mim, na escuridão. Olho para cima.

Estou aliviada ao ver que é Ben. Não sei quanto tempo passou nem quanto tempo estive aqui sentada. Ajeito-me lentamente.

Nossa cela é iluminada por uma luz fraca, lâmpadas de emergência vermelhas, revestidas de metal, no alto das paredes. É o suficiente para enxergar. Ben tropeça neste cubículo, desorientado; ele sequer percebe que estou aqui.

“Ben!” eu sussurro, minha voz sai rouca.

Ele se vira e me vê, seus olhos arregalados de surpresa.

“Brooke?” ele pergunta, hesitante.

Esforço-me para ficar de pé, dores e ferimentos rasgando cada parte de meu corpo quando me apoio em um joelho. Ben logo se aproxima, pega meu braço e me ajuda a ficar em pé. Eu deveria agradecer pela sua ajuda mas, pelo contrário, sinto ressentimento: é a primeira vez que ele me toca e eu não pedi isso, fez eu me sentir estranha. Além disso, não gosto de receber ajuda em geral – especialmente de meninos.

Então, afasto seu braço e fico de pé sozinha.

“Posso me virar sozinha,” falo rispidamente, minhas palavras soam grossas demais. Arrependo-me disso, gostaria de ter falado o que realmente sinto. Gostaria de ter dito: *Estou feliz de você estar vivo. Estou aliviada de você estar aqui, comigo.*

Quando penso nisso, não consigo entender muito bem porque estou tão feliz de vê-lo. Talvez eu esteja feliz de ver alguém normal como eu, outro sobrevivente no meio de todos estes mercenários. Talvez seja porque nós dois sofremos as mesmas coisas nestas últimas 24 horas ou porque nós dois perdemos nossos irmãos.

Ou, talvez, eu hesito ao pensar, seja algo mais.

Ben olha de volta para mim com seus grandes olhos azuis e, por um rápido momento, me vi perdendo a noção do tempo. Seus olhos são tão sensíveis, tão deslocados aqui. São olhos de um poeta ou de um pintor – um artista, uma alma torturada.

Forço-me a desviar o olhar. Há algo nesses olhos que me deixam incapaz de pensar claramente quando os vejo. Eu não sei o que é e isto me incomoda. Nunca me senti deste jeito em relação a um menino antes. Pergunto-me se só me sinto conectada a Ben devido as nossas circunstâncias ou se é algo mais.

Para me tranquilizar, houve vários momentos em que fiquei brava com ele – e eu ainda me encontro culpando-o por tudo que aconteceu. Por exemplo, se eu não tivesse parado e salvado-o na estrada, talvez eu tivesse resgatado Bree e estaria em casa agora. Ou se ele não tivesse derrubado minha pistola pela janela, talvez eu a tivesse resgatado no Central Park. E eu gostaria que ele fosse mais forte, mais como um lutador. Mas, ao mesmo tempo, há algo sobre ele que me faz sentir-me próxima a ele.

“Desculpe-me,” ele fala, nervoso, e sua voz é a de um homem devastado. “Eu não queria ofendê-la.”

Aos poucos, vou amolecendo. Percebo que a culpa não é dele. Ele não é o bandido.

“Para onde eles o levaram?” eu pergunto.

“Para o líder deles. Ele perguntou se eu me juntaria a eles.”

“Você aceitou?” eu indago. Meu coração palpita enquanto aguardo pela resposta. Se ele falar que sim, eu pensaria tão mal dele, aliás, eu sequer conseguiria olhar para ele de novo.

“Claro que não,” ele diz.

Meu coração se enche de alívio e admiração. Sei que é um grande sacrifício. Como eu, ele acabou de escrever sua sentença de morte.

“Você aceitou?” ele pergunta.

“O que você acha?” eu digo.

“Não,” ele fala. “Suspeito que não.”

Dou uma olhada e vejo que ele está segurando um de seus dedos, que parece dobrado de forma estranha. Parece que está sentindo dor.

“O que aconteceu?” eu pergunto.

Ele olha para seu dedo. “É do acidente de carro.”

“Qual deles?” Eu pergunto, e não consigo deixar de abrir um sorrisinho irônico, pensando em todos os acidentes que tivemos nas últimas 24 horas.

Ele sorri de volta, mesmo fazendo uma careta de dor. “O último. Quando você decidiu bater no trem. Boa jogada,” ele fala, e eu não sei dizer se ele está falando a verdade ou sendo sarcástico.

“Meu irmão estava no trem,” ele adiciona. “Você o viu?”

“Eu o vi a bordo,” eu respondo. “Mas então o perdi.”

“Você sabe para onde aquele trem estava indo?”

Balanço minha cabeça. “Você viu minha irmã nele?”

Ele sacode a cabeça. “Não saberia dizer. Aconteceu tudo tão rápido.”

Ele olha para baixo, angustiado. Um silêncio pesado se segue. Parece tão perdido. Ver seu dedo torto me incomoda e sinto pena dele. Decido parar de ser ficar nervosa e mostrar um pouco de compaixão.

Estendo minha mão e coloco sua mão machucada entre as minhas. Ele olha para mim, surpreso.

A pele dele é mais macia do que eu esperava; como se ele nunca tivesse trabalhado um dia sequer em sua vida. Seguro seus dedos suavemente entre os meus e me surpreendo ao sentir borboletas em meu estômago.

“Deixe-me ajudá-lo,” eu digo, suavemente. “Isto vai doer. Mas tem que ser feito. Precisamos deixá-lo reto antes que ele se estabeleça,” adiciono, levantando seu dedo quebrado e examinando-o. Lembro-me de quando eu era mais nova, quando eu havia caído na rua voltei para casa com o dedo mindinho quebrado. Mamãe insistiu em me levar para o hospital. Papai recusou e pegou meu dedo com suas mãos e o colocou novamente no local, com um movimento só, antes que mamãe pudesse reagir. Eu gritei de dor e até hoje me lembro de como doeu. Mas funcionou.

Ben olha para mim, há medo em seus olhos.

“Eu espero que você saiba o que está fazendo—”

Antes que ele possa terminar a frase, eu já havia colocado seu dedo quebrado no lugar.

Ele dá um berro e se afasta de mim, segurando sua mão.

“Maldita seja!” ele grita, caminhando de um lado para o outro, segurando sua mão. Logo ele se acalma, respirando fundo. “Você devia ter me avisado!”

Eu corto um pedaço fino de pano da minha manga, pego sua mão de novo e junto o dedo machucado com o dedo vizinho. É uma coisa temporária, mas terá que servir. Ben fica alguns centímetros distante e eu posso senti-lo olhando para mim.

“Obrigada,” ele sussurra e há algo em sua voz, algo profundo que eu não havia percebido antes.

Sinto as borboletas de novo e, de repente, sinto-me próxima a ele. Preciso permanecer lúcida, forte, desapegada. Afasto-me imediatamente, indo para o meu lado da cela.

Dou uma olhada e vejo que Ben parece desapontado. Ele também parece exausto, abatido. Ele se inclina na parede e pouco a pouco vai se abaixando até ficar sentado e descansa a cabeça em seus joelhos.

É uma boa ideia. Eu faço o mesmo, sentindo repentinamente a exaustão em minhas pernas.

Sento-me em frente a ele na cela e repouso minha cabeça em minhas mãos. Estou tão faminta. Tão cansada. Tudo dói. Faria qualquer coisa por comida, água, analgésicos, por uma cama. Um chuveiro quente. Eu só quero dormir – para sempre. Só quero deixar tudo isto para trás. Se eu for morrer, só quero que aconteça rápido.

Ficamos sentados por não sei quanto tempo, ambos em silêncio. Talvez uma hora tenha passado, talvez duas. Eu não sei mais contar.

Ouçó o som de sua respiração intensa, pelo seu nariz quebrado e sinto pena dele. Pergunto-me se está dormindo. Pergunto-me quando eles virão nos buscar, quando irei ouvir novamente aquelas botas, nos guiando para nossas mortes.

A voz de Ben enche o ar, uma voz suave, triste, arrasada: “Eu só quero saber para onde levaram meu irmão,” ele fala, baixinho. Posso sentir a dor em sua voz, o quanto ele se importa com ele. Isto me faz pensar em Bree.

Sinto a necessidade de me forçar a ser forte, a me forçar a parar com toda esta auto piedade.

“Por quê?” eu questiono. “Que bem isso faria? Não há nada mais que possamos fazer mesmo.” Mas, na verdade, quero saber a mesma coisa – para onde a levaram.

Ben balança sua cabeça tristemente, parece abatido.

“Só quero saber,” ele fala, baixo. “Para meu próprio bem. Só saber.”

Eu suspiro, tentando não pensar nisso, não pensar no que está acontecendo a ela agora mesmo. Se ela acha que eu a desapontei. A abandonei.

“Eles te falaram que vão colocá-la na arena?” ele pergunta. Posso sentir o medo em sua voz.

Meu coração palpita com este pensamento. Eu aceno devagar com a cabeça.

“E você?” eu pergunto, já adivinhando a resposta.

Sombriamente, ele diz que sim a cabeça também.

“Dizem que ninguém sobrevive,” ele fala.

“Eu sei,” respondo rispidamente. Não preciso ser lembrada disto. Na verdade, nem quero pensar neste assunto.

“Então, o que você vai fazer?” ele pergunta.

Eu olho para ele.

“O que você quer dizer? Não é como se eu tivesse outras opções.”

“Parece que você sempre tem uma saída para tudo,” ele fala.

“Uma ideia para se esquivar dos problemas no último minuto. O que você fará desta vez?”

Eu balanço minha cabeça. Estive pensando na mesma coisa, mas em vão.

“Estou sem ideias,” eu respondo. “Não tenho nada.”

“Então é só isso?” ele devolve, aborrecido. “Você só vai simplesmente desistir? Deixar que eles te levem à arena? Matá-la?”

“Que outra opção tenho?” eu retruco, aborrecida também.

Ele se contorce. “Eu não sei,” ele diz. “Você deve ter um plano. Não podemos apenas sentar aqui. Não podemos apenas deixá-los que nos levem a nossas mortes. *Alguma coisa.*”

Eu nego com minha cabeça. Estou cansada. Exausta. Ferida. Faminta. Esta sala é de metal sólido. Há centenas de guardas armados lá fora. Estamos no subsolo de algum lugar. Eu sequer sei onde estamos. Não temos armas. Não há nada que possamos fazer. *Nada.*

A não ser *uma* coisa, eu percebo. Podemos morrer lutando.

“Não vou permitir que me guiem até minha morte,” digo de repente, na escuridão.

Ele olha para mim. “O que você quer dizer?”

“Eu vou lutar,” eu falo. “Na arena.”

Ben ri, como uma risada irônica.

“Você está de brincadeira. A Arena Um é cheia de assassinos profissionais. E mesmo esses assassinos morrem. Ninguém sobrevive. Nunca. É apenas uma sentença de morte prolongada. Para o entretenimento deles.”

“Isso não significa que eu não possa tentar,” respondo de volta grosseiramente, levantando minha voz, furiosa com o pessimismo dele.

Mas Ben apenas olha para baixo, com seu rosto em suas mãos e então balança a cabeça.

“Bom, *eu* não tenho chance,” ele fala.

“Se você pensar desta forma, então não terá,” eu retruco. É uma frase que papai usava muito comigo e estou surpresa de ouvir estas mesmas palavras saindo de minha boca. Incomoda-me pensar o quanto dele, exatamente, eu absorvi. Posso ouvir a coragem em minha própria voz, uma coragem que eu nunca havia reparado até hoje, e eu quase sinto que ele está falando através de mim. É uma sensação estranha.

“Ben,” eu falo. “Se você acha que pode sobreviver, se você pode se *ver* sobrevivendo, então você conseguirá. Tudo depende do que você se obriga a imaginar em sua cabeça. Depende do que você *fala* para si mesmo.”

“Isso é só mentir para si mesmo,” Ben fala.

“Não é não,” eu respondo. “Isto é auto treinamento. Existe uma diferença. É ver seu próprio futuro, o que você quer ver e criá-lo na

sua cabeça e então fazê-lo acontecer. Se você não pode vê-lo, então não pode criá-lo.”

“Você soa como se realmente acreditasse que pode sobreviver,” Ben fala, parecendo maravilhado.

“Eu não acredito nisso,” respondo. “Eu *sei* disso. Eu *vou* sobreviver. Eu *sobreviverei*,” eu me ouço falando com uma crescente confiança. Sempre tive a habilidade de usar meus pensamentos para levantar meu astral, mentalizar tanto que não há como voltar atrás. Apesar de tudo, me vejo cheia com uma nova confiança restaurada, um novo otimismo.

E, imediatamente, neste momento, eu faço uma decisão: estou determinada a sobreviver. Não por mim. Mas por Bree, Afinal, eu ainda não sei se ela está morta. Ela ainda pode estar viva. E só terei chance de salvá-la se eu continuar viva. Se eu sobreviver nesta arena. E se é isso que preciso fazer, é isso que farei.

Eu vou sobreviver.

Não vejo porque eu não teria uma chance. Se há uma coisa que eu posso fazer é lutar. Fui criada para ser boa nisso. Já estive em um ringue antes. Já levei surra. E fiquei mais forte por isso. Não tenho medo.

“Então, como você vai fazer para vencer?” Ben pergunta. Desta vez, sua pergunta parece genuína, parece que ele realmente acredita que eu seja capaz. Talvez algo em minha voz o convenceu.

“Eu não preciso vencer,” respondo, calmamente. “É isso. Só preciso sobreviver.”

Eu mal acabo de falar essas palavras quando ouço o som de botas de combate marchando pelo corredor. Um momento depois, há o som da porta se abrindo.

Eles vieram.

Q U I N Z E

A porta de nossa cela abre com um gemido e luz do corredor inunda o interior. Levanto minhas mãos até meus olhos, protegendo-os e vejo a silhueta de um comerciante de escravos. Eu espero que ele marche até mim e me leve embora mas, ao invés disso, ele se abaixa, coloca algo duro e de plástico no chão e o chuta, este raspa pelo chão e para abruptamente ao bater nos meus pés.

“Sua última refeição,” ele anuncia com uma voz sombria.

E então sai e fecha a porta, trancando-a.

Eu já sinto o cheiro da comida daqui e meu estômago reage com uma pontada aguda de fome. Eu me inclino e pego o recipiente de plástico com cuidado, mal conseguindo com a fraca luz: é longo e achatado, selado com alumínio. Eu retiro o alumínio e imediatamente sinto cheiro de comida – de verdade, cozida, como não como há anos – que vem até mim, ainda mais poderoso. Tem cheiro de bife. E frango. E batatas. Debruço-me para examiná-lo: há um grande e suculento bife, duas coxas de frango, purê de batatas e vegetais. É a melhor refeição da minha vida. Sinto-me mal por Bree não estar aqui para dividi-la.

Pergunto-me porque eles me deram uma refeição tão extravagante e percebo que não é um ato de bondade, mas uma ação para o próprio bem deles: eles me querem forte na arena. Talvez também estejam me seduzindo uma última vez, oferecendo uma visão de como a vida seria se eu aceitasse a sua oferta. Refeições de verdade. Comida quente. Uma vida de luxo.

À medida que o odor invade cada poro do meu corpo, a oferta deles se torna mais e mais atraente. Não sinto o cheiro de comida de verdade em anos. De repente, percebo como estou faminta, como estou malnutrida e eu realmente me pergunto se, sem esta refeição, eu teria forças para lutar.

Ben senta-se e se inclina para frente, olhando. É claro. Eu imediatamente me sinto egoísta por não pensar nele. Ele deve estar tão faminto quanto eu e tenho certeza que o cheiro, que tomou conta da cela, está deixando-o louco.

“Divida comigo,” eu digo no escuro. Preciso de toda a minha força de vontade para fazer esta oferta – mas é a coisa certa a ser feita.

Ele sacode a cabeça.

“Não,” ele diz. “Eles falaram que era para você. Coma. Quando eles vierem me pegar, eu também terei uma refeição. Você precisa disso agora. É você quem vai lutar.”

Ele está certo. Eu preciso disso agora. Especialmente porque eu não planejo apenas lutar – eu pretendo ganhar.

Eu não preciso de muito para ser convencida. O odor da comida me oprime, eu estendo minha mão, agarro a coxa de frango e a devoro em segundos. Como mordida atrás de mordida, mal parando para engolir. É a coisa mais deliciosa que já experimentei. Mas eu me forço a guardar uma das coxas para Ben. Ben talvez tenha sua própria refeição – ou talvez não. De qualquer forma, após tudo o que passamos juntos, sinto que é certo dividir.

Vou para o purê de batatas, uso meus dedos para levá-lo a minha boca. Meu estômago grunhe de dor e eu me dou conta que *preciso* desta refeição, mais que qualquer outra que já tive. Meu corpo grita para que eu pegue mais uma mordida, e então mais outra. Eu como rápido demais e, em momentos, devorei mais da metade. Forço-me a deixar o resto para Ben.

Levanto o bife com meus dedos e pego grandes pedaços, mastigo devagar, tentando saborear cada bocado. É a melhor coisa que já tive em minha vida. Se está for mesmo minha última refeição, estou contente com ela. Reservo metade da carne e sigo para os vegetais, comendo apenas metade deles. Em pouco tempo, terminei – e ainda não me sinto satisfeita. Olho para baixo, para o que deixei para Ben e quero comer cada última mordida. Mas junto todo a minha força de vontade, fico de pé, cruzo a sala e seguro a bandeja para ele.

Ele está sentado, a cabeça repousando em seus joelhos, não olha para cima. É a pessoa de aparência mais derrotada que já vi. Se fosse eu sentada ali, eu o veria comer cada mordida, imaginaria o gosto da comida. Mas parece que ele não tem mais vontade de viver.

Ben deve sentir o cheiro da comida, tão perto, porque ele finalmente levanta a cabeça. Olha para mim, seus olhos arregalados de surpresa. Eu sorrio.

“Você não achou mesmo que eu comeria tudo, achou?” eu pergunto.

Ele sorri, mas balança a cabeça e a abaixa. “Não posso,” ele fala. “É sua.”

“É sua agora,” eu falo, e empurro em suas mãos. Ele não tem alternativa a não ser aceitar.

“Mas não é justo —” ele começa.

“Eu já tive o suficiente,” eu minto. “Além disso, preciso permanecer leve para a luta. Não poderei me movimentar com estômago cheio, não é?”

Minha mentira não é muito convincente e eu posso notar que ele não acreditou. Mas também posso ver o efeito que a comida tem nele, posso ver sua necessidade primária tomando o controle. É o mesmo impulso que tive minutos atrás.

Ele pega a comida e a devora. Fecha seus olhos e se inclina para trás, respirando fundo, mastigando, saboreando cada mordida. Eu o vejo terminar de comer e percebo que ele precisava muito daquilo.

Ao invés de atravessar a sala e voltar para o meu lado da cela, sento-me na parede ao lado dele. Não sei quanto tempo eu tenho até que venham me buscar e, por algum motivo, tenho vontade de ficar próxima a ele nestes últimos minutos que temos juntos.

Ficamos sentados, silenciosamente, um do lado do outro, não sei por quanto tempo. Estou tensa, ouvindo cada barulho, constantemente me perguntando se eles estão vindo. Quando penso no que está por vir, meu coração dispara e tento tirar isso da minha cabeça.

Supus que eles levariam nós dois juntos para arena e estou surpresa que estão nos separando. Isso me faz imaginar que outras

surpresas nos aguardam. Tento não pensar em nada disso.

Não consigo deixar de imaginar se esta será a última vez que verei Ben. Eu não o conheço há muito tempo e nem deveria me importar tanto. Sei que deveria manter minha mente limpa, minhas emoções calmas e me concentrar apenas na luta que vou enfrentar.

Mas, por alguma razão, não consigo parar de pensar nele. Não tenho certeza porque mas, de algum jeito, estou começando a me sentir apegada a ele. Vou sentir sua falta. Isto não faz o menor sentido e estou brava comigo mesma por pensar desta forma. Eu mal o conheço. Deixa-me incomodada que ficarei chateada – mais chateada do que deveria – em me despedir.

Permanecemos sentados, em um silêncio relaxante, um silêncio entre amigos. Não é mais desconfortável. Não falamos mas eu sinto que, neste silêncio, ele está me ouvindo dizer adeus. E ele também está se despedindo.

Eu espero que ele diga alguma coisa –qualquer coisa – para mim. Após alguns minutos, uma parte de mim começa a pensar que talvez ele não esteja falando por alguma razão, talvez ele não sinta a mesma coisa por mim. Talvez ele sequer se importe comigo no final das contas; talvez ele até esteja ressentido por eu metê-lo no meio desta confusão. De repente, tenho dúvidas. Preciso saber.

“Ben?” eu sussurro, no silêncio.

Eu espero, mas tudo o que ouço é o som de sua respiração ruidosa, através de seu nariz quebrado. Olho para o lado e vejo que ele caiu no sono. Isto explica o silêncio.

Examino seu rosto e, mesmo ferido como está, é belo. Odeio a ideia de nos separarmos. E de sua morte. Ele é muito jovem para morrer. E eu também, eu acho.

A refeição me deixa sonolenta e, nesta escuridão, apesar de tudo, sinto meus olhos se fechando. Antes de perceber, estou caída contra a parede, deslizando minha cabeça até me encostar no ombro de Ben. Sei que deveria ficar acordada, alerta, me preparando para a arena.

Mas, em momentos, apesar de meus esforços, adormeço.

*

Acordo com o eco de botas marchando pelo corredor. A princípio, acho que é apenas um pesadelo – e então percebo que não é. Não sei quantas horas se passaram. Porém, meu corpo parece descansado e isto me diz que eu dormi por um bom tempo.

O barulho das botas fica mais alto e logo param em frente à porta. Há um som agudo de chaves e eu me sento ereta, meu coração batendo como se fosse sair do meu peito. Eles vieram.

Não sei como dizer adeus a Ben e nem sei se ele quer que eu diga. Por isso fico apenas levantada, cada músculo em meu corpo doendo, me preparando para ir.

De repente, sinto uma mão em meu pulso. É surpreendentemente forte e a intensidade de seu aperto se propaga em mim.

Estou com medo de olhar para baixo e vê-lo, olhar naqueles olhos – mas não tenho escolha. Ele está me encarando. Seus olhos irradiam preocupação e, neste momento, posso ver o quanto ele se importa comigo. Essa intensidade me assusta.

“Você fez muito bem,” ele fala, “nos trouxe até aqui. Não teríamos vivido tanto tempo.”

Eu olho de volta, não sabendo o que responder. Quero dizer que sinto muito por tudo isso. Também quero falar que me importo com ele. Que espero que ele sobreviva. Que eu sobreviva. Que o verei novamente. Que encontraremos nossos irmãos. Que iremos para casa.

Mas sinto que ele já sabe disso tudo. Então acabo não falando nenhuma palavra.

A porta se abre e os comerciantes de escravos entram marchando. Eu me viro para partir mas Ben segura meu pulso, me forçando a olhar para ele.

“Sobreviva,” ele diz, com a intensidade de um homem à beira da morte.

Eu encaro de volta.

“Sobreviva. Por mim. Por sua irmã. Por meu irmão. *Sobreviva.*”

As palavras ressoam no ar como uma ordem, e eu não consigo de sentir que elas vieram de papai, canalizadas através de Ben. Um

calafrio corre pela minha espinha, Antes, eu estava determinada a sobreviver. Agora, sinto que não tenho escolha.

Os comerciantes de escravos marcham e ficam atrás de mim.

Ben me solta e eu me viro e fico parada com orgulho, encarando-os. Sinto uma onda de força proveniente da comida e do descanso e os olho fixamente, desafiante.

Um deles segura uma chave. A princípio, não entendo porque – mas então me lembro de minhas algemas. Elas estão em mim há tanto tempo que havia esquecido delas.

Estendo meus pulsos e ele as retira. Há um grande alívio da tensão, quando o metal é solto e retirado. Esfrego meus pulsos onde as marcas circulares estão.

Saio da sala antes que eles possam me empurrar, querendo esta distância. Sei que Ben está me vendo mas não posso suportar a ideia de olhar para ele. Preciso ser forte.

Eu preciso sobreviver.

DEZESSEIS

Os comerciantes de escravos me levam pelo corredor e, ao caminhar pelas estreitas e intermináveis passagens, começo a ouvir um murmúrio débil. A princípio, é difícil distinguir. Mas, à medida que vou me aproximando, começa a soar como uma multidão. Uma multidão de espectadores, com gritos intermitentes.

Passamos por outro corredor e o barulho se torna mais claro. Há um rugido enorme, seguido de um estrondo, como um terremoto. O corredor realmente estremece. Parece a vibração de cem mil pessoas batendo os pés no chão.

Sou empurrada para a direita, descendo por outra passagem. Não gosto de ser cutucada e encostada por estes comerciantes de escravos, ainda mais porque estão me guiando para minha morte e não há nada que me agradaria mais que me virar e derrubar um deles. Mas estou desarmada e eles são maiores e mais fortes, seria uma situação sem saída. Além disso, preciso conservar minha força.

Sou cutucada uma última vez e o saguão se abre. Ao longe, uma luz forte aparece como um refletor e o barulho da multidão cresce inconcebivelmente alto, como se fosse uma coisa viva. O corredor se abre em um túnel largo e alto. A luz fica cada vez mais brilhante e, por um momento, pergunto-me se estou andando sob a luz do dia.

Mas a temperatura não mudou. Ainda estou no subsolo e estou andando pela entrada de um túnel. Para a arena. Lembro-me da vez em que papai me levou a uma partida de beisebol, quando nos dirigíamos aos nossos assentos, andando dentro do estádio – quando andamos por um túnel e, de repente, o estádio se abria a nossa frente. Enquanto caminho, descendo a rampa, tenho a mesma sensação. Só que desta vez eu sou a estrela do show. Eu paro e olho, assombrada.

Diante de mim, há um estádio enorme, cheio de milhares e milhares de pessoas. No centro, há um ringue, com a forma de um octógono; parece um ringue de boxe só que, ao invés de haver cordas no perímetro, há uma jaula de metal. A jaula se eleva alto no ar, uns cinco metros, fechando completamente o ringue, a não ser pelo seu teto aberto. Lembra uma estrutura que uma vez fora utilizada no UFC (Ultimate Fighting Championship), só que maior. E esta jaula, coberta de manchas de sangue, com pontas de ferro no interior, sobressaindo a cada três metros mais ou menos, obviamente não é para esportes – e sim para morte.

Ouçõ o som de metal rangendo. Duas pessoas estão lutando dentro do ringue e um deles acabou de ser jogado contra a jaula. Seu corpo bate no metal, por pouco, não atingiu uma ponta, e a multidão irrompe em gritos.

O oponente menor, coberto de sangue, cai das grades, desorientado. O maior, enorme, parece um lutador de sumô. Ele é asiático e deve pesar pelo menos uns duzentos e vinte quilos. Após lançar o homem pequeno e magro, o lutador de sumô ataca, o agarra com as duas mãos e o levanta por cima de sua cabeça, como se fosse uma boneca. Ele faz círculos lentamente e a plateia aplaude freneticamente.

Ele joga o homem através do ringue, que se estatela de lado na jaula, desviando, por pouco, de uma ponta de ferro. Ele aterrissa no chão duro, sem se mover.

A multidão inteira vibra com rugidos e pula de pé, gritando.

“ACABE COM ELE!” um espectador berra, por cima do estrondo.

“MATE-O!” outro grita.

“ACABE COM ELE!”

Milhares de pessoas começam a gritar, batendo suas botas nas grades de metal e o barulho se torna ensurdecedor. Sumô levanta seus braços, recebendo tudo, circulando lentamente, saboreando o momento. Os vivas ficam mais altos.

Sumô, lenta e ameaçadoramente, cruza o ringue, em direção ao homem inconsciente, que está deitado de cabeça para o chão. Quando se aproxima, ele repentinamente cai sobre um joelho, com tudo, direto nas costas do homem menor. Há um ruído repugnante

quando seus duzentos e vinte quilos esmagam a coluna vertebral do outro, estraçalhando-a. A plateia geme, fica claro que ele quebrou as costas do homem.

Eu me viro, não querendo olhar, me sentindo angustiada pelo homem pequeno, indefeso. Imagino porque eles não acabam logo com isso. Obviamente, o fortão ganhou.

Mas, aparentemente, eles não planejam acabar com isso – Sumô ainda não terminou. Ele agarra o corpo inerte do homem com as duas mãos, o levanta e o joga de cara pelo ringue. O homem bate na gaiola de metal e colapsa no chão de novo. A multidão ruge. Seu corpo cai em uma posição não natural, não sei dizer se ele está morto ou não.

O lutador ainda não está satisfeito. Ele levanta seus braços, fazendo círculos devagar, a multidão faz coro.

“SU-MÔ! SU-MÔ! SU-MÔ!”

Os gritos alcançam um grau ensurdecedor até que Sumô cruza o ringue uma última vez, levanta um pé e o abaixa na garganta do homem indefeso. Ele fica em pé com os dois pés na garganta do outro, esmagando-a. Os olhos do homem se arregalam quando ele estende suas duas mãos, tentando se livrar dos pés em seu pescoço. Mas é inútil e, após alguns segundos de sufocamento, ele finalmente para. Suas mãos caem ao seu lado, moles. Está morto.

A plateia pula de pé, urrando.

Sumô pega o corpo morto, levanta por cima de sua cabeça e o lança através do ringue. Desta vez, ele mira em uma das pontas de ferro protuberantes e empala o homem com ela. O corpo fica pendurado ao lado da jaula, uma ponta atravessando o estômago e sangue pingando.

A plateia berra ainda mais alto.

Sou empurrada por trás e tropeço sob a luz brilhante, descendo pela rampa, em direção ao estádio aberto. Quando entro, percebo exatamente onde estou: é o antigo Madison Square Garden. Exceto que agora o local está em ruínas, o teto está caindo, luz solar e água infiltram e as grades estão enferrujadas e corroídas.

A multidão deve ter me visto, pois viram em minha direção e deixam escapar um grito de expectativa. Olho atentamente para os

rostos, que gritam e vibram, e vejo que são todos Biovítimas. Suas faces são deformadas, derretidas. A maioria deles são magrelos como um pau, subnutridos. Eles compreendem um dos tipos de aparência mais sádica que eu já vi e há uma enorme variedade deles.

Sou guiada rampa abaixo, em direção ao ringue e, quando chego nele, sinto milhares de olhos fixos em mim. Há zombarias e vaias. Aparentemente, eles não gostam de novatos. Ou, talvez, simplesmente, não gostem de mim.

Sou levada para o lado do ringue e empurrada para uma pequena escada de metal em um dos lados da jaula. Olho para Sumô, que franze o cenho para mim de cima do ringue. Dou uma olhada no cadáver, ainda empalado na jaula. Hesito: não estou ansiosa para entrar neste ringue.

Sou cutucada com força pela ponta de uma pistola na minha lombar e então não tenho escolha a não ser dar meu primeiro passo na escada. E então outro. E outro. A multidão vibra e sinto fraqueza em meus joelhos.

Um comerciante de escravos abre a porta da jaula e dou meu primeiro passo dentro. Ele fecha a porta atrás de mim e eu não consigo deixar de estremecer. A plateia ruge de novo.

Viro-me e inspeciono o estádio, procurando por qualquer sinal de Bree, de Ben ou de seu irmão – algum rosto conhecido. Mas não há nenhum. Forço-me a olhar para o outro lado do ringue, para meu oponente. Sumô está lá parado, olhando para mim. Ele sorri e então irrompe em gargalhadas ao me ver. Tenho certeza que acha que serei uma morte fácil. Eu não o culpo.

Sumô vira de costas para mim e levanta seus braços bem alto, olhando para a plateia, procurando adulação. Claramente, eu não o incomodo e ele acredita que esta luta já está ganha. Ele já está desfrutando de sua próxima vitória.

A voz de papai invade minha cabeça:

Seja sempre a primeira a começar uma luta. Nunca hesite. Surpreenda com sua melhor arma. Uma luta começa quando VOCÊ a inicia. Se você esperar que seu oponente comece, você já perdeu.

Os primeiros três segundos de uma luta sempre definem seu resultado. Vamos. VAMOS!

A voz de papai ecoa em minha cabeça e eu a deixo que me domine. Não paro de pensar em como isto é insano, como estou em desvantagem. Tudo o que eu sei é que, se eu não fizer nada, vou morrer.

Deixo-me levar pela voz de papai, é como se meu corpo estivesse sendo controlado por outra pessoa. Vejo-me atacando através do ringue, concentrada em Sumô. Suas costas ainda estão viradas para mim, seus braços ainda estão imóveis, ele continua curtindo o espetáculo. E, agora, pelo menos neste momento, ele está exposto.

Corro pelo ringue, cada segundo parecendo uma eternidade. Foco no fato de ainda estar utilizando estas botas de combate, com as pontas dos pés feitas de metal. Dou três grandes passos e, antes que Sumô possa reagir, salto no ar. Voo pelo ar, deixando que o impulso me carregue e miro, cuidadosamente, bem atrás de seu joelho esquerdo.

Quanto maior o oponente, maior sua queda, eu escuto papai dizer.

Rezo para que ele esteja certo.

Só tenho uma chance aqui.

Eu o chuto atrás de seu joelho com toda a força que tenho. Sinto o impacto de minhas botas com pontas de ferro em sua carne macia e torço para que dê certo.

Para minha surpresa, seu joelho se torce sobre ele e ele aterrissa em um joelho no chão do ringue, sacudido pelo seu peso.

A plateia, de repente, ruge de deleite e surpresa, certamente não esperavam por isso.

O maior erro que você pode fazer em uma luta é atingir alguém e sair. Você não ganha uma luta com apenas um soco ou apenas um chute. Você ganha com combinações de golpes. Após chutá-lo, chute-o de novo. E de novo. E de novo. Não pare até que ele não possa mais se levantar

Sumô começa a se virar em minha direção, com cara de assombro. Eu não espero.

Eu me balanço e lhe planto um chute circular perfeitamente na parte de trás de seu pescoço. Ele cai de cara no chão, batendo com tudo, estremecendo o solo com seu peso. A multidão ruge.

De novo, não posso esperar. Eu pulo para aplicar uma voadora, afundando os calcanhares de minhas botas em sua lombar. Então, sem pausa, me levanto e o chuto com força na lateral do rosto, o ferro da bota atingindo sua têmpora. O ponto fraco. Chuto de novo, e de novo e de novo. Logo, ele está coberto de sangue e estende as mãos para proteger sua cabeça.

A plateia enlouquece. Eles ficam de pé, gritando.

“MATE-O!” eles berram. “ACABE COM ELE!”

Mas eu hesito. A visão dele ali deitado, inerte, faz eu me sentir mal. Sei que não deveria – é um assassino sem escrúpulos – mas, ainda assim, não consigo forças para matá-lo.

E este é meu grande erro.

Sumô toma vantagem da minha hesitação. Antes que eu perceba, ele estende sua mão e agarra meu tornozelo. Sua mão é enorme, inacreditavelmente enorme, e aperta minha perna como se fosse um galho. Com um fácil movimento, ele puxa minha perna, me faz girar e me manda voando pelo ringue.

Eu bato na jaula de metal, escapando por pouco das pontas afiadas e caio no chão.

A plateia vibra. Olho para cima, atordoada, minha cabeça girando. Sumô já está se levantando para atacar. Sangue escorre de seu rosto. Não acredito que fiz aquilo. Não acredito que ele seja vulnerável. E, agora, ele deve estar furioso.

Estou chocada ao ver como ele é rápido. Em um piscar de olhos, está quase em cima de mim, saltando no ar, se preparando para aterrissar em mim. Se eu não sair logo do caminho, serei esmagada.

No último segundo, rolo e apenas consigo evadi-lo enquanto ele aterrissa com força do meu lado, chacoalhando o chão tão intensamente que me manda pelos ares.

Eu saio rodando e continuo até chegar ao outro lado do ringue. Apresso-me a ficar em pé enquanto Sumô também se levanta. Ficamos em lados opostos do ringue, se encarando, cada um

respirando, ofegantes. A plateia vai à loucura. Não acredito que ainda estou viva.

Ele está se preparando para atacar e percebo que estou sem opções. Não há muitos lugares para fugir neste ringue, ainda mais com um homem deste tamanho. Um movimento errado e eu já era. Tive sorte com o elemento surpresa. Mas, agora, eu realmente preciso lutar.

De repente, algo cai do céu. Olho para cima e vejo que alguma coisa foi jogada do teto aberto da jaula. Ela cai com um baque no chão entre nós. É uma arma. Um enorme machado de batalha. Nunca esperaria por isso. Acredito que seja o jeito de eles manterem suas competições equilibradas, prolongando seu entretenimento. O machado está no meio, equidistante de nós dois, há uns nove metros de distância.

Eu não hesito. Corro para pegá-lo e fico aliviada ao ver que sou mais rápida que ele. Chego antes.

Mas ele é mais veloz do que eu imagino e, assim que eu me inclino e pego o martelo, sinto suas enormes mãos em volta de minhas costelas, me apertando por trás em um enorme abraço de urso. Ele me levanta no alto, sem esforço, como se eu fosse um inseto. A plateia ruge.

Ele me espreme mais e mais forte e eu sinto que o ar foi tirado de mim, sinto que cada uma de minhas costelas irá se partir. Consigo segurar o machado – mas não é muito útil. Sequer consigo mover meus ombros.

Ele me gira, se divertindo comigo. A plateia reage, gritando de deleite. Se ao menos eu pudesse libertar meus braços, manusear o machucado.

Mas eu não consigo. Sinto o ar deixando meu corpo. Em mais um minuto ou dois, estarei sufocada.

Minha sorte se esgotou.

DEZESSETE

Sumô não parece que quer me matar ainda. Ao invés disso, parece que ele está curtindo nossa luta – e que quer brincar comigo.

Então, ao invés de me esmagar até a morte, ele me gira rápido, várias vezes, e então me lança. O machado sai voando de minhas mãos e o mundo dá voltas enquanto voou pelo ar. Eu bato de cabeça, na parede de metal da jaula.

E então caio com tudo no chão. A plateia ruge. De novo, consegui evitar uma das pontas metálicas protuberantes, mas por pouco. Olho para cima e vejo o corpo da última vítima, ainda empalado na parede e percebo que tenho sorte. O martelo se estatela no chão com um som de metal a alguns metros de mim.

Minha cabeça está zunindo, estou desorientada enquanto estou deitada de cara no chão. Pelo canto de meu olho, Sumô está pronto para atacar, mas eu me sinto abatida demais para me mover.

Mexa-se, soldado! MEXA-SE!

De alguma maneira, eu me forço a me mexer. Fico de joelhos, me arrasto até o martelo o mais rápido que consigo, o seguro com minhas duas mãos e começo a girá-lo.

Oportunidade perfeita. Enquanto Sumô está se preparando para vir me esmagar, o machado sai voando e atinge sua panturrilha. Sinto a lâmina entrando em sua carne. Escorre sangue por todo o meu corpo.

Há um tremendo urro da multidão. Eu devo ter feito algum dano bem grave.

Ele cai como um tronco e faz um baque ao atingir o chão. Grita e procura onde seu pé estava antes e estou chocada ao ver que minha machadada o cortou fora. Sangue esguicha para todos os lados enquanto ele berra e agarra seu toco.

“MATE-O! MATE-O!” a multidão ecoa.

Eu sei que esta é minha chance e que eu devo acabar com ele. Mas, ainda assim, enquanto estou de pé, diante dele, segurando o machado, não consigo fazê-lo.

Ao invés disso, só quero me afastar dele. Porém, estou presa em um canto e seu corpo está bloqueando minha passagem. Então, eu corro e pulo sobre ele, tentando chegar ao lado oposto.

Outro erro. Novamente, eu o subestimei. Ele estende a mão e agarra meu tornozelo no ar. Caio no chão, de cara, batendo com força. A multidão grita.

Ele agarra meu tornozelo e me arrasta em sua direção, uma mão por vez. Sinto-me como se estivesse sendo arrastada em uma esteira transportadora, escorrego de barriga para baixo, inevitavelmente em sua direção. Em outro segundo eu estarei em cima dele e serei esmagada pelos seus braços.

Eu ainda estou segurando a empunhadura do machado, com minha reserva final de energia, consigo virar meu corpo superior e, com as duas mãos, abaixo o machado com tudo. Ouço o som grotesco da lâmina penetrando em sua testa.

Por um momento, congelo, assim como a multidão. Sua mão ainda prende meu tornozelo e me pergunto se a lâmina entrou fundo o suficiente. Então, finalmente, suas mãos soltam e seus olhos se abrem amplamente. Ele está morto. Eu o matei.

A plateia está completamente quieta. Eu me distancio dele, sem acreditar que alguém de seu tamanho possa realmente morrer, que eu pudesse, de fato, matá-lo. Fico em pé do outro lado do ringue, respirando com dificuldade, olhando para baixo com cautela, esperando que ele volte à vida. Mas ele não volta. Está morto. Realmente morto.

De repente, a plateia ruge, salta, irrompe em uma enorme comemoração. Eles assoviam e aplaudem e batem os pés infinitamente.

E então eu percebo: eu venci. Eu posso fazer isto. Eu posso sobreviver.

*

Eu sinto uma movimentação e então olho para cima.

O líder está sentado no alto, em seu próprio pedestal, assistindo acima de todos nós. Lentamente, ele fica de pé e, com isso, a multidão inteira fica em silêncio. Mesmo daqui, posso ver a expressão de surpresa em seu rosto. Claramente, ele não esperava por isso.

Ele acena com a cabeça, a porta da jaula se abre. Uma dúzia de comerciantes de escravos marcham, segurando armas. Dois deles vão diretamente em minha direção, armados e, por um momento, penso que irão me matar. Mas então vejo os outros quatro arrastarem os corpos das últimas duas vítimas. Estes dois estão apenas em pé, em guarda, caso eu faça qualquer movimento suspeito. Eles não se arriscam por nada.

Os outros quatro pegam Sumô e, com suprema força, arrastam seu peso imenso pelo ringue. Deve ser muito desgastante para eles, pois se movem devagar e eu posso ouvi-los gemendo. Após cerca de um minuto, eles finalmente conseguem retirá-lo, fazendo um rastro de sangue. Um deles volta e retira o corpo empalado do outro homem da jaula, como se fosse uma ideia de último instante. Os outros dois comerciantes de escravos marcham e fecham a porta com um baque atrás deles.

Agora estou sozinha, pensando no que está por vir. Espero por alguns momentos, imaginando se talvez ele já vão me soltar, apesar de saber, mesmo agora, que é uma ideia boba. Sei que não há sobreviventes na Arena Um. Nunca.

De fato, momentos depois, a plateia irrompe em uma enorme vibração quando outro competidor marcha para o ringue. Fico surpresa ao ver que, agora, é uma mulher. Ela vai diretamente para a escada de metal, parece confiante e desafiadora e, quando abrem a porta, ela sobe os degraus em três passadas rápidas e entra com um salto.

“SHI-RA! SHI-RA! SHI-RA!” a plateia torce.

Com cabelos negros e longos e olhos pretos, Shira parece estar com seus trinta e poucos anos; ela tem um corpo incrivelmente bem construído, seus músculos salientes, seios fartos. Ela veste somente um top elástico justo e shorts apertados e pretos, suas pernas são musculosas e torneadas e seus braços são bem firmes. Ela parece

uma modelo de ação cheia de curvas. Curiosamente, ela carrega uma pequena bolsa em suas costas. Pergunto-me se isso faz parte de seu traje ou se ela a usa por algum motivo.

Ela me encara friamente do extremo oposto do ringue. Ao contrário de Sumô, ela não parece me subestimar, me examina como se eu fosse um oponente sério. E isso me preocupa. Ela parece bem mais habilidosa. Estranhamente, sinto-me mais nervosa frente a ela do que frente a ele. Sinto que ela tem truques escondidos debaixo da manga.

Ela lentamente começa a circular o perímetro do ringue e eu também, mantendo minha distância. Continuamos circulando, dois oponentes cautelosos, cada uma esperando que a outra dê o primeiro passo. Após alguns segundos, ela, de repente, grita e parte para o ataque, suas mãos a sua frente, como se fossem garras, apontadas para minha cara.

Espero até o último segundo e então desvio, deixando meu pé onde estava. Funciona: ela passa direto por mim, mas tropeça e cai de cara no chão. A multidão vibra.

Porém, ela dá um giro com o mesmo movimento e, com uma mão, agarra a parte posterior de minha perna e, com a outra, puxa meu cabelo para trás. É uma jogada suja, ela me empurra para baixo, para trás e eu caio de costas no chão, golpeando o solo com um ruído surdo e doloroso. No mesmo golpe, ela dá a volta por cima de mim e me agarra em um abraço de urso, como um lutador. Ela me prende forte e não me solta, rolando sobre mim de novo e de novo.

Ela mantém meus braços presos e eu não consigo me libertar. Sinto que ela tira pouco a pouco a minha vida, minha respiração vai ficando cada vez mais fraca.

“MORDA-A! MORDA-A!” a plateia ecoa.

Não entendo porque eles estão ecoando isso, até que Shira inclina sua cabeça para trás, e abre amplamente a sua boca. Ela afiou seus dentes com uma lima para ter presas. Ela abaixa sua cabeça, atingindo meu ombro em cheio.

Luto para me soltar, mas ela é enganosamente forte e me agarrou de um jeito que eu não encontro brechas. A próxima coisa

que sei é que sinto uma dor horripilante, seus dentes afundam em minha omoplata. Eu os sinto perfurando minha pele, sinto o sangue saindo e grito de angústia.

A dor intensa me dá uma nova onda de adrenalina e, em uma repentina explosão de força, consigo colocar minhas mãos em seu plexo solar e empurrar com toda a minha força. Desta vez, funciona. Ela sai de cima de mim.

Eu me viro rapidamente, minha face está vermelha do esforço, meu ombro arde de dor; eu coloco minha mão sobre ele e ela volta vermelha, coberta de sangue. Agora estou furiosa.

Eu a ataco antes que ela possa ficar de joelhos. Dou um salto e chuto sua cintura com força. Há um som de costelas se quebrando e a multidão diz ooooh. Sem esperar, eu finalizo com mais um chute, bem na cara dela.

Ela colapsa, sangue escorrendo pelo seu rosto. Está confusa, estatelada no chão e, agora, eu tenho a vantagem.

Sei que eu deveria chutar sua cabeça repetidas vezes, acabar com ela. Mas, ainda assim, de alguma forma, não consigo fazê-lo. Ainda me sinto mal em matar esta mulher, deitada aqui, indefesa. Fico em pé, hesitante, e a plateia irrompe em um eco.

“MATE-A! MATE-A!”

Ainda não consigo me forçar a fazê-lo. Hesito. E este é outro erro idiota.

Não vejo sua mão se esticando lentamente até sua bolsa, soltando-a. E, quando percebo o que ela está fazendo, é tarde demais.

Sua bolsa abre e, de repente, dela salta uma cobra brilhante, multicolorida.

E ela rasteja na minha direção.

DEZOITO

A cobra vai para o chão e dispara em minha direção em um único instante. Estou tão chocada que sequer sei como reagir. A cobra, por outro lado, não hesita. Ela retrai suas presas e as afunda em minha panturrilha.

A dor é insuportável. Caio sobre um joelho quando as presas de sete centímetros perfuram minha carne. Parece que minha pele está pegando fogo, como se fosse queimar de dor.

Meus reflexos tomam o controle e, sem pensar, eu agarro a cobra pela cabeça, arranco-a e a seguro diante de mim. Ela sibila enquanto meu braço pega impulso para trás para jogá-la do outro lado do ringue. Ela bate na gaiola e cai no chão. A plateia vibra.

A cobra imediatamente se arrasta pelo chão, retornando para mim. Agora, minha panturrilha está queimando, dói tanto que me faz esquecer da dor que tenho em meu ombro. Para piorar, Shira está começando a se levantar de novo.

Ouço um barulho metálico e olho para baixo, vejo que outra arma foi deixada: desta vez, uma lança.

Corro até ela e a pego. A cobra continua em minha direção, eu arremesso a lança nela. Mas erro.

A cobra dá o bote em mim e eu consigo desviar bem na hora. Mas ela continua deslizando, me perseguindo. Eu levanto a lança de novo, giro e a arremesso para baixo. Desta vez, um golpe certo.

A lança se aloja exatamente na cabeça da cobra, prendendo-a no chão. Ela colapsa.

A plateia ruge.

Justamente quando eu acho que posso relaxar, levo uma pancada por trás, um cotovelo me acerta em cheio, bem na minha espinha vertebral. Eu voo para frente, colidindo contra as grades de

metal, errando por pouco uma das pontas de metal. Minha cabeça gira com a dor.

Eu me viro e vejo Shira pronta para atacar, seu rosto contorcido em fúria. Ela pula no ar, com os pés colocados para frente, pronta para me chutar na altura do peito. Percebo que seus dedos dos pés têm lâminas de metal afiadas sobressalentes: se ela me chutar, será um golpe fatal.

Faço um giro no último segundo e ela acaba golpeando as grades, ricocheteando e caindo duramente de costas. A multidão faz barulho.

Tento correr para atravessar o ringue e pegar a lança, mas, quando passo por ela, ela estende sua mão e agarra meu pé, me fazendo tropeçar. Desabo com tudo, de cara no chão. Um segundo depois, eu a sinto em cima de mim, me dando um abraço de urso por trás, envolvendo seus braços e pernas ao redor do meu corpo. A multidão urra.

Eu rolo sobre ela, de modo que, agora, ela está de costas para o chão, me agarrando por trás. Ela abraça minhas pernas com suas pernas musculosas e então estende seu antebraço, puro músculo, e o prende em volta de minha garganta. Ela vai me sufocar até a morte. Não tenho como me desvencilhar. Novamente, estou perdendo.

Com minha mão livre, tento alcançar em cima de meu ombro. Apenas trinta centímetros acima, fora de alcance, está a lança, ainda enfincada na cobra. Estico minha mão o máximo que posso, estirando as pontas dos meus dedos que roçam o cabo da lança. Estou tão perto. Mas estou ficando sem ar.

Dobro minha perna, ainda com a dor insuportável da mordida da cobra, apoio meu calcanhar no chão e empurro meu corpo, deslizando nós duas para trás. Consigo me mexer três centímetros. O suficiente para alcançar e pegar a lança.

Eu finalmente a tenho em mãos. Mas estou ficando tonta, vejo estrelas e estou perdendo oxigênio. Sei que tenho alguns poucos segundos de vida.

Com um último esforço supremo, elevo a lança e a aproximo de mim, no último segundo, tiro minha cabeça do caminho e a aponto

para baixo com força, com as duas mãos.

A lança, por pouco, não atinge meu rosto, ao invés disso, ela atravessa a garganta de Shira. Empurro com mais e mais força, ouvindo o som agonizante de metal penetrando em carne, até que seu aperto em volta de meu pescoço finalmente se afrouxe.

Ela colapsa debaixo de mim, suas mãos e pernas, aos poucos, me libertando. Sinto seu sangue quente fluindo de seu pescoço e encostando no meu. Enfim tenho condições de me libertar, saio rolando e me levanto com um salto.

Inclino-me sobre ela, observando-a, enquanto massajeio minha garganta, respirando com dificuldade. Seus olhos estão abertos, olhando para o lado.

Após um momento de silêncio, a multidão pula novamente, urrando de aprovação, ainda mais estrondosa que antes. Agora, eles me amam.

*

Quando olho para o cadáver de Shira, não me sinto orgulhosa; na verdade, só consigo pensar na mordida da cobra, o ardor em minha panturrilha, pergunto-me se era venenosa. Minha panturrilha já se encontra vermelha e inchada e, a cada passo que dou, recebo uma nova punhalada de dor. Suponho que, se fosse venenosa, eu já estaria morta ou, ao menos, paralisada. Ainda assim, a dor é inacreditável e andar é angustiante. Não sei como conseguirei lutar neste estado.

Sem falar sobre o que sobrou de mim: minhas costelas quebradas, o ferimento no meu braço pelo estilhaço, a nova picada em meu ombro, meu rosto inchado... Eu me agarro à cerca para tentar recuperar meu fôlego. Realmente não sei como vou lutar contra outra pessoa. Agora sei por que a Arena Um não tem sobreviventes.

Sinto uma movimentação e olho para cima, vejo o líder franzindo o cenho, não parece nada contente. A multidão continua vibrando e eu não posso deixar de pensar que talvez eu o tenha constrangido de alguma forma. Claramente, os combates na arena são projetados para serem rápidos, destinados basicamente para serem uma execução glorificada. Não parece que foram feitos para durarem

mais que uma rodada. Obviamente, ele achou que eu morreria mais rápido.

Para piorar a situação, as pessoas estão apostando dinheiro freneticamente na multidão. Pergunto-me se o líder e seu pessoal havia apostado contra mim – e se a minha vitória lhe custou o dinheiro da casa. Imagino quais eram as probabilidades. Se eu estivesse apostando, suponho que seria algo como 500 a 1 contra mim.

Seus assessores se amontoam a sua volta, parecem confusos, sussurram em seus ouvidos, como se arquitetassem um plano. Em resposta, ele acena devagar com a cabeça.

Com isso, o portão da jaula se abre e entram dois comerciantes de escravos. Eles vão até o corpo de Shira e arrastam seu cadáver pelo ringue. Um deles se abaixa e recolhe a lança e a carcaça da cobra. Mais sangue mancha o piso, que agora está vermelho e escorregadio. Observo tudo, ainda recuperando meu fôlego, quando ouço um estrondo débil. Este é seguido por outro mais forte e o chão abaixo de mim começa a tremer e então a balançar. Logo, vem um rugido ensurdecedor.

A plateia inteira fica em pé, pisando como loucos, enquanto cada um se vira para olhar a entrada de um dos túneis. Doze homens marcham, segurando tochas. Eles abrem caminho para alguém, obviamente, muito especial. A multidão urra cada vez mais alto, até suas pisadas ficarem ensurdecedoras. Não gosto do som disto. Eles devem conhecê-lo.

Após vários segundos, consigo ver o motivo dos gritos. Atrás de uma comitiva de uma dúzia de portadores de tochas, eu enxergo o que só pode ser meu novo oponente. Engulo em seco.

É possivelmente o maior homem e também o mais musculoso que já vi. Ele se eleva sobre os portadores de tochas por pelo menos trinta centímetros, cada centímetro quadrado de seu corpo repleto de músculos. Ele tem facilmente três vezes o tamanho de qualquer homem que já tenha visto em minha vida. Usa uma máscara preta, sinistra e ameaçadora, assim, não posso enxergar seu rosto. E talvez seja melhor.

Suas mãos e seus antebraços estão cobertos de luvas pretas, feitas de um material duro e cobertas de espinhos. Ele está nu, a não ser por seu shorts preto e apertado e botas de combate negras. Os músculos de suas coxas ondulam a cada passo.

À medida que ele se aproxima do ringue, a multidão fica louca. Finalmente, eles começam a fazer coro:

“MAL-COLM! MAL-COLM! MAL-COLM!”

Ele parece insensível aos gritos; simplesmente não se importa. Rodeado por uma comitiva de duas dúzias de pessoas, ele é uma besta enjaulada, pronta para destroçar qualquer coisa que fique em seu caminho. Sequer consigo processar que esta pessoa é a próxima que lutará contra mim. É uma piada. Eu não tenho chance.

Tive sorte com Sumô porque ele estava autoconfiante demais e foi descuidado; tive sorte com Shira também, mas quase acontece o contrário. Mas este homem: é óbvio que ele pode me dominar com apenas uma mão. Não sou pessimista. Mas, vê-lo subir a escada, entrar no ringue e ficar ali parado, medindo duas vezes o meu tamanho, é o suficiente para fazer os meus joelhos tremerem. Ele não é um homem – é um monstro, algo que saiu de contos de fadas. Pergunto-me se eles o salvam para ocasiões especiais, para castigar as pessoas que desafiaram os jogos, que envergonharam o líder. Ou talvez o deixem como último recurso, para matar as pessoas rapidamente e facilmente, sem tomar mais riscos.

Ele levanta seus braços para o alto e joga a cabeça para trás, a plateia fica louca. O rugido é tão forte que chega a machucar meus ouvidos. O brutamontes nunca desvia o olhar de mim, posso notar através de sua máscara. Sinto seus olhos me penetrarem – olhos sem alma, negros. Ele lentamente abaixa os braços, ainda me encarando. Saio das grades e fico em pé, olhando-o. Faço o meu melhor para ficar parada, parecer valente. Duvido que isso funcione.

Não sei o que fazer em seguida. Nesta arena, não há nenhum barulho nem sinal que marque o início do combate. E, mesmo que houvesse, tenho a sensação de que ninguém prestaria atenção. As lutas parecem começar quando os participantes quiserem. E eu não estou com a menor vontade de começar essa aqui. Ele também está

tomando seu tempo, saboreando cada momento, tentando me intimidar. E está funcionando.

Minha única esperança é que os líderes joguem outra arma. Olho para cima, para seus rostos franzidos, não vejo nenhum sinal disso.

Ele se movimenta. Caminha lentamente em minha direção, como se tivesse todo o tempo do mundo. Como se quisesse apreciar isso. Eu examino seu físico, procurando qualquer sinal de fraqueza. Mas não encontro nada: ele é uma parede sólida de músculos.

À medida que ele se aproxima, eu me afasto pouco a pouco, rodeando a parede da jaula. Percebo que isto me faz parecer fraca e provavelmente o encoraja. Mas não sei como ele poderia juntar mais coragem do que já tem, ainda não faço ideia de como lutar contra ele. Talvez, se eu fugir dele por tempo suficiente eu tenha alguma ideia. Ou eles mandarão uma arma para mim. Ou poderei cansá-lo. Mas qualquer uma dessas possibilidades parece duvidosa.

Ele se aproxima lentamente e eu continuo me afastando. A multidão fica ansiosa, assobia e vaia, me importunando. Eles querem sangue. E eu não sou mais a favorita.

Ele anda um pouco mais rápido em minha direção e eu desvio com a mesma rapidez. Ele contorna pelo lado esquerdo e eu vou pelo direito. Não posso continuar isso aqui para sempre, ele está se aproximando.

O grandalhão fica impaciente e se lança contra mim, tentando me agarrar; no último segundo, eu o iludo e saio correndo para um lado. Já estou do lado oposto a ele; ele não pega nada a não ser ar.

A multidão ri. Ele vira, seu pescoço está com um tom de carmim. Agora, está realmente furioso. Ele me ataca, correndo com todas as suas forças. Eu não tenho para onde fugir.

No último segundo, tento desviar para a direita, mas, desta vez, ele prevê este movimento e estende sua mão para agarrar minha blusa. Sem parar, ele se vira e, com uma mão, me faz girar e depois me lança para longe. Eu voo como uma boneca de pano através do ringue e bato na jaula de metal. Por sorte, não atinjo uma das pontas metálicas afiadas.

A plateia urra de aprovação. Eu fico deitada, sem ar, minha panturrilha e meu ombro estão latejando. Com um esforço supremo,

eu consigo me apoiar em minhas mãos e joelhos, mas, assim que o faço, sinto sua mão em minhas costas, agarrando minha roupa. Ele me arremessa de novo, de cabeça.

Eu saio pelos ares como uma bola de canhão em direção ao outro lado do ringue. Estou no ar e então caio de cara na jaula. A dor é ensurdecadora. Eu rebato e caio de costas no chão, perdendo o ar de novo.

A plateia grita, batendo os pés.

Olho para cima, bem a tempo de ver um enorme pé descendo, justamente em minha cara. No último instante, consigo sair do caminho, o ar passa rapidamente pelos meus ouvidos quando seu pé pisa forte no chão, apenas a alguns centímetros de distância. A multidão exclama de surpresa. Foi por pouco. Uma fração de segundo a mais e seu pé teria deixado minha cara em pedaços.

Eu me viro sem pensar e afundo meus dentes em seu pé. Sinto-os perfurarem sua carne e sinto o gosto salgado do sangue que escorre pelos meus lábios. Eu o escuto grunhir de dor. Ele é humano. Fico surpresa de perceber isso. É uma jogada suja, mas é a única que passou pela minha cabeça.

Ele retira sua perna e me chuta com força na minha cara. Saio voando, rodando várias vezes e bato no canto da jaula.

Ele toca seu pé ensanguentado, examina sua mão e se dirige para mim com um ódio recém descoberto. Pergunto-me se ele acabou de decidir que irá me dar uma morte lenta ao invés de uma rápida.

Eu me ponho em pé para encará-lo e, desta vez, sinto que preciso do elemento surpresa. Por mais insano que isto seja, eu o ataco.

Salto no ar e dou um chute frontal, mirando em sua virilha. Tenho esperança que, se eu chutá-lo com força e, no local certo, com minhas botas com pontas de metal, talvez eu consiga causar um impacto.

Mas ele é um lutador bom demais para isso. Ele deve ter recebido minha ação telegrafada há um quilômetro de distância pois, sem fazer o menor esforço, ele estende o braço, bloqueando minha perna. Sua luva de metal esmaga minha panturrilha, bem no meu

ferimentos, antes que eu possa causar qualquer impacto. A dor é entorpecente, me dá um calafrio e eu caio no chão, segurando minha perna em agonia.

Eu tento me levantar mas ele me atinge com sua outra luva, bem no meu rosto e isto me faz cair de novo, de cara para o chão. Sinto gosto de sangue em minha boca e olho para baixo, para o chão coberto de vermelho escuro. A plateia berra.

Tento me levantar mais uma vez e, antes que eu consiga, sinto sua mão em minhas costas, me elevando, tomando impulso e então me arremessando. Ele aponta para o alto, para o topo da jaula e eu atravesso o ringue voando. Mas, desta vez, penso rápido.

Estendo minha mão e, quando vou colidir contra a parede, me prendo a uma corrente, agarrando-a. A parede balança algumas vezes, mas eu consigo me manter presa. Estou no alto da jaula de metal, a uns quatro metros e meio do chão, me segurando pela minha vida.

O brutamontes parece atordoado. Ele vem me atacar, levantando sua mão para me agarrar e me puxar para baixo. Mas eu vou trepando pelas grades, cada vez indo mais alto. Ele estende a mão para pegar minha perna, mas eu a recolho no último momento. Estou fora de seu alcance.

Ele parece perplexo e posso ver a pele de seu pescoço ficando mais vermelha de frustração. Ele não esperava por essa.

A plateia fica de pé, rugindo de aprovação. Claramente, ele jamais viram esta tática anteriormente.

Mas eu não sei quanto mais consigo aguentar. Meus músculos já estão fracos e, enquanto me penduro na jaula, ela começa a balançar. O grandalhão a sacode violentamente. Eu me agarro às grades como uma boia em um mar agitado. Mas não importa o quanto ele a faça tremer, eu não irei soltar.

A multidão grita de deleite e ri dele. Olho para baixo e vejo seu pescoço adquirir uma tonalidade escura de vermelho. Ele parece humilhado.

Ele começa a subir também. Mas é lento, desajeitado. É pesado demais para ser ágil e esta jaula não foi feita para segurar alguém de suas dimensões. Ele escala na minha direção, mas agora eu

tenho a vantagem. Ele usa as duas mãos para subir e, quando se aproxima, balanço uma perna para trás, chutando o com força no rosto, ligando o canto de sua têmpora até o canto de sua máscara, com meus pés com pontas de metal.

É um chute sólido, um que ele não esperava – e, para minha surpresa, funcionou. Ele cai da grade, cerca de três metros, aterrissa de costas, batendo no chão. Ele cai com tanta força que o ringue inteiro treme. Parece que um tronco de árvore foi jogado do céu. A plateia urra de alegria.

O chute que eu lhe dei arranca sua máscara, que sai voando pelo chão. Ele fica em pé e franze o cenho para mim e, pela primeira vez, posso ver seu rosto.

Gostaria de não ter visto.

É horrível, grotesco, mal parece humano. Agora entendo porque ele usa máscara. Seu rosto é inteiramente queimado e carbonizado, com enormes protuberâncias espalhadas. Ele é uma Biovítima. A pior que eu já vi. Ele não tem nariz e tem fendas no lugar dos olhos. Parece mais um monstro que um homem.

Ele grunhe e rosna para mim e, se eu não estava com medo antes, meu coração dispara de terror agora. Estou lutando com algo que saiu de um pesadelo.

Mas, por enquanto, pelo menos, estou segura. Fui mais esperta que ele. Não há nada que ele possa fazer a não ser ficar aí parado olhando para mim. Estamos em um beco sem saída.

Então, tudo muda.

Estupidamente, eu continuo olhando para baixo, sem me importar em olhar para frente; jamais imaginei que haveria perigo nesta direção. Mas, um dos comerciantes de escravos de fora do ringue conseguiu se esgueirar para cima de mim com uma vara enorme. Ele me golpeia com ela, bem no meio do peito. Um choque elétrico percorre todo o meu corpo. Deve ser algum tipo de marcador de gado; devem reservá-lo para situações assim.

O choque me faz sair voando para trás, para fora da jaula. Eu caio pelo ar e aterrisso de costas. O impacto me deixa sem respiração de novo e estou tremendo por causa do choque. A

multidão grita de alegria quando vê que estou de pé novamente no ringue, indefesa.

Eu mal consigo respirar, nem sentir as pontas de meus dedos. Mas não tenho tempo para refletir. O brutamontes vem me atacar, parece mais louco que nunca. Ele pula no ar e levanta seus joelhos para o alto, preparando-se para golpear meu rosto, para pisar em minha cara até eu morrer.

De algum jeito, no último segundo, consigo sair do caminho. O vento deslocado por seu chute passa pela minha orelha e então ouço a pisada trovejante. É o suficiente para estremecer o chão, eu saio quicando como se fosse um brinquedo. Rolo para longe, fico de pé e corro para o lado oposto do ringue.

Outra arma é derrubada do céu, no meio do chão do ringue. É um clava medieval. Ela tem uma empunhadura curta de madeira, uma corrente de uns trinta centímetros e, ao final desta, há uma bola de metal, cheia de espinhos. Eu já vi uma dessas antes, nas imagens de cavaleiros de armaduras: uma arma letal utilizada na Idade Média.

Eu a alcanço antes que ele – não que ele demonstre qualquer interesse. Ele sequer vai atrás da arma, claramente sentindo que não precisa dela. Eu não o culpo.

Eu agarro o eixo e o giro, cheia de uma nova autoconfiança; Se eu conseguir atingir pelo menos um golpe, talvez eu consiga até vencer. É um bela arma, a esfera de metal com espinhos gira de novo e de novo ao final da corrente, estabelecendo um perímetro a minha frente, mantendo-o distante. Eu continuo girando, como um helicóptero e, assim, consigo deixá-lo fora de guarda, cauteloso.

Mas ele ainda aproxima-se aos poucos e, quando o faz, eu me afasto. Quando ele dá mais um passo, porém, eu escorrego em uma poça de sangue: meus pés se dobram e eu caio de costas. E, com isso, perco o controle da clava e ela sai voando pela jaula. Ela até chega a voar em direção a sua cabeça, mas ele é mais ágil do que eu imaginava e se abaixa com facilidade. A arma passa por cima dele e bate contra a parede da gaiola. A multidão exclama de surpresa, já que me salvei por um fio.

Caio de costas e, antes que eu possa me levantar, ele está diante de mim. Usa suas duas mãos para me levantar pelo peito. Ele me eleva alto, bem acima de sua cabeça, como um pugilista, e então, desfila pelo ringue, perante milhares de foliões. Eles vibram, enlouquecidos.

“MAL-COLM! MAL-COLM! MAL-COLM!”

Talvez esta seja sua jogada clássica antes de executar as pessoas de vez. Enquanto sou carregada no ar, acima de sua cabeça, indefesa, me retorço, mas é inútil. Não há nada que eu possa fazer. Estou a sua disposição. Qualquer segundo pode ser o meu último.

Ele lentamente passeia comigo pelo ringue, de novo e de novo, saboreando a adulação, a vitória. O barulho da plateia aumenta até um nível ensurdecedor. Ele me levanta ainda mais alto, preparando-se para me arremessar e, a última coisa que penso, antes de sair pelos ares, é que agradeço por Bree não estar aqui, assistindo a minha morte.

D E Z E N O V E

Ele me joga e eu voo pelo ar a toda velocidade, sem saber que eu podia me mexer assim tão rapidamente, aterrisso com força no chão, do outro lado do ringue. Sinto outra costela se partindo enquanto minha cabeça colide contra o metal e outro inchaço surge em minha testa. Pergunto-me quantos ferimentos mais meu corpo pode suportar.

Eu o sinto se aproximando de mim de novo e, desta vez, estou judiada demais para me mover. Fico deitada, de rosto para o chão, lutando para recuperar meu fôlego. Ele toma o seu tempo. É claro que vai me matar quando se aproximar. É a caminhada da morte.

Estou cansada e fraca e delirante demais para fazer qualquer outra coisa que não seja aceitar meu destino. Estou destinada a morrer. Aqui, neste lugar. Neste momento. Falhei. Decepcionei Bree.

Enquanto estou aqui estirada no chão, respirando com dificuldade, o sangue escorrendo pela minha boca, aos poucos, sobre o zumbido em meus ouvidos, sobre o estrondo da multidão, há outro som aparecendo gradualmente. É uma voz. A voz de meu pai. Uma voz autoritária. A voz que ele sempre usou para me castigar. Para me obrigar a me esforçar mais. Para ser mais do que eu podia ser.

Seja forte, Marinha! Pare de sentir pena de si mesma! Se você acha que você é uma fracassada, então você é! Seja forte! SEJA FORTE!

Sua voz se torna ensurdecadora, afogando todo o resto. Olho para cima, minha visão está borrada e, por um momento, eu juro que realmente estou *vendo* papai ali parado, suas mãos sobre sua cintura, franzindo o cenho. Há desaprovação – até mesmo desgosto – em seu rosto. E é isso que me motiva. É isso que acende alguma coisa por dentro.

Eu nunca suportei que meu pai me desaprovasse e sempre fiz o que quer que fosse apenas para calá-lo, apenas para provar que ele estava errado. Esta vez não é diferente. Sinto uma descarga de adrenalina com um acesso de ira, misturada com a necessidade de provar que ele está errado. Estou cheia de uma nova fúria, que me força a ficar sobre minhas mãos e joelhos.

SEJA FORTE!

O brutamontes dá três grandes passos, encerrando com um chute potente na direção de minha cara. Se ele me atingir, vai quebrar todos os ossos do meu rosto.

Mas agora estou pronta. Eu o surpreendo saindo do caminho no último segundo, uma fração de segundo a mais e o chute teria me alcançado. Ele erra e acaba atingindo a grade de metal com tamanha intensidade que seu pé se aloja em meio as correntes.

Levanto-me com um salto e, no mesmo movimento, corro atravessando o ringue e agarro a clava. O grandão puxa seu pé, tentando tirá-lo da jaula – mas ele está preso.

Desta vez, eu não perco tempo, eu não hesito. Finalmente, eu aprendi minha lição.

Eu ataco cruzando o ringue e, com todas as minhas forças, giro a clava para lançar a bola. Eu tenho apenas uma chance com isso, então eu miro em sua cabeça enorme, careca e musculosa.

Vou me aproximando. Três metros... um e meio... eu rodo a bola e a arremesso.

De repente, ele solta seu pé da jaula, se vira e me encara.

Eu já havia lançado a corrente em movimento, a bola já está dando voltas, voando, acima de minha cabeça, pelo ar. Assim que ele se vira para me encarar, a bola gira e se aloja em sua têmpora. Sangue começa a jorrar e eu solto a empunhadura.

A plateia está admirada, em silêncio.

O brutamontes dá um passo para trás, tropeça, estica com sua mão em choque, agarra a empunhadura e retira a bola de sua própria cabeça. Ao fazer isso, cérebro e sangue começam a sair.

Eu fico parada, horrorizada, congelada. Não consigo compreender como alguém continua se mexendo após um golpe desses.

Mas então, após um momento, ele derruba a clava e desmorona de joelhos. Ele cai de cara no chão. Suas mãos estão inertes ao seu lado e, para meu espanto, percebo que ele morreu. Eu o matei,

Após um segundo de silêncio assombroso, a multidão de repente fica em pé. Irrompe em rugidos e gritos, ainda mais altos que antes. Agora, eles ecoam o *meu* nome.

“BROOKE! BROOKE! BROOKE!”

Eu mal consigo escutar. Qualquer força que me sobrou, de repente, desaparece e, um momento depois, o mundo gira. Meus joelhos se enfraquecem e eu desmorono. A última coisa que vejo é o chão indo em minha direção. Batendo contra meu rosto.

E meu mundo vira só escuridão.

V I N T E

Eu não sei se estou viva ou morta. Meu corpo dói mais do que eu posso imaginar e me pergunto se é isso o que se sente do outro lado. De algum jeito, sinto que ainda estou viva: se estivesse morta, eu acho que não seria assim tão doloroso.

Abro um de meus olhos e vejo que estou deitada de rosto para baixo, em um chão de metal, em uma sala escura, iluminada por luzes de emergência vermelhas. Olho para cima e me esforço para enxergar a silhueta a minha frente.

“Brooke?” uma voz chama. Uma voz masculina, e eu sei que a conheço de algum lugar, só não sei de onde.

“Brooke?” ele chama novamente, baixinho.

Sinto uma mão sobre meu ombro, gentilmente me mexendo.

Consigo abrir meu olho um pouco mais e finalmente reconheço o rosto: Ben. Ele se inclina sobre mim, me cutucando de leve, tentando ver se eu ainda estou viva.

“Isto é para você,” ele fala.

Escuto o som de plástico raspando contra o chão de metal e o cheiro de comida me atinge. Mas estou atordoada demais para olhar para ela e não entendo realmente o que está acontecendo.

“Eu preciso ir agora,” ele fala. “Por favor. Quero que você fique com isso.”

Um segundo depois vem o barulho de uma porta se abrindo e luz invade a sala. Há o som de botas marchando, correntes, algemas sendo soltas. Então os passos se calam, a porta se fecha e, quando isso acontece, de repente, eu entendo: eles acabaram de levar Ben.

Quero levantar minha cabeça, abrir meus olhos, chamar por ele. Agradecê-lo. Avisá-lo. Dizer adeus.

Mas minha cabeça, muito pesada, não se levanta, e meus olhos começam a se fechar por vontade própria, Momentos depois, eu volto para um sono pesado.

*

Eu não sei por quanto tempo estive desmaiada quando acordo de novo. Sinto o metal frio do chão do lado de minha cara e, desta vez, eu consigo levantar minha cabeça aos poucos e me levantar. Minha cabeça está doendo demais e cada grama do meu corpo sente dor.

Fico sentada, sinto uma dor aguda em minhas costelas, agora, dói dos lados. Meu rosto está inchado, tenho vergões e hematomas espalhados nele inteiro e meu ombro está me matando. Pior que tudo, há uma intensa dor latejante em minha panturrilha, uma dor insuportável quando tento esticar minha perna. A princípio, não sei o motivo, e então me lembro: a picada da cobra.

Apoiando-me sobre uma mão, eu consigo ficar meio sentada. Olho a minha volta na sala escura à procura de qualquer sinal de Ben. Mas ele se foi. Estou sozinha.

Há uma bandeja de comida diante de mim, intocada. Sua refeição. Eu a alcanço e encosto minha mão: está fria. Sinto-me mal por ele tê-la deixado; tenho certeza que precisava dela tanto quanto eu. Entendo todo o seu esforço em sacrificar sua refeição. Se esta foi sua última refeição, então o levaram embora para lutar. Meu coração dispara quando me dou conta disso. Com certeza significa que ele já morreu.

Olho para baixo, para a bandeja, sinto que é a comida de um homem morto. Não me atrevo a tocá-la.

Escuto o som de botas e a porta de metal se abre. Quatro comerciantes de escravos entram e me arrastam pelos pés, me tiram da sala aos empurrões. A dor é indescritível quando fico em pé e ando. Minha cabeça está tão pesada, o mundo gira e eu não sei se consigo caminhar sem cair.

Sou empurrada e arrastada pelo corredor e, enquanto caminho, o som de uma plateia distante vai aumentando. Meu coração afunda quando percebo que estou sendo levada de volta à arena.

Se eles acham que eu posso lutar de novo, estão malucos. Eu mal consigo andar. Qualquer um que colocarem no ringue contra

mim terá uma vitória fácil. Não tenho vontade nenhuma para lutar – nem forças, mesmo se tivesse. Eu já dei tudo de mim nessa arena.

Empurram-me uma última vez quando o túnel da arena se abre. Os urros ficam ensurdecedores. Aperto os olhos diante da forte luz enquanto sou levada pela rampa, contando meus minutos finais.

A plateia fica de pé quando me vê. Eles pisam violentamente. Desta vez, no lugar de vaias e zombarias, parecem me adorar.

“BROOKE! BROOKE! BROOKE!”

É um sentimento surreal. Eu conquistei fama, mas por ações que desprezo e no último lugar do mundo que eu iria querer.

Sou empurrada de novo, o caminho inteiro pelo ringue, de volta à escada de metal. Eu olho para cima e vejo a jaula aberta, subo e entro sem poder fazer nada.

E, quando entro, a plateia enlouquece.

Eu ainda estou meio sonolenta e então tudo me parece surreal, não consigo deixar de me perguntar se eu já fiz isso antes ou se tudo não passou de um sonho. Olho para baixo e vejo o enorme inchaço em minha panturrilha e então sei que foi tudo real. Não consigo acreditar. Estou de volta aqui. Desta vez, para uma morte certa.

Não estavam brincando quando falaram que não há sobreviventes. Agora sei que não existem exceções.

Fico em pé no ringue vazio e observo o estádio, imaginando quem será meu próximo oponente, por onde ele entrará. Então, de repente, gritos animados vêm da multidão do outro lado do estádio. O túnel se abre e outro competidor entra. Não consigo vê-lo, pois minha visão é bloqueada pelo grupo de comerciantes de escravos que o acompanham. E vê-lo está tão difícil que não o enxergo quando ele chega à borda do ringue, quando ele sobe a escada, quando a gaiola se abre, então ele é empurrado para dentro, e, finalmente, vejo quem é.

E, quando o vejo, qualquer pingo de vontade de lutar que restou em mim desaparece.

Fico horrorizada.

Não pode ser.

Diante de mim, me encarando com o mesmo assombro, está
Ben.

V I N T E E U M

Fico ali imóvel, em estado de choque, olhando Ben, que parece um cervo diante de um carro com faróis acesos. Eu não sei como eles podem ser tão cruéis. De todas as pessoas que eles poderiam colocar contra mim, por que tinha que ser ele?

A plateia parece sentir nosso vínculo – e eles o adoram: gritam e vibram enquanto a jaula é fechada com um estrondo. Eles fazem apostas furiosamente, loucos para verem qual de nós está disposto a matar o outro primeiro.

Ben fica parado, parecendo tão perdido, tão deslocado. Nossos olhos se encontram e dividimos um momento especial. Seus grandes olhos azuis, tão gentis, ficam cheios de lágrimas. Parece um pequeno garoto perdido. Já posso ver que ele jamais levantaria um dedo para me machucar.

Antes deste momento, eu estava conformada em apenas ir tranquilamente para meu túmulo. Mas agora, ao ver Ben aqui, preso nesta mesma situação, tão indefeso, minha vontade de viver ressurge. Preciso encontrar um jeito de nos tirar daqui. Preciso nos salvar. Se não por mim, por ele.

Penso rápido, meu coração dispara a milhões de batidas por segundo enquanto tento me concentrar, calando a multidão ensurdecadora.

A plateia explode em vaias e xingamentos, furiosos porque nenhum de nós está realizando nenhum movimento para lutar. Eventualmente, seu desapontamento vira fúria e eles começam a jogar coisas na jaula. Tomates podres e todo tipo de objeto bate contra o metal, o público está arremessando qualquer coisa em nós.

De repente, sinto um forte choque elétrico em meus rins, viro para trás e vejo o marcador de gado inserido no ringue através da grade metálica. O comerciante de escravos rapidamente o retira

quando eu tento tomá-lo para mim. Eles golpeiam Ben no mesmo instante. É um truque sujo: estão tentando nos forçar a entrar em ação, nos provocar para que fiquemos irritados, nos empurrar para que fiquemos cada vez mais próximos. A multidão exclama sua aprovação.

Mas ainda ficamos parados, nos olhando, nenhum de nós quer lutar.

“Você me deu sua última refeição,” eu falo para ele, por cima da barulheira da multidão.

Ele diz que sim com a cabeça, lentamente, assustado demais para falar.

De repente, algo cai do céu e aterrissa diante de nós. Uma arma. Uma faca. Eu a olho mais de perto e fico horrorizada ao ver que é a faca de meu pai, o logo da Infantaria da Marinha gravado do seu lado.

A plateia vibra quando o objeto pousa, supondo que isso fará com que nós comecemos a brigar.

Ver a faca de papai me faz pensar em Bree. E eu percebo, mais uma vez, que preciso sobreviver. Para salvá-la. Se ela ainda estiver viva.

Repentinamente, a multidão se cala. Olho a minha volta, tentando entender o que está acontecendo. Não tinha visto a plateia ficar em silêncio antes. Olho para cima e vejo que o líder está em pé, no alto de seu pódio. Todos ficam quietos, prestando máxima atenção.

“Estou declarando uma mudança nas regras da arena!” Ele anuncia, sua voz grave ecoando. Ele fala devagar, deliberadamente e a plateia se prende a cada palavra sua. É claramente um homem acostumado a ser ouvido.

“Pela primeira vez, permitiremos um sobrevivente. Apenas um!” ele anuncia. “O vencedor deste combate receberá clemência. Assim como seus irmãos. Depois desta luta, eles estarão livres.”

O líder lentamente se senta e, assim que o faz, a multidão murmura com animação. Apostas são realizadas.

Olho de volta para a faca e eu sei que Ben também o faz.

Uma chance para sobreviver. Para ser libertado. Não apenas para mim – mas para Bree. Se eu matar Ben, irei salvá-la. É a minha chance. É meu bilhete de saída.

Quando vejo Ben olhando para a faca, sei que os mesmos pensamentos passam pela sua cabeça. É sua chance de salvar seu irmão mais novo.

Eu vou atrás dela, em um único movimento, me abaixo e a pego. Foi fácil. Ben sequer fez um movimento em sua direção.

Mas eu sou um tipo diferente do dele. Eu preciso fazer o que for para sobreviver. Para que Bree sobreviva.

Então eu me inclino para trás, miro e me preparo para jogar a faca de papai.

Faça isso, Brooke! Salve sua irmã! Você tem a responsabilidade!
VAMOS!

Eu pego impulso e lanço a faca com toda a minha força. E este é o momento em que tudo muda.

PARTE IV

VINTE E DOIS

Lanço a faca de papai com toda a força que tenho e, nesse momento, a multidão prende sua respiração, completamente quieta. A lâmina brilha sob a luz enquanto voa, girando pelo ar. É o lançamento mais forte e o mais preciso que eu já fiz. Eu já sei que ela irá atingir seu alvo. E que isso significará morte certa.

Em momentos, serei libertada.

Um segundo depois, o som de metal entrando na carne perfura o ar e eu vejo que foi, de fato, um golpe perfeito.

A multidão inteira fica boquiaberta, estarecida.

Pela primeira vez na minha vida, eu ignorei o conselho de meu pai. Não matei Ben.

Eu matei o líder.

*

A faca se aloja bem no meio da testa do líder; consegui arremessá-la com perfeição, alto o suficiente para passar pela grade, por um milímetro, e ainda assim manter um ângulo perfeito para atingi-lo, a cerca de trinta metros de distância. Ela o golpeou tão fortemente que pregou sua cabeça na cadeira. Ele continua sentado, de olhos arregalados, paralisado pelo choque, morto.

Há um silêncio atordoado na arena. Por vários segundos, a plateia permanece chocada demais para reagir. Eu conseguiria ouvir o som de um alfinete cair.

E, então, um pandemônio se instala. Milhares de pessoas saltam de seus assentos e correm em todas as direções. Algumas, amedrontadas, fogem por suas vidas; outros veem esta situação como a chance de serem livres e correm para as saídas. É como se uma energia violenta, há muito tempo contida, fosse liberada.

Os comerciantes de escravos correm para todos os lados, procurando manter a ordem.

Eu olho para a porta da jaula, pensando se poderíamos escapar por ali, mas os guardas já estão mexendo no cadeado, tentando abri-lo para que possam vir nos pegar.

Corro para Ben, que continua parado, em choque, e o puxo pelo braço.

“SIGA-ME!” eu grito.

Pego sua mão e corro pelo ringue, pulo na jaula e escalo suas paredes. Continuo subindo, aliviada de ver Ben ao meu lado.

Justamente na hora, os comerciantes de escravos abrem o portão de metal e vêm correndo para nos pegar.

Mas já estamos no alto da jaula, a uns quatro metros e meio de altura. Eu olho para a borda e, por um momento, hesito: vai ser uma queda e uma aterrissagem difícil. Ben também hesita.

Mas não temos opção. É agora ou nunca.

Eu pulo.

Caio violentamente sobre meus pés, quatro metros e meio para baixo, diretamente no concreto. Minha panturrilha explode de dor com a queda. Ao cair, minhas costelas quebradas doem tanto quanto também. A dor é insuportável, mas pelo menos sinto que não quebrei mais nada. Consegui.

Olho para o lado, esperando ver Ben perto de mim, no meio desse caos, a multidão dispara em todas as direções a minha volta. Mas meu coração afunda quando vejo que ele não está aqui. Ele ainda está no alto da parede da jaula, hesitando. Está com medo de pular.

Os comerciantes de escravos irão alcançá-lo, começam a subir, tentando pegá-lo. Ele está aterrorizado, paralisado.

Fico em pé e berro para ele.

“BEN!” eu grito. “PULE! VENHA!”

Posso sentir o pânico em minha voz. Não há tempo. Se ele não pular agora, terei que ir sem ele.

De repente, graças a Deus, Ben salta entre a multidão. Ele atinge o chão com força, desequilibrando. E então, após um momento, se levanta. Parece atordoado, mas, pelo que posso ver, está ileso. Agarro seu braço e nós corremos.

O caos é tão desmedido que ninguém nos nota. As pessoas brigam entre elas, lutando para saírem. Eu consigo desviar entre as massas, me escondendo no anonimato. Olho para trás e avisto o grupo de comerciantes de escravos em nosso encalço.

Vou em direção a um dos túneis de saída, por onde centenas estão fugindo e, então, nos misturamos com a multidão, abaixando e desviando das pessoas. Atrás de nós, sinto os comerciantes de escravos se separarem no meio da massa para nos procurar. Não sei o quão longe poderemos ir. A densa multidão mal se mexe.

Entro na escuridão de um dos túneis e, quando o faço, uma mão tapa minha boca com força e me puxa para trás. Outra mão pega Ben, cobrindo sua boca e o leva para trás, também.

Fomos pegos, levados para a escuridão. Estou presa em um buraco na parede e meu raptor me segura com um aperto forte e mortal. Não consigo me livrar dele. Enquanto fico ali parada, penso se estou prestes a morrer.

O grupo de comerciantes de escravos passa por nós, descendo o túnel, achando que estão atrás da gente. Não acredito: nós os despistamos.

Agora, agradeço por ter sido puxada para o lado. O aperto em volta de minha boca afrouxa e me pergunto por que meu raptor nos fez um favor. Ele me solta completamente e olho por cima de meu ombro e me deparo com um soldado grande, vestido de preto, mas sem máscara. É diferente dos outros. Aparenta ter uns 22 anos, suas feições são perfeitas, um queixo forte e curto, cabelos castanhos e bem cortados. Ele se inclina sobre nós e nos encara com seus olhos verdes, que são surpreendentemente contrastantes com seu porte: eles exalam suavidade e parecem completamente fora de lugar aqui.

“Venha comigo,” ele fala, urgentemente.

Ele se vira e desaparece por uma porta lateral, escondida na parede. Ben e eu trocamos olhares e então, imediatamente, o seguimos, nos abaixamos sob a porta e entramos na câmara anexa.

Este homem acabou de salvar as nossas vidas. E eu não tenho ideia de quem ele seja.

*

O soldado fecha e tranca a porta atrás de nós. É uma pequena sala, como uma cela, com o uma pequena janela no alto. Não há luz do sol atravessando-a, então, presumo que ainda seja noite. A sala é iluminada apenas por uma pequena luz de emergência. Ele se vira para nós e nós três ficamos assim, nos encarando.

“Por que você nos salvou?” eu pergunto.

“Vocês ainda não estão salvos,” ele responde, friamente. “Ainda há milhares dessas coisas ai fora, procurando por vocês. Vocês terão que sentar quietos aí e esperarem, até a luz do dia. E então poderemos tentar alguma coisa. Nossas chances são pequenas, mas não temos escolha.”

“Mas por quê?” eu pressiono. “Por que você está fazendo isso?”

Ele se afasta, verificando o cadeado na porta mais uma vez. Então, de costas para nós, murmura, “Porque eu também quero sair daqui.”

Fico de pé, quieta, Ben de um lado meu e o soldado do outro. Eu escuto o barulho do tumulto dos passos além da porta, correndo pelo corredor. Os gritos e exclamações parecem eternos, como se a multidão enfurecida estivesse procurando alternativamente por nós e brigando entre eles. Eu abri a caixa de Pandora: está um caos total depois desta porta. Rezo para que ninguém pense em revistar este vão na parede – ou, se o fizerem, que o cadeado aguente.

Meus medos viram realidade, ouço um barulho na maçaneta. O soldado, aos poucos, levanta sua arma, aponta para a porta e se inclina para trás. Ele a mantém firme, ao nível da porta.

Fico parada, trêmula, suor desliza pelas minhas costas, apesar do frio que está aqui. Quem quer esteja do outro lado, continua mexendo na maçaneta. Se ela se abrir, estamos acabados. Podemos conseguir matá-lo primeiro, mas o tiro poderia alertar outros e a multidão toda nos encontraria. Seguro minha respiração por um tempo que parece uma eternidade e, finalmente, param de mexer na porta. Eu o ouço se virar e ir embora.

Suspiro de alívio. Provavelmente era apenas um passageiro, procurando por abrigo.

Aos poucos, o soldado também relaxa. Ele abaixa o coldre e sua arma.

“Quem é você?” eu pergunto sussurrando, com medo de ser escutada.

“Meu nome é Logan,” ele diz, sem estender sua mão.

“Eu sou Brooke e este é—” eu começo, mas ele me interrompe.

“Eu sei,” ele fala, seco. “Todos os competidores são anunciados.”
É claro.

“Você ainda não respondeu minha pergunta,” eu pressiono. “Não perguntei seu nome, perguntei *quem* você é.”

Ele olha de volta para mim friamente, desafiante.

“Sou um deles,” ele responde, relutante. “Ou, pelo menos, costumava ser.”

“Um comerciante de escravos?” Ben pergunta, sua voz mais alta de surpresa e desgosto.

Logan balança sua cabeça.

“Não. Um guarda dos jogos. Eu ficava de guarda na arena. Nunca fui a missões de comerciantes de escravos.”

“Mas isso ainda o deixa do lado deles,” eu falo rispidamente, e posso ouvir o preconceito em minha voz. Sei que não deveria julgá-lo – afinal, ele salvou nossas vidas. Mas, ainda assim, penso nessas pessoas que levaram Bree e é difícil sentir qualquer simpatia.

Ele encolhe os ombros. “Como eu disse, não mais.”

Olho de volta para ele.

“Vocês não entendem,” ele começa, em tom de explicação. “Aqui, não há escolha. Ou você se junta a eles ou morre. É simples assim. Eu não tive chance.”

“Eu teria escolhido morrer,” eu digo, desafiante.

Ele olha para mim sob a fraca luz e eu vejo a intensidade em seus olhos verdes. Não consigo deixar de notar, apesar de tudo, como eles são lindos. Há algo de nobre nele, um atributo de cavalheiro que eu não havia notado anteriormente.

“Teria?” ele questiona. E olha para mim. “Talvez,” ele diz, finalmente. “Talvez você seja uma pessoa melhor do que eu. Mas eu fiz o que tinha que fazer para sobreviver.”

Ele caminha, atravessando para o outro lado da sala.

“Mas, como eu disse, nada disso importa mais,” ele continua.
“Passado é passado. Eu quero ir embora.”

Percebo como estava sendo preconceituosa e me sinto mal. Talvez ele esteja certo. Talvez, se eu ainda vivesse aqui, na cidade, também tivesse me juntado a eles. Não sei sob que tipo de pressão ele estava.

“E agora?” eu pergunto. “Você irá partir? Vai desertar?”

“Vou fugir,” ele diz. “Já tive o suficiente. Ver você lutando – mudou algo em mim. Você tinha tanto espírito. Sabia que este era o momento de ir, mesmo que eu morra tentando.”

Ouço a sinceridade em sua voz e sei que ele fala a verdade. Fico surpresa ao ouvir que eu o inspirei. Eu não estava tentando inspirar ninguém – apenas tentado continuar viva. E eu sou grata pela sua ajuda.

Mas, baseando-me pelo número de passos que eu ouço por fora da porta, parece uma causa perdida. Não sei como vamos sair daqui,

“Eu sei que há um barco,” ele continua, como se lesse minha mente. “Está atracado no lado oeste, na Rua 42. É um pequeno barco a motor. É utilizado para patrulhar o Hudson. Mas não parte até depois do amanhecer. Se eu chegar ao nascer do sol e antes que eles, posso roubá-lo. Levá-lo rio acima.”

“Para onde?” eu pergunto.

Ele me olha sem expressão.

“Para onde você vai?” eu pressiono.

Ele dá de ombros. “Eu não sei. Eu não ligo. Qualquer lugar menos aqui. Para onde o rio me levar, eu acho.”

“Acha que conseguiria sobreviver nas montanhas?” Ben pergunta, repentinamente. E posso ouvir um tom perspicaz em sua voz, algo desconhecido, que eu não havia ouvido ainda. Se eu não conhecesse, diria que parece possessividade. Ciúmes.

De repente, meu rosto fica corado quando percebo: Ben sente algo por mim. E está com ciúmes de Logan.

Logan olha para Ben, friamente. “*Você conseguiu,*” ele diz. “Por que eu não conseguiria?”

“Eu não chamaria de sobreviver o que fiz,” Ben fala. “Era mais como uma morte lenta.”

“É melhor que aqui,” Logan rebate. “Além disso, eu não vou desistir. Vou encontrar uma maneira de sobreviver. Tenho armas e

munição e suprimentos para alguns dias. É tudo o que preciso. Farei o que for necessário.”

“Eu não sou um derrotado,” Ben replica, aborrecido.

Logan apenas dá de ombros.

“O barco é para dois,” ele diz, desviando o olhar de Ben, para mim. É óbvio pelo seu olhar que ele que *eu* vá. Pergunto-me se ele gosta mim ou se isso é uma coisa de rapazes, como uma típica rivalidade e ciúmes. Logan deve ver a determinação em meus olhos, pois ele, então, adiciona, “Mas, acredito que, se precisar, pode aguentar três.”

Ele se distancia.

“Vou ajudá-los a fugirem. Ao nascer do sol, vocês me seguirão. Nós pegaremos o barco no Hudson. Vou deixá-los em casa, onde quer que seja, e então continuarei meu caminho.”

“Não irei para lugar nenhum sem Bree,” eu falo, firmemente.

Logan se vira e olha para mim.

“Quem é Bree?” ele pergunta.

“Minha irmã.”

“E eu não irei sem meu irmão,” Ben acrescenta.

“Viemos aqui por um motivo,” eu explico. “Resgatar nossos irmãos. Levá-los de volta. Não irei sem ela.”

Logan balança a cabeça, como se estivesse aborrecido.

“Vocês não sabem o que estão falando,” ele diz. “Estou dando a vocês um passe de saída. De graça. Não veem que não há outro jeito de escapar daqui? Eles os perseguirão antes que vocês andem um metro. E mesmo que você encontre sua irmã – e depois?”

Fico ali parada, de braços cruzados, irritada. De maneira alguma vou deixar que ele me convença o contrário.

“Além disso, odeio dizer isto, mas...” sua voz vai sumindo, ele mesmo se detém.

“Mas o que?” eu pressiono.

Ele hesita, como se pensasse se deveria falar alguma coisa. E respira fundo.

“Não há como vocês os encontrarem.”

Sinto meu coração se apertar com suas palavras. Eu olho para ele, pensando o que estará ocultando.

“O que você não está contando para a gente?” eu pergunto.

Ele desloca seu olhar de mim para Ben e então para o chão, evitando meu olhar.

“O que você sabe?” eu pressiono. Meu coração bate com força—temo que ele diga que Bree está morta.

Ele hesita, tocando o chão, olhando para baixo e então, finalmente, começa a falar.

“Eles foram separados,” começa. “Eram muito novos. Eles sempre separam os mais velhos dos mais novos. Os mais fortes dos mais fracos. Os meninos das meninas. Os mais fortes e mais velhos são destinados para a arena. Mas os mais novos, mais fracos...” ele se cala.

Meu coração dispara, imagino o que ele tem para falar.

“E então?” Ben pergunta.

“Os meninos novos são enviados para as minas.”

“As minas?” Ben indaga, dando um passo para trás de indignação.

“As minas de carvão. Em Crosstown. Debaixo da Grand Central. Eles os colocam em trens para Crosstown. São deixados em minas, bem debaixo da terra. Eles usam carvão para o fogo. É onde seu irmão está. É para lá que o trem estava indo. Eu sinto muito,” ele fala, parece sincero. Ben caminha repentinamente para a porta, sua cara está vermelha.

“Para onde você está indo?” eu pergunto, alarmada.

“Vou buscar meu irmão,” Ben responde, sem descanso.

Logan dá um passo e segura meu braço, bloqueando o caminho de Ben. Agora que eu os enxergo um ao lado do outro, posso ver que Logan é bem maior, uns quinze centímetros mais alto e duas vezes mais largo, com ombros grandes e musculosos. Ao seu lado, Ben parece pequeno. Eles são pessoas de aspectos completamente opostos: Logan é o típico atleta estadunidense, enquanto Ben, magro e sem se barbear, com seus cabelos longos e olhos expressivos, é o tipo artista sensível. Eles não podiam ser mais diferentes. Mas cada um compartilha uma incrível força de vontade, um desejo de desafio.

“Você não vai a lugar nenhum,” Logan fala com sua voz grave e autoritária.

Ben olha para ele, carrancudo.

“Se você sair por aquela porta,” Logan continua, “vai nos delatar. E todos nós morreremos.”

Os ombros de Ben relaxam e ele cede.

“Você quer encontrar seu irmão?” Logan continua, “Você pode. Mas precisará esperar até o amanhecer, quando todos nós sairemos juntos daqui. Mais algumas horas. E então você pode ir e buscar a morte que quiser.”

Ben lentamente vira suas costas e, ressentido, passa para o nosso lado da sala.

“E quanto a Bree?” eu pergunto, minha voz extremamente fria. Tenho medo de perguntar. Mas eu preciso saber. “Para onde a levaram?”

Logan balança sua cabeça devagar, evitando meu olhar.

“PARA ONDE?” eu demando, dando um passo para frente, minha voz está venenosa. Meu coração acelera de medo.

Ele limpa sua garganta.

“As meninas jovens,” ele começa, “as que são novas demais para a arena... são levadas para a escravidão,” ele diz. E olha para mim. “O comércio do sexo.”

Meu coração se parte em dois. Eu quero correr até a porta, gritar, procurar por ela em todos os lugares. Mas eu sei que isso será inútil. Preciso saber de mais. Sinto meu rosto ficar vermelho, calor sobe pelo meu corpo inteiro, cerro meus punhos de indignação.

“Para onde a levaram?” eu pressiono, minha voz fria.

“Eles enviam as escravas sexuais para a Ilha dos Governadores. São colocadas em um ônibus e enviadas para o centro. Depois, são colocadas em um barco. O próximo ônibus parte ao amanhecer. Sua irmã estará nele.”

“Onde estão esses ônibus?” questiono.

“Do outro lado da rua,” ele diz. “Entre as Ruas 34 e a Oitava Avenida. Eles partem do antigo posto do correio.”

Sem pensar, eu me aproximo da porta, sentindo a horrível dor em minha perna quando ando. Mais uma vez, Logan levanta seu

braço e me impede. Ele é forte e musculoso, como uma parede.

“Você também precisa esperar,” ele fala. “Até o nascer do dia. Não lhe fará bem nenhum procurar por ela agora. Ela ainda não está no ônibus. Eles as mantêm debaixo da terra até a hora de partir, em alguma cela por aí. Eu não sei aonde. Eu prometo a você. Ao nascer do sol, eles irão trazê-la e colocá-la no ônibus. Se você quiser ir atrás dela, é aí que você pode ir.”

Eu o encaro, examinando minuciosamente seus olhos, e vejo sinceridade. Aos poucos, eu relaxo, respirando profundamente para me controlar.

“Mas você precisa saber que é uma causa perdida,” ele diz. “Você nunca conseguirá tirá-la de lá. Ela estará acorrentada a um grupo de escravas que, por sua vez, estarão acorrentadas a um ônibus blindado. O ônibus estará cercado por dúzias de soldados e veículos. Você não conseguirá se aproximar. Vai acabar apenas se matando. Sem falar que,” ele adiciona “a maioria dos ônibus nem consegue atravessar o terreno baldio.”

“Terreno baldio?” eu pergunto.

Ele limpa sua garganta, relutante.

“Para chegar ao South Street Seaport, o píer da Ilha dos Governadores, os ônibus precisam ir para o centro, tem que atravessar a área amuralhada. A parede começa na Rua 23. Ao sul dela, fica o terreno baldio. É onde os Loucos vivem. Milhares deles. Eles atacam todos os ônibus que passam por ali. A maioria não consegue atravessar. Por isso que mandam vários ônibus de uma só vez.”

Meu coração afunda com suas palavras.

“Por isso que estou falando: partam comigo pela manhã. Pelo menos, vocês estarão seguros. Seus irmãos já são uma causa perdida. Pelo menos, *vocês* podem sobreviver.”

“Eu não ligo para as probabilidades,” eu retruco, minha voz dura e determinada. “Não me importo de morrer tentando. Eu vou atrás da minha irmã.”

“E eu vou procurar meu irmão,” Ben adiciona. Estou surpresa pela sua determinação também.

Logan sacode sua cabeça.

“Façam o que quiserem. Vocês estarão por conta própria. Vou pegar aquele barco ao amanhecer e partirei.”

“Faça você o que tem que fazer,” eu digo com desgosto. “Como sempre fez.”

Ele me menospreza e posso ver que o deixei magoado. Ele se vira bruscamente, vai para o extremo oposto da sala, se apoia contra a parede e se senta, mal humorado. Logan revista e limpa sua pistola, sem olhar de novo para mim, como se eu não mais existisse.

Sua maneira de ficar sentado me lembra da dor em minha panturrilha, de como estou exausta. Vou para outro canto da parede, o mais longe dele que posso ficar, me encosto e também me sento. Ben vem e senta-se ao meu lado, seus joelhos quase tocando os meus, quase. É bom tê-lo por perto. Ele me compreende.

Não acredito que nós dois estamos aqui sentados agora, vivos. Eu jamais teria imaginado isso. Eu tinha certeza que estávamos marchando em direção à nossa morte hoje mais cedo e, agora, sinto como se tivesse recebido uma segunda chance para viver.

Penso em minha irmã e no irmão de Ben – e, de repente, me dou conta que teremos que nos separar, ir para diferentes partes da cidade. Esse pensamento me incomoda. Eu o olho, examinando-o, enquanto ele está sentado com a cabeça abaixada. Ele simplesmente não nasceu para lutar. Não sobreviverá sozinho. De alguma forma, eu me sinto responsável.

“Venha comigo,” eu digo repentinamente. “Será mais seguro assim. Vamos juntos para o centro, encontrar minha irmã, e então encontrar um jeito de sairmos daqui.”

Ele balança sua cabeça.

“Não posso deixar meu irmão,” ele diz.

“Pare e pense sobre isso,” eu digo. “Como é que você vai encontrá-lo? Ele está do outro lado da cidade, em algum lugar, centenas de metros abaixo da terra, em uma mina. E, se você encontrá-lo, como você o tirará de lá? Pelo menos sabemos onde está minha irmã. Pelo menos temos uma chance.”

“E como você irá tirá-la de lá, após encontrá-la?” ele pergunta. É uma boa pergunta, para qual eu não tenho resposta.

Eu simplesmente balanço minha cabeça. "Vou dar um jeito," eu falo.

"E eu também," ele responde. Mas posso detectar incerteza em sua voz, como se ele já soubesse que não conseguirá.

"Por favor, Ben," eu peço. "Venha comigo. Pegaremos Bree e daremos o fora daqui. Iremos sobreviver juntos."

"Eu posso falar a mesma coisa," ele diz. "Posso pedir que você venha comigo. Por que sua irmã é mais importante que meu irmão?"

É um bom argumento. Ele ama seu irmão tanto quanto eu amo minha irmã. Eu compreendo. Não há nada que eu possa dizer contra isso. A realidade me diz que iremos nos separar ao amanhecer. E que eu provavelmente nunca mais o verei de novo.

"Tudo bem" eu falo. "Mas prometa-me uma coisa, sim?"

Ele olha para mim.

"Depois que você conseguir, vá para o Rio do Leste, desça até o píer de South Street Seaport. Esteja lá ao nascer do sol. Eu darei um jeito. Encontre-me lá e nós conseguiremos dar um jeito juntos." Eu olho para ele "Prometa," eu exijo.

Ele me analisa e eu posso ver que está pensando.

"O que lhe dá tanta certeza de que você conseguirá chegar ao centro, conseguirá chegar a Seaport?" ele pergunta. "Passar por todos os Loucos?"

"Se eu não conseguir," eu respondo, "significa que eu morri. E morrer não está nos meus planos. Não após tudo que passei. Não enquanto Bree estiver viva."

Posso ouvir a determinação em minha própria voz, mal a reconhecendo – ela soa como se um estranho estivesse se comunicando através de mim.

"É o nosso ponto de encontro," eu insisto. "Esteja lá. Prometa-me."

Finalmente, ele concorda.

"Tudo bem," ele fala. "Certo. Se eu estiver vivo, estarei lá. Ao amanhecer. Mas, se eu não estiver, quer dizer que estou morto. Não espere por mim. Promete? Não quero que você fique me esperando." Ele insiste. "Prometa-me."

Enfim, eu digo, "Eu prometo."

Ele estende sua frágil mão para mim. E, aos poucos, a coloco entre as minhas.

Ficamos sentados, de mãos dadas, nossos dedos entrelaçados e eu percebo que é a primeira vez que seguro sua mão – de verdade. Sua pele é tão macia que é gostosa de tocar. Sem eu querer, sinto pequenas borboletas.

Continuamos sentados, de costas para a parede, um ao lado do outro nessa sala escura, de mãos dadas por não sei quanto tempo. Nós olhamos para o outro lado, sem dizer uma palavra, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Mas nossas mãos não se separam e, enquanto estou aqui sentada, caindo no sono, não consigo deixar de pensar se esta é a última vez que o verei vivo.

VINTE E TRÊS

Abro meus olhos quando uma mão áspera empurra meu ombro. "VAMOS!" ouço um sussurro insistente.

Abro meus olhos com um sobressalto, confusa, sem saber se estou acordada ou dormindo. Olho a minha volta, tentando me orientar e vejo a luz do dia que está nascendo em tons acinzentados, pela janela. É o amanhecer. Adormeci no chão com minha cabeça repousando sobre o ombro de Ben. Logan também o acorda bruscamente.

Entro em ação, correndo. Ao fazê-lo, a dor na minha panturrilha está insuportável, explodindo na minha perna.

"Estamos perdendo tempo!" Logan alfineta. "Mexam-se! Vocês dois! Estou indo. Se quiserem me seguir, agora é a hora!"

Logan vai depressa para a porta e encosta sua orelha contra ela. Sinto uma descarga de adrenalina quando atravesso a sala, Ben, agora acordado, fica ao meu lado, e eu fico atrás de Logan. Nós escutamos. Tudo parece quieto do lado de fora. Não há mais passos, nem gritos, nem vozes... nada. Pergunto-me quantas horas se passaram. Parece que todo mundo desapareceu.

Logan também parece satisfeito. Segurando sua arma em uma das mãos, ele estende a outra e destrava a porta, então olha para nós para certificar-se que estamos prontos. Ele abre a porta lentamente.

Logan pisa no lado de fora com cautela, dá a volta na esquina bruscamente, pronto para atirar.

Ele gesticula para que a gente o siga, saio e vejo que os corredores estão vazios.

"Movam-se!" ele sussurra freneticamente.

Ele atravessa o corredor rapidamente e vou atrás dele, com todas as minhas forças. Cada passo é uma pequena explosão em minha

panturrilha. Não consigo evitar e olho para baixo, onde dói e, ao fazê-lo, me arrependo: agora minha panturrilha está inflamada, do tamanho de uma bola de beisebol. Também está vermelha e brilhante, temo que esteja infeccionada, vou precisar de remédios. E logo.

Mas não posso pensar nisso agora. Continuo correndo, coxeando pelo corredor. Ben está ao meu lado e Logan, uns três metros à frente. Os corredores de aço são fracamente iluminados por luzes de emergência esporádicas, sigo Logan na escuridão, confiando em sua experiência com este lugar. Por sorte, não há ninguém em vista. Suponho que estejam todos procurando por nós lá fora.

Logan vira à direita em outro corredor e então à esquerda. Nós o seguimos, acreditando que ele saiba como sair daqui. Agora é nosso salva-vidas, teremos que confiar nele. Não temos escolha.

Após várias curvas e voltas, Logan finalmente para em frente a uma porta. Eu paro ao lado dele, sem fôlego. Ele a empurra para abrir uma fresta, dá uma olhada e então a abre por completo. Ele agarra Ben pelo ombro e o empurra para frente.

“Ali,” ele fala, apontando. “Vê?”

Eu me inclino para frente. Ao longe, cruzando o vasto terminal aberto, há trilhos de trem.

“Aquele trem ali, o que está começando a se mexer. Ele vai para as minas. Sai uma vez por dia. Se você quer ir, agora é sua chance. Pegue-o!”

Ben vira-se para mim e me olha uma última vez, seus olhos arregalados de adrenalina. Ele me surpreende ao pegar minha mão e beijá-la. Ele a segura por mais um segundo, me lança olhar cheio de significados, como se fosse a última vez que me vê.

Ele vira e dispara cruzando o terminal, em direção ao trem.

Logan olha para mim com desdém, posso sentir seus ciúmes.

Eu nem sei o que pensar do beijo. Enquanto o vejo correr para alcançar o trem, não deixo de imaginar se esta será a última vez que o verei.

“Por aqui!” Logan diz bruscamente, correndo por um corredor diferente.

Mas eu fico sentada ali, paralisada, assistindo Ben correr.

Logan se vira para mim, antipático, impaciente. "MEXA-SE!" ele sussurra.

Ben corre através de toda a área aberta da Estação Penn, chega aos trilhos, e então pula na parte traseira do trem em movimento. Ele se agarra às barras de metal e o trem desaparece no túnel escuro. Ele conseguiu.

"Estou indo embora!" Logan avisa, e então se vira e sai correndo por outro corredor.

Eu saio correndo atrás dele. Vou o mais rápido que minhas pernas podem aguentar, mas Logan já está bem longe e faz uma curva novamente, sumindo de vista. Meu coração dispara quando acho que o perdi.

Viro em outro corredor, subo uma rampa e, finalmente, o avisto de novo. Ele está em pé, junto a uma parede, do lado de uma porta de vidro, esperando por mim. Através dela posso ver o lado de fora. Oitava Avenida; O mundo está branco. Há uma tempestade de neve lá fora.

Corro até Logan e fico ao seu lado, de costas para a parede, tentando recuperar meu fôlego.

"Está vendo ali?" ele pergunta, apontando.

Sigo os seus olhos, tentando ver entre os flocos de neve.

"Do outro lado da rua," ele fala, "em frente ao antigo posto de correio. Aqueles ônibus parados em frente."

Eu forço meus olhos e avisto três ônibus grandes, cobertos de neve. Eles parecem ônibus escolares, mas modificados, com barras grossas em todos os lados, como veículos blindados. Dois deles são amarelos e um é preto. Dezenas de meninas, acorrentadas umas as outras, são colocadas dentro deles. Meu coração dispara quando vejo Bree uns duzentos metros de mim, na fila de correntes, entrando em um dos ônibus amarelos.

"Ali está ela!" eu berro. "Aquela é Bree!"

"Desista," ele fala. "Venha comigo. Pelo menos você pode sobreviver."

Mas eu estou cheia de uma nova resolução. Olho para ele com a maior seriedade.

"Não é sobre sobrevivência," eu respondo. "Você não entende?"

Logan olha de volta nos meus olhos e eu posso ver que, pela primeira vez, ele entende. Ele realmente entende. Ele vê que estou determinada, que nada nesse mundo me faria mudar de ideia.

“Tudo bem, então,” ele fala. “É isso. Assim que sairmos dessa porta, eu vou para a parte norte da cidade, para o barco. Você está por sua conta.”

Ele põe algo pesado em minhas mãos. Uma arma. Fico surpresa e grata.

Estou prestes a dizer adeus quando, de repente, ouço um motor e vejo nuvens negras saindo do escapamento do ônibus. Imediatamente, os ônibus começam a andar pela densa neve.

“NÃO!” eu grito. Antes mesmo de conseguir pensar, eu chuto a porta e saio correndo para fora. Uma onda de neve congelante e rajadas de vento me golpeiam no rosto, tão geladas que tiram meu fôlego.

Eu corro pela tempestade implacável, há neve até meus joelhos. Eu corro e corro, em direção ao branco espaço aberto, aos ônibus. Em direção a Bree.

Estou muito atrasada. Eles devem estar uns cem metros na minha frente, e ganhando mais velocidade na neve. Vou atrás deles. Minha perna me matando, mal conseguindo respirar até que percebo que Logan estava certo. É inútil. Vejo os ônibus dobrarem uma esquina e logo eles estão fora de vista. Não acredito. Acabei de perdê-la.

Olho por cima do meu ombro e Logan já partiu. Meu coração afunda. Ele já deve ter ido embora. Agora, estou completamente sozinha.

Desesperada, tento pensar rápido, criar alguma ideia. Olho ao meu redor e vejo, em frente à Estação Penn, uma fileira de Humvees. Comerciantes de escravos estão sentados nos tetos e nos capôs. Estão todos encapotados com seus casacos de neve, de costas para mim. Nenhum deles olha em minha direção. Estão todos compenetrados em assistir os ônibus partirem.

Preciso de um veículo. É minha única chance de alcançar aqueles ônibus.

Eu corro, mancando, em direção ao Humvee que está na parte traseira, o único sem nenhum comerciante de escravo no seu teto. O Humvee está andando, fumaça sai de seu exaustor, um comerciante de escravos está sentado no banco do motorista, aquecendo suas mãos.

Vou rastejando até a porta do motorista e a abro com tudo, apontando minha arma.

Este comerciante de escravos não usa máscara, posso ver o choque em seu rosto. Ele levanta suas mãos, com medo, não quer levar um tiro. Eu não lhe dou tempo para reagir, alertar os outros. Aponto minha arma para seu rosto, chego perto dele, o agarro pela camisa e o puxo para fora. Ele cai com tudo na neve.

Estou prestes a entrar no assento do motorista quando, de repente, sinto uma terrível dor do lado de minha cabeça, o impacto de algo metálico. Nocauteada pelo golpe, caio na neve.

Outro comerciante de escravos se aproximou de mim e bateu na lateral da minha cabeça com sua pistola. Eu encosto em minha cabeça, sinto sangue escorrer em minha mão. Dói para diabos.

O comerciante de escravos fica sobre mim e abaixa sua arma até minha cara. Ele sorri um sorriso perverso, aponta a arma e sei que está prestes a atirar. De repente, percebo que estou prestes a morrer.

Um disparo ecoa e eu me preparo.

VINTE E QUATRO

Sangue espirrou em minha cara, o calor gruda em minha pele, me pergunto se estou morta.

Aos poucos, eu abro meus olhos e percebo o que aconteceu. Eu não morri; eu sequer levava um tiro. O comerciante de escravos foi atingido por trás, a parte de atrás de sua cabeça e seu cérebro está todo espalhado em mim. Alguém atirou nele. Alguém me salvou.

Logan fica em pé ao meu lado, sua arma estendida, ainda fumegante. Não creio. Ele voltou por mim.

Logan oferece sua mão. Eu a aperto. É grande e áspera, e ele me põe em pé em um único movimento.

“ENTRE!” ele berra.

Eu corro para o lado do passageiro e entro. Logan toma o lado do motorista, fecha a porta com força e, antes mesmo de eu me ajeitar, ele sai, acelerando o Humvee. Ele escorrega na neve enquanto saímos em disparada.

Os outros comerciantes de escravos saem em debandada, saltando dos capôs de seus veículos e indo atrás de nós. Um deles sai correndo a pé. Logan tira sua mão pela janela, mira e atira em sua cabeça, matando-o antes que ele pudesse disparar. Outro nos persegue, arma em punho, direcionada para nós. Eu coloco minha mão para fora e atiro. Diretamente na cabeça, ele cai.

Eu miro em outro, mas, de repente, pulo, o torque o carro me manda para trás. Logan está pisando com tudo, estamos disparando na neve. Nós viramos a esquina e ganhamos velocidade rapidamente nos aproximando dos três ônibus blindados. Eles estão a apenas uns cem metros a nossa frente.

Atrás de nós, porém, meia dúzia de Humvees está no nosso encalço. Eles logo nos alcançarão. Nós estamos em minoria.

Logan balança sua cabeça. "Você não poderia simplesmente vir comigo, poderia?" ele fala em tom exasperado, assim que coloca na quinta marcha e acelera novamente. "Você é mais teimosa do que eu."

Ganhamos mais velocidade à medida que seguimos os ônibus, cruzando a cidade na Rua 34, na direção Leste. Cruzamos a Sétima Avenida... E então a Sexta... E então os ônibus fazem uma acentuada curva à direita na Quinta e vamos logo atrás, apenas cem metros de distância.

Olho para o espelho retrovisor e vejo que os Humvees estão bem atrás de nós. Um dos comerciantes de escravos põe a mão fora da janela e mira, a próxima coisa que sei é que sua bala ricocheteia no veículo, ecoando o som de metal. Eu me encolho, grata por este ser à prova de balas.

Logan vai pisando, as ruas passam voando: Rua 32... 31... 29... Olho para cima e estou chocada de ver uma enorme parede bem a nossa frente, bloqueando a Quinta Avenida. A estreita abertura, arqueada no centro, é a única forma de entrar ou sair.

Vários guardas abrem suas enormes barras de metal, permitindo a passagem dos três ônibus, em fila única.

"Precisamos parar!" Logan grita. "Além desses portões fica o terreno baldio. É muito perigoso!"

"NÃO!" eu grito de volta. "Você não pode parar! Vamos! VAMOS!"

Logan balança sua cabeça. Mas, para seu crédito, ele continua em frente.

O portão se fecha. Entretanto, Logan não desacelera.

"Segure-se!" ele berra.

Nosso Humvee colide contra o portão de metal e o impacto é tremendo. Eu me preparo, sem acreditar que poderemos conseguir.

Mas, por sorte, este Humvee é como se fosse um tanque. Não creio, mas o portão de ferro foi derrubado e está pelos ares. Nosso para-brisa está rachado e nosso capô, bem amassado, mas, felizmente, estamos ilesos. Estamos chegando mais perto dos ônibus, agora, apenas uns cinquenta metros de nós.

Olho no retrovisor, esperando ver os outros Humvees atrás de nós – porém, eles todos breparam antes do portão. Nenhum se

atreveu a nos seguir. Não entendo – é como se eles tivessem medo de atravessar o muro.

“O que eles estão fazendo?” eu pergunto. “Eles estão parando! Eles pararam de nos seguir!”

Logan não parece surpreso— não entendo o porquê.

“É claro que eles pararam.”

“Por quê?”

“Nós cruzamos o muro. É o terreno baldio. Eles não são tão idiotas assim.”

Olho para ele, sem entender.

“Eles têm medo,” ele diz.

Não compreendo: como pode um grande grupo de guerreiros armados, em Humvees com metralhadoras, terem medo?

Olho a minha volta, analiso os arredores e, de repente, fico mais atenta que nunca. Um calafrio percorre minha espinha. O que pode ser tão perigoso neste lugar que um esquadrão de soldados em Humvees temeria?

Quando me inclino para frente para olhar tudo mais de perto, repentinamente, detecto movimento. Olho para o lado e vejo rostos terrivelmente feridos de Biovítimas nos olhando de prédios abandonados. Há centenas deles.

De repente, os bueiros a nossa voltam começam a subir. Dezenas de Biovítimas saem do chão. Passamos uma estação de metro abandonada e ainda mais deles sobem as escadas, em nossa direção.

Meu coração dispara com a visão dessas pessoas. Há centenas deles, atacando de todas as direções. Eu invado o território deles, cruzei o limite de um lugar que eu não deveria ter cruzado. Preciso pegar Bree o mais rápido possível e nos tirar daqui.

Um Louco salta e alcança minha janela aberta para me pegar. Eu me inclino para trás e então o atinjo com a parte de trás da pistola. Ele cai, seu corpo escorrega na neve.

Os ônibus desviam de forma imprevisível a nossa frente e Logan segue seu caminho. A movimentação me dá náuseas.

“Por que você está dirigindo assim?” pergunto.

“Está minado!” Logan grita de volta. “Este terreno baldio inteiro tem minas terrestres!”

Como se fosse para realçar o que disse, há uma pequena explosão na rua a nossa frente, e um dos ônibus desvia no último segundo. Meu coração aperta. Esse lugar pode ser ainda pior?

“Alcance o ônibus dela!” eu grito por cima do motor.

Ele acelera, estamos diminuindo a distância. Devemos estar a uns trinta metros deles, estou tentando formular um plano. E, enquanto nos aproximamos, um Louco sai de um bueiro, levanta um LPG (lança-granadas-foguete) sobre seu ombro e dispara.

A granada atravessa o ar e atinge o ônibus preto. Ele explode bem na nossa frente, nos obrigando a desviar no último segundo.

O ônibus patina e cai de lado e, então, explode em uma enorme bola de fogo. Penso em todas as meninas a bordo e meu coração afunda. Agora, restaram apenas dois ônibus. Eu agradeço a Deus por Bree estar em um dos amarelos. Agora, o tempo é ainda mais importante.

“RÁPIDO!” eu berro. “CHEGUE PERTO DO ÔNIBUS DELA!”

Estamos indo para a direita, para o edifício Flatiron. A Quinta Avenida se bifurca e um ônibus vai pela esquerda, descendo a Broadway enquanto o outro entra na direita, continuando na Quinta. Eu não faço ideia em qual deles Bree está. Meu coração dispara de ansiedade. Tenho que escolher.

“Qual?” Logan grita, agitado.

Eu hesito.

“QUAL ÔNIBUS?” ele grita, de novo.

Estamos chegando à intersecção e eu tenho que escolher. Penso muito, tentando desesperadamente lembrar em qual desses ônibus ela entrou. Mas é inútil. Minha mente está borrada, os dois parecem idênticos para mim. Terei que chutar.

“O da direita!” eu berro.

No último segundo, ele vira para a direita. Acelera para um dos ônibus. Rezo para que eu tenha escolhido o correto.

Logan acelera, e consegue se aproximar do ônibus. Estamos a apenas alguns metros atrás, perto de seu escape. As janelas de trás estão sujas e não posso ver claramente os rostos dentro, mas vejo

as silhuetas, os corpos dessas meninas jovens, acorrentadas. Rezo para que uma delas seja Bree.

“E agora?” Logan grita.

Eu me pergunto a mesma coisa.

“Eu não posso derrubá-los na rua!” Logan adiciona. “Isto poderia matá-la!”

Penso rápido, tentando formular um plano.

“Chegue mais perto,” eu falo. “Fique ao lado dele!”

Ele se aproxima da parte de trás. Nossos para-choques quase se encostam e, quando ele o faz, eu saio do meu banco e me arrasto pela janela aberta para sentar no canto da porta. O vento é tão forte que quase me derruba.

“O que você está fazendo!?” Logan grita, preocupado. Mas eu o ignoro. Não há tempo para se pensar de novo.

Neve e vento açoitam meu rosto enquanto Logan fica bem ao lado do ônibus. Mantenho o equilíbrio, esperando o momento perfeito. A parte traseira do ônibus está a apenas trinta centímetros de distância e há uma borda ampla e plana no seu para-choque. Eu me preparo, meu coração disparado.

E então, eu salto.

Meu ombro bate na lateral do ônibus quando eu aterrisso na borda. Eu estico minha mão e agarro a barra de metal grossa. O metal congela minhas mãos nuas, mas eu seguro firme. O chão voa abaixo de mim em um borrão. Mal consigo acreditar. Eu consegui.

O ônibus deve estar indo a 125 km/h na neve e desvia de forma errática. Eu envolvo um braço em volta da barra de metal, apertando-o com todas as minhas forças, mal conseguindo ficar presa.

Passamos por um buraco e eu escorrego, perdendo o apoio. Um dos meus pés cai e se arrasta pela neve – minha perna machucada, eu grito de dor quando ela atinge o chão. Com esforço supremo, lentamente eu me coloco de pé de novo.

Tento abrir a porta de trás e meu coração aperta quando vejo que está trancado com correntes e cadeados. Minha mão treme, mas eu consigo tirar a pistola do meu cinto. Afasto-me, aponto e atiro.

Faíscas voam. O cadeado se abre e as correntes caem no chão. Eu tento abrir a porta e ela se escancara com uma força tremenda, voando contra o vento, quase me derrubando. Eu me empurro pela abertura e entro atrás do ônibus.

Agora estou do lado de dentro, no corredor deste ônibus escolar. Rapidamente, começo a procurar, de trás para frente, andando. Há dúzias de meninas aqui, acorrentadas, umas as outras em seus assentos. Todas olham para mim, amedrontadas. Examino cada fileira, rapidamente, da esquerda para a direita, buscando qualquer sinal de minha irmã.

“BREE!” eu grito, em desespero.

Quando as meninas notam minha presença, percebem que eu posso ser a chave para sua salvação, começam a chorar, histéricas.

“AJUDE-ME!” algumas berram.

“POR FAVOR, TIRE-ME DAQUI!” outra grita.

O motorista percebe minha presença; olho para cima e vejo que ele está me encarando no retrovisor. De repente, ele desvia o ônibus com força. E, quando o faz, eu cruzo o corredor e bato minha cabeça contra a o teto metálico.

Eu consigo me equilibrar de novo e o ônibus vai para a outra direção e eu voo para o outro lado.

Minha cabeça está triturada, mas eu recupero meu equilíbrio, me agarro aos assentos e avanço cuidadosamente para frente, indo de fileira em fileira. Olho para todos os lados por Bree, há poucas fileiras restantes.

“BREE!” eu grito alto, me perguntando por que ela não levanta sua mão.

Olho as próximas duas fileira, e então as seguintes, e as seguintes... Finalmente, chego à última fileira, meu coração para.

Não há sinal dela.

Então, a realidade me atinge como um martelo: eu escolhi o ônibus errado.

De repente, percebo movimento de fora da janela e ouço uma explosão. Viro e vejo nosso Humvee, com Logan dentro, voando pelos ares ao pegar uma mina. O veículo cai de lado, escorregando pela neve. E então para.

Meu coração afunda. Logan deve estar morto.

VINTE E CINCO

Tirei meus olhos do motorista por muito tempo, erro estúpido. Ele tira uma arma e a aponta diretamente para mim. Sorri um sorriso perverso. Ele me pegou.

Ele arma o gatilho e está a ponto de disparar. Eu me preparo. Não há para onde fugir. Estou morta.

Por cima do ombro do motorista, um Louco pula de um bueiro, mira um LPG e atira. O míssil voa pelo ar, em nossa direção.

Uma explosão estremece nosso mundo. O barulho é ensurdecedor e eu sou jogada no ar, batendo minha cabeça, sinto uma dor terrível com o impacto do calor. E então meu mundo vira de cabeça para baixo quando o ônibus tomba para um lado e sai escorregando.

Como eu sou a única em pé, a única que não está afivelada nem acorrentada, sou a única que sai voando pelo ônibus. Passo por uma janela aberta, impulsionada pela explosão do ônibus, as ondas me mandam ainda mais longe. Continuo voando pelos ares e caio a vinte metros de distância, de bruços, em um montinho de neve.

Chamas se propagam pelo ar, queimando minhas costas, mas eu rolo na neve e as apago. Sinto as ondas fortíssimas de calor atrás de mim.

O ônibus inteiro está em chamas, tombado, na neve. O fogo deve se elevar uns seis metros de altura. É um inferno. Meu coração afunda quando percebo que ninguém jamais conseguiria sobreviver a isso. Penso em todas essas meninas inocentes e me sinto péssima.

Fico deitada no banco de neve, tentando recuperar meu fôlego, apesar da fumaça. Minha cabeça gira e eu me sinto mais machucada que nunca. É um esforço ficar sentada. Eu viro e procuro algum sinal do Humvee. Ele está ali, ao longe, na base do edifício

Flatiron, de lado, como uma fera morta, dois de seus pneus explodiram.

Logan. Pergunto-me se ele está vivo.

Arrasto-me para ficar em pé e, com a última grama de força que me resta, consigo mancar em direção a ele. Está uns cinquenta metros de distância, parece que estou cruzando um deserto para chegar até lá.

Quando me aproximo, outro bueiro se abre e um Louco, de repente, corre em minha direção, segurando uma faca. Eu pego minha arma, miro e atiro nele na cabeça. Ele cai de costas, morto. Tiro sua faca e coloco em meu cinto.

Eu olho por cima de meu ombro enquanto corro e, várias centenas de metros atrás, vejo um grupo de Loucos vindo em minha direção. Deve haver pelo menos uns cinquenta deles. E, a sua volta, vejo mais bueiros se abrirem, mais Loucos rastejam pelo chão, saindo de estações de metrô, sobem em disparada pelos degraus. Pergunto-me se eles vivem nos túneis dos metrôs. Pergunto-me se algum metrô ainda funciona.

Mas não há tempo para pensar nisso agora. Eu corro até o Humvee e, ao me aproximar, descubro que está destruído, inútil. Eu subo em cima dele e abro a porta do lado do motorista. Eu me preparo para ver seu interior, rezando para que Logan não esteja morto.

Por sorte, não está. Ele ainda está no banco do motorista, de cinto e inconsciente. Há sangue espirrado no para-brisa e ele tem um sangramento em sua testa, mas, pelo menos, ele está respirando. Vivo. Agradeço a Deus por ele estar vivo.

Ouçoo um barulho distante, viro e vejo os Loucos chegando mais perto. Preciso tirar Logan daqui – e rápido.

Eu o alcanço, agarro sua camiseta e começo a arrastá-lo. Mas ele é mais pesado do que eu posso aguentar.

“LOGAN!” eu grito.

Eu o empurro com mais força, com medo que o Humvee exploda a qualquer minuto. Aos poucos, ele começa a acordar. Ele pisca e olha a sua volta.

“Você está bem?” pergunto.

Ele acena que sim. Parece atordoado, amedrontado, mas não seriamente machucado.

“Eu não consigo sair,” ele responde com uma voz fraca. Ele luta contra o metal retorcido na fivela de seu cinto de segurança.

Eu subo, passo por ele e mexo na fivela. Está presa. Olho por trás de meu ombro e vejo os Loucos ainda mais próximos. Cinquenta metros e chegando mais perto. Eu uso minhas duas mãos e empurro com todas as minhas forças, suando com o esforço. *Vamos. Vamos!*

De repente, a fivela se abre o cinto chicoteia para trás. Logan, livre, se vira e bate sua cabeça. Ele começa a sair.

Assim que Logan se senta, seus olhos, repentinamente, se arregalam, com uma mão sua, ele me empurra com força para o lado. Levanta uma arma com a outra mão, mira um pouco ao lado de minha cabeça e dispara. O tiro ensurdece meu ouvido, que fica zunindo.

Eu e viro e vejo que matou um Louco, a poucos metros de distância. Os outros estão a uns vinte e cinco metros atrás dele.

Os Loucos se aproximam rápido. Não há como fugir.

VINTE E SEIS

Eu penso rápido. Há um LPG na neve, a poucos metros de distância do corpo do Louco. Parece intacto, nunca disparado. Corro até ele, meu coração disparado. Só espero que funcione, que eu descubra como usá-lo nos próximos segundos.

Ajoelho-me na neve e o pego, minhas mãos estão congelando, eu o seguro contra meu ombro. Encontro o gatilho e miro na multidão, agora, a apenas vinte metros de distância. Fecho meus olhos, rezo para que funcione e disparo.

Ouço um barulho alto sibilante e, um momento depois, sou derrubada de costas. Sua força me faz voar uns três metros para trás, caindo de costas na neve. Há uma explosão.

Olho para cima e fico chocada com o estrago que causei: eu consegui um tiro certeiro na multidão, a curta distância. Onde havia dezenas de corpos um segundo atrás, agora, há apenas partes de corpos espalhados pela neve.

Mas não há tempo para comemorar minha pequena vitória. Ao longe, mais dezenas de Loucos rastejam-se das estações de metro. Eu não tenho mais granadas para atirar, não sei o que fazer,

Atrás de mim, ouço o som de metal amassando e me viro, encontro Logan de pé, no capô do Humvee. Ele levanta sua perna e chuta a metralhadora que lá se encontra. Finalmente, ela acaba saindo. Ele a pega, uma corrente de munição está pendurada nela, a qual ele deixa em volta de seu ombro. A arma é enorme, feita para ser montada em um veículo – e não carregada – e parece que pesa mais de vinte quilos. Ele a segura com as duas mãos e, mesmo sendo grande, posso ver que seu peso o atrapalha. Ele corre a minha frente, mira no novo grupo de Loucos. E atira.

O barulho é ensurdecedor, os disparos da metralhadora se propagam pela neve. O impacto é indescritível: as balas enormes

cortam a multidão pela metade. Corpos caem como moscas onde quer que Logan mire. Eventualmente, ele para de atirar. O mundo volta a ser calmo, nevado e silencioso. Nós matamos todos. Por enquanto, pelo menos, não há nenhum Louco a vista.

Eu analiso o cenário de destruição: ali está o ônibus preto destruído por uma granada; o amarelo destruído, de lado, pegando fogo; há corpos por todos os lados e nossa Humvee é uma carcaça ao nosso lado. Parece o cenário de uma intensa batalha militar.

Sigo os rastros do outro ônibus, o que está com Bree. Eles foram para a esquerda na bifurcação do Flatiron.

Escolhi ônibus errado. Não é justo. Simplesmente não é justo.

Examino a cena, recuperando meu fôlego, só consigo pensar em Bree, naqueles rastros. Eles levam a ela. Preciso segui-los.

“Bree está no outro ônibus,” eu falo, apontando para as pistas. “Preciso encontrá-la.”

“Como?” ele pergunta. “A pé?”

Analiso nosso Humvee e vejo que ele está inútil. Não tenho escolha.

“Suponho que sim,” eu respondo.

“O porto fica a pelo menos cinquenta quadras para o Sul,” Logan diz. “É uma longa caminhada – em um território perigoso.”

“Você tem outra ideia?”

Ele dá de ombros.

“Não há mais como retornar,” eu falo. “Pelo menos, não para mim.”

Ele me olha, pensativo.

“Você me acompanha?” pergunto.

Finalmente, ele acena que sim.

“Vamos andando,” ele fala.

*

Nós seguimos os rastros, andando lado a lado. Cada passo é uma sensação do inferno, minha panturrilha, tão inchada, parece ser uma entidade separada do meu corpo. Eu manco, fazendo o meu melhor para acompanhar o ritmo de Logan. Ele carrega o peso da metralhadora e também não anda tão rápido. A neve ainda cai aos

montes, o vento açoita nossos rostos. Sinto que a tempestade está piorando.

A cada poucos metros, outro Louco aparece detrás de um edifício e nos ataca. Logan atira quando eles chegam perto, derrubando-os, um a um. Todos caem na neve, manchando-a a de vermelho.

“Logan!” eu grito.

Eu se vira a tempo de ver um pequeno grupo de Loucos nos atacando por trás e atira neles. Eu rezo para que ele tenha munição suficiente para chegarmos onde estamos indo. Minha pistola tem apenas mais uma bala restante; preciso poupá-la para um momento desesperador. Sinto-me tão impotente, gostaria de ter um monte de munição também.

Quando passamos por outro quarteirão, vários Loucos pulam de trás de um prédio e vem nos atacar de uma vez. Logan atira, mas não vê o outro Louco, que vem em nossa direção, pelo outro lado. Ele está chegando rápido demais e Logan não terá tempo.

Eu tiro a faca do meu cinto, miro e a lanço. Ela atinge o Louco na testa e ele cai na neve, aos pés de Logan.

Continuamos descendo a Broadway, ganhando velocidade, movendo o mais rápido que podemos. À medida de avançamos, a multidão de Loucos parece diminuir. Talvez eles tenham visto os danos que causamos e estão mais cautelosos ao se aproximarem. Ou, talvez, estejam apenas esperando, ganhando tempo. Eles devem saber que ficaremos sem munição e, eventualmente, não teremos mais para onde ir.

Passamos a Rua 19, depois a 18, e então a 17... E, de repente, o céu se abre. Union Square. A praça, que já fora imaculada, agora é um parque gigante, descuidado, com árvores e matos na altura da cintura que se sobressaem na neve. Os prédios estão em ruínas, as vitrines das lojas estão em estilhaços e as fachadas escurecidas pelas chamas. Muitos edifícios desmoronaram e, agora, não são nada mais que escombros na neve.

Olho a minha volta, procurando a Barnes & Noble, que eu costumava amar, ainda está de pé. Lembro-me dos dias em que eu trazia Bree aqui, nós subíamos as escadas rolantes e ficávamos perdidas por horas. Agora, estou horrorizada ao ver que não sobrou

nada. É uma construção velha, sua placa enferrujada está caída no chão, meio coberta de neve. Não há um livro sequer restante nas estantes de suas janelas. Na verdade, não dá para saber o que esse lugar fora um dia.

Nós nos apressamos para atravessar a praça, deixando os escombros de lado, à medida que seguimos os rastros do ônibus. Tudo se tornou estranhamento tranquilo. Não gosto desta sensação.

Chegamos ao sul da praça e estou triste em ver que a enorme estátua de George Washington montado em cavalo está derrubada de lado, quebrada em pedaços, coberta de neve. Realmente, não sobrou nada. Qualquer coisa e tudo que era bom na cidade parece ter sido arruinado. É espantoso.

Eu paro, me apoiando no ombro de Logan, tentando recuperar meu fôlego. Minha perna dói tanto que eu preciso repousá-la.

Logan para e fica a ponto de falar alguma coisa – quando ambos ouvimos uma comoção e nos viramos. Do outro lado da praça, dezenas de Loucos, de repente, vão surgindo da entrada do metrô, em direção a nós. Parece que existe uma onda intermitente deles.

Pior ainda, Logan aponta e aperta e o gatilho, mas, desta vez, não ouvimos nada senão um barulho horrivelmente vazio. Seus olhos se arregalam de surpresa e medo. Agora, não temos para onde ir, não temos para onde correr. Este enorme grupo de Loucos, pelo menos umas cem pessoas e ainda vão chegando mais, estão se aproximando. Viro em toda direção, procurando freneticamente por qualquer fonte de escape, veículos, armas. Qualquer abrigo. Mas não encontro nenhum.

Parece que esgotamos toda a nossa sorte.

VINTE E SETE

Eu analiso freneticamente nossos arredores e detecto a fachada de onde um dia foi a Whole Foods. Está abandonada, como todo o resto. Completamente destruída. Mas, ao contrário de outras lojas, suas portas parecem intactas. Eu me pergunto se podemos entrar e trancá-los do lado de fora.

“Por aqui!” grito para Logan, paralisado pela indecisão.

Corremos até a entrada da Whole Foods, os Loucos a apenas vinte e cinco metros atrás de nós. Espero vê-los gritando, mas eles estão sepucralmente silenciosos. Com toda a neve, eles sequer fazem barulho, é algo ainda mais assustador do que se eles estivessem berrando.

Chegamos às portas e tentando abri-las, fico aliviada ao ver que estão abertas. Corro para dentro, Logan logo atrás de mim, então viramos e as fechamos. Logan tira a metralhadora de seu ombro e coloca entre as maçanetas da porta, bloqueando-as. A arma se ajusta perfeitamente. Testo a porta e ela não se abre.

Viramos e corremos para o interior da loja. Está frio aqui, vazio, destruído. Não sobrou comida, apenas pacotes rasgados e vazios por todo o chão. Não há armas, mantimentos, nem esconderijos. Nada. Tudo o que havia aqui fora roubado há muito tempo. Procuo por saídas, mas não encontro nenhuma.

“E agora?” Logan pergunta.

Há um repentino barulho contra as portas metálicas, dezenas de Loucos batendo nelas. Nosso bloqueio não durará muito. Procuo pela loja de novo, frenética por uma ideia. E, então, ao longe, vejo algo: uma escada rolante.

“Ali!” eu grito, apontando

Nós dois corremos pela loja, passamos por uma porta e entramos na escada rolante. Logan olha para mim.

“Para cima ou para baixo?” ele indaga.

É uma boa pergunta. Se formos para baixo, talvez tenha um porão. Talvez tenha algum tipo de suprimento e talvez a gente possa fazer uma barreira lá embaixo. Mas, também, pode ser uma armadilha mortal. E, julgando pela aparência deste lugar, eu duvido que haja algum mantimento. Se formos para cima, talvez tenha algo em um piso superior. Talvez uma saída pelo telhado.

Meu lado claustrofóbico fala mais alto.

“PARA CIMA!” eu digo, apesar da dor em minha perna.

Começamos a subir os degraus de metal. Logan sobe tão rápido que é um sacrifício acompanhá-lo. Ele retorna, põe um braço em volta de mim, me segura firme e me empurra para cima mais rápido do que eu conseguiria sozinha. Cada degrau é uma tortura, parece uma navalha penetrando em minha panturrilha. Eu amaldiçoo o dia em que aquela cobra nasceu.

Vamos subindo andar após andar. Quando cruzamos o quarto piso, preciso parar para recuperar meu fôlego. Minha respiração está ruidosa, seu barulho assusta até a mim: pareço uma mulher de 90 anos. Meu corpo enrijeceu muito nessas últimas 48 horas.

De repente, há um estampido terrível. Nós trocamos olhares e então olhamos para baixo da escada rolante. Sabemos, ao mesmo tempo, que os Loucos invadiram.

“VAMOS!” ele grita.

Ele me agarra e eu sinto uma descarga de adrenalina enquanto corremos duas vezes mais rápido pelos degraus. Nós chegamos ao sexto andar, e então ao sétimo. Sinto o som dos Loucos começando a subir as escadas. Eles sabem exatamente onde estamos.

Temos apenas mais um andar para subir. Eu me forço, tentando respirar, para subir o último lance de escadas. Alcançamos o piso e corremos para a porta de metal que leva ao telhado. Logan bate com seu ombro nela, mas ela não abre. Está trancada. Aparentemente, do lado de fora. Não consigo acreditar.

A multidão de Loucos se aproxima, o som deles na escada rolante de metal é ensurdecedor. Em momentos, seremos rasgados em pedaços.

“FIQUE PARA TRÁS!” eu grito para Logan, tive uma ideia.

É um bom lugar para eu usar minha última bala. Tiro minha arma, miro e, com a última bala que tenho, atiro na maçaneta. Sei que é arriscado disparar em lugares fechados, mas eu não tenho outra opção neste momento.

A bala rebate o metal e não nos atinge por centímetros, a fechadura se abre.

Corremos pela porta, para a luz do dia. Eu analiso o telhado, me perguntando onde poderíamos ir, se há algum jeito de escapar. Mas não vejo nada. Absolutamente nada.

Logan pega minha mão e corre comigo para o canto mais afastado. Quando chegamos à beira, olho adiante e vejo, abaixo de nós, um grande muro de pedra. Ele se estende até a Universidade Place, passando pela Rua 14 e bloqueado tudo que há ao Sul dela.

“O muro da Rua 14!” Logan grita. “Ele separa o terreno baldio do deserto.”

“Deserto?” eu pergunto.

“Onde a bomba explodiu. Tudo é radioativo – tudo, da Rua 14 em diante. Ninguém vai lá. Nem mesmo os Loucos. É perigoso demais.”

Há um repentino estrondo de metal e a porta do telhado se abre. A multidão começa a aparecer, correndo atrás de nós.

Bem abaixo de nós, vejo um banco de neve, de uns dois metros e meio de altura. A neve é grossa e, se nós cairmos corretamente, talvez, apenas talvez, ele pode amortecer nossa queda. Mas é um pulo alto, de uns quinze metros. E isso nos colocará do outro lado do muro, no deserto.

Mas eu não vejo que outra escolha temos.

“Naquele banco de neve!” eu grito, apontando. “Podemos pular nele!”

Logan olha para baixo e balança a cabeça, parece assustado.

Olho por cima do meu ombro, os Loucos estão a uns trinta metros de distância. “Não temos escolha!” eu berro.

“Tenho medo de altura,” ele finalmente admite, muito pálido.

Eu estendo minha mão e pego a sua, dou um passo na pedra. Ele pausa por um momento, há terror em seus olhos, mas ele me acompanha.

“Feche os olhos!” eu grito. “Confie em mim!”
E então, com os Loucos a poucos metros de nós, pulamos.

VINTE E OITO

À medida que vamos caindo no ar, berrando, eu espero que tenha calculado corretamente. Nós estamos indo em direção ao chão tão rapidamente que, se errarmos, com certeza morreremos.

Um momento depois, estamos imersos em uma nuvem de neve, caímos exatamente no centro do banco de neve. Logan ainda está segurando minha mão. Colidimos com extrema velocidade e afundamos o banco de neve, até o chão, nossos pés até batem no cimento duro. Por sorte, a neve é grossa e absorveu a maior parte do impacto da queda. Quando toco o fundo, parece que eu saltei só de uns poucos metros.

Eu me sento ao fundo. Há neve acumulada acima de minha cabeça, estou em completo estado de choque. A luz do sol atravessa a neve, alguns centímetros acima de mim. Fico sentada, paralisada, com medo de me mover, de subir esse monte de neve, descobrir que quebrei algo. Sinto como se estivesse na praia, enterrada debaixo de uma pilha de areia.

Aos poucos, mexo uma mão, e então um braço, um ombro... Eu gradualmente me forço a sair desse buraco em que estou. É difícil, mas eu consigo chegar à superfície e sair desse monte de neve. Coloco minha cabeça para fora, como um roedor que sai de um buraco na grama. Olho para o lado e vejo Logan fazendo o mesmo.

Eu estico meu pescoço e olho para cima: lá em cima, ainda do telhado, olhando para baixo, está a multidão de Loucos. Eles estão brigando entre eles mesmos e parece que não estão dispostos a pular como nós fizemos. Eu não os culpo. Eu olho para cima, vejo a altura e fico maravilhada que eu tive coragem de correr esse risco. Provavelmente, não faria isso de novo, se eu parar para pensar sobre isso.

Eu me levanto, saindo do banco de neve e Logan também o faz. Estou completamente coberta de neve, esfrego minhas mãos pelo meu corpo, tirando-a. Dou alguns passos, me examinando, vendo se alguma coisa está quebrada. Minha panturrilha ainda está dolorida – mais que nunca – mas, tirando isso, extraordinariamente, eu acho que sobrevivi relativamente intacta, apenas com alguns poucos hematomas e machucados para mostrar.

Logan está andando e fico aliviada ao ver que ele também não quebrou nenhum osso. Tão importante quanto isso, estou aliviada de ver que estamos agora deste lado do muro. O deserto. Pode significar uma morte lenta – mas, pelo menos, estaremos a salvo agora.

Eu olho para a Universidade Place, desolada e abandonada. Não sobrou nada aqui. Diferentemente do terreno baldio, o deserto é quieto. Pacífico. Finalmente, pela primeira vez em algum tempo, deixo minha guarda baixa.

Mas eu sei que não deveria. Se esta parte da cidade é realmente radioativa, então ela é ainda mais perigosa que todas as outras regiões combinadas. Cada Segundo aqui pode nos contaminar. E quem sabe o que – ou o quem – ainda sobreviver por aqui. Eu odiaria encontrá-lo.

“Vamos continuar,” Logan diz, seguindo os rastros do ônibus, que passam diretamente pelo arco na parede e continuam pela Universidade.

Nós andamos em um ritmo rápido pela Universidade, olhando por cima de nossos ombros enquanto caminhamos. Mais do que nunca, eu queria ter uma arma. Logan olha para seu corpo frequentemente, posso dizer que ele pensa a mesma coisa. Nossa única esperança agora é apenas seguir essas trilhas, encontrar Bree e sair daqui o mais rápido possível.

Passamos Rua 10 e então a 9 e depois a 8 e, de repente, o céu se abre a nossa direita. Olho para essa direção e fico surpresa ao ver o local onde ficava o Washington Square Park. Lembro-me de tantas noites aqui, antes da guerra, passar o tempo com os amigos, sentar e assistir os skatistas fazendo suas manobras na praça de cimento. Agora, olho para ele e fico assustada: não sobrou nada. O enorme

arco que marcava sua entrada está derrubado, no chão, quebrado e coberto de neve. Ainda pior, onde havia um parque antes, agora não há nada a não ser uma cratera imensa, que se afunda centenas de metros para dentro da terra. Ela se estende até onde a vista pode alcançar. É como se uma nova seção da cidade tivesse sido escavada.

Logan deve ter visto meu assombro ao observar o local.

“É aí onde a bomba explodiu,” ele explica. “A primeira que atingiu a cidade.”

Não consigo acreditar nisso. Parece o Grand Canyon. Eu posso ver o efeito de ondas da bomba, radiando, fachadas de prédios derretidas em todas as direções. Tudo que eu conhecia não existe mais. Agora parece mais a superfície de Marte.

“Vamos,” Logan fala, impacientemente, e eu percebo que essa visão deve perturbá-lo também.

Os rastros do ônibus continuam pela Universidade até o seu final e então viram para a esquerda na Oeste 4. Nós os seguimos, passamos pela Village e viramos à direita, na Bowery. Essa avenida é mais larga, e aqui também está tudo desolado. Não há nenhuma alma à vista.

Eu deveria me sentir mais relaxada, porém, por mais estranho que pareça, me sinto mais aflita que nunca. É muito inquietante, está tudo muito tranquilo. Tudo o que eu ouço é o uivo do vento, a neve açoitando meu rosto. Não consigo deixar de sentir que, a qualquer momento, alguma coisa pode pular em cima de mim.

Mas nada acontece. Pelo contrário, andamos e andamos, quarteirão após quarteirão, sempre indo em direção ao centro. É como se cruzássemos um vasto deserto, sem final em vista. E isso acaba sendo o maior perigo nessa zona. À distância. O frio. Os rastros do ônibus parecem nunca acabar e, a cada passo, minha perna fica pior e eu fico mais fraca.

Aos pouco, o céu da tarde, carregado com nuvens de tempestade, escurece. Quando cruzamos a enorme rua, que era conhecida como Houston, penso quanto mais posso aguentar.

Se Logan estiver certo, se eles estão realmente levando Bree para o South Street Seaport, então ainda temos muito caminho à

frente para percorrer. Eu já começo a me sentir tonta, delirante e faminta. Minha perna parece ter cinco vezes seu tamanho normal e, ironicamente, esta caminhada pode ser a etapa mais difícil de todas.

De alguma forma, eu sigo em frente, caminhando pela Bowery. Vamos em silêncio, quase não falando um com o outro. Não há muito a que eu queira dizer a ele. Quero agradecê-lo por salvar minha vida; ele já salvou minha vida três vezes em um único dia e eu estou começando a pensar se é uma dívida que eu consiga pagar. Eu também quero agradecê-lo por desistir de seu barco e vir comigo. Penso no quanto ele deve ter sacrificado por mim e isso me emociona. Quero perguntar por que ele fez tudo isso.

Fico impressionada com suas habilidades de luta. Logan me lembra o que meu pai deve ter sido em batalha – ou, pelo menos, na visão dele. Eu começo a pensar de onde Logan vem. Se ele é daqui. Se sua família era daqui. Se sua família está viva em algum lugar. Também quero lhe perguntar o que ele sente por mim. Será que ele gosta de mim? Claro, eu jamais poderia *realmente* perguntar isso para ele. Mas, mesmo assim, fico imaginando. Ele sente alguma coisa por mim? Por que ele não fugiu quando teve a chance? Por que ele arriscou sua vida para me seguir? Pensando sobre isso, eu me sinto culpada. Eu o coloquei em perigo. Ele poderia estar seguro em outro lugar neste exato momento.

E, acima de tudo, inevitavelmente, quero saber se ele tem namorada. Ou se teve. Eu imediatamente me repreendo, me sentindo desleal a Ben que, após tudo, acabei de deixar. Mas esses dois rapazes – Logan e Ben – são tão diferentes um do outro. Eles são como duas espécies diferentes. Eu reflito sobre os pensamentos que tenho por Ben e percebo que eles ainda existem e ainda são verdadeiros: há algo sobre ele, sua sensibilidade, sua vulnerabilidade, que eu realmente gosto. Quando olho nos grandes olhos sofredores de Ben, há algo com que eu me identifico.

Mas, quando olho para Logan, me sinto atraída por ele em uma maneira completamente diferente. Logan é grande e forte e quieto. É nobre, um homem de ação e pode, claramente, cuidar de si mesmo. É meio misterioso para mim e eu gostaria de conhecê-lo melhor. Mas também gosto disso.

Percebo que há certas coisas que eu gosto em Ben e há certas coisas, coisas diferentes, que gosto em Logan. De algum jeito, meus sentimentos por ambos coexistem, talvez por eles serem tão diferentes, eu não sinto que estejam competindo um com o outro.

Eu me permito me perder nesses pensamentos enquanto caminhamos, diretamente na tempestade. Afasta minha mente de pensar na dor, na fome, no frio.

As ruas ficam estreitas novamente quando passamos por um bairro que era conhecido como Little Italy. Lembro-me de vir aqui com papai, comer um jantar italiano em um dos pequenos restaurantes lotados, cheios de turistas. Agora, nada sobrou. Todas as vitrines foram destruídas. Não há nada a não ser entulho. Um vazio.

Marchamos arduamente e o caminhar fica mais difícil quando a neve chega aos nossos joelhos. Eu conto os passos, rezando para nossa chegada. Nós chegamos a outra rua larga e, no sinal torcido, está escrito: "Delancey". Olho para minha esquerda esperando ver a Ponte Williamsburg,

Incrivelmente, não existe mais.

A enorme ponte está demolida, obviamente, foi destruída em alguma batalha, sua entrada de metal se retorce em direção ao céu como se fosse alguma escultura de arte moderna. Todo aquele trabalho, aquele design, todas as pessoas envolvidas – tudo destruído e provavelmente de um momento para o outro. Para que? Para nada.

Desvio meu olhos, de desgosto.

Continuamos em direção ao centro, cruzando a Delancey. Após vários quarteirões, chegamos à principal artéria da Rua Canal e eu quase tenho medo de olhar para a Ponte Manhattan. Mas me forço a fazê-lo. Gostaria que não tivesse olhado, porém. Assim como a Williamsburg, essa ponte também está destruída, nada sobrou a não serem estilhaços e metal, torcidos e quebrados, deixando um espaço aberto por cima do rio.

Continuamos seguindo, meus pés e mãos tão congelados que começo a me perguntar se não estou com queimaduras de gelo. Passamos por onde um dia foi Chinatown, com seus altos prédios e

ruas estreitas, agora irreconhecíveis. Como qualquer bairro, é só mais uma pilha de entulho abandonado.

A Bowery vira à direita, na Park Row, e estou respirando com dificuldade quando andamos por mais algumas quadras e chegamos a uma enorme intersecção. Eu paro e fico olhando, assombrada.

Do meu lado direito, está a estrutura que era conhecida como o City Hall, agora, está em ruínas, uma mera pilha de escombros. É horrível. Este incrível prédio, uma vez tão grande, agora não passa de uma memória.

Tenho medo de me virar e olhar para a Ponte do Brooklyn atrás de mim – aquele lindo trabalho de arte que eu costumava atravessar com Bree nos dias quentes de verão. Rezo para que ainda esteja lá, que pelo menos algo bonito continue em pé. Fecho meus olhos e me viro lentamente.

Fico horrorizada. Assim como as outras duas pontes, ela está destruída. Nada restou, sequer sua base, deixando um enorme buraco por cima do rio. No seu lugar, onde ela ficava, há uma enorme pilha de metal retorcido saindo do rio.

Ainda mais assustador, caído ali, no meio do rio, sobressaindo em um ângulo torcido, estão os restos de um enorme avião militar, meio submerso, sua cauda apontando para cima. Parece que mergulhou e nunca mais saiu. É chocante ver um avião tão grande caído no rio, como se uma criança tivesse jogado seu brinquedo na banheira e não se dera o trabalho de tirá-lo.

Está mais escuro agora, o sol está quase se pondo e eu não posso ir muito além. Incrivelmente, o vento e a neve continuam melhorando. A neve passa dos meus joelhos e eu sinto como se estivesse sendo engolida viva. Sei que o porto não está tão longe, mas é muito doloroso dar mais um passo.

Estico minha mão e a pouso no ombro de Logan. Ele olha para mim, surpreso.

“Minha perna,” eu falo, com os dentes cerrados. “Eu não consigo andar.”

“Ponha seu braço sobre meu ombro,” ele diz.

Eu o faço e ele se inclina, coloca sua mão sobre minhas costas e me segura com firmeza, me apoiando para me levantar.

Andamos juntos e a dor melhora. Tenho vergonha, me sinto desconfortável: eu não quero nunca depender de um cara. Ou de alguém. Mas, agora, eu realmente preciso.

Viramos à esquerda, andando sobre uma estrutura que antes levava para a ponte e então viramos a direita, onde era a Rua Pearl. Que estranho. Após toda essa jornada, de algum jeito, acabamos no bairro onde cresci. É tão estranho estar aqui de volta. No dia em que parti, eu jurei que jamais voltaria. Jamais. Eu tinha certeza que Manhattan seria destruída e nunca imaginei que eu a veria de novo.

Andar de novo aqui, por essas ruas estreitas e de paralelepípedos, esse velho distrito histórico, uma vez cheio de turistas, com tudo que eu conhecia, é o mais doloroso de tudo. Memórias me inundam, lugares onde, em cada esquina, Bree e eu brincávamos. Sou invadida por lembranças dos tempos em que passava com mamãe e papai aqui. Quando eles ainda eram felizes um com o outro.

Nosso apartamento ficava no distrito das compras, em cima das lojas, em um pequeno prédio antigo. Eu não gostava de todo aquele agito, aquelas noites de sábados que pareciam nunca acabar, quando as pessoas falavam e fumavam debaixo da janela do meu quarto até às cinco da manhã. Agora, eu faria de tudo por aquele barulho, aquela atividade. Eu daria qualquer coisa para poder cruzar a rua e ir a cafeteria e pedir um café da manhã. Sinto uma pontada de fome ao pensar nisso.

O destino quis que eu passasse pela Rua Water – exatamente o quarteirão onde eu morava. Meu coração aperta quando percebo que vou passar pelo meu apartamento. Não consigo deixar de pensar se papai está olhando para baixo, me guiando. Ou talvez seja mamãe, se ela estiver morta. Talvez seja ela que esteja cuidando de mim. Ou talvez ela esteja me dando uma bronca, me reprimindo. Afinal, foi aqui que eu a abandonei, tantos anos atrás. Ela podia ter vindo comigo, mas ela não queria partir. E eu sabia disso. Mesmo assim, eu sinto que fiz o que tinha que fazer naquele tempo – para mim e, o mais importante, para Bree. O que mais eu deveria fazer? Sentar com ela e esperar por nossas mortes?

Porém, não consigo deixar de notar a ironia nisso tudo, todas as reviravoltas que a vida faz. Eu peguei Bree e fugi para ficarmos seguras, mas, agora, ela foi capturada e voltou para cá, onde nós começamos e eu possivelmente jamais a pegarei de volta. Da maneira que me sinto agora, não consigo me imaginar sobrevivendo mais do que algumas horas. Então, que bem a nossa partida nos trouxe, afinal de contas? Se eu tivesse apenas ficado com mamãe, pelo menos nós teríamos morrido todas juntas, em paz. Não passaríamos pela longa e torturante morte da fome. Talvez mamãe estivesse certa o tempo inteiro.

Passamos pelo prédio do meu apartamento e eu me preparo, pensando em como ele deve estar. Sei que é ridículo, mas, uma parte de mim se pergunta se mamãe ainda está lá, sentada na janela. Esperando.

Meu antigo prédio é, agora, apenas uma grande pilha de escombros coberta de neve. Matos altos crescem entre as pedras e parece que ele desmoronou há muito tempo. Sinto que alguém me deu um soco no estômago. Minha casa está destruída. Minha mãe realmente se foi.

“O que foi?” Logan pergunta.

Eu paro. Estou em pé aqui, olhando. Abaixo minha cabeça, seguro seu ombro e sigo em frente.

“Nada,” eu respondo.

Continuamos pelo coração do distrito das compras de South Street Seaport. Lembro-me de sentar aqui, olhando os brilhantes paralelepípedos, as lojas caras, sentindo como se eu estivesse no lugar mais charmoso do mundo. Um lugar imune às mudanças. Agora não vejo nada a não ser devastação. Não há placas, nada que indique o que era aqui antes.

Viramos a esquerda na Fulton e, à distância, vejo a zona costeira. Já é hora do crepúsculo, nuvens grossas cinzentas se juntam no horizonte e eu, finalmente, tenho uma onda de esperança quando vejo a água, alguns blocos a nossa frente. Os rastros dos ônibus seguem por esse caminho, terminando no cais. Conseguimos.

Andamos mais rápido e eu sinto uma descarga de adrenalina quando me pergunto se Bree ainda está lá, no píer. Eu,

subconscientemente, procuro em meu cinto por armas até me lembrar de que não tenho mais nenhuma. Não importa. Se ela está lá, vou achar um jeito de resgatá-la.

Andamos pelo píer de madeira do porto, antes cheio de turistas e, agora, desolado. Os navios, gigantes, históricos ainda estão aqui, flutuando nas águas – mas agora são apenas carcaças vazias. Ao final do cais, eu vejo o ônibus. Corro em direção a ele, meu coração acelerado, esperando que Bree esteja, de algum jeito, ainda nele.

Mas é claro que o ônibus foi descarregado há muito tempo. Eu alcanço a lateral do ônibus e o encontro vazio. Eu verifico a neve e vejo rastros de onde as garotas desceram, por uma rampa para o barco. Eu olho para a água e, ao longe, vejo um grande barco enferrujado, talvez a uns seiscentos metros de distância, parado na Ilha dos Governadores. Uma fila de garotas está sendo retirada. Bree está entre elas. Eu posso sentir isso.

Sinto uma onda de determinação. Mas também sem esperanças. Nós perdemos o barco. Estamos muito atrasados.

“Há outro barco de manhã,” Logan fala. “No amanhecer, sempre há um, uma vez por dia. Só precisamos esperar por ele. E conseguir abrigo para passar esta noite.”

“Se vocês conseguirem sobreviver a esta noite,” vem uma estranha voz por trás de nós.

Nós nos viramos.

Parados, a uns três metros de distância, há um grupo de umas doze pessoas, vestidas em fardas militares de cor amarela. No centro, está a pessoa que parece ser o líder deles. Sua cara está derretida, distorcida, assim como os rostos dos outros. Ele parece ainda pior que as Biovítimas. Se é que isso é possível. Talvez seja por viver na zona radioativa.

De algum jeito, eles conseguiram se aproximar, sigilosamente, de nós. Estamos em menor número, não podemos competir com as armas que eles levam em seus cintos, em suas mãos. Não temos chance.

“Vocês estão em nosso território agora,” ele continua. “Por que nós não deveríamos matá-los?”

“Por favor,” eu suplico. “Os comerciantes de escravos levaram minha irmã. Eu preciso pegá-la de volta.”

“Nós não gostamos dos comerciantes de escravos mais do que de vocês. Eles passam aqui de ônibus como se fosse território deles. É MEU TERRITÓRIO!” ele grita, sua face distorcida, seus olhos saltando. “VOCÊ ME OUVIU? É MEU!”

Eu encolho com o som de sua voz, tão distorcida de raiva. Estou delirando de exaustão, com dor e mal consigo permanecer em pé.

Ele dá um passo em nossa direção, eu imagino que ele vá nos atacar. Mas, antes mesmo que eu possa finalizar meu pensamento, meu mundo começa a girar. Girar, de novo e de novo e antes que eu possa perceber, caio.

E então, tudo fica escuro.

VINTE E NOVE

Abro os meus olhos com esforço. Não tenho certeza se estou viva ou morta, mas, se estiver viva, eu não sabia que era possível sentir isso: cada músculo em meu corpo está pegando fogo. Estou tremendo e nunca tive tanto frio assim em minha vida – e, ao mesmo tempo, estou ardendo, um suor gelado desce por trás de meu pescoço. Meu cabelo está grudado ao lado de meu rosto, cada junta de meu corpo dói mais do que posso descrever. É como a pior febre que já tive – vezes cem.

O epicentro da dor é minha panturrilha: ela lateja e parece do tamanho de uma bola de beisebol. A dor é tão intensa que eu fecho meus olhos, aperto minha mandíbula e rezo silenciosamente para que alguém a corte fora.

Olho a minha volta e vejo que estou deitada em um chão de cimento, no andar de cima de um depósito abandonado. A parede está cheia de grandes janelas de fábricas, a maioria dos vidros está quebrada. Brisas intermitentes de ar gelado invadem, junto com as rajadas de neve, os flocos pousando bem na sala. Através das janelas eu posso ver o céu da meia-noite, uma lua cheia está baixa, na altura das nuvens. É a lua mais bela que já vi, enchendo o depósito com luz ambiente.

Sinto uma mão gentil em meu ombro.

Levanto meu queixo e consigo me virar um pouco. Ali, de joelhos, ao meu lado, está Logan. Ele sorri. Não consigo imaginar o quão mal eu devo estar, sinto vergonha por ele me ver assim, desse jeito.

“Você está viva,” ele fala, e eu posso sentir o alívio em sua voz.

Penso, tentando me lembrar de o que aconteceu. Eu me lembro do porto... Do píer... Sinto outra onda de dor em minha perna e uma

parte de mim deseja que Logan me deixasse simplesmente morrer. Ele segura uma agulha, preparando-a.

“Eles nos deram medicamentos,” ele disse. “Eles querem que você viva. Eles não gostam mais dos comerciantes de escravos do que de nós.”

Tento entender o que ele está falando, mas minha mente não está funcionando perfeitamente, eu tremo tanto, meus dentes estão batendo.

“É penicilina. Eu não sei se vai funcionar – nem se é autêntica. Mas temos que tentar.”

Ele nem precisava me contar. Sinto a dor se espalhando e sei que não há alternativa.

Ele segura minha mão e eu aperto a dele. Ele se inclina sobre mim e insere a agulha diretamente na minha panturrilha. Um segundo depois, sinto a picada da injeção entrando em minha carne. Eu respiro profundamente e aperto sua mão ainda mais fortemente.

Quando Logan aperta a injeção, sinto o líquido entrando e ardendo. A dor vai além do que posso suportar, contra minha vontade, sinto meu grito ecoando pelo local.

Assim que Logan remove a agulha, sinto outra lufada de ar gelado e neve esfriando o suor de minha testa. Tento respirar de novo. Eu olho para ele, quero agradecê-lo. Mas não consigo me controlar: meus olhos, tão pesados, se fecham sozinhos.

E, um momento depois, volto a dormir.

*

É verão. Eu tenho treze anos de idade e Bree, seis, e pulamos de mãos dadas pelas ruas animadas de Seaport. Elas estão cheias de vida, todos vão de um lado para o outro e eu e Bree corremos pelas ruas de paralelepípedos, rindo das pessoas engraçadas.

Bree brinca de um tipo de amarelinha nas rachaduras, meio-pulando a cada alguns passos, eu tento segui-la e ela ri histericamente disso e ri ainda mais alto quando corro atrás dela em volta de uma estátua.

Atrás de nós, sorrindo, de mãos dadas, estão meus pais. É uma das poucas vezes que consigo me lembrar de vê-los felizes juntos. É também uma das poucas vezes que consigo lembrar meu pai realmente presente. Eles vão atrás de nós, nos olhando e eu nunca me senti tão segura em minha vida. O mundo é perfeito. Seremos sempre felizes como neste momento.

Bree encontra uma gangorra e fica eufórica, vai diretamente nela e pula. Ela não hesita, sabendo que eu vou subir do outro lado para equilibrá-la. E é claro que vou. Ela é mais leve que eu, e eu me asseguro de não sentar muito rapidamente, para que ela possa se equilibrar comigo.

Eu pisco. O tempo passou, não sei quanto. Agora estamos em um parque junto ao mar em algum lugar. Nossos pais não estão presentes e estamos sozinhas. É pôr-do-sol.

“Empurre-me mais forte, Brooke!” pede Bree.

Bree está sentada em um balanço. Estico meus braços e a empurro. Ela vai cada vez mais alto, rindo muito.

Finalmente, ela pula. E depois vem correndo e me abraça, envolvendo suas mãozinhas em minhas coxas. Eu me ajoelho e lhe dou um grande abraço.

Ela se inclina para trás e olha para mim, com um sorriso.

“Eu amo você, Brooke,” ela diz, sorrindo.

“Eu também amo você,” eu respondo.

“Você será sempre minha irmã mais velha?” ela pergunta.

“Sempre,” eu falo.

“Promete?” ela pede.

“Prometo,” eu respondo.

*

Eu abro meus olhos e, pela primeira vez desde que me lembro, não sinto dor. É incrível: sinto-me saudável de novo. A dor em minha perna desapareceu em sua maioria, o inchaço diminuiu para o tamanho de uma bola de golfe. O remédio realmente funcionou.

Minhas dores e sofrimentos também se reduziram drasticamente, assim como minha febre. Eu não sinto tanto frio nem estou suando tanto. Recebi uma segunda chance para viver.

Ainda está escuro. Eu não consigo mais enxergar a lua e me pergunto quanto tempo se passou. Logan ainda está sentado ao meu lado. Ele me vê e reage imediatamente, se aproxima de mim e passa um pano úmido em minha testa. Ele não está usando casaco, me cobriu com ele. Sinto-me péssima; ele deve estar congelando.

Sinto uma nova onda de agradecimento por ele, me sinto mais próxima a ele do que nunca. Ele realmente deve se importar comigo. Gostaria de poder lhe falar o quanto eu estou grata. Mas, agora, minha mente está lenta, não parece capaz de formar palavras.

Ele se abaixa, põe uma mão atrás de minha cabeça e a levanta. "Abra sua boca," ele diz, gentilmente.

Ele coloca três pílulas em minha língua e então verte água engarrafada em minha boca. Minha garganta está tão seca que preciso de algumas tentativas até conseguir engolir – mas, finalmente, elas descem. Levanto minha cabeça um pouco mais e tomo outro longo gole.

"É para a febre," ele fala.

"Eu me sinto muito melhor," eu falo, com novas energias. Eu pego sua mão e a aperto de agradecimento. Ele salvou minha vida. De novo. Olho para ele. "Obrigada," eu digo, séria.

Ele sorri e então, de repente, puxa sua mão de volta. Não tenho certeza de como interpretar isso. Ela não se importa tanto comigo como eu imagino? Ele só fez isso por obrigação? Ele se importa mesmo é com outra pessoa? Será que ultrapassei meus limites, de alguma forma? Ou ele só é tímido? Envergonhado?

Pergunto-me porque isso me incomoda tanto e, de repente, cai a ficha: eu tenho sentimentos por ele.

Ele se abaixa e tira algo de uma mochila.

"Eles nos deram isso," ele fala.

Ele tira um pedaço de fruta seca e entrega para mim. Eu o aceito maravilhada, já sentindo uma fisgada de fome.

"E quanto a você?" eu pergunto.

Ele nega com a cabeça, como se fosse comer depois. Mas então eu não irei comer. Eu rasgo a minha na metade e empurro um pedaço em sua mão. A contragosto, ele aceita. E então devoro a

minha, é bem possível que seja a melhor coisa que já comi. Tem gosto de cerejas.

Ele sorri e come e então alcança sua mochila e dela, tira duas pistolas. Ele entrega uma para mim. Eu a olho impressionada.

“Completamente carregadas,” ele diz.

“Eles devem mesmo odiar esses comerciantes de escravos,” eu digo.

“Eles querem que você salve sua irmã. E que a gente cause muitos danos,” ele fala.

A pistola é pesada em minhas mãos; é boa a sensação de ter uma arma novamente. Finalmente, não me sinto indefesa. Tenho a oportunidade de lutar para recuperar Bree.

“O próximo barco sai ao amanhecer,” ele diz. “Faltam algumas horas. Pronta para ir?”

“Estarei nesse barco mesmo que esteja morta,” eu digo, ele sorri.

Ele examina sua própria arma e eu, de repente, sou tomada pelo desejo de saber mais sobre ele. Não quero me intrometer, mas ele é tão silencioso, tão enigmático. E eu me sinto cada vez mais e mais apegada a ele. Quer conhecê-lo melhor.

“Para onde você estava indo?” eu pergunto. Minha voz está rouca e minha garganta, seca. Sou um pouco mais grosso do que eu gostaria.

Ele olha para mim, confuso.

“Se você tivesse escapado, no começo. Se você tivesse pegado aquele barco.”

Ele desvia o olhar e suspira. Um longo silêncio se segue e, depois de um tempo, pergunto-me se ele irá responder.

“Para qualquer lugar,” ele finalmente diz, “bem longe daqui.”

Ele está escondendo algo. Não sei por quê. Mas eu sinto que ele é do tipo que tem um plano concreto.

“Tem que haver um lugar,” eu falo. “*Algum* lugar que você tivesse em mente.”

Ele olha para outro lado. E, depois de um longo silêncio, relutantemente, ele admite, “Sim, tinha um.”

É óbvio, pelo seu tom de voz, que ele não espera ser capaz de chegar a esse lugar agora. Após uma pausa, eu percebo que ele não

irá contar. Não quero me intrometer, mas tenho que saber.

“Onde?” ele pergunta.

Ele desvia o olhar e eu posso ver que ele não quer me contar por algum motivo. Pergunto-me se talvez ele ainda não confie em mim. E, então, ele acaba falando.

“Supõe-se que sobrou uma cidade. Um local seguro, intocado, onde tudo é perfeito. Comida e água ilimitados. Pessoas vivem como se nunca tivesse existido uma guerra. Todos são saudáveis. E está a salvo do mundo.”

Ele olha para mim

“É para lá que eu estava indo.”

Por um momento, me pergunto se ele não está brincando comigo. Ele de saber que isso soa impossível – infantil até. Não acredito que alguém tão maduro e responsável como ele acreditaria em algum lugar assim – ou planejará encontrá-lo.

“Parece um lugar de contos de fadas,” eu digo, meio sorrindo, esperando que ele diga que era apenas uma piada.

Mas, para minha surpresa, ele franze a testa para mim.

“Eu sabia que não devia ter falado nada,” ele diz, parece magoado.

Estou chocada com sua reação. Ele *realmente* acredita nisso.

“Eu sinto muito,” eu digo. “Achei que fosse uma brincadeira.”

Ele olha para outro lado, envergonhado. É difícil para eu compreender: eu desisti de pensar que ainda restou algo de bom nesse mundo há muito tempo. Não acredito que ele ainda se prenda a essa crença. Ainda mais ele, acima de todas as pessoas.

“Onde é?” eu finalmente pergunto. “Que cidade?”

Ele pausa por um longo tempo, como se decidisse se deveria me falar.

Finalmente, ele conta: “É no Canadá.”

Fico sem palavras.

“Eu iria pegar o barco e levá-lo pelo Hudson, rio acima. Descobrir sozinho.”

Eu balanço minha cabeça. “Bom, acho que todos nós devemos acreditar em algo,” eu falo.

No segundo que eu falo isso, me arrependo. Sou muito duro. Esse sempre foi meu problema – eu nunca fui capaz de falar as coisas certas. Posso ser muito grossa, muito crítica – assim como papai. Quando fico nervosa, com vergonha ou com medo de falar o que realmente quero – especialmente com meninos - às vezes, sai errado. O que eu queria falar na verdade era: *Eu acho incrível que você ainda acredita em algo. Eu também gostaria.*

Seus olhos escurecem e suas bochechas ficam coradas de vergonha. Quero consertar isso, mas é muito tarde. O dano está feito. Eu já estraguei tudo.

Tento rapidamente pensar em alguma coisa, qualquer coisa para mudar de assunto. Eu não sou boa com conversas. Nunca fui. E pode ser tarde demais para salvar isso de qualquer forma.

“Você perdeu alguém?” eu pergunto. “Na guerra?”

Eu sou tão idiota. Que pergunta estúpida. Eu fui de mal a pior.

Ele respira profundamente, aos poucos, sinto que realmente o magoei. Ele morde seu lábio inferior e, por um momento, parece que está lutando contra lágrimas.

Depois de um silêncio interminável, ele fala: “Todo mundo.”

Se eu acordar de manhã e ele tiver partido, eu não o culparei. Eu ficaria surpresa se ele ficasse por aqui. Claramente, eu simplesmente deveria ficar quieta e esperar o amanhecer.

Mas há uma coisa ainda que quero saber, uma coisa que está me corroendo por dentro. Não consigo evitar de pronunciar as palavras:

“Por que você me salvou?” eu pergunto.

Ele me olha com intensidade, com os olhos vermelhos e, aos poucos, desvia o olhar. Ele se vira e eu me pergunto se ele vai responder.

Um longo silêncio se segue. O vento assovia através das janelas vazias, os flocos de neve caem no chão. Meus olhos ficam pesados e estou começando a cair no sono, indo e voltando à consciência. A última coisa que ouço, antes que meus olhos se fechem mesmo, são suas palavras. Elas são tão tênues e suaves que eu nem tenho certeza se ele realmente as pronunciou, ou se eu apenas sonhei:

“Porque você me lembra alguém.”

*

Eu durmo e acordo durante as horas seguintes, parcialmente sonhando e parcialmente lembrando. Em um dos episódios, eu finalmente recorro o que aconteceu no dia em que deixamos a cidade. Por mais que eu queira esquecer, essa memória me invade.

Quando encontrei Bree no beco, cercada por aqueles meninos, e joguei o coquetel Molotov – houve uma pequena explosão e, em seguida, gritos encheram o ar. Eu consegui atingir o líder e o garoto virou uma bola em chamas. Ele corria, desesperado, os outros meninos tentavam apagá-lo.

Eu não esperei. Em meio ao caos, eu corri pelo menino em chamas, diretamente em direção a Bree. Eu a agarrei pela mão e fugi deles, através das vielas e becos. Eles nos seguiram, mas nós conhecíamos essas ruas melhores que ninguém. Cortamos caminhos por prédios, usamos portas ocultas, nos escondemos em lixões, atravessamos cercas. Em alguns quarteirões, nós os despistamos e voltamos ao nosso prédio.

Foi a gota d'água. Eu estava determinada em deixar a cidade naquele dia, naquela hora. Não era mais seguro – mamãe não enxergava isso, então, tínhamos que ir sem ela.

Entramos com pressa em nosso apartamento, eu corri direto para o quarto de mamãe. Ela estava sentada, em sua cadeira favorita, olhando pela janela, como sempre fazia, esperando papai voltar.

“Estamos partindo,” eu disse, determinada. “Aqui está perigoso demais agora. Bree quase foi morta. Olhe para ela. Está histérica.”

Mamãe olhou para Bree e depois para mim, sem dizer uma palavra.

“Ele não vai retornar,” eu falei. “Aceite. Ele está morto.”

Mamãe se aproximou de mim e me deu um tapa. Fiquei assustada. Até hoje lembro como ardeu.

“*Jamais* fale uma coisa dessas,” ela disse, rispidamente.

Eu apertei meus olhos, furiosa por ela ter batido em mim. Um tapa que eu não perdoaria nunca.

“Tudo bem,” eu respondi, fervendo. “Você pode viver na sua fantasia o quanto quiser. Se não quiser vir, não precisa. Mas nós estamos indo. Estou indo para as montanhas. Vou levar Bree comigo.”

Ela bufou de volta, desdenhando. "Isso é ridículo. Todas as pontes estão bloqueadas."

"Vou pegar um barco," respondi, preparada. "Conheço alguém que irá nos levar. Ele tem um barco a motor e vai nos levar até o Hudson."

"E como você pagará por isso?" ela perguntou para mim, sua voz era fria.

Eu hesito, me sentindo culpada. "Eu troquei meu relógio de ouro."

Ela apertou os olhos para mim. "Você quis dizer o relógio de seu pai" ela alfinetou.

"Ele deu para mim," eu corriji. "E tenho certeza que ele ia querer que eu fizesse bom uso dele."

Ela desviou o olhar de mim, irritada, olhando de volta para a janela

"Você não entende?" eu continuei. "Em algumas semanas, essa cidade será destruída. Não é mais segura. Essa é nossa última chance de fugir."

"E como seu pai irá se sentir quando voltar e perceber que fomos embora? Quando ele descobrir que nós o abandonamos?"

Eu olho para minha mãe incrédula. Ela ainda estava perdida em sua fantasia.

"Ele nos *deixou*," eu cuspo. "Ele se voluntariou para essa guerra idiota. Ninguém pediu que ele fosse. Ele *não* vai voltar. E isto é exatamente o que ele gostaria que nós fizéssemos. Ele ia querer que a gente sobrevivesse. Não que a gente ficasse sentada em um apartamento estúpido esperando por nossa morte."

Mamãe lentamente se vira e olha para mim com seus olhos frios, cinzentos como metal. Ela tinha essa terrível determinação, a mesma que eu tenho. Às vezes, eu me odeio por ser tão parecida com ela. Eu podia ver em seus olhos, naquele momento, que ela jamais desistiria. Ela tinha colocado em sua cabeça que esperar era a coisa certa a se fazer. E, uma vez que ela colocasse algo em sua cabeça, seria impossível convencê-la do contrário.

Mas, na minha visão, sua lealdade estava no lugar errado. Ela devia a *nós*. Suas filhas. Não ao homem que era mais devotado a

lutar do que a sua própria família.

“Se você quer deixar seu pai, vá em frente. Eu não vou. Quando seus planos falharem e vocês não conseguirem subir o rio, vocês podem voltar. Eu estarei aqui”

Eu não esperei mais nem um segundo. Peguei a mão de Bree, me virei e fui desfilando com ela até a porta. Bree estava chorando, eu sabia que tinha que sair de lá rápido. Eu parei uma última vez diante da porta.

“Você está cometendo um erro,” eu disse.

Mas ela nem se importou em olhar para trás, em dizer adeus. E eu sei que ela jamais o faria.

Eu abri a porta e a fechei com tudo atrás de mim.

Foi a última vez em que vi mamãe viva.

TRINTA

Acordo com a luz do dia me cegando. É como se o mundo estivesse vivo de novo. Raios de sol atravessam as janelas a minha volta, mais brilhantes do que nunca, refletindo em tudo. O vento parou. A tempestade acabou. A neve derrete na beira da janela, o som de água gotejando ecoa por todo lado. Há um estalo, um pedaço de gelo se partiu no chão.

Olho a minha volta, desorientada, e percebo que ainda estou no mesmo lugar de ontem à noite, o casaco de Logan ainda está me cobrindo. Sinto-me completamente rejuvenescida.

De repente, me lembro e me sento, atordoada. O amanhecer. Tínhamos que acordar ao amanhecer. A vista da luz brilhante da manhã me aterroriza, olho para o lado e vejo Logan deitado, ao meu lado, de olhos fechados. Está dormindo. Meu coração para. Dormimos demais.

Fico em pé, me sentindo com energia pela primeira vez e chacoalho seus ombros, com pressa.

“LOGAN!” digo com urgência.

Imediatamente, seus olhos se abrem e ele pula para se levantar. Ele olha a sua volta, alerta.

“É de manhã!” eu falo. “O barco. Nós vamos perdê-lo!”

Seus olhos se arregalam de surpresa quando ele percebe.

Nós dois entramos em ação, correndo pela porta. Minha perna ainda dói, mas estou agradavelmente surpresa ao ver que eu consigo correr agora. Eu desço a escada de metal atrás de Logan, meus passos ecoam. Seguro o corrimão de metal enferrujado, tenho cuidado ao passar por degraus que estão apodrecidos.

Nós chegamos ao térreo e saímos da construção, diretamente para a cegante luz da neve. É um inverno na terra das maravilhas. Invado a neve, que chega até minhas coxas e me deixa mais

devagar, cada passo é uma luta. Mas eu sigo os rastros de Logan, ele vai abrindo caminho, tornando tudo mais fácil.

A água está lá na frente, estamos a apenas um quarteirão de distância. Para meu grande alívio, vejo o barco atracado no píer e só consigo ver a rampa de carga se levantando quando o último grupo de meninas acorrentadas é colocado para dentro. O barco está prestes a sair.

Eu corro mais rápido, caminhando penosamente na neve, o mais rápido que consigo. Enquanto nos aproximamos do cais, a uns cem metros de distância do barco, a rampa é removida. Eu ouço o ronco do motor e uma enorme nuvem negra sai da parte de trás do barco. Meu coração dispara.

Quando estamos próximos ao píer, eu me lembro de Ben, de nossa promessa – de nos encontrarmos no píer ao amanhecer. Enquanto corro, olho para esquerda e para direita, procurando por qualquer sinal dele. Mas não há nada. Meu coração afunda, me dou conta que isso só pode significar uma coisa: ele não sobreviveu.

Estamos próximos ao barco, nem trinta metros de distância, quando, de repente, ele começa a se mover. Meu coração palpita. Estamos tão perto. *Agora não. Agora não!*

Estamos a apenas vinte metros, mas o barco já deixou o cais. Já avançou uns três metros na água.

Eu aumento minha velocidade, agora correndo ao lado de Logan, abrindo meu caminho pela pesada neve. O barco já está a uns cinco metros da margem e se movendo mais depressa. Longe demais para pular.

Mas eu continuo correndo, a toda velocidade, até a borda, e, enquanto isso, eu repentinamente vejo cordas grossas, penduradas no barco e chegando ao cais, lentamente sendo arrastadas na margem.

As cordas se estendem atrás dele, como uma enorme cauda. "AS CORDAS!" eu grito.

Logan aparentemente teve a mesma ideia. Nenhum de nós desacelera – pelo contrário, continuamos na corrida e, quando chegamos à margem, sem pensar, eu olho para a corda e salto.

Voo pelo ar, esperando, rezando. Se eu não pegá-la, será uma queda alta, pelo menos uns dez metros, e eu cairia na água congelante, sem ter como retornar. A água é tão gelada e as ondas são tão fortes que tenho certeza que eu morreria em segundos após o impacto.

Enquanto tento alcançar a corda grossa e cheia de nós, me pergunto se este poderia ser meu último momento na terra.

TRINTA E UM

Meu coração palpita na minha garganta enquanto tento pegar a grossa corda, cheia de nós. Eu consigo alcançá-la e a agarro com toda a minha vida. Como um pêndulo, fico balançando com ela, cortando o ar com velocidade total em direção à imensa carcaça enferrujada do barco. O metal vem em minha direção, me preparo para o impacto.

É extremamente doloroso colidir a toda velocidade, o metal batendo na lateral de minha cabeça, costelas e ombro. A dor e o choque do impacto quase me faz soltar a corda. Escorrego alguns centímetros, mas, de alguma forma, consigo me segurar.

Eu envolvo meus pés em torno da corda antes que eu escorregue e caia na água. Me seguro à corda, balançando, o barco continua em movimento, ganhando velocidade. Logan conseguiu pegar uma corda também. Ele está pendurado a alguns metros de mim.

Olho para baixo, para as águas turbulentas a alguns metros abaixo de mim, elas ficam brancas à medida que o barco corta um caminho no rio. Essas correntes embaixo são muito fortes, especialmente para um rio, são fortes o bastante para levar este enorme barco para cima e para baixo.

Do meu lado direito, está a Estátua da Liberdade. Incrivelmente, ela sobreviveu intacta. Vê-la me inspira, sinto que talvez eu também consiga.

Felizmente, a Ilha dos Governadores está próxima, menos de um minuto de viagem. Lembro-me dos passeios de barco que fazia lá com Bree, nos dias quentes de verão e como ficávamos impressionadas de ser tão perto. Agora, estou grata por essa curta distância: se fosse mais longe, não sei se iria aguentar. A corda molhada raspa em minhas mãos congeladas, fazendo de cada segundo, um enorme esforço. Pergunto-me como vou sair dessa

situação. Não há escada do lado do barco e, quando chegarmos à ilha, não terei outra saída a não ser descer da corda e pular na água. O que, sem dúvida, me mataria de tanto frio.

Eu percebo um movimento ao meu lado e vejo que Logan está, pouco a pouco, subindo a corda. Ele desenvolveu um engenhoso método de elevar seus joelhos, apertar as plantas de seus pés com força contra a corda grossa e, então, usar suas pernas para subir.

Eu tento fazer o mesmo. Levanto meus joelhos e aperto meu pé na corda. Fico, felizmente, surpresa ao ver que minha bota se fixa na corda. Estico minhas pernas e me impulsiono. Funciona. Faço isso de novo e de novo, imitando Logan e, dentro de um minuto, o tempo que levamos para chegar à ilha, eu já estou no topo da corda. Logan está lá, me esperando, oferecendo sua mão. Eu a alcanço e ele me puxa rápido e silenciosamente pela beira.

Nós dois nos abaixamos atrás de um contentor de metal e, furtivamente, inspeciono o barco. Na frente, de costas para nós, está um grupo de guardas segurando metralhadoras. Eles guiam uma dúzia de meninas, levando-as a por uma rampa baixada do barco. Esta visão me faz arder de indignação e me dá vontade de atacá-los agora mesmo. Mas, eu me forço a esperar, a me conter. Eu teria satisfação temporária, mas não recuperaria Bree.

O grupo começa a se mover, as correntes chacoalham, até todas estarem fora da rampa e entrarem na ilha. Quando o barco é esvaziado, Logan e eu assentimos mutuamente e, silenciosamente, saímos do barco, correndo pelas bordas. Descemos a rampa rapidamente, é uma boa ideia ir atrás de todos. Por sorte, ninguém está olhando para trás, para nós.

Em momentos, estamos em terra firme. Corremos pela neve e nos abrigamos debaixo de uma pequena estrutura, nos escondendo para ver para onde as meninas são levadas. Os comerciantes de escravos vão em direção a um prédio circular, de tijolos, parece uma mistura de anfiteatro e prisão. Há barras de aço em volta de todo o perímetro.

Nós seguimos seus rastros, nos escondendo atrás de uma árvore a cada vinte metros, tomando cuidado para não sermos vistos. Eu deixo minha mão em minha arma, caso precise utilizá-la. Logan faz o

mesmo. Eles podem nos ver a qualquer momento, precisamos estar preparados. Seria um erro atirar – chamaria muita atenção, rápido demais. Mas se precisar, eu o farei.

Eles guiam as meninas até a porta aberta do prédio e então desaparecem na escuridão.

Nós dois entramos em ação, entramos correndo no interior, atrás delas.

Meus olhos precisam de um momento para se ajustar à escuridão. Do meu lado direito, perto da curva, um grupo de comerciantes de escravos leva as meninas, enquanto que, do meu lado esquerdo, um comerciante de escravo sozinho desce um corredor. Logan e eu trocamos olhares de cumplicidade e, sem dizer nenhuma palavra, ambos decidem ir atrás do comerciante de escravos solitário.

Corremos silenciosamente pelo corredor, alguns metros atrás dele, esperando por nossa chance. Ele chega a uma enorme porta de aço, tira um molho de chaves e começa a abri-la. O metal range, ecoando pelos corredores vazios; Antes que eu possa reagir, Logan tira uma faca e ataca o comerciante de escravos, o agarra pela parte de trás de sua cabeça e corta sua garganta em um movimento só. Sangue espirra para todos os lados enquanto ele colapsa, um amontoado sem vida no chão.

Eu pego seu conjunto de chaves, ainda na fechadura, giro e empurro a pesada porta de aço. Eu a deixo aberta para Logan entrar, e o sigo.

Estamos em um bloco de celas, longo, estreito, semicircular, cheio de pequenas celas. Eu ando pelo corredor, olhando para a direita e para a esquerda, visualizando os rostos atormentados e vazios das meninas. Elas me olham de volta, sem esperança, desesperadas. Parece que estão aqui há muito tempo.

Meu coração está martelando em meu peito. Procuro desesperadamente por qualquer sinal de minha irmã. Eu a sinto tão próxima. Enquanto atravesso, as meninas se dirigem às portas de suas celas e estendem suas mãos através das grades. Elas devem perceber que não somos comerciantes de escravos.

“POR FAVOR!” uma suplica. “Socorro!”

“DEIXE-ME SAIR DAQUI!” outra chora.

Logo, um coro de gritos e súplicas se instala. Está chamando a atenção demais. Quero ajudar essas meninas, mas não posso. Não agora. Preciso achar Bree antes.

“BREE!” eu grito, desesperada.

Acelero meus passos e começo a correr, passando de cela em cela.

“BREE? VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO? SOU EU! BROOKE! BREE? VOCÊ ESTÁ AQUI!?”

Enquanto corro de cela em cela, uma menina estica sua mão e agarra meu braço, me puxando para ela.

“Eu sei onde ela está!” ela fala.

Eu paro e fico olhando para ela. Seu rosto é tão desesperado quanto das outras.

“Tire-me daqui e eu contarei a você!” ela diz.

Se eu soltá-la, ela pode chamar atenção indesejada para nós. Mas, novamente, ela é minha melhor aposta.

Eu olho para o número de sua cela, então olho para as chaves em minhas mãos e encontro o número. Eu abro a fechadura, e a garota sai, correndo.

“TIRE-ME DAQUI TAMBÉM!” outra menina berra.

“EU TAMBÉM!”

Todas as garotas começam a gritar.

Eu seguro esta menina pelos ombros.

“Onde ela está!?” Eu exijo.

“Ela está na mansão. Eles a levaram hoje de manhã.”

“Mansão?” Eu pergunto.

“É onde eles levam as garotas novas. Para serem dominadas.”

“Dominadas?” questiono, horrorizada.

“Para sexo,” ela responde. “Para a primeira vez.”

Meu coração afunda com suas palavras.

“Onde?” eu peço. “ONDE FICA?”

“Siga-me,” ela fala e começa a correr.

Estou prestes a segui-la, mas, repentinamente, eu paro.

“Espere,” eu falo, segurando seu pulso.

Sei que eu não deveria fazer isso. Sei que eu deveria dar o fora daqui e me concentrar em salvar Bree. Sei que não há tempo e eu sei que ajudar os outros só me dará atenção não desejada e acabar com meus planos.

Mas, algo dentro de mim, um profundo sentimento de indignação, se agita. Não posso deixá-las aqui, desse jeito.

Então, contra meu próprio juízo, eu paro e viro para trás, corro de cela em cela. Ao chegar a cada uma, encontro a chave correta e a abro. Uma por uma, libertando todas as meninas. Elas saem correndo, histéricas, em todas as direções. Um barulho ensurdecedor.

Volto para a primeira que libertei. Por sorte, ela ainda está esperando com Logan.

Ela começa a correr e eu a sigo, passamos com pressa por vários corredores. Momentos depois, estamos sob a luz brilhante do dia.

Enquanto corro, posso ouvir o coro das garotas gritando atrás de nós, celebrando a liberdade. Não demorará muito até que os soldados nos peguem. Corro mais rápido.

A menina para e aponta para um lugar do outro lado do pátio.

"Ali!" ela diz. "Aquele prédio! A casa grande e antiga. Na água. A Mansão do Governador. É lá! Boa sorte!" ela grita, vira e corre para a outra direção.

Eu corro a toda velocidade para o prédio. Logan está bem ao meu lado.

Cruzamos o enorme campo correndo, a neve na altura de nossas coxas, nos atentando aos comerciantes de escravos. Felizmente, eles ainda não estão atrás de nós.

O ar frio queima meus pulmões. Penso em Bree, levada para algum lugar para ter relações sexuais e eu posso não chegar lá a tempo. Estou tão perto agora. Não posso deixar que a machuquem. Não agora. Não depois de tudo isso. Não quando estou a apenas alguns metros.

Eu me forço a continuar indo em frente, sem parar para respirar. Chego à porta da frente e sequer sou cautelosa. Não paro para olhar, simplesmente corro até ela e a chuto para abri-la.

Ela se escancara e eu continuo correndo para dentro da casa. Nem sei para onde devo ir, mas vejo um lance de escadas e meu instinto diz que devo subir. E eu subo, com pressa, sinto Logan bem atrás de mim.

Quando chegamos ao topo da escada, um comerciante de escravos sai de uma sala, sem máscara. Ele olha para mim, seus olhos se arregalam de susto, e ele vai pegar sua arma.

Não hesito. A minha já está na minha mão. Eu atiro a queimadura em sua cabeça; ele cai, o disparo é ensurdecido neste ambiente fechado.

Continuo correndo pelo corredor, entro em uma sala qualquer. Chuto para a porta se abrir e fico horrorizada ao ver um homem em cima de uma garota, presa a uma cama. Não é Bree, mas, mesmo assim, me dá nojo. O homem – um comerciante de escravos sem máscara – pula, olha para mim com medo e vai atrás de sua arma. Eu atiro no meio de seus olhos. A menininha grita, há sangue espalhado sobre ela. Pelo menos, ele está morto.

Eu volto para o corredor, abrindo as portas a chutes enquanto sigo de quarto em quarto, cada um contendo um homem fazendo sexo com uma garota acorrentada. Eu continuo, procurando freneticamente por Bree.

Chego ao fim do corredor, na última porta. Eu a abro com um chute, Logan está atrás de mim, entro no quarto. E congelo.

Uma cama de dossel domina o ambiente. Nela, está um homem grande, gordo e nu fazendo sexo com uma menina, amarrada à cama com cordas. Posso ver que esta menina está inconsciente e me pergunto se ela foi drogada. Este cara deve ser importante, pois, ao seu lado, há um comerciante de escravos sentado, de guarda.

Eu miro no homem gordo e, quando ele se vira, atiro em seu estômago. Ele cai no chão, grunhindo e então, atiro uma segunda vez – desta vez, na cabeça.

Mas me descuido. O guarda aponta sua arma para mim e posso ver, pelo canto dos meus olhos, que ele está prestes a atirar. Erro estúpido. Devia tê-lo matado primeiro.

Eu ouço um tiro e me encolho.

Ainda estou viva. O guarda está morto. Logan está parado em cima dele, segurando sua pistola.

Do outro lado da sala, há duas garotas sentadas, ambas acorrentadas em suas cadeiras. Elas estão inteiramente vestidas, tremendo de medo, claramente, eram as próximas na fila para serem colocadas na cama. Meu coração dispara. Uma delas é Bree.

Bree está lá sentada, acorrentada, amedrontada, olhos arregalados. Mas em segurança. Intocada. Cheguei a tempo. Mais alguns minutos e eu tenho certeza que ela estaria à mercê daquele gordo.

“Brooke!” ela grita, histérica, e começa a chorar.

Eu corro para ela, ajoelhando-me e a abraço. Ela me abraça de volta, da maneira que consegue, com as correntes, chorando em meu ombro.

Logan aparece e, tomando a chave do cinto do comerciante de escravos morto, soltamos as duas. Bree pula em meus braços, me abraçando, todo o seu corpo tremendo. Ela se pendura em mim como se nunca mais fosse me soltar.

Eu sinto as lágrimas rolando em minhas bochechas quando a abraço. Não acredito: é realmente ela.

“Eu disse que voltaria por você,” eu falo.

Quero abraçá-la para sempre, mas sei que não temos tempo. Logo este lugar irá inundar.

Eu a afasto e pego sua mão. “Vamos,” eu falo, me preparando para correr.

“Espere!” Bree grita, parando.

Paro e me viro.

“Temos que levar Rose também!” Bree diz.

A garota ao lado de Bree nos olha, tão sem esperança, perdida. É estranho, mas ela lembra muito Bree; com seu cabelo preto e longo e grandes olhos castanhos, as duas poderiam ser confundidas com irmãs.

“Bree, eu sinto muito, mas não podemos. Não temos tempo e—”

“Rose é minha amiga!” Bree berra. “Não podemos simplesmente deixá-la. Não!”

Olho para Rose e meu coração transborda com a visão. Dirijo meu olhar para Logan, que me lança um olhar de desaprovação – mas que também quer dizer que a escolha é minha.

Trazer Rose junto vai nos deixar mais devagar. E será mais uma boca para alimentar. Mas Bree, pela primeira vez na sua vida, está sendo insistente – e ficar aqui parada só nos atrasa mais ainda. Sem falar que Rose parece tão doce e me lembra tanto Bree, já consigo ver como elas são próximas. E é a coisa certa a se fazer.

Contra meu próprio bom julgamento, eu digo “Tudo bem.”

Eu me aproximo da menina inconsciente, ainda amarrada na cama, uso minha faca para cortar a corda em quatro pedaços. Suas mãos e pés relaxam, caem aos lados da cama. Ela ainda está inconsciente e não sei falar se ela está doente, drogada ou morta. Mas não é hora de pensarmos nisso. Pelo menos agora, ela está livre.

Nós quatro saímos da sala e damos de cara com dois guardas vindo em nossa direção, prestes a pegarem suas armas. Eu reajo rapidamente, atiro na cabeça de um enquanto Logan dispara no outro. As meninas gritam com os tiros.

Pego a mão de Bree, Logan pega a de Rose e vamos correndo, descendo as escadas, pulando dois degraus de cada vez. Um momento depois, saímos da casa diretamente na neve brilhante. Guardas nos atacam do outro lado do jardim, só espero que encontremos um jeito de sair dessa ilha antes que nos alcancem.

TRINTA E DOIS

Eu olho ansiosamente a minha volta, tentando encontrar um jeito de nos tirar daqui. Procuro por veículos, mas não vejo nenhum, Então, me viro completamente, estou agora examinando a água, a costa. E então eu vejo: bem ali, atrás da mansão do governador, amarrada a um cais solitário, está uma pequena lancha luxuosa a motor. Tenho certeza que é reservada para os poucos privilegiados que utilizam esta ilha como parque de lazer.

“Ali!” eu digo, apontando.

Logan também avista o barco e então saímos correndo para a costa.

Corremos até um lindo e brilhante barco a motor, grande o suficiente para abrigar seis pessoas. Ele balança violentamente nessas águas turbulentas e parece poderoso, uma coisa de luxo. Tenho a sensação que este barco era utilizado por aquele homem gordo e pelado. Mais uma vingança.

Está balançando tão violentamente que não quero arriscar que Bree e Rose tentem entrar a bordo sozinhas. Então, eu levanto Bree enquanto Logan cuida de Rose.

“Corte a corda!” Logan fala, apontando.

Uma corda grossa ata o barco a um poste de madeira. Corro até o poste, tiro minha faca e a corto. Eu volto para o barco onde Logan já está no interior, segurando-se ao caia para que o barco não saia flutuando. Ele me estende a mão e me ajuda a entrar. Olho por trás de meu ombro e vejo uma dúzia de comerciantes de escravos vindo em nossa direção. Eles estão a menos de vinte metros de distância e se aproximam rapidamente.

“Eu cuido deles,” Logan fala. “Fique com timão.”

Eu vou rapidamente até o banco do condutor. Por sorte, pilotei barcos minha vida toda. Logan nos empurra para fora e se posiciona

na parte posterior do barco, de joelhos, atirando nos soldados que estão vindo. Eles precisam procurar por proteção e isso os atrasa.

Olho para baixo e meu coração aperta quando vejo que não há chaves na ignição. Eu olho no painel de controle, e então procuro nos bancos da frente, agitada, meu coração disparado. O que faremos se não houver nenhuma?

Olho por cima de meu ombro e vejo os comerciantes de escravos bem próximos, uns dez metros de distância apenas.

“VAMOS!” Logan grita, por cima do som dos tiros.

Tenho a ideia de procurar no porta-luvas, com esperança. Meu coração se alivia quando eu as encontro. Coloco as chaves na ignição, giro e o motor ronca para a vida. Fumaça negra vem do escapamento e o indicador de gasolina sobe até o topo. Tanque cheio.

Eu acelero e sou jogada para trás quando o barco pega no tranco. Posso ouvir corpos caindo atrás de mim, olho para trás e vejo que Bree, Rose e Logan foram todos deslocados pelo torque também. Eu acho que pisei forte demais – por sorte, ninguém caiu do barco.

Também tivemos sorte porque os comerciantes de escravos estão na beira da costa, a dez metros de distância. Saímos bem em tempo. Eles atiram em nossa direção e, como todos caíram no deck, as balas passam por cima de nossas cabeças. Uma delas raspa pelos painéis de madeira e outra destrói um dos espelhos retrovisores.

“ABAIXEM-SE!” Logan grita para as garotas.

Ele fica de joelhos na parte de trás, se levanta e atira. Pelo retrovisor, eu o vejo atingindo vários deles.

Continuo acelerando, forçando o motor com toda a sua força e, em questão de minutos, estamos bem longe da ilha. Quarenta e cinco metros, depois noventa, cento e oitenta... Logo, estamos a salvo, fora do alcance de suas balas. Os comerciantes de escravos ficam em pé, na costa, sem poder fazer nada, agora, são apenas pontinhos no horizonte, observando como nos distanciamos.

Não acredito. Estamos livres.

*

À medida que avançamos, mais e mais no rio, sei que deveria estar no meio da hidrovia, distante da costa e navegar rio acima, nos afastando da cidade o máximo possível. Mas algo dentro de mim me impede. Pensamentos de Ben aparecem de novo e eu não consigo deixá-lo para lá tão facilmente. E se, de algum jeito, ele conseguiu chegar em Seaport? E se ele só estivesse atrasado?

Simplesmente não consigo deixar isso de lado. Se, por alguma chance, ele estiver lá, não posso simplesmente abandoná-lo. Tenho que vê-lo. Eu preciso ter certeza.

Então, ao invés de navegar rio acima, eu direciono o barco para o lado oposto – de volta para Seaport. Em poucos minutos, a costa de Manhattan vai aparecendo, cada vez mais próxima. Meu coração dispara com o potencial perigo que pode estar nos esperando – numerosos comerciantes de escravos armados, esperando às margens para atirar em nós.

Logan percebe que estou indo na direção errada e, de repente, vem correndo ao meu lado, agitado.

“Para onde você está indo!?” ele grita. “Você está voltando para a cidade!”

“Preciso ver uma coisa,” eu falo, “antes de ir.”

“Ver o que!?”

“Ben,” eu respondo. “Ele pode estar lá.”

Logan franze a testa.

“Isso é loucura!” ele fala. “Você está nos levando de volta para o ninho de cobras. Colocando todos nós em perigo! Ele teve a chance dele! Ele não estava lá!”

“Eu preciso ter certeza,” eu grito de volta. Estou determinada, nada irá me impedir. Percebo que, em certas coisas, sou igual mamãe.

Logan se vira e se afasta, mal-humorado, posso ver o quanto ele desaprova isso. Eu não o culpo. Mas preciso fazer isso. Sei que, se fosse Ben, ele voltaria e iria me procurar também.

Em minutos, o porto está à vista. Vamos nos aproximando, trezentos metros... duzentos... e então, quando estamos a cem metros de distância, juro ver alguém, em pé, sozinho, no final do cais. Ele está olhando para a água, meu coração dispara.

É Ben.

Mal consigo acreditar. Ele realmente está ali. Vivo. Parado, com neve até as coxas, tremendo. Meu coração aperta quando percebo que está sozinho. Isso só pode significar uma coisa: seu irmão não resistiu.

Estamos perto agora, talvez uns vinte metros de distância, perto o suficiente para eu ver as linhas de dor gravadas no rosto de Ben. A distância, vejo uma caravana de veículos comerciantes de escravos atravessando a neve, em direção ao píer. Não temos muito tempo.

Eu paro o barco e o encosto no píer; Ben, esperando, corre para a borda. Estamos parados, mexendo violentamente com as ondas e, imediatamente, me pergunto como Ben irá entrar. É uma queda de uns três metros do cais. Ben olha para baixo, há medo em seus olhos, ele deve estar pensando a mesma coisa, tentando descobrir um jeito de pular.

“Não pule!” Logan grita. “Pode destruir o barco!”

Ben para e olha para ele, paralisado de medo.

“Fique sobre suas mãos e joelhos, vire e se arraste para trás,” Logan comanda. “Mova-se lentamente para baixo. Pendure-se na borda do píer e depois solte suas mãos. Eu vou segurá-lo.”

Ben faz o que ele diz e, lentamente, desliza até a borda, até estar pendurado, sustentado pelas mãos. Logan, tenho que reconhecer, se aproxima e o segura e então o coloca no barco. Bem a tempo: os comerciantes de escravos estão a menos de cinquenta metros de nós, e se aproximam rapidamente.

“VAMOS!” Logan grita.

Eu piso no acelerador e partimos, voando rio acima. Enquanto isso, tiros são disparados de novo, passam de raspão por nosso barco e afundam na água, em pequenos respingos. Logan se ajoelha e atira de volta.

Felizmente, não são páreos para nossa velocidade: em poucos minutos, estamos bem longe da costa, no meio do rio, longe do alcance das balas. Continuo indo para o norte, rio acima, na direção de casa.

Agora, finalmente, não há mais nada para nos impedir.

Agora, estamos livres.

*

Avançamos pelo Rio do Leste e, enquanto navegamos, é extraordinário ver os restos das pontes tão de perto. Passamos pelos destroços da Ponte do Brooklyn, seu metal enferrujado saindo da água como se fosse algo pré-histórico. Ela se eleva sobre nós, vários andares acima, como um arranha-céu surgindo da água. Sinto-me uma anã quando passamos por ela e não deixo de me perguntar se um dia ela será reconstruída.

Próximo a ela, está o avião de bombardeiro sobressaindo da água, eu desvio e mantenho uma boa distância dele. Não sei que tipo de metal sai dessas águas geladas e não quero saber.

Logo atravessamos os remanescentes da Ponte de Manhattan, e então a Ponte Williamsburg. Piso no acelerador, querendo nos livrar dessas visões horríveis o quanto antes.

Um pouco depois, passamos por onde um dia fora a Ilha Roosevelt, sua estreita faixa de terra agora é um terreno baldio, como todo o resto. Viro à esquerda e encontro a ponte da Rua 59 também destruída – junto com o bonde que costumava conectar a ilha a Manhattan. O bonde, enferrujado e demolido, flutua no rio como uma boia enorme. Tenho que tomar cuidado para evitar hidrovias estreitas.

Continuo indo rio acima, cada vez mais longe, passando por destruição atrás de destruição até que, finalmente, eu viro a esquerda na hidrovia do Rio Harlem. É muito mais estreito, com terra a apenas quinze metros de cada um dos nossos lados. Sinto-me muito mais apreensiva ao atravessá-lo. Fico de olho nas margens, caso aconteça uma emboscada.

Mas não vejo nada. Talvez eu esteja sendo paranoica. Se os comerciantes de escravos forem se mobilizar para nos perseguir – e tenho certeza que o farão – possivelmente temos pelo menos uma hora de vantagem sobre eles. Especialmente devido a toda neve. E até lá, espero que a gente já esteja muito longe no Hudson para eles nos pegarem.

O Rio Harlem serpenteia entre Manhattan e o Bronx, e finalmente nos entrega à vasta extensão aberta do Rio Hudson. O Hudson, pelo contrário, é tão largo quanto dez campos de futebol e eu tenho a

impressão de ter entrado no oceano. Finalmente, estou à vontade de novo. Finalmente estamos de volta ao rio que eu me lembro. O rio que nos leva para casa.

Viro à direita e nos dirigimos para o norte, indo de volta para casa, rumo às Montanhas Catskills. Em apenas duas horas, estaremos lá.

Não que eu planeje voltar para casa. Não. Voltar agora seria uma besteira: os comerciantes de escravos sabem onde vivemos e certamente seria o primeiro lugar onde eles procurariam por nós. Quero parar em casa, enterrar Sasha, me despedir. Mas não ficarei. Nosso destino deveria ser algum lugar ao norte. O mais longe que pudermos chegar.

Penso na casinha de pedra que eu havia encontrado, no alto da montanha, e sinto uma angústia quando lembro o quanto eu queria morar nela. Sei que talvez um dia seja uma ótima casa para nós. Mas este dia ainda não chegou. É muito próximo de onde morávamos antes, muito perigoso agora. Precisamos esperar que as coisas tranquilizassem. Talvez, um dia, poderemos retornar. Além disso, há cinco de nós agora. Cinco bocas para alimentar. Precisamos achar um lugar que sustente todos nós.

Enquanto nós dirigimos rio acima, eu finalmente começo a relaxar, repousar. Sinto a tensão lentamente desaparecer do meu pescoço e ombros. Respiro fundo pela primeira vez. Não acredito que realmente conseguimos. É mais do que consigo processar. Sinto as dores, hematomas e ferimentos por todo o meu corpo, mas nada mais importa agora. Estou simplesmente feliz pois Bree está segura. Estamos juntas.

Tiro um momento para olhar ao meu redor, fazer um balanço e observar todos que estão no barco. Estive tão focada em nos tirar da cidade que nem parei para pensar nos demais. Olho para Logan, ali sentado, satisfeito, no banco de passageiro, ao meu lado. Olho para trás e vejo os outros sentados em fileiras atrás de mim. Cada um olhando para a água, em sua direção, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Estico minha mão e toco no ombro de Logan. Ele se vira para mim.

“Você se importa de pilotar?” eu peço.

Ele se levanta de seu assento rapidamente, feliz por me ajudar e pega o timão enquanto trocamos de lugar.

Eu volto para a parte posterior do barco. Estou morrendo de vontade de conversar com Bree, e também de falar com Ben, saber o que aconteceu com seu irmão. Quando me dirijo para trás, vejo Ben sentado em um estado catatônico, olhando para o rio. Parece que ele envelheceu dez anos da noite para o dia, há sofrimento gravado em seu rosto. Só posso imaginar o que ele passou, a culpa que deve sentir por não salvar seu irmão. Se fosse eu, não sei se iria suportar isso. Eu o admiro por conseguir estar aqui.

Quero conversar com ele, mas preciso ver Bree primeiro. Vou até a última fileira e me sento ao seu lado, seus olhos brilham ao me ver. Ela me dá um forte abraço, ficamos assim por um longo tempo. Ela me aperta, claramente não querendo me soltar.

Após vários segundos, eu finalmente a separo de mim. Lágrimas rolam por suas bochechas.

“Eu estava com tanto medo,” ela diz.

“Eu sei, querida,” eu respondo. “Eu sinto muito.”

“Estamos indo para casa agora?” ela pergunta, há esperança em seus olhos.

Casa. Que palavra engraçada. Nem sei mais seu significado. Teve um tempo em que achei que significasse Manhattan; depois, achei que fossem as montanhas. Agora, sei que não é nenhum desses lugares. Nossa casa terá que ser em um novo lugar. Algum lugar onde nunca estivemos.

“Vamos encontrar uma casa nova, Bree,” eu falo. “Uma melhor ainda.”

“A Rose pode vir junto também?” ela indaga.

Eu olho para Rose, sentada ao seu lado, olhando para mim com expectativa. Elas são tão parecidas.

“É claro,” eu falo. “Agora ela faz parte da família.”

Eu sorrio para Rose, e ela me surpreende ao se inclinar sobre mim e me dar um abraço. Ela me aperta exatamente como Bree e eu me pergunto da onde ela vem, onde estaria sua família, onde foi capturada. Percebo que ela deve ter passado por um inferno de

coisas também e que foi bom que pudemos salvá-la. Penso em um velho ditado: quando você salva a vida de alguém, essa pessoa se torna sua responsabilidade pelo resto da vida. Não consigo deixar de pensar que, de certa forma, isso é verdade, agora, sou responsável por Rose também. Na minha cabeça, ela e Bree são intimamente conectadas.

“Obrigada,” Rose sussurra em cima de meu ombro, em meu ouvido.

Eu lhe dou um beijo na testa e, ela se afasta, devagar. Ela me lembra Bree de tantas maneiras que chega a ser assustador.

“E a Sasha?” Bree pergunta. “Ela pode vir conosco também?”

Esta era a questão que eu temia. Respiro fundo, tentando pensar na melhor maneira de contar isso. Preciso falar a verdade; depois de tudo que ela passou, Bree merece isso.

“Eu sinto muito, Bree,” eu falo, olhando para baixo. “Sasha não resistiu.”

Lágrimas correm dos olhos de Bree, ela volta a chorar, histericamente. Rose se inclina e a abraça.

Após vários segundos, para minha surpresa, Bree fica reta, limpa suas lágrimas e olha para mim, de olhos vermelhos.

“Eu sabia,” ela diz. “Eu tive um sonho. Ela estava me visitando. De alguma forma, eu sabia que ela tinha morrido.”

“Talvez isso te anime,” de repente, surge uma voz.

Eu viro e vejo Ben parado ali. Para minha surpresa, há um leve sorriso em seu rosto.

Olho para o chão e vejo que ele está segurando alguma coisa. Algo pequeno, enrolado em um lençol. Ele entrega para Bree.

De repente, um pequeno cachorro tira sua cabeça do lençol. Não acredito. É um pequeno Chihuahua, não tem um olho. Ele treme, parece assustado.

“AH MEU DEUS!” Bree e Rose gritam juntas, olhos arregalados de surpresa.

Bree o agarra e o abraça, e então o segura em seu colo, embalando-o, Rose também se inclina sobre ele para lhe fazer carinho. Elas se abaixam e ele estica seu pescoço e lambe seus rostos. Elas gritam de empolgação.

“Eu o encontrei no barco,” Ben diz. “Quase sentei nele. Acho que alguém o deixou aqui. Ou ele conseguiu entrar de algum jeito.”

Estou chocada. Eu não havia visto o cachorro e, agora que penso sobre isso, percebo que não passei nenhum tempo examinando o barco. Olho a minha volta, pensando o que mais poderia ter por aqui.

Vejo todos esses compartimentos laterais e me dirijo a um deles, abrindo um após o outro. Fico surpresa e contente quando começo a encontrar todo tipo de coisa. Abro uma caixa selada e perco o fôlego quando vejo o conteúdo: cheio de barras de chocolate, doces, cookies, biscoitos e gostosuras de todos os tipos.

Eu me abaixo e pego uma grande bolsa cheia de anéis de gelatina cobertos de chocolate. Abro o pacote para Bree, Rose, Ben, Logan e, cada um, de olhos arregalados, pegou uma mão cheia de dentro. Eu mesma também peguei, enchi minha boca, mastigando um atrás do outro.

É uma euforia, de longe, a melhor coisa que já provei. O açúcar atinge minha circulação e eu me sinto no céu. Os outros também comem. De olhos fechados, mastigando lentamente, apreciando cada mordida. Estamos todos enfeitados.

Chego perto da caixa de novo e descubro uma sacola de ursinhos de gelatina e balas de frutas. Estou maravilhada. Nunca mais achei que fosse ver um desses. São como ouro, sei que devemos racioná-los.

Mas, depois de tudo que passamos, agora não é hora de racionar nada – e, por uma vez, deixo minhas emoções tomarem conta do meu lado racional. Eu jogo pequenos pacotinhos para todos no barco, distribuindo-os igualmente, cada um pega o seu no ar com um grito de alegria e surpresa. Quando Logan pega o seu, tirando as mãos do timão por um segundo, o barco faz uma pequena curva e, depois, rapidamente, se endireita.

Eu rasgo meu pacotinho de ursinhos de gelatina e devoro tudo em segundos, empurrando-os em minha boca. Então vou para as balas. Tento aproveitá-las mais, me forçando a mastigar uma de cada vez e devagar. Eu mal comi nos últimos dias, é um choque para meu estômago, que ronca de dor. Eu preciso ir com calma.

Vejo uma pequena geladeira na parte de trás do barco e logo vou abri-la. Não acredito. Tem estoque de tudo, de suco a champagne. A desigualdade disso me deixa enfurecida: aqui estamos, morrendo de fome enquanto esses comerciantes de escravos gordos tem champagne à vontade. Pelo menos agora é a hora da vingança.

Eu pego uma garrafa de champagne, tiro o metal e estouro a rolha. Ela sai voando pelo ar, passa pela borda do barco e cai no rio. Todos se viram ao escutar o barulho e me veem parada, segurando a garrafa, espuma começa a sair do topo e a escorrer na minha mão. Está super gelado, mas eu não me importo. Coloco em minha boca e tomo um gole. Sobe direto para minha cabeça.

Eu sei que não deveria mas, depois de tudo que elas passaram, eu ofereço um pouco para Bree e Rose; cada uma toma um pequeno gole, rindo. Então, entrego para Ben, ele bebe vários goles sem parar e então devolve para mim, mas ainda não me olha. Ele mantém seus olhos fixos em algum ponto, na água. Pergunto-me se ele está com vergonha de olhar para mim, vergonha de não ter salvado seu irmão.

Eu o observo enquanto ele olha para a água. Seus olhos estão vermelhos e eu posso ver que andou chorando. Ele esfrega seus olhos, enxugando uma lágrima. Não consigo imaginar o que ele está passando.

“Você quer conversar sobre isso?” eu pergunto.

Ele balança negativamente sua cabeça.

Eu entendo. Se fosse eu, também não iria querer. Parece que ele quer espaço e não quero pressioná-lo.

Quando ele estiver pronto, penso para mim mesma.

Eu volto para a frente do barco, sento no banco do passageiro e passo a garrafa para Logan. Ele tira uma bala de sua boca, pega a garrafa e toma um longo gole e depois devolve para mim, sem tirar os olhos da água. Ele então coloca outra bala em sua boca, mastigando devagar.

Fico sentada no banco de couro e me inclino para trás. Pilotamos por alguns minutos em silêncio, o único som é o do motor. Enfim, Logan se vira para mim.

“Então, para onde vamos?” ele pergunta.

Olho para a água, pensativa, me lembro do que Logan disse antes, sobre uma cidade perfeita, em algum lugar do Canadá. Pela primeira vez em muito tempo, sinto esperança. Penso que talvez ele esteja certo, e se existir um lugar que não esteja destruído? Pergunto-me se seria bom sonhar.

Viro para ele.

“Estou pensando no Canadá,” eu digo.

Ele olha para mim, seus olhos arregalados de surpresa. Ele deve entender o que estou falando: *Talvez você esteja certo.*

Aos poucos, ele abre um sorriso e eu acabo sorrindo de volta.

Ele pisa no acelerador e sinto que o barco vai um pouco mais rápido.

“Então, vamos para o Canadá,” ele fala.

Eu me inclino para trás, tentando relaxar pela primeira vez, Por alguma razão, penso em papai. Pergunto-me se ele está lá em cima, nos olhando. Se ele está, será que estaria orgulhoso? Acho que sim. Quase consigo ouvir sua voz: *Brooke, você é a encarregada agora. Faça o que for preciso para mantê-los vivos. Não durma no posto, soldado.*

Será uma longa viagem para nós. Logo, estaremos sem combustível. Depois, sem comida. Ficará escuro, frio. O Hudson vai virar gelo e teremos que procurar abrigo. Os comerciantes de escravos estarão atrás de nós, se não continuarmos em frente, eles nos encontrarão.

Mas posso me preocupar com tudo isso depois. Uma vez na minha vida, quero apenas sentar e aproveitar o *agora*. O momento presente. Pela primeira vez na minha vida, finalmente percebo o que realmente importa. Não o depois. Mas o agora.

Deito no assento de couro macio e tomo outro gole de champagne, o álcool sobe direto para minha cabeça. Eu não tenho uma refeição decente há dias e eu sei que não deveria beber. Mas, neste exato momento, eu não ligo. Estamos cruzando o Hudson, é uma linda manhã ensolarada e, pela primeira vez em muito tempo, tudo está perfeito no mundo. Olho a minha volta e, para minha surpresa, vejo um canteiro com flores brilhantes e roxas, de alguma forma, sobrevivendo no meio da neve. São as flores mais belas que

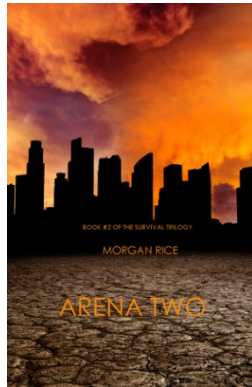
já vi, cintilando com a luz do dia. Pergunto-me como elas podem ser reais.

Se elas podem sobreviver, penso para mim mesmo, nós também podemos.

Eu fecho meus olhos e sinto o ar salgado em meu rosto. E, pela primeira vez em muito tempo, penso: *que sensação boa. Que sensação realmente boa.*

AGORA DISPONÍVEL!

ARENA DOIS
(Livro 2 da Trilogia da Sobrevivência)



"Viciante....ARENA UM é um desses livros que você lê noite adentro até seus olhos ficarem cansados porque você não quer parar."

--The Dallas Examiner

A série Bestseller número 1 continua em ARENA DOIS!

Em ARENA DOIS, após escaparem da traiçoeira ilha que um dia foi Manhattan, Brooke, Ben, Logan, Bree e Rose seguem caminho pelo rio Hudson em seu barco roubado, munidos de pouco combustível, pouca comida e precisando desesperadamente de abrigo contra o frio. No seu encalço, estão os comerciantes de escravos, que não irão parar por nada até capturá-los e levá-los de volta.

À medida que eles sobem o rio, neste thriller pós-apocalíptico cheio de ação, à procura da mítica cidade do Canadá, eles tem que utilizar toda sua criatividade e habilidade de sobrevivência para permanecerem vivos. Ao longo do caminho, encontrarão sobreviventes loucos, gangues nômades de predadores, canibais, animais selvagens, uma terra desolada e uma nevasca implacável. Eles sofrem, adoecem e o Hudson congela enquanto eles tentam

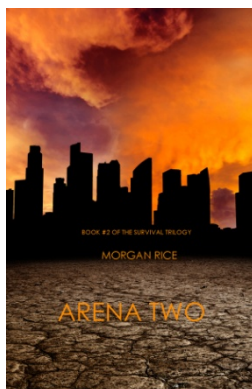
fazer seu melhor para salvar o que podem e evitar a perseguição dos comerciantes de escravos. Eles encontram uma pequena ilha e parece que encontraram repouso – até uma série de eventos se sucederem. Não é até eles embarcarem em um misterioso trem com destino a lugar nenhum que descobrem que as coisas sempre podem piorar.

Durante o caminho, os sentimentos de Brooke por Logan se intensificam, assim como seus sentimentos por Ben. Dividida entres esses garotos, sendo motivo de ciúmes dos dois, ela não tem certeza do que sente – até que seu destino escolha por ela.

Ao retornarem à arena, ficam chocados ao descobrirem que a Arena Dois é ainda pior. Jogados em uma etapa de lutas desumanas, equipados com armas, batalhando contra outros adolescentes – e contra eles mesmos – Brooke e os outros são forçados a escolher o que realmente importa e a fazerem os sacrifícios mais difíceis de suas vidas. Porque, na Arena Dois, ninguém sobrevive. Nunca.

“Prendeu minha atenção desde o início e não deixou mais escapar... Esta história é uma aventura incrível, de ritmo intenso e cheia de ação desde o início. Não há um momento entediante sequer.”
--Paranormal Romance Guild {sobre Transformada}

ARENA DOIS **(Livro 2 da Trilogia da Sobrevivência)**



Baixe agora livros de Morgan Rice books na Kobo !

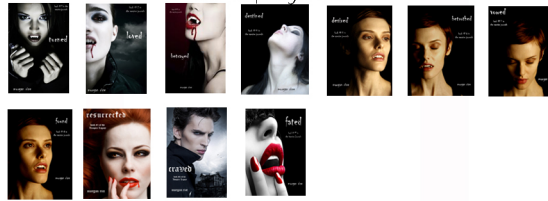
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





Ouça a TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA no formato de audio book!

Disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!